



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE SAÚDE COLETIVA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA**



MARIA APARECIDA CABRAL TAVARES DE SANTANA

**ENVELHECIMENTO E A PESSOA IDOSA:
GRUPOS DE CONVIVÊNCIA PROMOVENDO SAÚDE**

**SALVADOR
2010**

MARIA APARECIDA CABRAL TAVARES DE SANTANA

**ENVELHECIMENTO E A PESSOA IDOSA:
GRUPOS DE CONVIVÊNCIA PROMOVENDO SAÚDE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia, na linha de pesquisa — Ciências Sociais em Saúde, para obtenção do título de Doutor.

Orientadora: Prof^ª Dra Maria Lígia Rangel Santos

**SALVADOR
2010**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada à fonte.

FICHA CATALOGRÁFICA

Tavares de Santana, Maria Aparecida Cabral.

XXX Envelhecimento e a Pessoa Idosa: Grupos de Convivência promovendo Saúde/Maria Aparecida Cabral Tavares de Santana. - Salvador, ISC/UFBA, 2010.

248f: 30cm. (Anexos)

Tese – Instituto de Saúde Coletiva / Universidade Federal da Bahia, 2010. Orientadora Prof^a. Dra. Maria Lígia Rangel Santos.

1. Envelhecimento. 2. Geração/Gênero/Classe. 3. Saúde. Título.

XXXXXX

FOLHA DE APROVAÇÃO

MARIA APARECIDA CABRAL TAVARES DE SANTANA

**ENVELHECIMENTO E A PESSOA IDOSA: GRUPOS DE
CONVIVÊNCIA PROMOVENDO SAÚDE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia, na linha de pesquisa — Ciências Sociais em Saúde, para obtenção do título de Doutor.

Aprovada em _____

BANCA EXAMINADORA

Profª Dra. Maria Lígia Rangel Santos
(Presidente/Orientadora)

Instituição: ISC/UFBA Assinatura: _____

Profª Dra. Cecília Maria Barcellar Sardenberg

Instituição: NEIM/UFBA Assinatura: _____

Profª Dra. Leny Bomfim Trad

Instituição: ISC/UFBA Assinatura: _____

Profª Dra. Edite Lago da Silva Sena

Instituição: UESB Assinatura: _____

Profª Dra. Alba Benemérita Alves Vilela

Instituição: UESB Assinatura: _____

A velhice! Acho que a velhice é uma idade esplêndida. Claro que há algumas chateações, tudo fica mais lento, nos tornamos lentos. O pior é quando alguém lhe diz: "Mas não é tão velho assim!" Não entende o que é uma queixa. Estou me queixando dizendo "Ah, estou velho!". Ou seja, invoco as potências da velhice. E aí, alguém me diz, com a intenção de me consolar: "Não está tão velho assim". Eu daria uma bengalada nele! Logo quando estou em plena queixa da minha velhice, não venham me dizer: "Até que não é tão velho assim".

Pelo contrário, deviam dizer: "Está velho mesmo!" Mas é uma alegria pura. Fora esta lentidão, de onde vem esta alegria? O que é terrível na velhice? Não é brincadeira. É a dor e a miséria. Não é a velhice em si. O que é patético, o que torna a velhice algo triste são as pessoas pobres que não têm dinheiro para viver, nem um mínimo de saúde necessário e que sofrem (grifo meu). Isso é que é terrível. E não a velhice! A velhice não é um mal em si. Com dinheiro suficiente e um mínimo de saúde, é formidável. E por que é formidável? Primeiro, porque, na velhice, sabe-se que chegou lá. O que é muito! Não é um sentimento de triunfo, mas chegou lá. Chegou lá em um mundo cheio de guerras, de vírus malditos e tudo o mais.

Mas conseguiu atravessar tudo isso, os vírus, as guerras e todas estas porcarias. Esta é a hora em que só há uma coisa: ser! O velho é alguém que é. Ponto final. Ele é. Ele adquiriu o direito de ser.

Gilles Deleuze

O Abecedário de Gilles Deleuze, 2005.

Dedico este trabalho aos meus mestres do conhecimento, a saber:

A minha orientadora musa **Maria Lígia Rangel**, com seus olhos verdes transparentes, não precisavam de palavras falavam por si só, obrigada pelas sugestões, orientações pertinentes, sábias, o português correto, nestes anos de convivência, agradeço por tê-la em meu caminho.

A **Nilson Alves de Moraes** amor primeiro, pelo incentivo de estar aqui neste momento, às mulheres de sua vida em especial a **Ana Maria**. Acredito que sem você e todo apoio disponibilizado não chegaria aqui.

A **Ricardo Manuel das Neves Vieira** que do outro lado do Atlântico me acolheu, orientou além da tese com a sabedoria dos mestres doutores. Obrigada sempre!

A minha mãe **Leonice Cabral Tavares** que passou os últimos 18 anos em minha companhia, me elegeu como parceira, mas me deixou no meio desta caminhada. Sempre ressaltava que a grande herança de nossas vidas, era a vontade de saber, que sem os estudos nada seríamos. Obrigada Mami, em qualquer lugar que você esteja, sinto-a bem perto de mim.

A família nuclear: **Braz** companheiro de longa jornada, 33 anos de convivência, até aqui conseguimos extrapolar os limites da convivência, vencendo obstáculos difíceis. **Martinha** filha querida, obrigada por **Igor**, fonte de alegria, desassossego feliz e por estar sempre disponível para cuidar de “tudo” na minha ausência e de seu pai. **Mura** meu advogado, obrigada pela compreensão meu filho, por alguma coisa que ficou em falta, obrigada por você ser assim do jeito que é. **Nado** meu amor, meu historiador mais caro que a UESB já conheceu. Persistente no que quer, eu amo você. Alias amo vocês incondicionalmente.

Aos meus irmãos por ordem alfabética:

Ari e família pelas palavras sempre carinhosas e intensas. Obrigada!
Aroldo irmão querido, sempre ao meu lado incentivando e motivando na caminhada. Sem você não seria possível. Obrigada!
Titi obrigada pelo apoio, às idas e vindas na rodoviária nas madrugadas frias. Sempre disposto sem cansaço, obrigada **Gabi**.
Ao meu irmão **Heleno** e sempre minha cunhada **Nil** (irmã) por tudo que fizeram por mim. Obrigada a **Gláuber** e **Rafa** pela cama quentinha.
A minha dinda **Lena**, irmã, mãe, amiga, sempre com a comidinha gostosa e a cama quentinha me esperando nas madrugadas. Obrigada aos sobrinhos **Marquinhos/Lulinha/Aninha** filhos e companheiras, pelo apoio e ao amigo **Paulo Grisi** mais que um cunhado. Obrigada!
Neide querida, também irmã, mãe, amiga e pesquisadora em todas as horas impossíveis. A **Mauro/Mile; Lucas/Mila** pelas horas de relaxamento necessário. Obrigada minha irmã por tudo, guardarei na memória estes anos de amizade.
Paulo Cabral/Dinair não esquecerei os e-mails, as mensagens necessárias para quem está longe. Obrigada!

Esta é **minha família**, ainda faltam os dindos, os sobrinhos não expressos (29 ao todo), aos sobrinhos-avó (16) e a família ampliada não se sinta excluída amo todos vocês.

As pessoas idosas que participaram desta pesquisa de todos os grupos e as que não pertenciam a nenhum. Que desvelaram seus segredos guardados na memória por muito tempo, descobertas valiosas para que se possa compreender essa etapa da vida com respeito e admiração pela coragem de sempre.

Dedico também e especialmente a **Anat3lio Meira** pessoa sem idade, a qual n3o se pode cronometrar nem biol3gica nem fisicamente. **Tot3** ser 'pensante', irreverente, intelectual incans3vel nas leituras e na compreens3o de mundo. Os seus 70 anos de vida t3m a sabedoria dos mestres para corrigir este trabalho. Obrigada **Tot3** e a **Du** pela paci3ncia!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a **Deus**, aos **Anjos** e **Santos** que me deram suporte para vencer as adversidades neste período.

Obrigada a todos os **professores** do ISC/UFBA, vocês trouxeram a inquietação necessária para querer saber sempre mais.

Aos colegas do doutorado, em especial a **Lílian, Taninha, Sonia Esquivel, Ritinha, Heleni** que estavam mais próximas para uma escuta sensível.

Obrigada a **Nunci** e a **Taís**, secretárias da PPGSC, a amizade vai continuar, pois vocês sabem do afeto que tenho por vocês. A **Moisés** amigo também das horas de desespero, obrigada Monza!

As professoras da banca **Dra. Cecília Sardenberg** pelas orientações sábias da qualificação, mudou o rumo da pesquisa, o aprendizado foi saudável e encantador, e, a Prof. **Leny Trad** com sua maneira Leny de ser – leve, sábia, solta, ligeira, incansável. **Alba Benemérta Vilela** sábia profissional, sempre na busca do novo! **Edite Lago Sena** com propriedade soube conduzir as contribuições pertinentes à pesquisa apresentada. Muito obrigada a todas vocês!

Obrigada a **Mcs. Vanda Palmarella** pelo apoio incondicional, das madrugadas perdidas imersa no meu mundo da pesquisa, discutindo, acordando e a **Mcs. Edméia Campos Meira** nossa precursora da pesquisa em envelhecimento na região, sem a sua coragem o núcleo de pesquisa do envelhecimento não seguiria adiante. Obrigada pelo incentivo, pela garra e força que você tem para estudar o universo das pessoas idosas.

A **UESB** – Departamento de Saúde, pelas colegas que sempre tiveram a delicadeza de torcer por mim, com um olhar e uma palavra de incentivo, muito obrigada!

Aos meus **colegas (todos e todas) do Hospital Geral Prado Valadares**, ao **diretor** que me colocou em regime especial, transgredindo algumas regras. Aqueles que torceram por mim. Obrigada! Estou de volta!

Aos **colegas do Pronto Atendimento (PA)**, obrigada pelo carinho, incentivo sempre.

Aos queridos **amigos lusitanos de Leiria**, Sara, Nuno e Laurinha (indivisíveis) seres humanos maravilhosos; a **Taninha e Maura**; ao **Dr. Eugênio Lucas**; a **Gisa e Catarina** companheiras amigas dos passeios pelos lugares mais lindos e mágicos lusitanos; ao **Instituto Politécnico de Leiria/Centro de Investigações de Identidades e Diversidades (IPL/CIID)**, aos funcionários amigos, sempre cordiais, atenciosos ao conversar; aos colegas do Grupo de

Estudo semanal do PhD. Ricardo Vieira **Ana, Carlos, Cristovão, Sara**, a todos vocês que fizeram minha passagem por Leiria se tornar inesquecível e rica em conhecimento um sincero muito obrigada!

Aos **amigos da espiritualidade** vocês foram atores fundamentais na minha caminhada.

A **todos** que por um instante torceram por mim! Obrigada!

TAVARES DE SANTANA, Maria Aparecida Cabral. **Envelhecimento e a Pessoa Idosa: Grupos de Convivência Promovendo Saúde**. Tese de Doutorado em Saúde Pública – Universidade Federal da Bahia. Instituto de Saúde Coletiva. Salvador-BA, 2010. 248p.

RESUMO

O Brasil é um país em que o envelhecimento é uma verdade incontestável, a mudança demográfica ocorreu de forma acelerada sem um processo de produção de políticas públicas voltadas para atender a esta demanda. Atualmente a pessoa idosa corresponde a 11,1% da população brasileira, dado só esperado para 2025 (PNAD, 2009) o que comprova a longevidade vigente, acima de 7% do total da população é considerado população longeva. A pesquisa ora apresentada busca analisar a experiência de “ser idoso” e “ser idosa” nos grupos de convivência ligados à Associação de Amigos e Grupos de Convivência e Universidade Aberta com a Terceira Idade (AAGRUTI) em Jequié-BA e em um grupo de pessoas idosas não integrantes da associação. Trata-se de um estudo de cunho etnográfico realizado com pessoas idosas que desafiam o processo de envelhecimento, na faixa etária acima de 57 anos, pertencentes às camadas sociais de classe média e classe de baixa renda com vida pregressa da zona rural. Mediante o estudo de cunho etnográfico com a utilização da técnica de grupo focal, além da entrevista individual, realizou-se a análise dos discursos da vida de pessoas idosas de distintas classes sociais, gênero para compreender os diferentes processos de envelhecimento das mesmas, com seus distintos significados da velhice experienciada. Com enfoque na relação que a pessoa idosa tem com a classe social, gênero e com o potencial de promoção de saúde dos grupos de convivência na experiência do processo de envelhecimento considerando a relação envelhecimento, corpo/sexualidade e saúde.

Palavras-chave: 1. Envelhecimento. 2. Geração/Gênero/Classe. 3. Promoção da Saúde.

TAVARES DE SANTANA, Maria Aparecida Cabral. **Envelhecimento e a Pessoa Idosa: Grupos de Convivência Promovendo Saúde**. Tese de Doutorado em Saúde Pública – Universidade Federal da Bahia. Instituto de Saúde Coletiva. Salvador-BA, 2010, 248p.

ABSTRACT

Brazil is a country where the aging is an undisputed truth, the demographic change occurred of form sped up without a process of production of public politics directed to take care of to this demand. Currently the elderly corresponds 11,1% of the Brazilian population, basis/inform only waited for 2025 (PNAD, 2009) what she proves the effective longevity, above of 7% of the total of the population is considered aged population. The research presented expect to analyze the experience of “to be aged” on groups of companionship connected to the Association of Friends and Groups of Companionship and University Opened to the Third Age (AAGRUTI) in Jequié-BA and a aged people group of not integrants of the association. Represents a study of etnografic meaning accomplished with aged people who defy the aging process, in the age above 57 years belonged to the social classes of middle class and low income with provenance life of the rural zone. Through the study of etnografic meaning with the use of the technique of focal group, beyond the individual interview, accomplished the analysis of the speeches of the life of aged people of distinct social classes, genre to understand the different processes of aging of the same ones, with the distincts meanings of the experiencied old ages. With focus in the relation that the elderly have with the social class, genre and with the potential of promotion of health of the groups of companionship on the experience of the aging process considering the relation aging, body/sexuality and health.

Word-key: 1. Aging, 2. Generation/Genre/Class. 3. Promotion of the Health

LISTA DE SIGLAS

UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
GREPE – Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Envelhecimento
UATI – Universidade Aberta com a Terceira Idade
AAGRUTI – Associação de Amigos, Grupos de Convivência e Universidade Aberta com a Terceira Idade
NUPEX – Núcleo de Pesquisa e Extensão
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
PAIE – Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento
ONU – Organização das Nações Unidas
ABRASCO – Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva
SBGG – Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia
OMS – Organização Mundial da Saúde
LOAS – Lei Orgânica da Assistência Social
PNI – Política Nacional do Idoso
PNSI – Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa
SUS – Sistema Único de Saúde
SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
PEI – Política Estadual do Idoso
NIAPI – Núcleo Interinstitucional de Ação Pró-Idoso
Fórum Permanente em Defesa das Questões do Idoso
CEI – Conselho Estadual do Idoso
CMI – Conselho Municipal do Idoso
DEATI – Delegacia do Idoso
DPI – Defensoria Pública do Idoso
MPE – Ministério Público do Estado
LBV – Legião da Boa Vontade
SESC – Serviço Social do Comércio
SESI – Serviço Social da Indústria
SEDES – Secretaria do Desenvolvimento Social e Combate à Pobreza

SETAD – Secretaria Municipal do Trabalho, Assistência Social e Direitos dos Cidadãos

SUDESB – Superintendência dos Desportos do Estado da Bahia

UATI/UESB – Universidade Aberta a Terceira Idade da Universidade do Estado da Bahia

ONG – Organização Não Governamental

AD – Análise do Discurso

CNS – Conselho Nacional de Saúde

ISC – Instituto de Saúde Coletiva

UFBA – Universidade Federal da Bahia

TCLE – Termo de Consentimento Livre Esclarecido

CERAJE – Central de Regulação de Assistência de Jequié

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Proporção de pessoas idosas de 60 a 65 anos ou mais de idade	34
Gráfico 02: Esperança de Vida ao Nascer na América Latina e Caribe	35
Gráfico 03: Pessoas com 100 anos ou mais de idade no Brasil	36

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Estudo comparativo das Sociedades Antigas e a Sociedade Atual	41
---	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Visão no Morro do Cajueiro da Barragem. Abastece a cidade com água	65
Figura 02: Praça Rui Barbosa centro da cidade	65
Figura 03: Mapa de Jequié-BA	66
Figura 04: Vista parcial da UESB	69
Figura 05: Cartão Postal da Cidade Nova Jequié-BA	75
Figura 06: Vista aérea de Jequié do Centro da cidade e da Catedral	83
Figura 07: Vista aérea da periferia de Jequié	86
Figura 08: Panorâmica de Jequié/BA	87

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	17
INTRODUÇÃO	20
CAPÍTULO I: O BRASIL ENVELHECENDO	34
1.1 CONTEXTUALIZANDO O ENVELHECIMENTO BRASILEIRO	35
1.2 CONCEITO DE IDOSO	43
CAPÍTULO 2: REFERENCIAL TEÓRICO	50
2.1 CLASSE SOCIAL	51
2.2 GERAÇÃO	54
2.3 GÊNERO	55
2.4 PROMOÇÃO DA SAÚDE	57
CAPÍTULO 3: O CAMINHAR METODOLÓGICO	63
3.1 TIPO DE ESTUDO	64
3.2 CAMPO E CENÁRIO DA PESQUISA	66
3.3 SUJEITOS SOCIAIS DO ESTUDO	77
3.4 GRUPO FOCAL: A TÉCNICA DE COLETA DE DADOS	91
3.5 ANÁLISE DO DISCURSO: A TÉCNICA DE ANÁLISE DOS DADOS	93
3.6 QUESTÕES ÉTICAS	94
CAPITULO IV: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	95
4.1 A QUESTÃO DE GÊNERO NO GRUPO DE CONVIVÊNCIA DA CIDADE NOVA	95
4.2 A QUESTÃO DE GÊNERO NO GRUPO DE CONVIVÊNCIA DA CATEDRAL - AAGRUTI	110
4.3 A QUESTÃO DE GÊNERO DO GRUPO DE CONVIDADOS	127
4.4 A QUESTÃO DE CLASSE SOCIAL E GERAÇÃO NO GRUPO DE CONVIVÊNCIA DA CIDADE NOVA	142
4.5 A QUESTÃO DE CLASSE SOCIAL E GERAÇÃO GRUPO DA CATEDRAL – AAGRUTI	148
4.6 A QUESTÃO DE CLASSE SOCIAL E GERAÇÃO GRUPO DE CONVIDADOS..	153
4.7 O POTENCIAL DA PROMOÇÃO DA SAÚDE – GRUPO DA CIDADE NOVA – AAGRUTI	157
4.8 O POTENCIAL DA PROMOÇÃO DA SAÚDE – GRUPO DA CATEDRAL – AAGRUTI	164
4.9 O POTENCIAL DA PROMOÇÃO DA SAÚDE – GRUPO DE CONVIDADOS	167
CAPÍTULO V: CONSIDERAÇÕES FINAIS... Sopros de Mudanças	169
REFERÊNCIAS	176
APÊNDICES	181
Apêndice A: Termo de Consentimento Livre Esclarecido	182
Apêndice B: Questionário	185

APRESENTAÇÃO

As inquietações iniciais que justificam a realização desta pesquisa remontam a minha história profissional. Em 1996 fui convidada pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) para compor, como voluntária, uma equipe de pesquisadores do Núcleo de Estudo Pesquisa e Extensão (NUPEX) iniciava a investigação sobre o envelhecimento populacional em Jequié. Não pensei tão somente em respostas para as interrogações que visualizava no senso comum, ou o que os meus olhos viam com bom senso: muitos idosos nas Praças conversando ao fim da tarde, nas filas, nas ruas, nos bancos, supermercados, nas Igrejas.

Ficava a me perguntar: quantos? Como vivem? Inquietações que se acumulavam ao longo das minhas reflexões pessoais e profissionais sobre envelhecimento, principalmente em Jequié pelo próprio contexto da cidade — alto índice de pobreza, baixo índice de renda *per capita* — (IBGE, 2006). Também não pensei em fórmulas simples que me pudessem descansar a curiosidade e aquietar as preocupações quanto ao fenômeno emergente do envelhecimento. Mas, acima de tudo, a motivação maior foi à busca do conhecimento sobre este tema, novos olhares que me dessem subsídios para desvelar uma realidade até então desconhecida no município e que me permitissem colocar novas inquietações que trouxessem contribuições significativas para as pessoas idosas.

Mediante os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em Jequié/Bahia a equipe multiprofissional da UESB traçou o planejamento sobre como trabalhar o envelhecimento no município. O primeiro momento foi dedicado à capacitação de pessoas simpatizantes com a temática do envelhecimento, líderes comunitários, religiosos de várias correntes filosóficas, profissionais, para atuarem na formação de Grupos de Convivência nas comunidades, isto em 1996.

A UESB já havia consolidado parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina e profissionais qualificados deram suporte técnico educativo para iniciar as atividades programadas. Em um segundo momento levantou-se o perfil dos idosos para conhecê-los e traçar um diagnóstico em 2004.

O terceiro momento foi cunhado com diversas áreas temáticas com pesquisas voltadas para a pessoa idosa — Cidadania, Parkinson, Alzheimer, Violência, Políticas Públicas de Saúde para o Idoso que estão em funcionamento até os dias atuais na UESB. Há um núcleo de estudo voltado para o envelhecimento, com o qual me encontro envolvida em alguns trabalhos

profissionais sobre esta área de estudo, como pesquisadora da FAPESB e a pretensão era estreitar os rumos da investigação para que servisse como contribuição à sociedade local na qual vivemos.

Minha participação foi sempre como voluntária da UESB, pessoa da comunidade. Um leque de questionamentos ia surgindo mediante leituras, discussões no Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Envelhecimento (GREPE), professores da instituição estimulavam e provocavam os integrantes do GREPE a estudar para mestrado e doutorado. Assim encaminhavam para uma reflexão pessoal, urgia, então, amadurecer e delimitar meu objeto de estudo para a seleção de doutorado.

Pensando nesses dados significativos colhidos no IBGE no decorrer desta trajetória, ao tentar a seleção do doutorado no Instituto de Saúde Coletiva (ISC/UFBA) já tinha uma idéia concreta sobre o tema da pesquisa, pois nas palavras de Bogdan; Biklen (1994, p. 86), “sem um toque de paixão posso não ter fôlego suficiente para manter o esforço necessário à conclusão do trabalho ou limitar-me a realizar um trabalho banal”.

Na época já atuava como colaboradora voluntária da Associação de Amigos, Grupos de Convivência e Universidade Aberta com a Terceira Idade (AAGRUTI). Pretendia, então, voltar meu objeto de investigação para a temática do envelhecimento, para conhecer este ser “envelhecido”.

Estudar envelhecimento é muito complexo, não só pela heterogeneidade da velhice como também por ser um fenômeno recente em nosso país. Daí, após passar pela qualificação do doutorado, acatei as sugestões da banca examinadora e juntamente com minha orientadora desenhamos um caminho centrado em “analisar o “ser idoso” e “ser idosa” participantes dos Grupos de Convivência ligados à AAGRUTI e um grupo de pessoas na faixa etária de 60 anos não participantes dos mesmos. Levando em consideração a questão de gênero, geração e classe social com recorte para o potencial relativamente à promoção da saúde, corpo / sexualidade.

Realidade até então não estudada que poderia ser bem diferente do imaginário coletivo, mas repleto de complexidade, e decisões a serem selecionadas para estudo, emoções e possíveis transformações no decorrer da pesquisa. Como, pretensiosamente sob a ótica da dialética, é essa busca da reflexão da maneira de ser, estar, pensar, sentir e agir dos sujeitos sociais envolvidos no caso os idosos quanto ao envelhecer.

Mediante os objetivos propostos, a presente pesquisa encontra-se estruturada da seguinte forma: introdução, um primeiro capítulo que trata do envelhecimento; um segundo capítulo que aborda sobre o referencial teórico; um terceiro capítulo sobre a metodologia

adotada neste estudo, apresentando o cenário e os sujeitos sociais envolvidos; um quarto capítulo que realiza a análise dos dados, por fim as considerações finais.

Na introdução, procurei discorrer sobre a forma como foi escolhido o tema; definir a problemática; caracterizar o universo de estudo; abordar brevemente a metodologia utilizada; focar as questões orientadoras do estudo como também seu objetivo.

O primeiro capítulo encontra-se organizado em três partes, ao longo das quais se procede à revisão de literatura relativa à caracterização do contexto atual do envelhecimento, abordando o envelhecimento brasileiro e o conceito de idoso.

O segundo capítulo, que se encontra disposto em cinco pontos, apresenta as questões ligadas ao contexto da investigação, bem como à metodologia utilizada na concretização da pesquisa, parte da descrição do universo do estudo, bem como os sujeitos sociais envolvidos; uma breve descrição da iniciativa do projeto UATI/UESB e da AAGRUTI; a metodologia: Grupo Focal e Análise do Discurso; e por fim um tópico sobre Ética na Pesquisa.

O terceiro capítulo subdivide-se em tópicos, respectivamente: o primeiro sobre gênero e classe social no processo de envelhecimento; o segundo sobre geração e potencial da promoção da saúde. Tópicos desenvolvidos mediante a análise dos discursos dos três Grupos Focais recolhida após entrevistas, transcritas e lidas exaustivamente. Foram distribuídas nas categorias produzidas singularmente para cada sujeito pertencente ao Grupo Focal específico, a partir do seu próprio discurso.

A pesquisa realiza uma reflexão final com considerações sobre envelhecimento em Jequié/Bahia sem pretender a saturação. Por ser de natureza exploratória, de partir em busca das singularidades, idiosincrasias e subjetividades de cada sujeito participante do grupo focal, sabia que não encontraria regularidades, padronizações ou poderia generalizar o universo em análise para toda a população idosa existente em nosso país. No sentido de definir certo modo de ser e estar “idoso” com sua diversidade cultural, sendo este universo de estudo, na minha interpretação, tão diversificado quanto possível.

A investigação contempla, assim, discursos de pessoas idosas com diversidade cultural, heterogêneos em todos os aspectos, que na suas peculiaridades e especificidades falam sobre sua infância, a maturidade com a entrada no grupo de convivência ou como se sentem aos 60 anos, por fim, refletem sobre o corpo envelhecido e sobre sexo de forma espontânea e singular.

INTRODUÇÃO

O envelhecimento é tema desta pesquisa de cunho etnográfico, desenvolvida na cidade de Jequié/Bahia, que procura contemplar as múltiplas dimensões sobre a velhice ligadas às circunstâncias da história pessoal de cada sujeito social, integrante e não integrante dos Grupos de Convivência para Pessoas Idosas no Município. Centra a análise em dois grupos de convivência, vinculados à Associação de Amigos de Grupos de Convivência e Universidade Aberta com a Terceira Idade (AAGRUTI). Um grupo é o primeiro criado no município de Jequié, no ano de 1996, pelo projeto de extensão da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) denominado: Universidade Aberta com a Terceira Idade (UATI/UESB). Esse grupo situa-se na periferia da cidade e reúne-se semanalmente; o segundo grupo de convivência ligado a AAGRUTI, localizado no centro da cidade, também foi criado com a parceria de profissionais ligados à UATI/UESB, e se reúne nas dependências da Catedral de Santo Antônio de Pádua; e um terceiro grupo de idosos participantes da pesquisa não integrante de qualquer associação.

Os dados do censo demográfico apresentam Jequié-Bahia como uma cidade longeva. No município, 9,5% da população têm mais de 60 anos, e dentre as pessoas idosas 17% têm 80 anos ou mais, dado surpreendente para a realidade local, devido às condições apresentadas pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), isto é, um município com baixa renda *per capita* e índice de pobreza elevado. Estar acima da média nacional em longevidade causa estranhamento justamente pela baixa renda da população. Vale ressaltar que os dados elencados são anteriores à Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD, 2009). A busca no IBGE por novos *corpora* da PNAD regional informa que, devido aos mínimos números de recenseadores, os dados foram encaminhados para Salvador, uma vez que a PNAD em Jequié está ainda em fase de análise, não havendo, portanto, dados recentes disponíveis sobre o percentual de pessoas idosas e suas condições de vida, em 2009.

Nesse Estudo, procura-se compreender a expressão das identidades sociais que caracterizam a velhice, mediante a análise de três categorias fundamentais na construção da identidade social: geração, classe social, gênero. Ademais, busca-se refletir sobre o potencial da promoção da saúde referente à participação dos idosos nesses grupos em Jequié, como também descreve o processo das políticas públicas voltadas para o envelhecimento.

Segundo Motta (1999), a identidade geracional e de gênero são particularmente complexas, devido à mutabilidade e difícil fixação, pois se muda de idade a cada ano e, no

processo de aceleração do tempo capitalista, as gerações são definidas em intervalos cada vez menores (dos 25 ou 30 anos, quando antigamente o eram aos 10 anos ou menos). A finalidade desta pesquisa é oferecer subsídios para conhecimento de uma realidade ainda pouco explorada, tal como o viver e envelhecer de idosos e idosas participantes de grupos de convivência. São exploradas as diversas dimensões do envelhecimento, como gênero, geração/classe social e o potencial de promoção de saúde que os grupos de convivência experienciam.

Nesse primeiro momento, discute-se sobre a importância e as consequências do processo de envelhecimento populacional brasileiro do ponto de vista demográfico, com ‘*especial destaque*’ para as políticas públicas voltadas para o ser idoso, na última década. Em seguida, busca-se problematizar essa realidade no Estado da Bahia, para informação e conhecimento.

- **Envelhecimento populacional e políticas de atenção ao idoso no Brasil**

O envelhecimento populacional é tema emergente em todos os países do mundo. Tanto em países desenvolvidos como em países em desenvolvimento assistimos à constatação de que uma das maiores conquistas sociais do século XX foi o aumento da longevidade (CAMARANO, 1999). A autora confirma ainda que a vida adulta jamais foi experienciada de forma massiva pela população de quase todo o mundo. Os novos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD, 2009) vêm validar tal constatação.

No Brasil, a literatura demonstra que o crescimento do número de pessoas idosas se deve às altas taxas de fecundidade no passado, principalmente nas décadas de quarenta e cinquenta, e redução nas taxas de mortalidade, mesmo que, de forma incipiente, a assistência à saúde da população brasileira tenha melhorado significativamente, atrelada ao avanço tecnológico na medicina e à melhoria nos programas de saúde. A transformação no perfil demográfico da população, que configura o envelhecimento populacional, é observada em todos os países do mundo, fato que não acontece isoladamente. No final do século passado, eram estimados 590 milhões de indivíduos nessa faixa etária, sendo projetado para 2025 o montante de um bilhão e 200 milhões, atingindo, em 2050, 2 bilhões. Isso significa, portanto, que a população idosa cresce mais do que qualquer outra faixa etária. Nos países em desenvolvimento, como o Brasil, esse crescimento populacional vem acontecendo numa rápida progressão (FREITAS, 2004; CAMARANO, 2004; BERQUÓ 1999; VERAS, 1994).

Diante de tal afirmação, o processo do envelhecimento atinge não só o indivíduo, mas também a coletividade, com destaque da população que está inserida ativamente no processo produtivo e nos núcleos familiares (muitas famílias terão pelo menos um idoso no seu contexto), alterando, de forma significativa, a vida do indivíduo, as estruturas familiares e a sociedade. Essa realidade constatada requer atenção especial, necessitando da implantação e implementação de políticas públicas, como as promulgadas pelo Plano Internacional para o Envelhecimento, vislumbrando a promoção de vida da população idosa.

Esse plano foi criado mediante preocupações com o envelhecimento progressivo e acelerado da população em todo o mundo. Os países que compõem a Organização das Nações Unidas (ONU) organizaram, em Madri, no ano de 2002, a II Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, que resultou no Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento (PAIE), objetivando: “garantir que, em todo o mundo, as pessoas possam envelhecer com segurança e dignidade, continuando a participar da sociedade como cidadãos dotados de plenos direitos, em especial através dos recursos às novas tecnologias (PARLAMENTO C/126 – E-671)” (MADRI, 2002).

Além disso, ficou determinado, nessa Assembleia, que seja instituída: “[...] uma sociedade para todas as idades e que esta sociedade seja baseada na solidariedade entre as diversas gerações” (MADRI, 2002). Dessa maneira, enfatiza uma imagem positiva do percurso de vida mais longo, de uma vida longa ou do envelhecimento em si, apresentando, como contribuição aos idosos longevos, um bem-estar na sociedade em que vivem, na qual possam desempenhar um papel ativo no seio da família e da realidade em que estão inseridos.

Segundo Kalache (2006, p. 6), “um envelhecimento ativo” ao longo da vida configura-se no processo de aperfeiçoar as oportunidades para a saúde, participação e segurança, à medida que os indivíduos ou as sociedades envelhecem. Emergem, assim, os três pilares do envelhecimento ativo: saúde, participação e segurança.

Seguindo o estabelecido na assembleia realizada em Madri, no Brasil, cerca de trinta especialistas e autoridades internacionais nas áreas de Saúde Pública, Geriatria e Gerontologia reuniram-se entre os dias 15 a 18 de dezembro de 2002, na cidade de Ouro Preto (MG), para discussão sobre as “Desigualdades Sociais e de Gênero e Saúde dos Idosos no Brasil”, suscitando a “Carta de Ouro Preto”.

A Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (ABRASCO) e a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG), representada pelos seus atores sociais que atuam na área do envelhecimento populacional, estiveram presentes nesse evento. Contou também com a participação do Coordenador do Programa de Envelhecimento da

Organização Mundial da Saúde (OMS) e com representantes do Ministério da Saúde do Canadá (Health Canada) e da Universidade de Quebec.

A partir daí, todos os fóruns desenvolvidos para discussão do envelhecimento populacional no Brasil fomentaram a efetivação da Lei nº 10.741, de 01.10.2003, conhecida como Estatuto do Idoso. Essa Lei estabelece a categoria “idosa” para as pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos, determina todos os seus direitos fundamentais, as medidas de proteção, a política de atendimento, o acesso à justiça e estabelece os crimes e penas em espécie contra idosos (BRASIL, 2006).

O Estatuto do Idoso é uma conquista da organização social dos idosos (maiúsculo?), no Brasil. Por sua vez, é efetivado por meio de associações, comunidades organizadas, uma necessidade a partir da Lei nº 8.842/94 sobre a Política Nacional do Idoso, na certeza de que, com o conhecimento dessas leis, o idoso poderá se libertar dos preconceitos, da segregação e da falta de participação para o efetivo exercício da cidadania.

Os novos dados sobre envelhecimento no Brasil trazem à tona o já esperado por alguns pesquisadores sociais do tema. Os indicadores sociais, apontados na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2009), demonstram que a proporção de idosos, entre 1998 e 2008, aumentou de 8,8% para 11,1%. O Estado do Rio de Janeiro conta com 14,9% e o do Rio Grande do Sul, com 13,5 %), continuam a ser esses os Estados com maior proporção de idosos. Em 1998, eram, junto com a Paraíba, os únicos Estados onde os idosos representavam mais de 10,0% da população. Atualmente, confirma o PNAD, todos os Estados do Sudeste e Sul, assim como a maioria do Nordeste, já alcançaram tal proporção. Os dados são alarmantes, pois revelam que o contingente de pessoas idosas acima de 60 anos soma 21 milhões, maior do que a população de idosos de vários países da Europa. Basta citar a França, Inglaterra e Itália (entre 14 a 16 milhões de idosos), estimativas das Nações Unidas (PNAD, 2009) para 2010.

Quanto à esperança de vida ao nascer, observamos que o brasileiro atingiu os 72 anos em 2005 e subiu, em 2006, para 78 anos. Conclui-se, portanto, que o envelhecimento populacional ocorre tanto pelo envelhecimento natural das pessoas quanto pelo menor índice de nascimentos. Se, por um lado isso é motivo de comemoração e felicidade, por outro, há necessidade urgente de pesquisar essa nova realidade social (VOIGT, 2009).

Quanto ao crescimento relativo da população idosa por grupo de idade, foi muito expressivo, no período de 1998 a 2008. O grupo de maior crescimento foi o da faixa etária de 80 anos ou mais, que superou os demais, chegando a quase 70%. Em números absolutos, estima-se que este segmento, em 2008, alcançava três milhões de pessoas. São dados

surpreendentes. Esses números mostram como o processo da longevidade está presente na sociedade brasileira e já indicam a necessidade de providências urgentes para garantir uma infraestrutura de atendimento a esses idosos (PNAD, 2009).

A Organização das Nações Unidas (ONU) propôs duas assembleias sobre envelhecimento populacional. A primeira foi a Assembleia Mundial sobre Envelhecimento, ocorrida em Viena (1982). É considerada como “o marco inicial para o estabelecimento de uma agenda internacional de políticas públicas para a população idosa” (CAMARANO, 2006, p. 254). Nessa assembleia, foi aprovado um Plano Internacional de Ação. Era um avanço na questão do envelhecimento, pois, até então, esse fenômeno não tinha chamado atenção suficiente para agregar todas as nações.

O recém-criado Plano Internacional de Ação (VIENA, 1982) continha 66 recomendações abrangentes a todos os Estados pertencentes a ONU. Foi desmembrado em sete áreas, contemplando: saúde e nutrição; proteção ao consumidor idoso; moradia e meio ambiente; família; bem-estar social; trabalho e educação.

A concepção de idoso traçada no plano era a de indivíduos independentes financeiramente e, portanto, com poder de compra. As recomendações eram dirigidas, em especial, aos idosos dos países desenvolvidos. Suas necessidades deveriam ser ouvidas, pois agregava valor à economia e permitiam o desenvolvimento de um novo nicho de mercado. Por outro lado, o plano também foi fortemente dotado por uma visão da medicalização do processo de envelhecimento (CAMARANO; PASINATO, 2006, p. 255).

Vinte anos depois da primeira assembleia, em 2002, ocorreram muitas mudanças no mundo inteiro em todas as dimensões, entre as quais, as dimensões sociais, dimensões políticas e econômicas. Em Madri/Espanha aconteceu a segunda Assembleia Mundial sobre Envelhecimento, que destacava, no Plano de Ação Internacional, entre outros objetivos, — pois é um plano amplo, com 35 objetivos e 239 recomendações dirigidas aos governos nacionais, — a necessidade de estabelecer parcerias entre os membros da sociedade civil organizada e o setor privado para a sua consecução (CAMARANO; PASINATO, 2006). Os principais objetivos dessa assembleia referiam-se à participação ativa dos idosos na sociedade, no desenvolvimento e na luta contra a pobreza, na necessidade de fomentar a saúde e bem-estar na velhice, de se promover um envelhecimento saudável, bem como a criação de um entorno propício e favorável ao processo de envelhecimento.

Todos os objetivos promulgados na Assembleia de Madri são fundamentais à vida do idoso. O fomento à saúde no envelhecimento deve ser pensado como processual, desde a infância. Então, políticas públicas são necessárias ao longo da vida, não só na velhice, como a

promoção à saúde e o acesso universal aos serviços de saúde pública, que deveria ser pensada em uma perspectiva ampliada, considerando todos os fatores: ambientais, econômicos, sociais, educacionais. Se não se buscarem políticas voltadas para esses fatores, o aparecimento de enfermidades e incapacidades poderá ocorrer. Um ponto a considerar é o investimento em capacitação profissional nas áreas de geriatria, gerontologia e serviços sociais.

Outro ponto importante do Plano de Madri diz respeito ao envelhecimento da sociedade, tanto nos países industrializados, como nos países em desenvolvimento, pois, até então, o envelhecimento era privilégio dos países desenvolvidos. O processo de envelhecimento é frequentemente encarado em termos negativos, isto é, em termos de desafios colocados à estrutura etária da população ativa, à sustentabilidade dos sistemas de proteção social e de saúde e como um sorvedouro dos recursos familiares, nos países em desenvolvimento, ao passo que as pessoas idosas oferecem, de fato, um apoio comunitário e familiar fundamental.

Esse é também o primeiro Plano Internacional que coloca em evidência a questão do envelhecimento feminino, com destaque ao Art. 8º, que solicita a Comissão, ao Conselho e aos Estados-Membros que proporcionem medidas peculiares destinadas a reduzir as desigualdades e a pobreza entre as pessoas idosas, especificamente na intenção de melhorar a conjuntura das mulheres idosas, no tocante à desigualdade nos pagamentos das pensões, bem como a situação das pessoas de idade muito avançada (MADRI, 2006).

Fica clara a preocupação com a questão do gênero, voltada diferencialmente às mulheres idosas. Vale ressaltar que não há nenhum item voltado para homens idosos. Os objetivos do Plano de Madri já vêm sendo alcançados em alguns países da Europa, e, de forma incipiente, em outros.

No Brasil, foi na República Velha, no período compreendido de 1889 a 1930, que ocorreram os principais fatos político-institucionais produzidos na história relacionados à saúde pública, sobre a qual se evidencia a primeira lei para a população idosa (PAIM, 2003, p. 589). Nesse contexto,

As condições de vida e de trabalho insatisfatórias, porém, propiciaram o aparecimento de movimentos sociais urbanos enfrentados pelo Estado como “caso de polícia” e, posteriormente, como “questão social”. Teve como respostas sociais: a implantação da Lei Eloy Chaves, organizando as CAP (Caixas de Aposentadorias e Pensões) e a Reforma Carlos Chagas, implantando o novo regulamento do Departamento Nacional de Saúde Pública.

A primeira associação civil no Brasil, sem fins lucrativos, que estimulou e apoiou o desenvolvimento e a divulgação do conhecimento científico na área do envelhecimento foi a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SGGB) fundada em 1961, no Rio de Janeiro, promovendo eventos e discussões voltadas para o tema do envelhecimento (SBGG, 2010).

Logo após, surge o Serviço Social do Comércio (SESC), criado mediante Decreto-lei nº 9.853, em 13 de setembro de 1946, que teve a iniciativa de desenvolver trabalhos voltados para aposentados idosos, quando se formou o primeiro grupo de trabalho/atuação com a pessoa idosa. O trabalho social sistematizado com idosos é iniciado no ano de 1963. O SESC elabora um documento institucional, que é o marco inicial, intitulado: Trabalho Social com Idosos, de 1963/1999: 36 anos de realizações (SESC, DR, SP, 1999, p.6) assinalam que a ação do SESC com a terceira idade foi um dos programas sociais pioneiros, no continente latino-americano, na organização de programas socioeducativos e culturais voltados ao atendimento do idoso.

O Governo Federal, durante os anos setentas criou dois tipos de benefícios para não contribuintes, favorecendo os trabalhadores da zona rural com a aposentadoria, além da renda mensal vitalícia para as pessoas idosas da zona urbana e rural (CAMARANO; PASINATO, 2006, p. 264). Já em 1993 foi promulgada a Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), criando benefícios, com a finalidade de proporcionar amparo social às pessoas desprovidas das condições de sobrevivência.

A Constituição de 1988, considerada Constituição Cidadã, é um marco fundamental na vida da população idosa, pois, pela primeira vez, o idoso é contemplado, no artigo 230, que delega que “a família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida”. Como também no 2º parágrafo “institui que aos maiores de sessenta e cinco anos seja garantida a gratuidade dos transportes coletivos urbanos”.

Em 1994 foi aprovada a Política Nacional do Idoso, Lei nº 8842, a qual foi regulamentada em 4 de janeiro de 1996. No seu primeiro artigo, essa Lei ressalta que a Política Nacional do Idoso visa a assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade. Nessa perspectiva, “o idoso é um sujeito de direitos e deve ser atendido de maneira diferenciada, diante de suas necessidades: físicas, sociais, econômicas e políticas” (CAMARANO, PASINATO, 2006, p. 269).

Para Fernandes (2005) essa política está norteada por cinco princípios, a saber:

- A família, a sociedade e o Estado têm o dever de assegurar ao idoso todos os direitos da cidadania, além de garantir sua participação na comunidade e defender sua dignidade, bem-estar e o direito à vida;
- o processo de envelhecimento se refere à sociedade em geral, socializado para todas as pessoas;
- a pessoa idosa não deve sofrer discriminação de qualquer natureza; devendo ser o principal agente e o destinatário das transformações a serem efetivadas por meio dessa política;
- os poderes públicos e a sociedade em geral devem observar as diferenças econômicas, sociais, regionais e, particularmente, as contradições entre o meio rural e o urbano do Brasil, na aplicação dessa Lei.

Ressalte-se ainda que, em 2002, foi criado o Conselho Nacional dos Direitos do Idoso. A Política Nacional de Saúde do Idoso, instituída pela Portaria nº 1.395 do Gabinete do Ministério da Saúde, foi criada para o idoso, com medidas de promoção da saúde e atendimento multidisciplinar. Mas a Portaria nº 2.528, de outubro de 2006, aprovou a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa (PNSI), considerando que o setor de saúde dispunha de uma política atualizada relacionada à pessoa idosa. Ressalta a revisão e atualização da Portaria nº 1.395 e a publicação da Portaria nº 399, que divulga o Pacto pela Saúde, em 2006, e que vem consolidar o Sistema Único de Saúde (SUS), e aprova as Diretrizes Operacionais que contemplam a pessoa idosa.

As principais diretrizes da PNSI traçadas foram: promoção do envelhecimento saudável; manutenção da capacidade funcional; assistência às necessidades de saúde do idoso; reabilitação da capacidade funcional comprometida; capacitação de recursos humanos especializados; apoio ao desenvolvimento de cuidados informais; apoio a estudos e pesquisa sobre o tema (BRASIL, 2006).

Em 2003, o Estatuto do Idoso, em seu Art. 1º, consolida as políticas públicas voltadas para a pessoa idosa, visando “regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos”. No Art. 2º, determina que “o idoso goze de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral [...]”, pautados em princípios éticos, priorizando o atendimento das necessidades básicas e a manutenção da autonomia como conquistas dos direitos sociais (MAIA CARVALHO, 2007).

Esse Estatuto foi uma conquista para a pessoa idosa. Na apresentação desse Documento pelo autor da lei, fica afirmado que “está concretizado o sonho de 20 milhões de brasileiros. A aprovação do Estatuto do Idoso pelo Congresso Nacional e sua consequente

sanção pelo Presidente da República são frutos de luta histórica do movimento social brasileiro” (BRASIL, 2003, p. 5). O Estatuto vem cumprir parte das resoluções do Plano de Madri. Foi divulgado amplamente em instituições públicas governamentais e organizações não governamentais. As associações/fundações voltadas para o trabalho com pessoas idosas reelaboraram o Estatuto em linguagem popular e distribuíram entre os seus participantes, sendo pauta de reuniões, principalmente nos grupos de convivência para a terceira idade, foco de discussão do documento na sua íntegra. Assim, muitas associações e instituições que trabalham com questões relativas ao idoso utilizam essa publicação como ferramenta para divulgar os direitos dos idosos, como mecanismo de controle social.

- **Envelhecimento populacional e as políticas de atenção ao idoso na Bahia**

O Estado da Bahia conta atualmente com 14 milhões de habitantes. É o Estado mais populoso da Região Nordeste. Além de ter a maior população do Nordeste, registra o maior número de pessoas acima de 60 anos da Região. Os dados do IBGE (2007) confirmam a Bahia como o Estado com 27% da população nordestina.

Quanto à população, na composição por sexo, as mulheres são 50,6% do total da população e os homens, 49,4%. Esses dados confirmam a feminização da velhice no Estado. São dados da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI). A população acima de 60 anos - ou mais -, em 2007, correspondia a 9,9% do total da população. Quanto à população idosa, as mulheres vivem 6,6 anos a mais do que os homens. Como em todo o país, a Bahia vem enfrentando transformações demográficas na estrutura etária da população. Com o crescente número de pessoas idosas caracteriza-se hoje como um Estado longevo. Quase dez por cento da população é idosa.

Na Bahia, como em outros Estados na Nação, a taxa de natalidade tem diminuído acentuadamente, as mulheres baianas passaram a ter menos filhos, segundo a SEI em 2007. A taxa de fecundidade, que era de 7,2 filhos/mulher, declinou, em 1970, para 2,2 filhos/mulher, em 2006. Essa média encontra-se abaixo do nível de reposição da população (2,1). Enquanto a taxa de natalidade diminui, a esperança de vida dos baianos aumenta, como demonstram os dados da SEI. Já em 2007, a expectativa de vida na Bahia alcançava 72,0 anos, atingindo a média nacional. As projeções populacionais para o Estado da Bahia indicam que, no ano 2020, serão aproximadamente 1,65 milhões de idosos, 11% da população estadual (SEI, 2007).

Esses dados suscitam novos debates sobre o envelhecimento, novos desafios e enfrentamentos em todas as áreas do governo estadual, principalmente no âmbito da saúde. Outro dado expressivo é que o SUS passa a atender basicamente a população idosa na Bahia, pois, como se observa a busca pelo serviço público de saúde, é uma necessidade constante para resolução dos problemas da área:

No âmbito da saúde, por exemplo, o Suplemento de Saúde da PNAD 2003 estimou que apenas 15% da população de 1,23 milhões de baianos com 60 anos e mais de idade era coberta por um plano de saúde. A existência desse expressivo contingente de idosos (cerca de 1,04 milhão ou 85% do total) sem cobertura de plano de saúde incorre numa forte pressão sobre o serviço público de saúde do Estado (GUIMARÃES, 2010, p. 171).

A Política Estadual do Idoso foi criada em 25 de fevereiro de 2004, através da Lei nº 9013, dez anos após a criação da Lei Federal. Verifica-se que, logo no primeiro capítulo, segue a Lei Federal, com o Art. 1º, e complementa a Lei Federal, com o Art. 2º, ao destacar o conceito de idoso, a seguir explicitado,

Art. 1º - A Política Estadual do Idoso, em consonância com a Lei Federal nº 8.842, de 04.01.1994, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, regulamentada pelo Decreto Federal nº 1.948, de 03.07.1996, tem por objetivo assegurar os direitos sociais do idoso, no âmbito do Estado da Bahia, criando condições para a garantia dos seus direitos, de sua autonomia, integração e participação efetiva na família e na sociedade.

Art. 2º - Considera-se idoso, para efeito desta Lei, a pessoa maior de 60 (sessenta) anos de idade.

Parágrafo único - A idade estabelecida no *caput* deste artigo poderá ser reduzida quando a idade biológica estiver comprovadamente dissociada da idade cronológica, considerando fatores sociais e ambientais, (grifo da autora) que acelerem o processo de envelhecimento, atestada por Junta Médica Oficial do Estado (BAHIA, 2004, p. 1).

Essa lei, ao dissociar a idade cronológica da idade biológica, revela que a velhice é uma construção social na qual a idade cronológica, para fins jurídicos, – deveres e direitos adquiridos no decorrer da vida - pode estar dissociada da idade biológica.

No que diz respeito à saúde, ela assegura a integralidade da assistência. Preconiza seus princípios com ampliação para atendimento hospitalar, com garantia de unidade geriátrica em hospitais públicos ou privados, com pessoal especializado na área geriátrica/gerontológica, na perspectiva de garantir ao idoso a assistência à saúde, nos diversos níveis de atendimento do SUS, prevenindo, protegendo e recuperando a saúde do idoso, mediante programas e medidas profiláticas.

Além disso, prevê a necessidade do desenvolvimento de formas de cooperação com as Secretarias de Saúde dos municípios e entre associações e sociedades, núcleos e centros de referência, na formação profissional em geriatria e da gerontologia; o incentivo da inclusão da geriatria e da gerontologia, contemplados (se refere a quê?) em concursos públicos estaduais e municipais; a realização de estudos para detectar o caráter epidemiológico de determinados agravos à saúde do idoso; a criação de serviços alternativos ou complementares e unidades móveis para atendimento domiciliar; capacitação dos agentes comunitários, com conteúdos voltados para o envelhecimento populacional; tratamento médico e odontológico gratuitos, medicamentos, órteses, próteses e outros recursos relativos ao tratamento, habilitação ou reabilitação aos idosos; asseguramento de prioridade de atendimento médico do idoso e disponibilização de locais exclusivos, com acomodações adequadas, entre outras coisas (BAHIA, 2004).

O atual Governo do Estado criou um serviço de orientações para proteção social da pessoa idosa. Para tanto, associou-se à Secretaria de Desenvolvimento Social e Combate à Pobreza, à Superintendente de Assistência Social e à coordenação de Proteção Social Básica. Essa articulação resultou na elaboração de um documento por uma equipe interdisciplinar, composta de sociólogo/gerontólogo, terapeuta ocupacional especializada em Direitos Humanos e um operador de microcomputador (BAHIA, 2009).

Na atualidade, a Bahia apresenta os seguintes serviços voltados à pessoa idosa: Núcleo Interinstitucional de Ação Pró-Idoso (NIAPI); Fórum Permanente em Defesa das Questões do Idoso, Conselho Estadual do Idoso, Conselho Municipal do Idoso, Delegacia do Idoso (DEATI), Defensoria Pública do Idoso e Ministério Público.

Veremos como funcionam esses Órgãos a seguir, por ordem de criação dos mesmos:

O Conselho Estadual do Idoso (CEI) foi criado em 1994, logo após a promulgação da Política Nacional do Idoso. É um órgão de direito público que tem como fim assegurar os direitos sociais da pessoa idosa. O CEI busca condições para promover a autonomia, interação e participação ativa do idoso na sociedade (idem, 2009).

O Núcleo Interinstitucional de Ação Pró-Idoso (NIAPI) foi criado no ano de 2000, ficando responsável por “pensar, discutir, planejar e executar ações para a pessoa idosa acordadas na Política Nacional do Idoso” (ASAPCAP, 2009, p. 1). Várias são as associações que fazem parte do seu corpo, tais como: Associações (Plural?) dos Servidores Aposentados e Pensionistas da Bahia (ASAPEB); Associação dos Servidores Aposentados e Pensionistas da Previdência Federal na Bahia (ASAP/CAP); Associação Baiana Pró-Idosos (ASBAPI); Clube de Mães do Vale da Muriçoca (CMVM); inúmeros Centros Sociais Urbanos (CSU), a

exemplo de: Major Cosme de Farias, Mussurunga, Narandiba, Pernambués, Valéria, Nordeste de Amaralina, Vasco da Gama, Castelo Branco, Centro de Convento de São Francisco do Conde, Centro de Referência de Assistência ao Idoso (CREASI), Fórum Permanente em Defesa das Questões do Idoso, Federação das Associações de Aposentados e Pensionistas do Estado da Bahia (FEASABPEB).

Outras instituições fazem parte do NIAPI: Legião da Boa Vontade (LBV), Serviço Social do Comércio, Serviço Social da Indústria, Secretaria do Desenvolvimento Social e Combate à Pobreza (SEDES), Secretaria Municipal do Trabalho, Assistência Social e Direitos dos Cidadãos (SETAD), Superintendência dos Desportos do Estado da Bahia (SUDESB), Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade do Estado da Bahia (UATI/UNEB), Obras Sociais Irmã Dulce e a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) (NIAPI, 2008).

O Fórum Permanente em Defesa das Questões do Idoso, criado em 2004, caracteriza-se por ser um espaço aberto de diálogo e reflexão, em defesa dos direitos da pessoa idosa, guiando-se pelo Estatuto do Idoso e tentando colocá-lo em prática. Como o NIAPI, conta também com parcerias de instituições não-governamentais e governamentais, tornando-se uma grande rede de proteção e mobilização social na defesa do idoso e da idosa. Um de seus objetivos é garantir a promoção e o fortalecimento de suas representações, de forma a garantir a inclusão social como uma conquista no reconhecimento dos seus direitos (BAHIA, 2009).

O Conselho Municipal do Idoso, criado na Bahia, em julho de 2005, pela Lei nº 6.760 tem autonomia, é deliberativo, fiscalizador, consultivo e normativo da Política Municipal do Idoso. Sua composição é paritária, buscando esforços com os diversos segmentos da sociedade civil organizada e o Estado, para estabelecer diretrizes e aplicabilidade da política estadual, em consonância com a Política Nacional e Estatuto do Idoso (*idem*, 2009).

A Delegacia de Atendimento ao Idoso (DEATI) foi criada em agosto de 2006 e funciona 24 horas. A sede é no centro da cidade do Salvador, com atendimento especializado para a pessoa idosa. Os profissionais militares foram capacitados para o atendimento diferenciado.

A Defensoria Pública Especializada no Idoso na Bahia registrou, nos últimos cinco meses, mais de oito mil queixas de violência na DEATI. O Conselho Estadual está ciente dessa situação e busca alternativas para trazer visibilidade a essa realidade. De acordo com dados da DEATI, a maioria das ameaças, agressões físicas, maus-tratos e abandono são praticados por pessoas próximas aos idosos, como filhos, netos, cônjuges e vizinhos. Ainda dados do referido Órgão, em relação aos meses de janeiro a maio de 2009, mostram que

foram registradas 251 queixas por violação do Estatuto do Idoso, 154 por ameaça, 73 por lesão corporal, entre outros crimes como furto simples, cárcere privado e estelionato. De acordo com a DEATI, em 90% dos casos de violência, é o próprio idoso que se dirige à Delegacia, para fazer a denúncia. O Ministério Público do Estado e dos municípios não poupam esforços em ratificar as leis inerentes à pessoa idosa e em fazer valer seus direitos (BAHIA, 2009).

- **Questão de investigação**

Apesar de o Estado da Bahia ter criado leis que contemplam a pessoa idosa, não se conseguem visualizar ações específicas voltadas para o envelhecimento, nos municípios de sua jurisdição, tais como: as políticas públicas para a saúde do idoso, criação dos Conselhos Municipais do Idoso, Delegacia de Atendimento à Pessoa Idosa, o tão sonhado Centro de Referência Estadual de Atenção à Saúde do Idoso (CREASI) ou os Centros de Convivência para a pessoa idosa.

No município de Jequié, mesmo com a maior população idosa do Estado da Bahia, (IBGE, 2006), não há qualquer sinalização para políticas públicas com foco no envelhecimento. A AAGRUTI, sendo uma instituição municipal e estadual reconhecida, presta atendimento à pessoa idosa jequieense, mas sem ajuda significativa dos governos municipal e estadual, o que torna a ação isolada, ínfima. O idoso jequieense acaba sendo excluído de qualquer iniciativa que venha trazer melhorias para a sua vida cotidiana. Mediante a realidade descrita, esse estudo analisa o ser idoso (ser é sempre uma palavra masculina), hoje, em Jequié-BA, em suas múltiplas dimensões da velhice, buscando-se visibilidade para essa parcela da população, na urgência da consolidação do Estatuto do Idoso e implantação das políticas públicas municipais para o envelhecimento.

Na pesquisa ora concluída, buscou-se analisar o ser idoso que envelhece nos grupos de convivência em Jequié/Bahia. Quem é esse ser hoje, na pós-modernidade com seus discursos singulares? Um idoso ou uma idosa que vê, no grupo de convivência, hoje, em Jequié/Bahia, um provável potencial para as ações de promoção de saúde? Idoso, que se expressa hoje como vivenciam as relações de gênero, geração/classe social distintamente e como essas dimensões permeiam suas vidas?

- **Objetivos**

Na perspectiva de responder às inquietações, elaboramos os seguintes objetivos:

Geral

- ✓ Analisar o “idoso” e a “idosa” nos Grupos de Convivência ligados à AAGRUTI, em Jequié/Bahia, e em um grupo de pessoas idosas não-integrantes dos Grupos de Convivência.

Específicos

- ✓ Analisar como os determinantes de gênero permeiam as vivências e os sentidos do ser idoso;
- ✓ investigar e analisar como os determinantes de classe social e geração permeiam as vivências e os sentidos do ser idoso;
- ✓ analisar o potencial de promoção de saúde dos Grupos de Convivência na experiência do processo de envelhecimento em Jequié/Bahia, considerando a relação envelhecimento, corpo/sexualidade e saúde.

Mediante o alcance dos objetivos, espera-se contribuir para suscitar reflexões por parte do poder público municipal na implantação de políticas públicas voltadas para a pessoa idosa, em todos os âmbitos: da educação, do esporte, cultura e lazer; da saúde, no atendimento da pessoa idosa, na sua integralidade, promovendo ações que visem consolidar o Plano de Madri e assegurar ou garantir o Estatuto do Idoso.

CAPÍTULO I

O BRASIL ENVELHECENDO



www.jequienoticias.com.br

Fonte: www.jequienoticias.com.br. Jequié-BA, 2010.

1.1 CONTEXTUALIZANDO O ENVELHECIMENTO BRASILEIRO

Estudar o envelhecimento continua sendo um desafio, pela heterogeneidade da velhice e do envelhecimento, nos contextos em que está acontecendo o processo, principalmente no Brasil. O aumento da longevidade constitui-se em um dos maiores êxitos da segunda metade do século XX, o que ocasionará cada vez mais um aumento das demandas sanitárias, sociais e econômicas. Nesse sentido, o envelhecimento da população, ao mesmo tempo em que representa um dos maiores triunfos da humanidade, é também um dos maiores desafios (PEREIRA et al, 2005), pois necessitamos com urgência da implementação de políticas públicas relacionadas à população idosa.

O envelhecimento populacional é incontestável no Brasil e no mundo à medida que o homem conseguiu mudar a própria expectativa de vida a partir do controle do ambiente. Entretanto, o limite biológico da vida humana não parece ter mudado e deve continuar ao redor dos 100 anos. O que mudou foi à proporção de indivíduos vivendo até próximo deste limite (RAMOS, 2002).

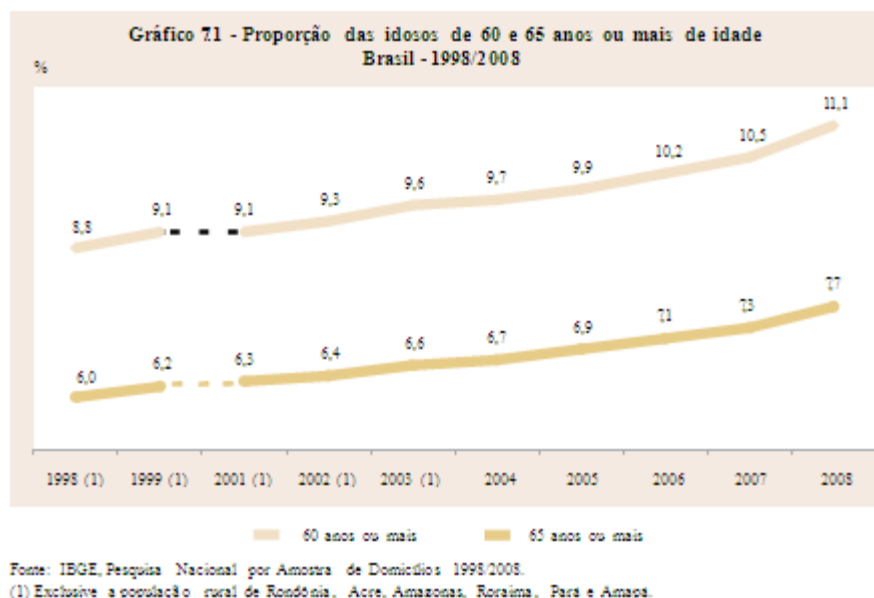
No Brasil, a literatura demonstra que o crescimento do número de pessoas idosas se deve às altas taxas de fecundidade no passado, principalmente nas décadas de quarenta e cinquenta e redução nas taxas de mortalidade. Mesmo que de forma incipiente, a assistência à saúde da população brasileira tem melhorado significativamente, não podemos desconsiderar o avanço tecnológico na medicina e a melhoria nos programas de saúde. A transformação no perfil demográfico da população, que configura o envelhecimento populacional é observada em todos os países do mundo, este fato não acontece isoladamente. Em todo o mundo, o contingente de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos tem crescido rapidamente. No final do século passado, eram estimados 590 milhões de indivíduos nessa faixa etária, sendo projetado para 2025 o montante de 1 bilhão e 200 milhões, atingindo 2 bilhões em 2050. Significa, portanto, que a população idosa cresce mais do que qualquer outra faixa etária. Nos países em desenvolvimento, como o Brasil, esse crescimento populacional vem acontecendo numa rápida progressão (FREITAS, 2004; CAMARANO, 2004; BERQUÓ 1999; VERAS, 1994).

Os indicadores sociais, segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2009), demonstram que a proporção de idosos, entre 1998 e 2008, aumentou de 8,8% para 11,1%. Ao retomar a literatura sobre o envelhecimento populacional,

observou-se que o percentual de 13% era esperado para o ano de 2020. O Estado do Rio de Janeiro conta com (14,9%) e o Rio Grande do Sul, (13,5%) e continuam sendo os Estados com maior proporção de idosos no Brasil. Em 1998, eram, junto com a Paraíba, os únicos Estados onde os idosos representavam mais de 10,0% da população. Atualmente, confirma a PNAD, todos os Estados do Sudeste e Sul, assim como a maioria do Nordeste, já alcançaram esta proporção (PNAD, 2009). Os dados são alarmantes, pois revela que o contingente de pessoas idosas acima de 60 anos soma cerca de 21 milhões de pessoas. Maior do que a população de idosos de vários países da Europa, basta citar a França, a Inglaterra e a Itália (entre 14 a 16 milhões de idosos), sendo esta uma estimativa para o ano de 2010 das Nações Unidas (PNAD, 2009).

Quanto ao crescimento relativo da população idosa por grupo de idade, foi muito expressivo no período de 1998 a 2008. O grupo de maior crescimento foi a faixa etária de 80 anos ou mais, cujo crescimento superou os demais, chegando a quase 70%. Em números absolutos, estima-se que este segmento, em 2008, alcançava cerca de três milhões de pessoas. São dados surpreendentes. Estes números mostram como o processo da longevidade está presente/visível na sociedade brasileira e já indicam a necessidade de providências urgentes para garantir uma infraestrutura de atendimento a esses idosos (PNAD, 2009).

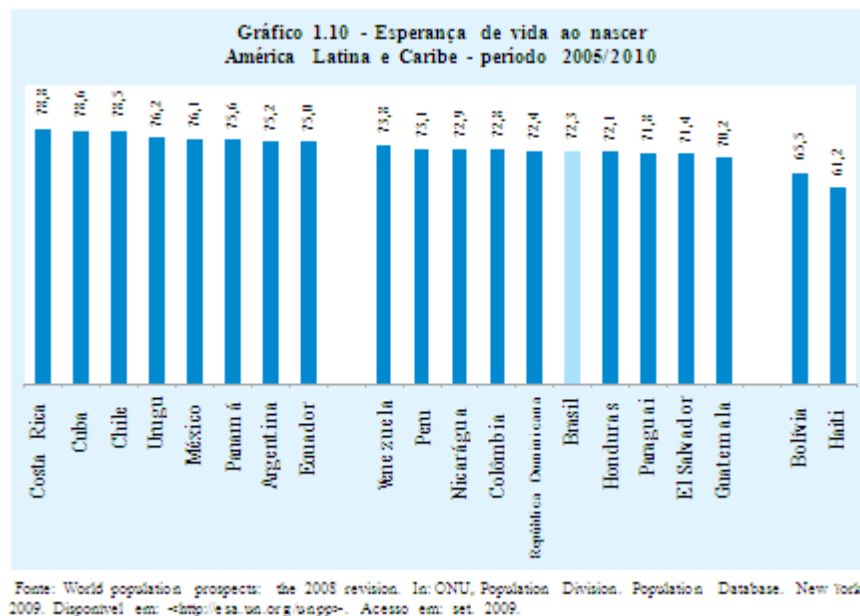
Gráfico 01: Proporção de pessoas idosas de 60 a 65 anos ou mais de idade



Apesar de o Brasil ocupar a 14^a posição no gráfico de Esperança de Vida ao Nascer da América Latina e Caribe, isto se constitui em avanço. A queda da mortalidade significativa,

nas idades adultas, a partir de 1980 atingiu a população de pessoas idosas. Como demonstra a PNAD, confirmada por Camarano (2006, p. 77), desde o censo demográfico de 2000 o “número de pessoas com mais de 100 anos aumentou, chegando a aproximadamente 24,5 mil centenários. Isto se deve, principalmente, à queda da mortalidade entre a população idosa” (CAMARANO et al, 2006). Mesmo com este aumento significativo do número de pessoas idosas, o Brasil fica em *Esperança de Vida ao Nascer* atrás de Costa Rica, Cuba, Chile, Uruguai, Argentina, México, entre outros países, no contexto da América Latina e Caribe. Como evidencia o gráfico a seguir:

Gráfico 02: Esperança de Vida ao Nascer na América Latina e Caribe



Se até pouco tempo, a velhice era considerada de responsabilidade da própria família ou das instituições públicas e privadas, por conta das aposentadorias e serviços, ou mesmo de instituições filantrópicas de Asilos, esta “responsabilidade” passa a ser uma questão pública. E, social, na qual, a sociedade se envolve na busca de estratégias de intervenção junto aos órgãos institucionais, nos mais diversos setores: nos setores da educação, saúde, associações e comunidades religiosas, entre outros.

Discorrer sobre a questão da divisão da vida em idades cronológicas é assunto da contemporaneidade, relativamente recente. Por exemplo, podemos visualizar que até a Idade Média não existia a categoria “criança” afirmada por vários autores. As categorias de idade são construções sociais a partir da Revolução Industrial, implantação do sistema capitalista

para consolidar lucros e poder, privilegiando um mercado de consumidor específico cada vez maior, criança, juventude, idade adulta e velhice (DEBERT, 1999).

No âmbito nacional o Estado da Bahia conta com o maior número de pessoas idosas com mais de 100 anos.

Gráfico 03: Pessoas com 100 anos ou mais de idade no Brasil

PESSOAS COM 100 ANOS OU MAIS DE IDADE, BRASIL E UNIDADES DA FEDERAÇÃO

BRASIL E UNIDADES DA FEDERAÇÃO	TOTAL	HOMENS	MULHERES
Brasil	11.422	3.472	7.950
Rondônia	54	27	27
Acre	36	15	21
Amazonas	199	53	146
Roraima	15	8	7
Pará	361	110	351
Amapá	60	19	41
Tocantins	100	39	61
Maranhão	767	238	529
Piauí	329	99	230
Ceará	567	202	365
Rio Grande do Norte	548	135	413
Paraíba	538	141	397
Pernambuco	718	201	517
Alagoas	359	100	259
Sergipe	313	101	212
Bahia	1877	572	1305
Minas Gerais	1420	412	1008
Espirito Santo	212	54	158
Rio de Janeiro	325	86	239
São Paulo	746	252	494
Paraná	424	149	275
Santa Catarina	203	66	137
Rio Grande do Sul	527	126	401
Mato Grosso do Sul	183	66	117
Mato Grosso	177	66	111
Goiás	364	135	229

fonte: Contagem da População 2007

O gráfico aponta o Estado da Bahia com o maior número de pessoas centenárias. Ao observar o número de mulheres com cem anos ou mais, verifica-se que o percentual é dobro do que o número de homens. No Estado da Bahia há 1.877 pessoas que nasceram entre o final do século XIX e início do século XX. Logo após vem o Estado de Minas Gerais com 1.420 pessoas. O Rio de Janeiro tem 325 pessoas com cem anos ou mais e o menor percentual é Roraima com apenas 15 pessoas com um século de vida ou mais (O GLOBO, 2007). Encontramos também outra fonte confirmando esta informação: a Bahia é o Estado com mais habitantes acima dos 100 anos (1.877). Desse total, 1.305 são mulheres e 572 são homens (FOLHA DE SÃO PAULO, 2007).

Hoje na sociedade brasileira, independentemente da classe social, o grupo de idosos é visto como o que apresenta maior disponibilidade para o consumo. Na cesta de consumo oferecida a esse grupo, a autopreservação do corpo ganha uma enorme importância. De acordo com Debert (1999), os indivíduos são incentivados a exercer uma vigilância constante do corpo e são também responsabilizados pela própria saúde, através de doenças autoinfligidas, resultados de abusos corporais como a bebida, o fumo, a falta de exercício físico, etc. Essa visão é “incentivada pelas políticas de saúde como forma de reduzir os seus custos” (CAMARANO, 2004, p. 8).

Dá a preocupação pela busca para compreensão da diversidade no âmbito dos grupos nas sociedades, pois até pouco tempo tinha-se a visão de que por pertencer à mesma classe social a categoria seria homogênea, sem considerar os conflitos interiores e as singularidades que cada pessoa traz consigo ao constituir-se sujeito social, desprezando assim as possíveis diferenças, as diversidades. Debert instiga quanto ao debate sobre a questão de gênero no processo de envelhecimento como uma das mais polêmicas, pela compreensão de que tanto o gênero feminino quanto o masculino age e tem experiências de vida distintas, uma uniformidade em todas as pesquisas levantadas até o momento.

Por *gênero*, refiro-me aqui à categoria analítica que pretende dar conta das mais variadas elaborações culturais que diferentes sociedades, em diferentes épocas, constroem em torno das diferenças percebidas entre machos e fêmeas e delas se apropriam na prática social. [...] não me apoio na concepção dualista do conceito na qual se opõe biologia e cultura, isto é, na noção que distingue, de um lado, “sexo”, identificado com o corpo e tomado como algo “natural”, “universal” e, portanto, histórico e, de outro, “gênero”, visto apenas como algo do psicológico e cultural, relativo à subjetividade (SARDENBERG, 2002, p. 54).

Se na questão de gênero há um consenso entre os pesquisadores da área, o mesmo não ocorre quando se fala sobre idades. A idade é uma dimensão importante na experiência e na organização de toda e qualquer sociedade. Embora se encontre alguns trabalhos elaborados tendo como tema determinados grupos etários, observa-se que não evidenciam ou não determinam questões relativas às diferenças de idade no próprio grupo analisado como, por exemplo: o trabalho operário em determinada fábrica, muitas vezes não há uma definição específica se os trabalhadores têm a idade de 18 ou 52 anos e assim sucessivamente.

Que as diferenças de idade existem, não temos dúvidas, principalmente quando percebemos quão nossa sociedade expressa determinadas posturas ou funções desenvolvidas pelo ser humano necessite de algum conhecimento ou habilidade pertinente aos preenchimentos dos diversos papéis sociais que só com o tempo se adquire.

Outra reflexão importante diz respeito aos critérios de normas da idade nas sociedades ocidentais que são impostas aos indivíduos, não por questões culturais, mas sim por exigência das leis que determinam os deveres e direitos do cidadão. Instituído formalmente através da Constituição Federal ou complexo de leis que regem cada país. A idade cronológica não está ligada aos estágios de maturidade, demonstra flexibilidade e oportuniza a criação de novas etapas e redefinindo direitos e obrigações.

Esta estrutura temporal da vida cotidiana é coercitiva. O tempo da idade impõe normas e regras a serem seguidas no decorrer de nossas vidas. “Comecei a estudar com certa idade, a trabalhar com outra e assim sucessivamente, nesta estrutura temporal é que a vida cotidiana conserva para mim seu sinal de realidade” (BERGER, 1990). A estrutura temporal da consciência proporciona a historicidade que define a situação de uma pessoa em sua vida cotidiana como um todo e lhe permite atribuir, muitas vezes a *posteriori*, um significado e uma direção à sua trajetória de vida.

A última consideração a ser expressa se baseia em que o sistema de datação, do qual o reconhecimento das idades cronológicas depende, é irrelevante se não for crucial para o estabelecimento de direitos e deveres políticos do cidadão.

O quadro político-jurídico ganha precedência sobre as relações familiares e de parentesco para determinar a cidadania. A idade geracional é relevante para estruturar a família e o parentesco: um pai é um pai, um irmão é um irmão, independente de sua idade cronológica ou estágio de maturidade (DEBERT, 1999, p. 48).

No seio familiar estão as gerações, mas as idades são institucionalizadas política e juridicamente, neste caso o Estado ordena através de suas leis esta proposta político-jurídico e passa a absorver a cada dia as funções que antes era da família. Diante de tal discussão podemos observar que agrupar pessoas em função de sua geração é totalmente distinto de agrupar pessoas em função de seu estágio de maturidade e de sua idade cronológica.

Então, podemos afirmar que a sociedade contemporânea está sob o domínio da instituição Estado, pois é quem define as estruturas tanto do espaço doméstico familiar, como as formas de meios de produção para organização do trabalho.

A institucionalização do curso de vida envolveu [...] as dimensões do mundo familiar e do trabalho, está presente na organização do sistema produtivo, nas instituições educativas, no mercado de consumo e nas políticas públicas, que cada vez mais, têm como alvo grupos etários específicos (DEBERT, 1999, p. 51).

A padronização das fases do curso da vida como infância, juventude, idade adulta e velhice podem ou devem ser pensadas como uma resposta ao mundo da economia, consumo, mercado de trabalho, na qual o Estado, como instituição, absorve e regula o complexo sistema das etapas da vida, desde o nascimento do indivíduo até a morte. Neste ínterim passa-se desde o processo da educação infantil, juventude, com o conhecimento das normas reguladoras da sociedade, hoje com o conceito de “Escola Promotora de Saúde defendida pela Organização Panamericana de Saúde (OPAS)” (LEFEVRE, 2004, p. 120).

Reconhece-se o Estado como um organismo político-administrativo situado em território determinado, sendo dirigido por governo próprio e se constitui pessoa jurídica de direito público, internacionalmente reconhecida (AURÉLIO, 2006) está de direito e de fato no poder, é provedor de uma escola na qual atua em três grandes áreas: ambiente saudável, oferta de serviços de saúde e educação em saúde.

Por ora, não se pode visualizar esta afirmação como um sonho, pois, nos novos Parâmetros Curriculares Nacionais o governo federal definiu a necessidade da introdução de temas transversais para a escola pública tais como: ética; pluralidade cultural; trabalho e consumo; orientação sexual; meio ambiente; saúde. Basta agora qualificar os profissionais da educação, para planejarem suas ações, pois a escola deverá ser o grande laboratório para jovens e crianças na teoria e na prática vivenciarem estas questões (LEFEVRE, 2004). A responsabilidade do Estado perpassa desde o ingresso à escola cidadã, conseqüentemente a entrada no mercado de trabalho e aposentadoria como direito adquirido em lei.

A partir do primeiro grupo de convivência (a família), o ser humano começa a planejar sua trajetória de vida, não só de forma individual, como também com perspectivas coletivas desde a entrada na rede escolar, vizinhança, laços de amizade, trabalho e constituição familiar ampliada ou não.

Ao abordar sobre gerações observamos que as gerações não são tão rigorosas quanto à questão cronológica da idade, impõem singularidades com comportamentos, peculiaridades e costumes comuns ao grupo, sem, no entanto, ter uma imposição demarcada pela idade. Volta-se mais para um compartilhamento de relações sociais, uma experiência conjunta de normas, vivências, ideias comuns. Nas gerações as relações se dão normalmente de maneira extrafamiliar, podendo desenvolver a produção de uma memória coletiva e a construção de uma tradição.

Nas sociedades pré-modernas as tradições eram passadas de geração para geração, Giddens (1992) ao conviver com familiares em trabalho de pesquisa pode verificar que esta tradição era redescoberta e revivida, as permanências eram mantidas, não havia uma

aculturação. Nas sociedades modernas, as práticas das gerações serão reproduzidas após um processo de reflexão para justificá-las, o grupo não as aceita simplesmente, mas transcorre por um processo discursivo reflexivo para incorporá-las à vida cotidiana, ao modo de pensar.

“O curso da vida transforma-se em um espaço de experiências abertas e não de passagens ritualizadas de uma etapa para outra” (DEBERT, 1999, p. 53). Os ritos de passagens ou de transição podem ser entendidos como uma crise de identidade, então o “o curso da vida é construído em termos da necessidade antecipada de conformar e resolver essas fases de crise (idem)”. Para sair da infância e adentrar a juventude com seus conflitos e indagações, a fase adulta e a conseqüentemente velhice estas fases deveriam ser encaradas como processos naturais, com seus problemas inerentes a própria existência.

Nos tempos atuais, as gerações vivem segmentadas em espaços exclusivos. A exceção se dá na família. Sem dúvida, é no contexto familiar que ocorrem mais frequentemente os encontros entre gerações, ao menos por proximidade física, já que em muitas prevalece o distanciamento afetivo (FERRIGNO, 2005, p. 485).

O fator geração é um dos determinantes do comportamento social, assim como classe, gênero, etnia. Além da sua dimensão biológica, cada geração é historicamente constituída. A construção social das gerações se concretiza por meio do estabelecimento de valores morais e expectativas de conduta para cada uma delas, em diferentes etapas da história (idem).

Ainda o autor argumenta que, se partimos da premissa de que historicamente as gerações são continuamente construídas, desconstruídas e reconstruídas, veremos que a relação entre elas também está sendo sempre refeita. Novas relações, por sua vez, determinam novos comportamentos das gerações, num movimento dialético e de retroalimentação permanente.

Estou entendendo como geração um grupo de pessoas que, tendo nascido num mesmo período, pertencentes, pois, a mesma faixa etária, viveram os mesmos acontecimentos, as mesmas transformações históricas. [...] obviamente, não estou considerando que todas as pessoas que nasceram neste período delimitado viveram da mesma maneira os acontecimentos históricos. [...] o lugar onde moravam, a classe a que pertenciam, o gênero, a raça/etnia definiram percursos diferentes e, enfim, as múltiplas formas de viver (PEDRO, 2005, p. 28).

Outro aspecto do qual não poderia deixar de expor é sobre a feminização da velhice. Envelhecem mais mulheres do que homens. São 94,8 homens para cada 100 mulheres, este percentual, se deve principalmente, à sobremortalidade masculina. A vida média ao nascer das mulheres é de 76,8 anos e dos homens 69,3 anos. Uma das implicações da feminização da

velhice diz respeito ao fato de as mulheres estarem menos sujeitas a deficiências físicas e mentais do que os homens (CAMARANO, 2002).

1.2 CONCEITO DE IDOSO

Ao iniciar falando sobre o conceito de idoso é interessante ressaltar que até meados do século XIX a pessoa idosa era respeitada como detentora de sabedoria, experiência, sempre repassada para membros da família, pois o convívio com os filhos era uma constante, isto levando em consideração a construção social da velhice e a conjuntura histórica em que viviam. Como podemos verificar no quadro a seguir, mesmo que venha de outra cultura.

Quadro 01: Estudo comparativo das Sociedades Antigas e a Sociedade Atual

Sociedades Antigas – “Camponesas” (Cultura da Oralidade)	Sociedades Actuais – “Ocidentais” (Cultura da Produtividade)
Processo de herança: transmissão do saber oralmente de geração em geração (oral)	Processo de transmissão do saber pela escolarização (escrita)
Valorização do idoso pelo seu poder de sabedoria acumulada ao longo de vida	Valorização da juventude pela sua força física, acção e símbolo de produtividade
Respeito, responsabilidade, posição importante	Improdutividade, dependência, velhice vista como doença social
Autoridade dos idosos, por quem o filho varão cuidava até a morte, herdava o patrimônio familiar	O patrimônio familiar é dividido, pelos filhos sob a forma de partilhas
Responsabilidade individual de cada família em cuidar do seu idoso: função econômica, educativa e de segurança social	Responsabilidade pública do Estado, pela atribuição de reformas (<i>aposentadorias</i>), institucionalização: função econômica, educativa e de segurança social
Valorização dos laços de parentesco	Perdas de laços familiares com a institucionalização
Gestão da velhice implica negociações pessoa a pessoa, entre família ou meios locais	Gestão da velhice através da mediação anônima que age entre gerações, num sistema de instituições e agentes especializados em tratar do envelhecimento

Fonte: Correia, 2007.

O estudo comparativo nos traz a realidade do idoso em Portugal. Nessa nova visão há o acompanhamento da criação (mediante a constatação de que cada vez mais a sociedade tem maior número de pessoas idosas) de asilos, albergues para inválidos e mais recentemente os

Lares e Centro Dia. Apesar de o quadro vir de outra realidade, pode-se verificar que, mesmo em países em desenvolvimento, muitos ainda pensam em envelhecimento como doença social, como problema, como é relatado neste país europeu.

Ao se referir à palavra *idade* pensa-se habitualmente no tempo que se vive desde que nascemos até a morte, isto é a idade cronológica (FONSECA, 2006). A idade cronológica constitui-se num marcador social relevante para as sociedades modernas, mas o momento em que começa a velhice ainda está mal definido e revela-se um fenômeno complexo.

Castro (2004) ressalta que embora a demarcação de uma descrição comparativa e internacional do envelhecimento seja necessária, é apenas uma convenção, pois não se pode localizar o início da velhice numa determinada idade. Concordamos que os idosos não são iguais em todas as épocas, não envelhecem no mesmo ritmo e, portanto, há diferenças significativas no processo de envelhecimento.

Ao referir-se a idade cronológica, Alves (2004) afirma que esta idade estabelece o acesso individual a direitos e deveres político-jurídicos. O indivíduo e sua ordem de nascimento são as unidades básicas de referência para a relação entre o Estado moderno e os sujeitos sociais. O marcador cronológico se complementa e, várias vezes entram em conflito com outros marcadores como, por exemplo, sexo, classe social.

Nesta mesma linha de pensamento, se destaca que a passagem do tempo é marcada por rituais e eventos (casamento e reprodução, entrada no mercado de trabalho ou no mundo escolar) que, independentemente de um marcador cronológico fixo, dão ao sujeito a dimensão do fluxo do tempo. Assim, não existe uma idade para se ficar velho: o sujeito se apreende como velho a partir do processo de socialização. Da mesma maneira não existe um ser mulher, assim como não há um ser homem, ou um ser idoso, mas o sujeito se vê nessas posições a partir de experiências compartilhadas com outros.

Contudo, é preciso perceber o mais importante que o tempo traz em si mesmo, é compreender como o comportamento humano é afetado por estas experiências ocorridas com a passagem deste tempo. Pois, o envelhecimento é um processo dinâmico e um fenômeno existente em todas as sociedades independentemente da nossa vontade. Um fenômeno natural da vida, pois todos serão velhos em um futuro próximo.

Assim, o processo de envelhecer e as atitudes inerentes a ele como já referimos anteriormente é um processo individual e social. Associa-se à cultura em que se está inserido, aos sistemas de valores, as normas da sociedade, a religião que professa, ao estilo de vida, a ideologia que defende e ao projeto de vida que têm.

Diante deste contexto, faz sentido falar na existência de várias idades, que de acordo com Fontaine (2000) podemos considerar diferentes “categorias” de idade tais como: idade biológica a qual se relaciona ao envelhecimento dos órgãos do corpo, “cada órgão sofre modificações que diminuem seu funcionamento durante toda a vida (2000, p. 23); idade social está voltada para os múltiplos papéis assumidos durante o percurso de vida mediante a sociedade da qual se faz parte. “A idade social está, assim, associada ao papel e ao estatuto que a nossa comunidade nos atribui” e a idade psicológica que é assentada nas capacidades e competências comportamentais que o indivíduo possui para adaptar-se ao meio, especificamente as competências mnêmicas, as capacidades intelectuais, a inteligência, as motivações (ibid., p. 25).

Estas “categorias” de idade representam que as pessoas independentemente da idade cronológica, apresentam outras idades. Fonseca (2006) ilustra esta discussão com um exemplo simples, que se relaciona ao fato de um estudante de 60 anos revelar-se mais capaz de se adaptar às exigências do processo de aprendizagem, do que um colega de carteira de apenas 20 anos. Isto significa que o estudante de 60 anos pode ser em termos de idade, neste caso a idade psicológica, mais jovem do que o colega de 20 anos.

Mazo et al (2001), porém, relatam que o termo terceira idade “representa a velhice como uma nova etapa de vida, expressa pela prática de novas atividades sociais e culturais”. Portanto, a representação de estar na terceira idade vincula-se a uma nova imagem de envelhecimento, na qual os indivíduos com idade avançada constroem novos significados, que podem favorecer a uma participação social, autovalorização, convívio com suas perdas e transformações.

Fonseca (2006) afirma que estão presentes na nossa sociedade mitos e estereótipos sobre as capacidades dos idosos, traduzidos globalmente na ideia de que as pessoas idosas, mesmo não estando doentes, são incapazes de se desenvolverem. Segundo ele, outro conceito muito generalizado é a de que a velhice corresponderia a uma espécie de “segunda infância”, com tudo que isso traduz em termos de infantilização, dependência e diminuição da responsabilidade individual do idoso, conduzindo a uma inevitável redução do seu estatuto social.

Os mitos em relação ao envelhecimento conduziram à formação de estereótipos negativos das pessoas idosas, que resultam numa forma de preconceito das pessoas baseadas simplesmente na idade que apresentam. Esta atitude influencia o modo como olhamos as pessoas idosas e como nos comportamos face a elas. E uma das consequências mais graves associada a esse preconceito consiste no fato de suscitar uma atitude negativa que afeta o

comportamento dos mais novos em relação aos mais velhos e o reflexo desta manifestação é observada no próprio olhar dos idosos sobre si mesmo, que pode acabar por se sentir incapaz e incompetente conforme as expectativas generalizadas.

Nesta mesma linha analítica, Fonseca (2006) anuncia que “talvez, o estereótipo mais enraizado acerca da velhice é que esta se traduz sobre comportamentos conservadores, inflexíveis e resistentes às mudanças”. No entanto, acreditamos que a velhice é um período da vida humana repleto de capacidades, que deverão ser almejadas por todos. Na verdade, a incapacidade para aprender é mais um dos estereótipos comuns atribuídos a velhice, assim como a ausência de desejo e incapacidade de atividade sexual e a dependência generalizada.

Neste sentido, torna-se pertinente abordarmos este tipo de discriminação presente na nossa sociedade. Os idosos confrontam-se com o “Ageism ou Idadismo” que Robert Butler¹ (1987, p. 22) define como “[...] processo sistemático de elaboração de estereótipos e de discriminações contra as pessoas porque elas são idosas, tanto quanto o racismo e o sexismo o fazem com a cor da pele ou sexo”. Para Neto (1999, p. 298), Ageism é simplesmente o preconceito e a discriminação contra os idosos assentes em crenças negativas sobre o envelhecimento.

No entanto, não podemos negar que a partir do momento que o homem deixa de produzir, é afastado da sociedade, excluído e considerado sem produção no mercado de trabalho. O aumento da esperança de vida e a redução dos estados mórbidos associados à idade elevam o número de indivíduos *inativos*: os idosos são assim muitas vezes *culpabilizados* pelo que é descrito como um *desastre econômico* e social. Vários debates mostram uma tendência a considerar esta população como um fardo (para a população economicamente produtiva, para os sistemas de previdência social (FARINATTI, 2008).

Há uma grande e diversificada discussão do que venha a ser um “idoso”. Para Camarano (2004) o mais comum baseia-se nos limites etários, concordando com a Política Nacional do Idoso (Lei 8.842 de 4/01/1994) e do Estatuto do Idoso (Lei 10.741 de 1/10/2003). Já a Organização Mundial de Saúde (OMS) determina que idosos são pessoas acima de 60 anos nos países subdesenvolvidos e 65 anos nos países desenvolvidos.

A OMS prega que o envelhecimento está diretamente ligado ao declínio das capacidades físicas relacionados a novas fragilidades psicológicas e comportamentais. Então estar saudável deixa de estar relacionado com a idade cronológica passa a ser entendida

¹ Primeiro Diretor do National Institute of Aging (Instituto Nacional do Envelhecimento), dos Estados Unidos, propôs a mais antiga e conhecida das definições para o que se convencionou chamar de *ageism*

“como a capacidade do organismo de responder às necessidades da vida cotidiana, a capacidade e a motivação física e psicológica para continuar na busca de objetivos e de novas conquistas pessoais e familiares” (CAMARANO, 2004, p. 4).

E como ficaria então o processo de classificação etária? Duas são as inquietações: 1. Critério de classificação utilizado para distinguir idosos de não-idosos; 2. O conteúdo da classificação de um indivíduo idoso.

O critério de classificação é uma regra que permite agrupar indivíduos a partir de uma ou mais características comuns a todos eles. Para o estabelecimento da regra, cabe definir o conteúdo do grupo populacional criado em termos de outras dimensões. [...] em outras palavras o grupo social “idoso” mesmo quando definido apenas etariamente, não suscita somente referências a um conjunto de pessoas com muita idade, mas a pessoas com determinadas características sociais e biológicas (idem, 2004).

Ainda registra que o limite etário seria o momento a partir do qual os indivíduos poderiam ser considerados “velhos” isto é, começariam a apresentar sinais de senilidade e incapacidade física ou mental. Porém, acredita-se que “idoso” identifica não somente indivíduos em um determinado ponto do ciclo de vida orgânico, mas também em determinado ponto do curso de vida social, pois a classificação de “idoso” situa os indivíduos em diversas esferas da vida social, tais como o trabalho, a família.

Costa (2002, p. 131) argumenta que a Política Nacional de Assistência Social faz referência direta à Política Nacional do Idoso, interpretando assim alguns de seus princípios: acredita que o idoso é um sujeito de direitos de cidadania e é responsabilidade da família, da sociedade e do Estado assegurá-los em toda a sua abrangência como já foi ratificada pela Política Nacional do Idoso; o idoso é um ser total e deverá ser atendido na sua integralidade; que deveria desenvolver estratégias para incentivar a sociabilidade do idoso em todas as suas dimensões, sem sofrer qualquer tipo de discriminação por fim que o idoso é um sujeito único, necessário se faz reconhecer as múltiplas dimensões do envelhecimento e da velhice.

O conceito de idoso envolve mais do que simples determinação de idade-limite biológica e apresenta, pelo menos, três limitações. Uma diz respeito à heterogeneidade entre indivíduos no espaço, entre grupos sociais, raça/cor, e no tempo; a segunda diz respeito à suposição de que características biológicas existem de forma independente de características culturais; e a terceira à finalidade social do conceito de idoso.

Logo, idoso diz respeito não a um indivíduo isolado, mas um sujeito que vive na coletividade, pertence à sociedade como um todo. Assumir que a idade cronológica é o

critério universal de classificação para a categoria idoso é correr o risco de afirmar que indivíduos de diferentes lugares e diferentes épocas são homogêneos.

Geertz (1989) alega que não faz sentido distinguir entre aspectos estritamente biológicos e culturais em estudos antropológicos, uma vez que na espécie humana ambos são profundamente inter-relacionados. Fazendo uma analogia com outros animais, as referências ao envelhecimento dentro de processos de seleção “natural” remetem a uma natureza existente fora da cultura que não possuem relevância para os humanos. Se não existe “natureza” independente de “cultura” e vice-versa, é de se esperar não só que os resultados do processo biológico de senilidade sejam potencialmente diferentes entre culturas, mas que o próprio envelhecimento seja também fruto de condições sociais que determinam a trajetória do indivíduo ao longo do ciclo da vida.

Do ponto de vista instrumental o conceito de idoso também tem finalidades de caráter social. Na classificação de um indivíduo como idoso, por formuladores de políticas, predomina tanto objetivos relacionados com a sua condição em um determinado ponto no curso de vida orgânica quanto em um ponto do ciclo de vida social.

Dentro do argumento de Geertz, não há como pensar esses ciclos separadamente. Classificam-se idosos, por exemplo, com objetivos de estimar demandas por serviços de saúde, por benefícios previdenciários e, também, como uma maneira de distinguir a situação dos indivíduos no mercado de trabalho, na família e/ ou em outras esferas da vida social.

A sociedade cria expectativas em relação aos papéis sociais referentes ao *status* de idoso e exerce diversas formas de coerção para que esses papéis se cumpram independentemente de características particulares de cada indivíduo. O *status* de idoso pode ser atribuído a pessoas com determinada idade, mesmo que não apresentem características de dependência ou senilidade associadas à velhice e, mais importante, que recusem esse *status*. Um exemplo claro dessa coerção é a aposentadoria compulsória presente nos regimes de aposentadorias de vários países do mundo, inclusive, em países desenvolvidos.

Para a formulação de políticas públicas, a demarcação de grupos populacionais é extremamente importante. Através dela é possível identificar beneficiários para focalizar recursos e conceder direitos, o que requer algum grau de pragmatismo nos conceitos utilizados. Como toda classificação, a de “idoso” simplifica a heterogeneidade desse segmento e, por isso, está sujeita a incluir indivíduos que não necessitem de tais políticas ou a de excluir os que dela necessitem.

A grande vantagem do critério etário de definição de idoso para as políticas públicas reside na facilidade de sua verificação. Como já se mencionou, consideram-se como idosos os

indivíduos com 60 anos e mais. Dadas às heterogeneidades mencionadas, buscou-se sempre que possível, ajustar o critério etário à diversidade existente entre os indivíduos. Desagregando o segmento idoso em determinadas características como sexo, subgrupos etários, estado conjugal, rendimentos, formas de inserção na família e no mercado de trabalho, condição previdenciária e nível educacional. Essa heterogeneidade é decorrente, de um lado, das diferenciações na dinâmica demográfica e, de outro, das variadas condições socioeconômicas às quais o idoso de hoje foi exposto na sua trajetória de vida bem como das suas características básicas.

CAPÍTULO II

REFERENCIAL TEÓRICO



www.jequienoticias.com.br

Fonte: www.jequienoticias.com.br. Jequié, 2010

Ao trabalhar envelhecimento, não se pode deixar de levar em consideração três dimensões implicadas no processo de envelhecimento: gênero, geração, classe social. Buscou-se, então, aproximar-se destas dimensões relacionadas ao problema, tomando-as como categorias analíticas para este estudo, e acrescentando a promoção da saúde para examinar o potencial dos grupos de convivência, nesse sentido, o que se desenvolve a seguir:

2.1 CLASSE SOCIAL

O conceito de classe social utilizado ao longo dos tempos é o de Karl Marx, o qual existia historicamente determinado pelas relações de produção. Então, de um lado estavam os detentores do capital econômico, dos meios de produção representado pela burguesia, e do outro lado, os proletariados, a força de trabalho. Então, a classe ocorre como fenômeno histórico, além de se caracterizar como oposição de um conjunto de pessoas a outro com objetivos diferenciados. Já a consciência de classe “é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais” (THOMPSON, 1987, p. 10).

[...] é uma formação social e cultural (frequentemente adquirindo expressão institucional) que não pode ser definida abstrata ou isoladamente, mas apenas em termos de relação com outras classes; e, em última análise, a definição só pode ser feita através do tempo, isto é, ação e reação, mudança e conflito. Quando falamos de uma classe, estamos pensando em um corpo de pessoas, definido sem grande precisão, compartilhando as mesmas categorias de interesses, experiências sociais, tradição e sistema de valores, que tem disposição para se comportar como classe, para definir, a si próprio em suas ações e em sua consciência em relação a outros grupos de pessoas, em termos classistas. Mas classe, mesmo, não é coisa, é um acontecimento (THOMPSON, 1987, p. 10).

Segundo Thompson, os homens definem sua classe enquanto vivem sua história, e esta é, portanto, uma formação tanto cultural como econômica, com seus conflitos, divergências, através da história vivida por cada indivíduo. Mediante esta construção processual do que seria melhor para cada sujeito social envolvido surgem processos e transformações históricas e espaciais distintas. Tais como a busca por melhoria de condições de trabalho, seus direitos, deveres, estratégias de negociação trabalhista, formando assim uma consciência entre os próprios trabalhadores (idem, 1987).

Na modernidade, Bourdieu (2007) pode recortar classes no sentido lógico do termo, quer dizer:

[...] conjuntos de agentes que ocupam posições semelhantes e que, colocados em condições semelhantes e sujeitos a condicionamentos semelhantes, têm, com toda a probabilidade, atitudes e interesses semelhantes, logo, práticas e tomadas de decisões semelhantes.

Para Bourdieu os sujeitos sociais ou agentes como ele os denominam partilham das mesmas posições na sociedade. Têm as mesmas vivências com normas, sentimentos, valores análogos, apresentam a capacidade de desenvolver atitudes e tomadas de decisões similares, podendo constituir uma classe, pois acabam por construir seu “mundo social mediante estruturas cognitivas constituídas historicamente das quais, segundo Bourdieu, pode-se traçar a gênese social” (AZEVEDO, 2007, p. 2).

Ainda Bourdieu (2007, p. 152-153) busca levantar as “insuficiências da teoria marxista das classes e, sobretudo, a sua incapacidade de explicar o conjunto das diferenças objetivamente provadas”, que resultam em reduzir o mundo social unicamente ao campo econômico, desprezando o mundo cultural, étnico.

A economia para Marx se vê sujeitada a definir a posição social em referência unicamente à posição nas relações de produção econômica, ignorando com isso as posições ocupadas nos diferentes campos e subcampos — sobretudo, nas relações de produção cultural, étnica — da mesma forma que todas as oposições que estruturam o campo social e que são irredutíveis oposição entre proprietários e não-proprietários dos meios de produção econômica.

O mundo social torna-se unidimensional, existindo simplesmente dois pólos que se convergem. Bourdieu (2007, p. 153) aposta que o

Mundo social é um espaço multidimensional, conjunto aberto de campos relativamente autônomos, quer dizer, subordinados quanto ao seu funcionamento e às suas transformações, quando os ocupantes das posições dominantes e os ocupantes de posições dominadas estão ininterruptamente envolvidos em lutas de diferentes formas (sem por isso, se constituírem necessariamente antagonistas).

A sociedade é tida como campo social, um campo de luta mais ou menos declarada pela definição dos princípios de divisão de campo. O mundo social é, em grande parte, aquilo que os agentes fazem, em cada momento, contudo, eles não têm probabilidades de desfazê-lo e de refazê-lo a não ser na base de um conhecimento realista daquilo que ele é, e daquilo de que nele são capazes em função da posição nele ocupada.

Bourdieu compreende que os atores sociais estão inseridos espacialmente em determinados campos sociais, na posse de grandezas de certos capitais (cultural, social,

econômico, político, artístico, esportivo, etc.) levando em consideração que ascender no capital cultural é tão importante quanto no capital econômico.

A posição de um determinado agente no espaço social pode assim ser definida pela posição que ele ocupa nos diferentes campos, quer dizer, na distribuição dos poderes que actuam em cada um deles, seja, sobretudo, o capital econômico — nas suas diferentes espécies —, o capital cultural e o capital social e o capital simbólico, geralmente chamado prestígio, reputação, fama, etc. que é forma percebida e reconhecida como legítima das diferentes espécies de capital (BOURDIEU, 2007, p. 134-135).

E quanto ao *habitus*, cada ator social condiciona seu posicionamento espacial e, na luta social, identifica-se com sua classe social. Bourdieu afirma que para o ator social tentar ocupar um espaço é necessário que ele conheça as regras do jogo, as estruturas na qual está inserido dentro do campo social e que esteja disposto a lutar (jogar).

Quanto ao conceito de *habitus* é uma forma de disposição à determinada prática de grupo ou classe, ou seja, é a interiorização de estruturas objetivas das suas condições de classe ou de grupo sociais que gera estratégias, respostas ou proposições objetivas ou subjetivas para a resolução de problemas postos de reprodução social, ou, como afirma Thiry-Cherques (2006, p. 33): aproxima-se da noção de Heidegger do “modo-de-ser no mundo”, mas tem características próprias:

Para Bourdieu, o *habitus* é um sistema de disposições, modos de perceber, de sentir, de fazer, de pensar, que nos levam a agir de determinada forma em uma circunstância dada. As disposições não são nem mecânicas, nem determinísticas. São plásticas, flexíveis. Podem ser fortes ou fracas. Refletem o exercício da faculdade de ser condicionável, como capacidade natural de adquirir capacidades não-naturais, arbitrárias.

São adquiridas pela interiorização das estruturas sociais. Portadoras da história individual e coletiva, são de tal forma internalizadas que chegamos a ignorar que existem. São as rotinas corporais e mentais inconscientes, que nos permitem agir sem pensar. O produto de uma aprendizagem, de um processo do qual já não temos mais consciência e que se expressa por uma atitude “natural” de nos conduzirmos em um determinado meio (BOURDIEU, 2001).

Então é neste campo de lutas, nos grupos de convivência, que agentes atuam e interagem com as pessoas idosas que também são agentes de mudanças, de transformação constante, pois o mundo social pode ser “dito e construído de diferentes modos”: ele pode ser praticamente percebido, dito, construído, segundo diferentes princípios de visão e de divisão — por exemplo, as divisões étnicas, e estar sempre em reconstrução, segundo Bourdieu.

2.2 GERAÇÃO

Quando se fala em geração, muitos são os conceitos em torno deste termo, desde o sentido literal da palavra: ação de gerar, de conceber um ser vivo, ou ainda processo de produção ou desenvolvimento de alguma coisa até definições como Forquim (2003, p. 3-4) elabora e nos apresenta a seguir:

- ✓ No primeiro momento, surge como um conceito genealógico, geração toma sentido de filiação: primeira geração, segunda geração, o indivíduo é a origem. É um fator de estruturação social para algumas sociedades. Na França o termo geração é utilizado frequentemente no sentido de classe ou categoria de idade característica: geração jovem; antiga geração; independente das posições que podem ter em termos de filiação.
- ✓ Geração pode designar um conjunto de pessoas que nasceram mais ou menos na mesma época e que têm em comum uma experiência histórica idêntica e/ou uma proximidade cultural. O termo “coorte” evoca indivíduos nascidos no mesmo ano, ou que tenham vivenciado acontecimento semelhante, tal como formando de determinada turma (idades diferentes muitas vezes). Também se pode reportar a indivíduos que sofreram influência educativa, política ou cultural que vivenciaram acontecimentos semelhantes e desenvolveram uma base de uma experiência comum ou semelhante: consciência de geração.
- ✓ O terceiro fator se volta para a aceleração da temporalidade histórica que perturba o ciclo das reproduções das gerações e que introduz de maneira sensível no cerne dos percursos de vida individuais a existência da mudança e a consciência da mudança, fazendo pesar sobre as transições e as transmissões entre gerações a fatalidade das transformações.

A palavra geração evoca, então, diversos significados, o principal referindo-se aos conceitos descritos que outros autores concordam e ratificam como tempo histórico que agrupa pessoas em função da sua idade:

La vivencia de los mismos acontecimientos origina actitudes, sentimientos y conductas semejantes que permiten identificar a sus miembros como sujetos de la misma generación. El análisis de las generaciones comienza con Mannheim y lo sigue la sociología empírica a partir de los años treinta; actualmente se considera una forma útil de examinar la complejidad de las sociedades contemporáneas a través del análisis de sus grupos de edades con experiencias compartidas (MORAGAS, 2003, p. 1).

Quem primeiro trabalhou o conceito de geração foi o alemão Mannheim. Este parte do pressuposto da vinculação: o que quer dizer pertencer a uma mesma geração? O eixo temporal está presente, pois tem a ver com a ordem biológica, com a ocorrência das transições e transmissões vitais, mas o fenômeno de vinculação a uma “geração” deve-se principalmente a dimensão histórica e sociológica. Vem a criar noções de “situações de geração”, “conjunto de gerações”, “unidade de geração”, de “grupos concretos”. Então, estas terminologias pressupõem que pessoas com objetivos comuns, participem motivadas pelas mesmas crenças,

representações, engajamentos, o que poderia coincidir com as escolas de pensamentos, partidos políticos, minorias ativas ou comunidades militantes. Mannheim afirma que:

La situación de clase y la situación generacional (la comunidad de pertenencia a años de nacimiento próximos) tienen algo en común, debido a la posición específica que ocupan en el ámbito sociohistórico los individuos afectados por ellas. Esa característica común consiste en que limitan a los individuos a determinado terreno de juego dentro del acontecer posible y que les sugieren así una modalidad específica de vivencia y pensamiento, una modalidad específica de encajamiento en el proceso histórico (MANNHEIM, p. 209, s/d).

Mannheim garante que ao pertencerem a uma mesma classe social, no espaço geográfico comum, provavelmente pertencerá à mesma geração, pois as transmissões vitais serão concomitantes, com um vínculo concreto numa situação social singular. Ressalta seu caráter de localização social, de sociabilidade, ao ocorrer à interação já numa estrutura social definida, o processo histórico e cultural resulta por envolver sempre novos membros num processo contínuo. Transcende o conceito familiar, pois “esses grupos são vistos como produtores de uma memória coletiva, construtores de uma tradição e também agentes de mudanças na medida em que suas práticas só são revividas pelas gerações posteriores se forem reflexivamente justificadas” (ALVES, 2004, p. 359).

2.3 GÊNERO

Muito se ouve falar em gênero no lugar de sexo, mas pode-se, mediante as ciências sociais, utilizar o termo referindo-se às diferenças sociais, culturais entre homens e mulheres. É no final dos anos 70 que o conceito de gênero é assumido como uma construção social das identidades sexuais, tornando-se objeto de estudos feministas (NEGREIROS, 2004). Então, qualquer estudo sobre diferença ou semelhanças entre homens e mulheres precisa ser evocado sob o prisma do gênero. Complementando este pensamento, Sardenberg (2001) argumenta que quando se refere a gênero:

[...] em linhas gerais, às construções sociais sobre as diferenças percebidas entre os sexos, “gênero” tornou-se, em tempo, objeto maior das reflexões feministas. E isso porque, para além de uma simples categoria analítica, “gênero” é também uma categoria histórica, na medida em que se materializa nas pessoas, transformando-as em “homens” ou “mulheres”. Nessa concepção, “ser homem” ou “ser mulher” deixa de ser uma condição puramente biológica, tornando-se produto de determinações sociais, econômicas, políticas e ideológicas e, assim, resultado de determinações historicamente específicas, passíveis de investigação (SARDENBERG, 2001).

Na atualidade, gênero representa expressão cultural da diferença sexual (idem). Ao adentrar por essa visão subjetiva do gênero, Fischer e Marques (2001) utilizam a abordagem de Joan Scott que fundamenta sobre as necessidades de verificar como as identidades de gênero são construídas e relacionadas com atividades organizacionais, sociais e representações culturais historicamente situadas.

Daí Scott (1995) relaciona gênero na visão subjetiva nos seguintes eixos teóricos: quando se refere às relações de gênero elas possuem uma dinâmica própria, mas também intercalam com distintos desenhos de dominação e desigualdades tais como as de raça, etnia, de classe; em determinado ponto de vista gênero possibilita compreender as relações sociais entre homens e mulheres, o que implica mudanças e permanências, desconstruções e reconstruções de elementos simbólicos, práticas, comportamentos, valores e representações; a categoria gênero estimula o estudo da história social, ao apontar que as relações afetivas, amorosas e sexuais não constituem realidades naturais.

Scott (1995) ainda coloca que a categoria de gênero legitimada socialmente se institui em construções, alusões que as pessoas apontam de maneira singular em suas relações concretas com o mundo. Homens e mulheres ordenam convenções comportamentais de acordo com as necessidades concretas de suas vidas. Por fim, as relações de gênero, como relações de poder, são apontadas por hierarquias, subordinações e desigualdades. Estão presentes os conflitos, tensões, negociações, alianças, seja mediante a manutenção dos poderes masculinos, seja na luta das mulheres pela ampliação e busca do seu próprio poder.

Segundo a PNAD, 43% da população do Brasil são compostas por homens e 57% por mulheres. Se verificarmos acima de 80 anos a proporção sobe para 60,1% (PNAD, 2009). Em decorrência da menor mortalidade feminina, constata-se uma feminização do envelhecimento na população idosa.

A sociedade atual valoriza o jovem, o belo, o corpo delineado. Ao envelhecer o corpo velho biologicamente não é tão ativo quanto anteriormente, não tem o vigor de anos atrás, nas idosas iniciam um comportamento tímido, “com medo de se tornarem ridículas” (MOTTA; SARDENBERG, 2000), mas ainda encontra-se nos discursos coletados algumas senhoras, tanto de classe média alta como de classe baixa, que dizem não ao isolamento e participam ingressando nos Grupos de Convivência para atingir outros segmentos da sociedade civil organizada e assim participar ativamente.

Neste sentido, vale ressaltar os estudos de Motta e Debert (1994), nos quais a identidade de gênero parece ser realmente, constitutiva da identidade (geracional) de idosas. As trajetórias sociais de gênero vêm demonstrando ser determinantes, na situação real e nos

sentimentos dessas pessoas idosas, ultrapassando, não raro, a diversidade de situação de classe, quando homens e mulheres vêem-se colocados, diferencialmente, quanto às possibilidades e os sentimentos de bem-estar, liberdade e auto-realização na velhice.

Diferentes expectativas sociais nortearam, então, a trajetória desses homens e mulheres de mais idade. E com tal intensidade, que os diferenciais de gênero obscurecem ou ultrapassam, com frequência, as diferenças de classe desses velhos e velhas de hoje. Também é por isso que a categoria gênero assume uma grande importância nos estudos e análises da Terceira Idade, visto que é uma possibilidade de clarificação porque este grupo social é limitado a grupo etário por autoridades governamentais, profissionais de saúde e pela própria sociedade. Nesse dinâmico processo de mudança do ciclo vital na estrutura demográfica, econômica, política, enfim, na maneira de viver e de estabelecer relações sociais, pelo menos três mudanças são especialmente relevantes para lançar luz sobre os novos papéis sociais do/a velho/a na atualidade e suas novas formas de sociabilidade: mudanças na estrutura etária da população, na socioeconômica e nos papéis dos sexos/gêneros (FIGUEREDO; TYRRELL, 2004).

Concorda-se com estas autoras, pois novas formas de sociabilidades são criadas para o segmento idoso. Quanto à mudança na estrutura etária da população os dados confirmam que a longevidade é uma realidade, mesmo em países em desenvolvimento como o Brasil, confirmados pela PNAD. Ainda as autoras asseguram que o envelhecimento passa a ser um fenômeno que se conjuga, antes de tudo, no feminino (FIGUEREDO; TYRRELL, 2004), principalmente no desenvolvimento dos papéis: masculino e feminino que o gênero constroi socialmente.

Como a identidade social o gênero vai se compondo, construindo, reconstruindo constantemente. Também é por isso que a categoria gênero assume uma grande importância nos estudos e análises da Terceira Idade, visto ser uma possibilidade de clarificação porque este grupo social é limitado a grupo etário por autoridades governamentais, profissionais de saúde e pela própria sociedade (idem).

2.4 PROMOÇÃO DA SAÚDE

A promoção da saúde pode ser apreendida conforme determina a Política Nacional de Promoção da Saúde: como uma das estratégias de produção de saúde, ou seja, como um modo de pensar e de operar articulado às demais políticas e tecnologias desenvolvidas no sistema de saúde brasileiro. Na perspectiva de contribuir na construção de ações que possibilitam responder às necessidades sociais em saúde (BRASIL, 2005, p. 6).

Entretanto, requer o reconhecimento de um conceito de saúde que considere algo além da ausência de doenças na perspectiva ampliada de saúde, como a definida no âmbito do movimento da reforma sanitária brasileira, do SUS e das Cartas da Promoção da Saúde. Os modos de viver não se referem apenas ao exercício da vontade e/ou liberdade individual e comunitária.

A saúde passa a ser idealizada, como construção social, nos modos como sujeitos e as coletividades elegem determinadas opções de viver como desejáveis, organizam suas escolhas e criam novas possibilidades para satisfazer suas necessidades, desejos e interesses que pertencem à ordem coletiva, uma vez que seu processo de construção ocorre no contexto da própria vida (BRASIL, 2005, p. 7).

Isto reforça a ideia de que a comunidade deve valer-se de recursos, estratégias e ferramentas que propiciem a sua sensibilização para a correlação entre as questões sociais e as condições de saúde. Propõe-se, então, que as intervenções em saúde ampliem seu escopo, tomando como objeto os problemas e necessidades de saúde da população e seus determinantes. Como também, condicionantes, de modo que a organização da atenção e do cuidado envolva, ao mesmo tempo, as ações e serviços que operem sobre os efeitos do adoecer e àqueles que visem o espaço para além dos muros das unidades de saúde e do sistema de saúde, incidindo sobre as condições de vida e favorecendo a ampliação de escolhas saudáveis por parte dos sujeitos e coletividades no território onde vivem e trabalham (idem, 2005, p. 7-8).

A saúde, como produção social de determinação múltipla e complexa, exige a participação ativa de todos os sujeitos envolvidos em sua produção – usuários, movimentos sociais, trabalhadores da saúde, gestores do setor sanitário e de outros setores –, na análise e na formulação de ações que apontem um avanço na qualidade de vida de todos os cidadãos. “O paradigma promocional vem colocar a necessidade de que o processo de produção do conhecimento e das práticas no campo da saúde, e, mais ainda, no campo das políticas públicas faça-se por meio da construção e da gestão compartilhadas” (BRASIL, 2002, p. 9).

Pensando-se no coletivo buscam-se estratégias de gestão compartilhada ligada às propostas pelo Ministério da Saúde na Política Nacional de Promoção da Saúde, a saber: integralidade, equidade, responsabilidade sanitária, mobilização e participação social, intersetorialidade, informação, educação e comunicação em saúde e sustentabilidade.

Entende-se que a promoção da saúde apresenta-se como um mecanismo de fortalecimento e implantação de uma política transversal, integrada e inter-setorial, que faça dialogar as diversas áreas do setor sanitário, os outros setores do Governo, o setor privado e

não governamental e a sociedade, compondo redes sociais de compromisso e co-responsabilidade quanto à qualidade de vida da população, em que todos sejam partícipes na proteção e no cuidado com a vida.

Vê-se, portanto, que a promoção da saúde realiza-se na articulação sujeito/coletivo, público/privado, Estado/sociedade, clínica/política, setor sanitário/outros setores, tendo em vista romper com a excessiva fragmentação na abordagem do processo saúde-adoecimento e reduzir a vulnerabilidade, os riscos e os danos que nele se produzem (BRASIL, 2002, p. 13).

Com isto, um olhar ampliado sobre a promoção da saúde provoca ou requer uma atuação sobre as iniquidades (incluir o status socioeconômico), que se estende sobre o âmbito da prevenção e sustenta o povo para enfrentar essas desigualdades. Assim, a promoção da saúde passou de sua base nos estilos de vida à nova orientação centrada nos fatores sociais e ambientais (idem, p. 66).

Daí os Grupos de Convivência possibilitam “um processo amplo de democratização do acesso à informação e conhecimento na área de saúde, na perspectiva do ‘empowerment’, da acumulação de saber e de poder pela população, tendo em vista a constituição de sujeitos” (TEIXEIRA; SOLLA, 2006, p. 94).

Os grupos de convivência podem ser vistos como espaços de reconstrução de sujeitos sociais, desenvolvendo ações de educação permanente em saúde e em outras diversas dimensões, tal como apontaram Paim e Almeida em seu artigo sobre saúde coletiva: [...] campo aberto a novos paradigmas? Pode-se visualizar o grupo de convivência como espaço sócio político de educação processual e contínua.

Nos níveis político e sociocultural de constituição do campo da saúde coletiva, será conveniente explorar formas de organização dos sujeitos sociais não redutíveis a partidos e sindicatos (grifo da autora) (embora sem descartá-los), capazes de dar ânimo (vida) aos sonhos e esperanças de criar civilizações (ou socializações) pautadas no afeto, na solidariedade, na liberdade e na justiça. Conciliar este "mundo subjetivo" com o "mundo social" através de uma ação política emancipatória pode ser um dos maiores desafios para a práxis da saúde coletiva nos tempos atuais. A participação organizada dos grupos sociais, bem como o reconhecimento e o estímulo às iniciativas comunitárias, radicadas na solidariedade (grifo da autora), constituem possibilidades de redefinição de relações sociais que poderão auxiliar na redução do sofrimento humano, na elevação da consciência sanitária e ecológica, na preservação da saúde e na defesa da vida (PAIM; ALMEIDA, 1998).

Só assim a partir dos princípios que Paim e Almeida (1998) preconizam, e, voltando este saber para os grupos de convivência, distribuídos em todos os segmentos da sociedade em Jequié, os grupos poderão ser analisados quanto ao potencial para contribuir para o envolvimento de pessoas idosas em ações voltadas para a melhoria de suas vidas no município.

2.4.1 Idosos em Grupos

Logo após a criação do trabalho com idosos no Serviço Social do Comércio (SESC) e da criação da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG), com a divulgação desses projetos, as pessoas idosas ganharam maior visibilidade, isto na década de 60. Os anos setenta foram marcados pelo surgimento de inúmeros grupos de convivência de idosos em todo o país, em clubes, paróquias, associações comunitárias, centro de saúde e universidades.

O crescimento dos grupos de convivência é justificado pelo aumento populacional dos idosos. Este aumento acelerado da população idosa demonstra a real necessidade da efetivação de políticas públicas para garantir um envelhecimento ativo, que, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), requer participação, saúde e segurança. Nesse contexto, os grupos de convivência de idosos vão ao encontro da promoção do envelhecimento ativo, com o objetivo de preservar as capacidades da pessoa idosa e o potencial de desenvolvimento do indivíduo idoso (MARQUES, 2009).

Quando os idosos se encontram semanalmente nas comunidades onde vivem, pode-se verificar que no exemplo dos grupos em Jequié/BA, a identificação entre os membros é tão próxima que o sentimento de pertença ao grupo é tão visível, como se fizessem parte do todo. “Grupos de Pertença são aqueles a que sentimos que pertencemos por oposição aos grupos exteriores, que sentimos que são nossos” (www.exame.org).

Marques (2009) argumenta que o aumento dos grupos de convivência de idosos sugere que os mesmos “estão encontrando o que buscam nestes locais e confirma a possibilidade de utilização dos grupos de convivência como veículos para aumentar a qualidade de vida e a oferta de serviços aos idosos”. Os grupos seriam espaços novos de participação, sociabilidades, solidariedade espontânea e, também, espaço de promoção da saúde e do bem-estar daqueles que passaram dos 60 anos, ou que disso estão próximos e sentem vontade de serem integrantes.

Os grupos de convivência se transformam em grupo social. Pois têm em comum interesses, uma situação e sentimentos de pertença a esse grupo (GOMES, 2009). Então, pode-se visualizar o grupo de convivência, também, como espaço de construção da identidade do “ser idoso” e “ser idosa”.

O pesquisador Vieira (2009) reconhece a identidade como dinâmica e processual, com tendências às mudanças significativas. Cada indivíduo constroi a sua identidade social a partir da pertença a determinados grupos e da significação emocional e avaliativa de que ela se

reveste. Por sua vez, cada grupo tende a comparar-se com novos grupos. Daí pensar o Grupo de Convivência como espaço de construção, desconstrução e reconstrução, sempre, pois a identidade é um processo. Trata-se de um processo de construção por inclusão ou exclusão, exercendo uma dialética por integração do outro no eu, da mudança na continuidade realizada numa ação coletiva.

“É importante ressaltar que esta ação coletiva envolve um fazer — por meio de um conjunto de práticas sociais — e um pensar — por meio de um conjunto de idéias, que motivam ou dão fundamento à ação” (GOHN, 2002, p. 1023), tratando-se, portanto, de uma *práxis*. Então são ações coletivas de caráter sociopolítico, construídas por atores sociais pertencentes a diferentes classes e camadas sociais. Eles politizam suas demandas e criam um campo de força social na sociedade civil.

A experiência constata que os Grupos de Convivência são espaços socioculturais de coesão social, proporcionando aos idosos reconhecerem que têm voz e tornarem-se cidadãos, sujeitos de aprendizagem para a vida, neste encontro intergeracional, sedimentando o conhecimento apoiado na sua história de vida.

[...] É uma relação dialética que começa a se instalar nos grupos de convivência, estabelecida na diversidade cultural na qual estão inseridos, em ebulição atualmente. A participação efetiva oportuniza reflexão para organização, surgindo um comprometimento por parte dos seus integrantes (TAVARES DE SANTANA; MEIRA, 2005).

Ao surgirem discussões sobre a promoção da saúde do idoso num contexto educacional que prepara as gerações quanto à necessidade de re-significar as leituras que se têm sobre o idoso, vai-se desmistificar verdades consolidadas. Podem-se construir novas ideias e novos significados acerca do envelhecimento sociocultural, assim, busca-se resgatar valores, significados, redimensionam-se perdas, frustrações, problemas de toda ordem que este ser idoso possa trazer consigo, resultado da sua existência, possibilita-se, assim, o renascer para a construção de um novo ser.

O grupo apresenta ainda significativa relevância política, pois o ser individual – privado passa a ser o coletivo, o público, e dessa forma pode interferir nos rumos de políticas locais que mediante a luta coletiva, venham a contribuir com ações de políticas públicas voltadas para promoção da saúde.

A participação do idoso nos Grupos de Convivência possibilita a sua atuação ora historiando a vida por meio das suas lembranças, ora para o lazer, ora com outros idosos, vivendo os desafios presentes e sonhando com o futuro. Este espaço constitui-se partilha,

trocas de pontos de vista, representações, crenças, informações e emoções, constroi e fortalece identidades e socializa a sabedoria advinda desse processo do viver/envelhecer no coletivo.

Na vida o futuro é incerto e constrói-se a *pari e passu* na vivência do presente. O futuro do ser é formulável, mas não determinável (VIEIRA, 2000). Observamos que ao começarem a participar, as pessoas idosas começam a fazer planos para a vida. Este é a contribuição maior que os grupos de convivência podem dar. Pois, servem como espaço de construção, desconstrução e reconstrução da identidade do “ser idoso” e “ser idosa”; espaço de desenvolvimento de sociabilidades, coesão social e principalmente espaço de reconstrução de si, num processo constante de reconstrução coletiva da velhice vivenciada.

CAPÍTULO III

O CAMINHAR METODOLÓGICO



Fonte: www.souzaandrade.com.br Jequié-BA, 2010.

3.1 TIPO DE ESTUDO

A pesquisa ora concluída teve abordagem qualitativa por conceber que para interpretar o discurso desse ser que envelhece nos grupos de convivência em Jequié-BA, analisar como o processo de envelhecimento é sentido por estas pessoas idosas hoje, a abordagem qualitativa é a mais apropriada. Pois, para Gaskell (2000, p. 68), “a finalidade real da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão”.

Buscou-se compreender as subjetividades dos discursos particulares, com seus significados múltiplos de forma crítico-analítico, como também para além da perspectiva histórica compreender a realidade em que as pessoas idosas estão inseridas Minayo (2008), no sentido de buscar correlações com a fala, o que constitui a riqueza para a explicação do social. A autora afirma que parte do princípio que toda vida humana é social e está sujeita às mudanças e transformações permanentes.

O idoso entrevistado na pesquisa expressa hoje, na atualidade, como vivenciam as relações de gênero, geração/classe social e como vêem o grupo como provável potencial para a promoção da saúde. Daí a escolha pela abordagem qualitativa, pois permite descrever a complexidade do problema norteador da pesquisa, analisar os dados, classificá-los, sugerir transformações que venham a contribuir para mudanças, criação ou formação de opiniões nos grupos de convivência consente ainda compreender pensamentos, vocalizações das pessoas idosas sobre o significado da velhice.

3.1.1 Pesquisa de cunho Etnográfico

Ao longo da sua vida a pessoa vive entre várias esferas e contextos sócio-culturais, sendo que a sua identidade acaba por ser resultado de uma metamorfose cultural, uma nova dimensão, auto e hetero-construída entre o contexto de partida e o de chegada, num dado momento (Vieira, 1999b).

Etnografia vem do grego: grafia = Graf (*o*) significa escrever sobre, escrever sobre um tipo particular – *etn* (*o*) ou uma sociedade em particular. Sobre o método etnográfico a construção do conhecimento científico assenta numa variedade de opções — de ordem ontológica, epistemológica e técnica. Nada como estar a realizar as entrevistas em campo. Este contacto directo e prolongado com os sujeitos sociais; sem limites para a abordagem

quanti e quali faz a riqueza da etnografia. Há interação entre o pesquisador e os sujeitos sociais; Técnicas: entrevista, observação e observação participante (SILVA, 2003).

Desta forma, a entrevista nesse tipo de estudo é, por um lado, etnográfica porque pretende captar o ponto de vista do outro, mediante sua própria voz, evitando o mais possível mediar às respostas com perguntas (como se fez em nos grupos focais) deixando a pessoa aceder às suas vivências segundo a sua própria lógica (VIEIRA, 2009).

Etnografia é a especialidade da antropologia que tem por fim o estudo e a descrição dos povos, sua língua, raça, religião, e manifestações materiais de suas atividades (MATTOS, 2001).

Os estudos qualitativos assentam na descrição rica em pormenores da vida quotidiana. Constituem uma celebração da diversidade. Uma diversidade que, não paradoxalmente, vive, amiúde, paredes meias com a singularidade. Uma singularidade — por muito parcial que seja — só possível de identificar e entender perante um redobrar de atenção em relação ao obstáculo etnocentrista no processo de produção de conhecimento científico. É deste ponto de vista que, como se viu, a pertinência do estudo de microcosmos assenta no pressuposto de que estes contêm elementos de ordem macro, competindo à etnografia destriçar aquilo que é específico e contextual daquilo que é genérico e global (SILVA, 2003, p. 50-51).

A etnografia foi escolhida, principalmente, por se propor a descrever e a interpretar ou explicar o que as pessoas idosas faziam na sua cotidianidade, principalmente nos grupos de convivência, ou seja, em um determinado ambiente pela observação participante a qual a pesquisadora estava envolvida. A abordagem etnográfica “se constrói tomando por base a ideia de que os comportamentos humanos só podem ser devidamente compreendidos e explicados se tomarmos como referência o contexto social onde eles atuam” (VICTÓRIA et al., 2000, p. 53).

O estudo e acompanhamento *in loco* em um trabalho intensivo permitem ao pesquisador analisar minuciosamente a diversidade de comportamentos, valores, normas, estilo de vida, aspectos da vida cotidiana dos grupos envolvidos. A etnografia permite o confronto entre o que as pessoas idosas proferem no discurso e a visão do pesquisador. Para compreender estes valores e normas, implica na “consideração do real em suas diferentes manifestações” (idem) a etnografia assume o seu significado a partir do interacionismo simbólico.

Ao discorrer sobre etnografia tem-se que reportar a Malinowski (1984), pois defende que o pesquisador tem que dar conta de três áreas da realidade: o arcabouço da constituição da sociedade; os imponderáveis da vida real e o espírito nativo. O arcabouço da constituição da sociedade é conhecer criteriosamente o campo a ser desvelado, ou seja, tudo o que se referir à

sociedade estudada, suas normas, regras, toda a sua organização social, documentações que sirvam de subsídios para novas descobertas.

Os imponderáveis da vida real dizem respeito ao não escrito, não documentado, que o pesquisador só pode descrever, vivendo à mesma realidade da sociedade investigada. Diz respeito aos fenômenos da vida cotidiana: as rotinas, em que trabalham e como, como cuida de si, o que come e como preparam os alimentos, o que vocalizam, em que tom (emoções, silêncios, choros, sentimentos) os discursos acontecem, estas observações e considerações não podem ser retratadas a não ser *in loco*.

Malinowski, por fim, fala do espírito nativo. São expressões que o indivíduo imprime, sua opinião expressa, vocaliza, o que impulsiona a agir de determinado modo. É tudo o que é verbalizado, são as expressões êmicas, por isso a relevância do discurso.

A autora Victória (2000, p. 54) analisa estas três áreas e considera como aos diferentes tipos de registro de dados efetuados durante o processo da investigação da pesquisa a seguir: registros escritos, observacionais e discursivos, os quais são fundamentais para a compreensão do fenômeno a ser analisado. Ainda triangula estas três áreas como: a partir dos dados de observação, o pesquisador coleta os depoimentos que vão gerar documentos escritos. São olhares de três níveis de uma mesma realidade, possibilitando uma apreensão mais ampliada e estrita. Os estudos qualitativos assentam na descrição rica em pormenores da vida cotidiana. Constitui uma celebração da diversidade. Uma diversidade que, não paradoxalmente, vive, paredes meias com a singularidade (SILVA, 2003, p. 50).

3.2 CAMPO E CENÁRIO DA PESQUISA

Jequié, conhecida como Cidade Sol devido ao seu clima quente, principalmente no verão, se desenvolveu a partir de uma movimentada feira livre que atraía comerciantes de várias regiões circunvizinhas, no final do século XIX. O município teve sua origem na sesmaria do capitão-mor João Gonçalves da Costa, que sediava a Fazenda Borda da Mata. Tempos depois foi vendida para José de Sá Bittencourt, refugiado da Inconfidência Mineira. Após a sua morte foi vendida entre herdeiros e passou a ser chamada de Jequié.

Em 1910 se torna cidade e se transforma em um dos maiores e mais ricos municípios baianos. Pelo curso navegável do rio de Contas, pequenas embarcações desciam transportando hortifrutigranjeiros e outros produtos de subsistência. Atualmente as entidades de defesa do ambiente, lutam pela recuperação deste Rio. A primeira feira livre foi desenvolvida com

sucesso pela decisão dos italianos que se fixaram aqui. José Rotondano, José Niella e Carlos Marotta, líderes da comunidade italiana, compraram todo o excedente dos canoeiros e de outros produtores, mas foi com o italiano Vicente Grillo que Jequié teve sua época mais próspera.

Os italianos recém-chegados ao se instalarem na cidade, se hospedavam num prédio construído por Vicente Grillo, onde funcionava um modesto hotel (pensão). Assim, os italianos que aqui chegavam se adaptavam ao clima muito quente, hospedados por alguns dias com Vicente Grillo para depois se fixarem em alguma terra da região de clima mais ameno da região.

Acredito que a figura de Vicente Grillo teve uma influência marcante na constituição da cidade, pois vieram a convite do mesmo um francês e um suíço para idealizar e desenhar a planta baixa da nova cidade surgia após a inundação do rio de Contas em 1914. Hoje ainda se vê o reflexo dessa organização espacial, pois as ruas da cidade são largas, três ruas atravessam à cidade de uma extremidade a outra. Fez diversas doações de terrenos, inclusive da igreja Matriz, para a qual ele escolheu o padroeiro Santo Antônio de Pádua. Presenteou-a também com um grande relógio e sino importados da Itália. Implantou uma fábrica de gelo, o primeiro sistema de telefonia, doou terreno do Prédio Escolar Castro Alves, hoje Museu da Cidade, e também do aeroporto, do cemitério São João Batista, bem como outras doações.

Jequié concentra diversos climas e vegetações, desde a caatinga até parte da mata atlântica.

Figura 01: Visão no Morro do Cajueiro da Barragem. Abastece a cidade com água



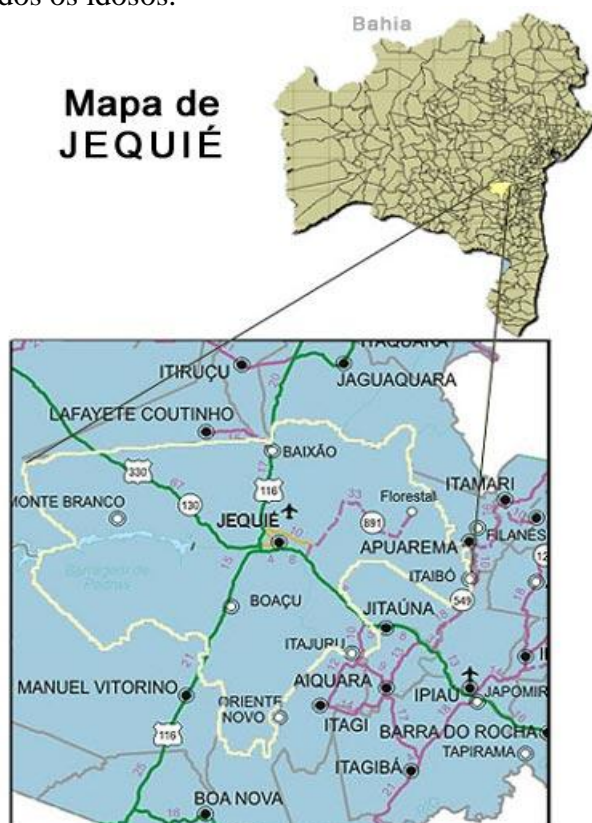
Figura 02: Praça Rui Barbosa centro da cidade



Fonte: www.cidadesolnoticias.com Acesso: 2010

Atualmente o município de Jequié possui uma população com 147.202 habitantes e; é caracterizado como município de população longeva, pois, segundo IBGE (2003), a população com 60 anos ou mais é de 14.085 habitantes, perfazendo um total de 9,5% da população total, e o número e proporção de pessoas idosas com mais de 80 anos se apresenta proporcionalmente com certa relevância: 2.506 idosos (1,7%), superando o percentual do Brasil cuja população com idade igual ou superior a 80 anos corresponde a 0,74% e a projeção para 2020 situa-se em torno de 1,17%. Então se trata de um fenômeno intrigante diante da realidade em que estão inseridos os idosos.

Figura 03: Mapa de Jequié-BA



Fonte: www.jequienoticias.com.br. Jequié,

Tem como características geográficas uma área de 3.035,423 km clima semi-árido, o município tem um índice de pobreza significativa o mapa da pobreza e desigualdade social apresenta Jequié com a incidência de pobreza de 48,95%; a incidência de pobreza subjetiva de 50,19% e o índice Gini de 0,49 (IBGE, 2008).

Ao realizar levantamento no núcleo do IBGE em Jequié, pudemos perceber que a população de pessoas idosas no ano de 1980 perfazia um total da população de 7.328 indivíduos. E, após 20 anos, essa população obteve um crescimento de 92,2%, evidenciando dessa forma o crescimento significativo dessa faixa etária e a necessidade de conhecê-la, partindo do pressuposto de que o envelhecimento é uma experiência heterogênea, dinâmica.

A cidade de Jequié está situada no sudeste da Bahia, na zona limítrofe entre a Caatinga e a Zona da Mata. Começou a desenvolver-se a partir de uma movimentada feira no final do século XIX através do rio de Contas, de onde chegavam tropeiros e canoieiros carregando produtos para comercialização. Chegavam também tropeiros de várias regiões. Há grande influência dos italianos que aqui se instalaram em um processo migratório que perdurou até meados do séc. XIX. Devido a esta localização geográfica, tornou-se ponto de convergência natural de estradas com desenvolvimento comercial e econômico. Situa-se no entroncamento rodoviário entre as BR 116 e 101.

O município de Jequié está numa região de clima semi-árido com temperaturas que vão das mais amenas às mais altas da região. Apresenta uma área municipal de 3.113 km² e situa-se a 215,713 metros acima do nível do mar. Esta cidade completou seu centenário no ano de 1997. Possui ainda grande destaque na agricultura (cacau, café, grãos, e hortifrutigranjeiros) e a pecuária é a mais importante das atividades ocupando 80,5% das terras do Município. Quase 80% da população contam com serviços de abastecimento de água e rede de esgotos.

A população economicamente ativa chega a 56,09%, que é considerada baixa, considerando que 44% fazem parte das estatísticas de desemprego e subemprego (BAHIA, 2002).

Jequié está se tornando uma cidade em que a educação vem ganhando espaço cada vez mais significativo. Na rede pública temos um campus da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) com cursos em diversas áreas como: Saúde: Enfermagem, Medicina, Odontologia, Educação Física, Fisioterapia; Ciências Biológicas (Licenciatura Plena, Bacharelado com Ênfase em Genética e Águas); Química; Matemática; Física; Pedagogia; Letras.

Na rede privada contamos com a Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC) com os cursos de Enfermagem; Administração; Ciências da Computação; Comunicação com habilitação em Jornalismo; Psicologia. As Faculdades Integradas de Jequié (FIJ) conta com os cursos de Administração de Empresa, Economia, Contabilidade. Contamos também com os mais variados cursos à distância ministrados pela UNOPAR, FACSUL, FTC e UNIFACS.

Jequié, ao ser considerada uma cidade de população longeva, motivou os acadêmicos da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), no ano de 1994 à discussão sobre a temática, o que proporcionou a criação do Projeto Universidade Aberta com a Terceira Idade (UATI), iniciando suas atividades extras e intramuros, com a população idosa local.

Daí o interesse da UESB, em 1996, de conhecer não só a cotidianidade das pessoas idosas, mas também de promover a criação de Grupos de Convivência nas comunidades civis organizadas periféricas. Foram promovidos cursos livres para líderes comunitários e simpatizantes com o trabalho junto à pessoa idosa, promovendo qualificação, adequação curricular e, por fim a criação do Grupo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento (GREPE).

Desta maneira, a UESB buscou cumprir os dispositivos legais previstos na Política Nacional do Idoso / Lei 8.842, de 4 de janeiro de 1994, sendo homologada em 1996, na qual determina no cap. IV, art.10, item III que as ações governamentais voltadas para a educação que as universidades deveriam, entre outros artigos, inserir nos currículos mínimos, nos diversos níveis do ensino formal, conteúdos voltados para o processo de envelhecimento. Proporcionando eliminar preconceitos, mitos e a produzir conhecimentos sobre o envelhecimento; apoiar a criação de Universidade Aberta para a Terceira Idade (UATI), como meio de universalizar o acesso às diferentes formas do saber (BRASIL, 1994). A UESB Jequié elaborou o projeto para UATI, interagiu com as pessoas idosas e diversos profissionais simpatizantes com a proposta do envelhecimento ativo.

Assim, os pesquisadores (enfermeiros, assistente social, pedagogos, filósofos, fisioterapeutas, educadores físicos) ligados à UESB e voluntários da comunidade da área reafirmaram o compromisso social e cultural junto à população que envelhece e alcança a longevidade e reconheceram a necessidade de promoção e melhoria da condição de vida em espaços de participação, os propostos Grupos de Convivência para a Terceira Idade. Silva (1997) argumenta que o grupo está em um espaço delimitado de construção de identidade coletiva em constante transformação, que pode ser imerso em subjetividades mediante ações, intervenções e atividades voltadas para atendimento e defesa dos direitos sociais, dirimindo as iniquidades e na construção de novos códigos culturais, sociais, psicológicos e espirituais.

Estão presentes neste município diversos espaços organizados de natureza religiosa. Recentemente criou-se a Associação dos Terreiros de Candomblé, sendo cadastrados os espaços de matriz religiosa africana. A UESB, mediante as atividades de extensão implantou nas comunidades civis organizadas de natureza religiosa católica e protestante os Grupos de Convivência para a Terceira Idade, agregando-os ao projeto a Universidade Aberta com a Terceira Idade (UATI). Inicialmente era designado um componente do projeto para dar assessoria ao grupo e à coordenadora local. Os membros da equipe executora do Projeto desenvolveram suas ações no período de 1996 a 2000.

Na atualidade, os grupos de convivência continuam se reunindo, resistem há treze anos, sem a parceria da UESB, pois o projeto foi interrompido por razões adversas à compreensão da Associação de Amigos e Grupos de Convivência da Universidade Aberta com a Terceira Idade (AAGRUTI). Esta clientela específica perfaz um total de aproximadamente 1300 participantes distribuídos em 26 grupos de convivência.

Vale destacar que esta significativa parcela da população vivencia uma velhice de forma diferenciada, mediante sua participação em atividades lúdico-terapêutica e vocalização de sentidos, expressão de desejos, o que favorece um envelhecimento com promoção da saúde um envelhecimento saudável.

3.2.1 UATI/UESB e AAGRUTI

Figura 04: Vista parcial da UESB



Fonte: www.uesb.br

A implantação da UESB surge com a política de interiorização do ensino superior, contida no Plano Integral de Educação do Governo do Estado, de 1969, com a instalação das Faculdades de Formação de Professores. Sendo instalada nos municípios de Vitória da

Conquista, Jequié, Feira de Santana e Alagoinhas, que se somava à Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco — FAMESF, criada na década de 50 (UESB, 2009).

Até meados de 60, existiam apenas duas universidades e algumas instituições de Ensino Superior isoladas. O Governo Estadual seguindo uma política global de desenvolvimento da educação, cria novas escolas estaduais de 1º e 2º graus e em 1962, mediante a Lei nº 1.802, de 25/10, são criadas as Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras de Vitória da Conquista, Jequié, Feira de Santana, Ilhéus, Caetité e Juazeiro, procurando atender àquelas exigências (idem).

Em 1996 a UESB cria o projeto Universidade Aberta com a Terceira Idade (UATI) como espaço voltado para conhecer a realidade do idoso jequieense, tendo como objetivos: valorização do idoso e a criação de uma imagem positiva que resgate seu conhecimento como fonte de saber e a abertura de possibilidades para a ampliação de sua escolaridade em sentido amplo (CAMARANO, 2006).

A primeira Universidade Aberta com a Terceira Idade surgiu em Santa Catarina a partir da criação do Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI). Mediante o Programa de Qualificação Interinstitucional (PQI), a UESB e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) firmam uma parceria em 1996. Os profissionais da UESB visitam a UFSC e os profissionais do NETI vêm à UESB/Jequié qualificar profissionais docentes e pessoas da comunidade simpatizantes com a temática e ministram diversos cursos na área do envelhecimento.

A UATI/UESB buscou conhecer, também, outras experiências exitosas e como Veras (2004, p. 4):

Visando assegurar qualidade às atividades planejadas, houve a preocupação com a utilização de metodologias que respeitassem as características dos alunos idosos. Levou-se em consideração o modo de repassar as informações, e com esta finalidade foram utilizados modelos pedagógicos específicos, que incorporam os valores, a cognição e as características próprias desta faixa etária. [...] Houve preocupação explícita de não incluir no projeto ações com o intuito exclusivo de ocupar o tempo livre do idoso ou de tratá-lo como pessoa incapaz de aprender novas habilidades e adquirir novos conhecimentos. Procurou-se evitar o equívoco de estabelecer estruturas infantilizadoras, que pudessem reforçar os estigmas e preconceitos da sociedade para com os idosos.

A UATI/UESB iniciou as suas atividades no ano 1998, com planejamento e programação acompanha o ano letivo, com disciplinas voltadas para o interesse das pessoas idosas. Todos os cursos foram preenchidos com alunos acima de 60 anos. Um novo cenário se

desenhava na UESB, pois víamos pessoas idosas e jovens interagindo nos intervalos das aulas, na cantina, nos bancos dos jardins, caminhando pelos corredores.

Muitos dos “cursos” tais como: Direito a Cidadania; Autoestima do idoso; Trabalhando com os coordenadores de grupos; Construindo a cidadania do idoso eram voltados para a promoção da saúde do idoso, possibilitando uma oportunidade de mudanças, pois nas relações políticas e sociais que decorrem nos textos sobre promoção da saúde, promulga a promoção como um processo de *empowerment* de grupos populacionais específicos. A comunidade foi organizada e esclarecida para atuar com o segmento idoso. Ocorreu uma mobilização em torno dos direitos gerais da cidadania do idoso e organizou-se ações político-sociais específicas que conectem indivíduos e grupos com problemáticas e preocupações comuns (TEIXEIRA, 2001).

Desta forma a UATI/UESB promoveu a socialização sobre estratégias e práticas de promoção da saúde e melhoria na “qualidade de vida” da pessoa idosa, formou-se novos sujeitos das práticas de saúde, para além do Estado, isto sendo processo nas organizações comunitárias (idem, p. 105).

A mobilização da comunidade Jequiense em torno de uma nova mentalidade nas relações socioculturais junto à população idosa tem se tornado realidade. A Associação de Amigos e Grupos de Convivência e Universidade Aberta com a Terceira Idade (AAGRUTI) trouxe visibilidade para as questões envolvidas com o envelhecimento populacional, sendo uma entidade filantrópica e sem fins lucrativos, estadual e municipal envolve diversos segmentos da sociedade e estabelece parcerias em busca do alcance de suas atividades afins.

A AAGRUTI é reconhecida como Organização de Utilidade Pública Municipal, conforme consta do registro da Câmara Municipal de Vereadores, Lei nº 969 de 06/06/2003 e como de utilidade pública estadual conforme registro na Assembléia Legislativa Estadual, Lei nº 8.733 de 07/09/2003, neste ato representada na forma de seu estatuto. Os Grupos de Convivência compareceram à Câmara Municipal de Jequié como forma de pressionar os vereadores a votarem no projeto de Lei da AAGRUTI (AAGRUTI, 2010).

É apropriado afirmar que é no município que se deve desenvolver a cultura do respeito à cidadania do idoso, assim como a definição de políticas de intervenção voltada ao atendimento dos direitos e necessidades dos idosos. Para tanto, o Estado, a família e a sociedade organizada devem ser parceiros nesta tarefa complexa de humanização das relações dos idosos com a sociedade, o que resultará na reflexão e construção de um envelhecimento saudável e ativo.

Vale lembrar o princípio fundamental do Estatuto do Idoso a seguir:

[...] é obrigação do Estado, garantir à pessoa idosa a proteção à vida e à saúde, mediante efetivação de políticas sociais públicas que permitam um envelhecimento saudável e em condições de dignidade. *Como também*, [...] o direito a educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade. *Por fim*, [...] incentivar e criar programas de lazer, esporte e atividades físicas que proporcionem a melhoria da qualidade de vida do idoso e estimulem sua participação na comunidade.

No município de Jequié-BA a AAGRUTI e a UESB são os atores sociais mais indicadas para suprir as devidas necessidades da população idosa, considerando que são espaços de produção de conhecimento, como também catalisadores de demandas emergentes na sociedade. Acredita-se que a parceria entre tais instituições possibilita melhor integração da universidade com a sociedade.

De um modo geral no cenário nacional, a universidade brasileira, torna-se presente em trabalhos direcionados às pessoas idosas. Tal fato contribuiu para o Ministério da Educação promover o 1º Seminário sobre Educação Superior e Envelhecimento Populacional, no mês de maio de 2005, no intuito de sensibilizar as instituições de ensino superior juntamente aos programas de pós-graduação, suscitando a importância de elaborar e desenvolver projetos direcionados para o bem-estar da população idosa no país.

A AAGRUTI é uma Organização Não Governamental (ONG) que tem o propósito de contribuir para a conquista da cidadania e consequente melhoria da qualidade de vida do idoso da cidade de Jequié/BA. Esta entidade foi instituída em 2001 a partir da necessidade de unificar e fortalecer o trabalho voluntário que já existia em 12 Grupos de Convivência da Terceira Idade, sendo que tal formação culminou com uma passeata e distribuição de cartilhas educativas na Semana do Idoso, daquele ano (AAGRUTI, 2010).

Nos Grupos de Convivência, formados em comunidades organizadas de bairros centrais e periféricos (cada grupo em sua comunidade e com seus líderes), são realizados encontros semanais, geralmente em salas de casas paroquiais ou de outras entidades, e promovidas atividades socioculturais e educativas como: caminhadas, palestras com profissionais da UESB, como também com os alunos e professores do Curso de Enfermagem da Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC), ministrando atividades educativas, festas, encontros, seminários. Atualmente, a AAGRUTI compõe-se de 26 grupos distribuídos nas comunidades periféricas, perfazendo um total de 1.300 idosos.

A AAGRUTI implementa ações socioculturais como: mobilização social por meio de atos públicos, seminários abertos à comunidade, passeatas com a participação da população idosa, ações de educação em saúde, geração de renda, atividades recreativas e de lazer. Isto não seria possível sem o apoio permanente, de natureza voluntária, de vários profissionais

(assistentes sociais, enfermeiros, psicólogos, pedagogos, profissionais de educação física e outros), além dos líderes comunitários voluntários, pertencentes às diversas comunidades organizadas nos quais assumiram a Coordenação destes Grupos de Convivência.

Os resultados obtidos com a AAGRUTI foram:

- ⇒ Realização de eventos de cultura e lazer condicionados à integração e o interesse dos idosos por uma vida ativa;
- ⇒ Defesa da cidadania dos idosos junto às instâncias competentes em âmbito municipal, estadual e federal;
- ⇒ Encaminhamento do projeto de lei para criação do Conselho Municipal dos Direitos e Proteção do Idoso, que já foi aprovado e tornou-se Lei nº 1588, de 22/04/2002;
- ⇒ Luta pela aquisição do Centro de Convivência para o Idoso Jequeense;
- ⇒ Visível crescimento da autoestima dos idosos integrantes dos grupos de convivência, sua autonomia e independência, além da alegria de viver e participar de todas as ações, inclusive as de políticas públicas;
- ⇒ Defesa do passe livre e da melhoria dos serviços prestados pelo transporte coletivo do município junto à Câmara de Vereadores;
- ⇒ Realização da II, III, IV... VIII Campanhas: **AAGRUTI Construindo a cidadania do idoso** em setembro 2002, 2003, 2004, 2005... 2009;
- ⇒ Respectivamente, em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde, Empresas do Comércio, uma instituição de ensino médio e a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB;
- ⇒ O sensibilizar da comunidade para o trabalho voluntário;
- ⇒ Participação na Conferência Municipal de Saúde desde a criação da AAGRUTI com representação ativa.

Em estudo objetivando conhecer o “Perfil do Idoso participante de Grupo de Convivência: contribuições socioculturais para uma velhice saudável”, a pesquisadora fez parte dessa equipe de trabalho da UESB, juntamente com bolsistas além dos pesquisadores da área do envelhecimento.

A pesquisa foi realizada e coordenada pelo Grupo de Estudos e Pesquisas do Envelhecimento – GREPE/UESB em 2004, com natureza quantitativa, descritivo-exploratória, tendo como sujeitos sociais duzentos e cinquenta e quatro idosos participantes dos Grupos de Convivência para a Terceira Idade. A coleta dos dados se deu nos distintos

grupos distribuídos em bairros centrais e periféricos da cidade de Jequié/BA. Todos os grupos eram vinculados à AAGRUT. Teve como instrumento um questionário estruturado e analisado por meio da estatística descritiva.

Os resultados foram analisados em áreas temáticas: condição socioeconômica: a maioria dos idosos é do sexo feminino (93%), a faixa etária vai de 60 a 70 anos (52%), viúvo (41,6%), doméstica do lar (67%), analfabetos (49%), aposentados ou pensionistas (77%), renda de 1 salário mínimo (66%).

Convivência familiar: (83%), convive com os filhos (19,28%), com netos (19%), não recebe ajuda financeira (64%), 1 a 3 pessoas dependem da renda do idoso (43%), manifestou mudanças na sexualidade (70%) sendo atribuídas ao envelhecimento (43%).

Processo Saúde/Doença: os idosos entrevistados apresentam patologias crônicas (87%) tais como: hipertensão (66%), doenças reumáticas (65%), utiliza serviços das Unidades Básicas (65%), compra medicamentos (56%), não necessita de auxílio nas atividades da vida diária (75%), não pratica atividade física (61%), consideram o amor e o lazer como aspectos que condicionam bem-estar (64%). As pessoas idosas entrevistadas têm preocupação com a violência urbana (82%) e acreditam que a religião proporciona melhor adaptação às perdas socioculturais ocasionadas pelo envelhecimento.

Exercício da Cidadania: o fortalecimento de direitos como o motivo de participação nos Grupos (67%). Nessa pesquisas toso os idosos entrevistados consideram-se cidadão (100%). Mas dizem desconhecer a Lei da Política Nacional do Idoso (48%). Grande parcela da população idosa exercita o voto (70%). E, atribui a responsabilidade pela marginalização social do idoso à família (60%) e ao Governo Federal (22%). Quanto ao trabalho voluntário 70% não realizam nenhuma atividade voluntária.

Conclui-se que estes idosos, apesar de desfavorecidos das condições de vida objetiva, convivem em grupo como encontro para o lazer e para as novas sociabilidades. Apresenta na percepção subjetiva de saúde/bem-estar certa qualidade de vida, embora seja necessária a aplicabilidade de planejamentos estratégicos na mobilização social destes Grupos, visam à promoção da solidariedade, ações de educação e saúde e uma real construção da tão sonhada cidadania do idoso.

3.3 SUJEITOS SOCIAIS DO ESTUDO

Os sujeitos sociais do estudo foram pessoas idosas integrantes de dois grupos de convivência ligados à AAGRUTI, dez pessoas idosas do sexo feminino de um grupo e sete de outro. Convém ressaltar que duas pessoas tinham menos de 60 anos e procuraram a pesquisadora no dia da reunião na comunidade, pedindo para participar do grupo focal, pois já participavam do grupo de convivência há mais de cinco anos. Argumentaram que não viam diferença entre 57 e 60 anos, por se aceitar que a idade é uma construção social.

No grupo de convidados foram convidadas oito pessoas, mas compareceram seis idosas, sendo uma pessoa com 58 anos que verbalizou seu interesse em participar e foi à reunião do grupo focal, os outros cinco participantes acima de 60 anos, sendo uma do sexo feminino. Interessante colocar, que alguns participantes não se conheciam antes da reunião, foi solicitado que se apresentassem e, ao se apresentarem, começaram a dialogar. Momentos depois estavam conversando animadamente. Neste instante solicitamos que interrompessem, pois íamos iniciar a gravação.

3.3.1 Sujeitos do estudo do Grupo da Cidade Nova

O primeiro grupo, pertencente à AAGRUTI, situa-se no bairro periférico chamado Cidade Nova. Este bairro se localiza no entroncamento rodoviário da BR 101, BR 116 e BR 330. Cercado de pequenos morros, sem calçamento, com solo árido. Observa-se asfaltamento na rua central, as laterais não são calçadas. Ao fundo avistamos a Pedra Santa, localizada no bairro vizinho do Curral Novo. São bairros com concentração de pobreza e de pessoas com baixa renda.

Os idosos participantes do Grupo de Convivência Nossa Senhora Aparecida, conhecido por grupo de Aparecida, foi o primeiro grupo de convivência a ser formado pela UATI/UESB. O pároco, na época que atuou como Secretário de Educação do município, em uma gestão anterior, convocou as pessoas idosas para participarem do grupo que a UESB iria formar. Em 1996 o grupo foi formado, escolhidos coordenadores, com planejamento das reuniões semanais e sistematização dos trabalhos educativos do semestre.

Figura 05: Cartão Postal da Cidade Nova – Jequié-BA



Fonte: www.cidadesolnoticias.com 2010.

Este bairro foi “selecionado” como primeiro a ser organizado, mediante o trabalho comunitário que o pároco Pe. Jesus Villacé (atualmente na Espanha) já desenvolvia há mais de vinte anos, com criação de Creches (duas), salas de aulas (onze) e paróquias, construídas em mutirão comunitário aos domingos. Na atualidade, dando continuidade aos trabalhos desenvolvidos pelo pároco citado, estão (re)construindo também em mutirão a pequena Igreja da comunidade local, na época inaugurada com a celebração da primeira missa em 10 de agosto de 1974.

O espaço era palco de cursos profissionalizantes, culinária, costura, pintura e por anos serviu como Escola Municipal e apoio ao atendimento médico do município com campanhas de vacinação. Hoje, sede das Comunidades Eclesiais de Bases, Pastoral da Criança, Educação de Jovens e Adultos, Catequese e ainda desenvolve trabalhos comunitários. Além de ter criado o Conselho Popular Municipal, com representação de todas as associações organizadas, sindicatos, partidos políticos, sendo, ainda, palco de grandes discussões sobre a cidade, principalmente sobre a coletividade. As questões sobre saúde e educação eram as mais debatidas.

Na época formou-se um grupo para visitar as comunidades com o objetivo de realizar o diagnóstico de saúde local, na implantação da estratégia das Ações Integradas de Saúde (AIS). Todo o processo de discussão partiu da iniciativa do Padre Jesus. As comissões de saúde para integrarem o Sistema Único Descentralizado em Saúde partiu também no processo das AIS.

O município de Jequié, por meio de representantes da saúde local, no total de vinte pessoas, entre professores da UESB, profissionais de saúde e voluntários da comunidade, participou ativamente da 8ª Conferência Nacional de Saúde. Ao retornarem, apresentaram o que foi discutido na 8ª Conferência para a comunidade.

O bairro conta com o Centro de Saúde Municipal Almerinda Lomanto, com serviços de média complexidade, um Posto de Saúde e serviços do Programa de Saúde da Família e Programa de Agentes Comunitários, além de Centro de Referência de Assistência Social (CRAS).

Então, a UATI/UESB, ao convocar a comunidade religiosa de Jequié, tanto protestante como católica, neste primeiro momento, para participar da qualificação voltada a atuar em grupos de idosos e idosas, — ressalto que só compareceu ao trabalho de implantação inicialmente a igreja católica —, tinha como objetivo organizar grupos de convivência por toda a cidade.

A comunidade da Cidade Nova foi a primeira a ter implantado um grupo de convivência voltado para idosos e idosas, pois já havia um trabalho comunitário organizado, com salas de reuniões disponíveis para trabalhar educação continuada o que facilitou o processo. Depois de constituído e já em funcionamento, outros grupos foram surgindo progressivamente.

Apesar da familiaridade com o primeiro Grupo de Convivência implantado na cidade com o Projeto UATI/UESB, ao convidar os integrantes para participarem do Grupo Focal, tive o cuidado de consultar e conversar com uma das coordenadoras do grupo (são duas). Ofereci-me para participar da reunião semanal com os idosos e falar sobre o projeto do doutorado, da pesquisa que estava realizando. Entrei em contato também, com a presidente da AAGRUTI, confirmando as visitas aos grupos de convivência vinculados à associação.

Ao chegar, a sala de reunião semanal do grupo de convivência estava repleta de idosos. Todos conversavam animadamente em pares sobre a passeata da cidadania, evento de abertura das comemorações do mês da pessoa idosa, no dia 1º de outubro. Relataram também que no planejamento que tiveram para programar as atividades, houve uma sugestão para realizarem uma gincana entre os 26 grupos de convivência do município.

Perguntei de que constava a gincana e responderam-me com precisão: o primeiro ponto vai ser para o grupo mais animado na passeata e com maior número de participantes; o segundo vai ter a primeira jornada do idoso no IERP, onde seriam apresentadas oficinas sobre vários temas. Em outro momento acontecerá um desfile cultural e palestra de encerramento. O Coral Encantando, com integrantes da AAGRUTI, se apresentará bem como um Terno de

Reis com pessoas idosas do município vizinho que pertencem à associação também se apresentará.

Falei da minha intenção na reunião, que estava realizando uma pesquisa sobre envelhecimento, para melhor conhecimento, e com o objetivo voltado não só para saber das trajetórias de vida, de como viveram, mas também para falar de corpo e de sexo. Quando falei a palavra sexo houve um burburinho. Alguns idosos ficaram sorrindo faceiramente. Solicitei à coordenadora que sugerisse os nomes dos voluntários, de preferência aqueles que tivessem mais tempo de permanência no grupo. Muitos quiseram ir. Pedi desculpa por não poder convidar a todos, mas que outras oportunidades surgiriam. Uma senhora me chamou à parte e pediu para participar da pesquisa, era recém chegada ao grupo e à cidade, expliquei o objetivo da pesquisa e me comprometi a escutá-la numa próxima pesquisa, agradecendo-a. Coletei os nomes, entreguei um convite a cada membro indicado, com data, horário, local, para não se esquecerem do grupo focal.

Fui convidada pela presidente da associação para participar da reunião de planejamento e programação das atividades do mês do idoso. A presidente da AAGRUTI convocou também as coordenadoras de todos os grupos para a reunião que ocorreu na sede da instituição. Acompanhei uma reunião, só para observar. O vice-presidente da instituição, pela primeira vez do sexo masculino, estava presente à reunião.

A coordenadora do grupo do centro da cidade pediu silêncio. Para surpresa de todos trouxe uma relação com as oficinas que seriam desenvolvidas na Jornada da Cidadania para o Idoso que aconteceria em meados de outubro. Este foi o primeiro conflito, presenciado pela pesquisadora, pois nem todos concordavam com as oficinas escolhidas. A coordenadora técnica disse já ter entrado em contato com a Faculdade de Tecnologia e Ciências representada pelos alunos de graduação em Psicologia e Enfermagem e com o Departamento de Saúde da UESB que se comprometeram em realizar várias oficinas que não coincidiam com as apresentadas.

Discutiram por um bom tempo as oficinas que interessariam a todos os integrantes da AAGRUTI. A presidente disse que não precisava de palestra de abertura, pois ia demorar muito e as oficinas ficariam com tempo exíguo para o evento. Uma ex-presidente da associação disse não concordar, pois seria importante começar com uma reflexão ou palestra sobre envelhecimento saudável. Decidiu-se passar um filme e refletir sobre o assunto. O desfile cultural comentado pelo primeiro grupo seria por sorteio nas seguintes categorias: traje de banho; traje de festa; traje de fantasia. A reunião começou as nove e terminou às doze horas, ficando de se encontrarem para outras resoluções no dia seguinte.

A Passeata da Cidadania do dia 1º de outubro contou com a presença de 26 grupos, inclusive um grupo que veio do distrito de Itajuru. A concentração foi na Praça Luís Viana, e policiais foram convocados para dar cobertura no trânsito. Os idosos usavam camisa com o tema da passeata, cada um com o nome do seu grupo de convivência. Havia mais de mil participantes na passeata.

Registramos o encontro intergeracional, inclusive da menina Rebeca, que desde o ventre acompanha a mãe e a avó na caminhada. Com seus oito anos, encontrava-se de blusa branca do grupo da avó e carregava balões coloridos nas mãos. Outras crianças e jovens também acompanharam as mães ou avós. Cada grupo levava lenço, bolas, tiras coloridas que balançavam ao ar. Um grupo chegou atrasado e teve que parar a passeata, pedir ajuda à Polícia Militar e ao carro de som, solicitando aos participantes que andassem um pouco mais devagar para que o grupo atrasado pudesse acompanhar. Cada grupo carregava sua faixa com nome especificando o local de origem.

A Secretaria Municipal do Desenvolvimento Social forneceu água aos participantes, vários funcionários iam entregando água, sendo acompanhados por um carro oficial. O carro de som à frente ia animando os idosos, cantando músicas conhecidas, lendo textos pequenos sobre envelhecimento. O percurso da caminhada foi grande, fui acompanhando de carro, observando a participação dos idosos distantes, ou seja, o último carro da passeata. Uma idosa me pediu para deixar a bengala no meu carro; perguntei se ela não queria acompanhar de carro, mas ela fez questão de ir de braços dados com duas colegas do grupo de convivência.

As pessoas saíam à porta para ver a passeata, que percorreu as ruas do centro da cidade. Os funcionários das lojas e os transeuntes paravam e ficavam a olhar, admirados, devido, acredito, à animação dos idosos, pois a euforia era grande. Uma colega assistente social acompanhava a passeata e, num determinado momento, abaixou as mãos sem sacudir os dois balões que carregava. Uma idosa chegou para ela e falou: “Coragem, minha fia, levanta as mãos para animar o nosso grupo!”

Uma jovem idosa me surpreendeu com um “vibrador” dentro da bolsa, colocava para vibrar e as idosas ao encostarem davam uns gritinhos:

-- Mas o que é isto?”

-- Pega para você sentir!

E sorriam às gargalhadas! Uma chamava a outra para sentir a vibração por fora da bolsa! Todas gritavam e sorriam quando pegavam. De longe a gente via o tumulto. Cheguei

perto para ver o que estava acontecendo, aí a idosa encostou à minha mão algo vibrando, não tinha como não tomar choque, pois jamais poderia imaginar tal fato.

E continuavam a caminhar até a Praça Central, onde se deram as mãos, formando um círculo imenso. Um padre, que acompanhava a passeata, fez uma oração ecumênica, e então todos rezaram o Pai Nosso e se dispersaram após agradecer a presença de todos. Alguns grupos providenciaram ônibus para transportar os integrantes, outros retornaram para casa de “vans”. A Rede de Televisão filmou e passou no jornal da região, entrevistando várias pessoas idosas.

A primeira entrevista do grupo focal teve como palco, ou seja, o local escolhido para a realização da entrevista da pesquisa, a sala da sede da AAGRUTI, pois se localiza no centro da cidade, e todos podem pegar transporte com facilidade. É silenciosa, pode-se ficar trancada sem interrupções. Solicitei a presidente, permissão para realizar a reunião e consequente liberação da secretária que trabalha na sala. Estariam presentes: os sujeitos sociais, um aluno voluntário do curso de Direito da UESB/Vitória da Conquista, uma colaboradora pedagoga com especialização em gerontologia pela UESB e a pesquisadora.

A sala tem ventilador grande, uma mesa oval para quatorze pessoas, mais cadeiras ao redor, computador, armários. Nas paredes tem um mural com avisos, convites, outro mural com fotos de diversos grupos de eventos em que as pessoas idosas presentes participaram como também tem várias fotos de outros grupos associados. Tem uma antissala e um banheiro com boas condições de higiene, computador com impressora, além de água mineral e cafeteira elétrica.

Antes mesmo da entrevista, quando da tomada dos nomes dos participantes na reunião semanal do grupo, perguntei se alguém tinha restrição ao açúcar, ou a alguma alimentação, pois serviria um lanche e poderia ter alguém com diabetes ou hipertensão. Falei da necessidade do uso do gravador, como também se houvesse necessidade retornaria para outra entrevista. Falei sobre ética na pesquisa com seres humanos, e o que ouvissem, alertamos, guardassem para si. Os idosos chegaram alegres e falantes, tivemos que aguardar um grupo que estava no coral Encantando, mas logo chegaram e iniciamos a nossa entrevista.

Na atualidade, com a pesquisa ora desenvolvida, foi “escolhido” / sugerido pela coordenadora de convivência um grupo de onze idosos para fazer parte do grupo focal. Dos onze idosos convidados, dez idosas compareceram. Ressalto que os codinomes utilizados para referir-me às pessoas idosas correspondem a mulheres citadas na bíblia, sem nenhuma alusão ao significado e/ou história de vida religiosa.

Abaixo descrevemos as características das entrevistadas e dos entrevistados nos Grupos Focais participantes da pesquisa. São elas:

Miriã: 75 anos, é aposentada, de cor negra, vida pregressa da zona rural. Alta e forte. Um sorriso maroto aberto, olhos brilhantes, muito simpática. Usa os cabelos crespos amarrados para trás. Não pinta os cabelos. Viúva. Estava com aparência alegre e bem disposta, vestindo-se com roupas alegres. Faz exercícios físicos na cama antes de levantar. Unhas cortadas rentes à pele. Analfabeta, mas sabe escrever o nome. Foi uma das primeiras idosas a se inscrever no grupo de convivência. Diz nunca ter faltado às reuniões semanais do grupo. Participa do Coral Encantando (integrado só por idosas) e de todas as atividades grupais em que é convidada, seja no município ou fora dele.

Diz que sua vida começou a partir da integração no grupo. Que ela “ressuscitou”, este foi o termo que usou, pois vivia em casa sozinha, morta. Não saía de casa para nada. Antigamente não participava da vida social, aniversários, festas, não ia com vergonha da aparência e de conversar com “outras pessoas” que não fossem do seu convívio. Relata que, em toda a sua vida, nunca tinha ido à “rua”, ao centro da cidade, para comprar quaisquer eletrodomésticos ou móveis para sua casa, pois tinha vergonha de falar com os vendedores, com medo de que caçoassem dela. Mas que, após o grupo, comprou a primeira mobília escolhida sozinha, o que a deixou muito feliz, realizada.

E, no grupo focal, falou com clareza e sem pudor sobre sua vida, uma das mais falantes, fez pausa para falar, relatou sentir-se “aliviada” ao discorrer sobre si, pois tinha assuntos que ela nunca havia tocado antes da entrevista, tais como sexualidade, corpo. Contou detalhes muito interessantes de sua vida, tem marcas profundas sobre sua vida na memória e no corpo.

Sarah: 57 anos, negra, se auto-indicou para participar da pesquisa, pois disse não ver diferença entre a idade que tem e a idade indicada para uma pessoa idosa. Tem vida pregressa da zona rural. Não recebe benefício algum. O filho a ajuda nas despesas da casa herdada do marido falecido. Tem um ar misterioso e másculo, gosta de usar calças compridas. Participa do Coral; a regente do Coral ficou encantada com o tom da sua voz. Muito bem arrumada, com unhas feitas, cabelos presos em coque. Estudou o primeiro grau, parou para trabalhar. Estava vestida com bermudas, blusa solta de cor clara.

Falou no grupo focal pausadamente, como se estivesse medindo as palavras, parecendo pensar criteriosamente o que falar. Os olhos fixos nas mãos que dobravam um papel qualquer que estava em cima da mesa. Ia vagarosamente soletrando as sílabas

principalmente em depoimentos que traziam na memória momentos dolorosos da sua vivência com os pais e do último casamento com um idoso.

Depois se descontraiu. Ao falar sobre sua participação no grupo, ressaltou que estava em nova vida, com novas perspectivas. Sorridente, conversou sobre a modificação da sua vida no grupo. Também relatou que vivia em casa isolada, que se sentia só; ao participar do grupo, adquiriu novas amizades, passou a sair com mais frequência e aprendeu muita coisa de que não tinha conhecimento, além das viagens.

Isabel: 71 anos, vida pregressa da zona rural, cor parda. É aposentada, recebe um salário mínimo. Analfabeta. É alta, forte, tem os cabelos lisos oleosos presos em coque com grampos. É separada, mas o ex-marido vive em um quartinho no fundo da casa. Pinta os cabelos, estava com unhas feitas e pintadas. Vestia saia rodada, calçava sandálias abertas. Muito falante, voz firme, autoritária e espirituosa,. Ao falar movimentava as mãos. Os depoimentos reveladores surpreenderam a todos. Ao falar sobre os filhos, revelou o que as colegas do grupo não sabiam: os três filhos dos quais não sabe o paradeiro, foram embora diante das dificuldades enfrentadas na época. Faltavam comida e vestimentas. Os filhos disseram que iam embora buscar emprego em outro lugar, em São Paulo, e não mais deram notícias ou voltaram. Foi uma surpresa para algumas colegas do grupo. Também nunca buscou ajuda para achá-los em *site* de desaparecidos ou similares. Hoje, tem uma neta que faz faculdade.

Trabalha voluntariamente na igreja católica do bairro, aliás, é quem guarda a chave da igreja, é a pessoa de confiança do padre, fala isso com orgulho, estufando os peitos. Limpa a igreja criteriosamente com outra idosa, disse que em dias de limpeza pesada leva familiares para ajudá-la.

Rebeca: 68 anos, analfabeta, tem vida pregressa da zona rural. Aposentada, recebe salário mínimo. Alta, de cor branca, bem magra, olhos claros, esverdeados. Os cabelos longos estavam bem penteados e presos em coque. Era separada, nunca mais reencontrou o marido depois que fugiu dele quando nova.

Alma: um ar de tristeza, única sem dentes na frente. Arrumou-se toda e perfumou-se para vir à entrevista. Analfabeta. Fala baixo como se estivesse com vergonha. Também disse que o grupo trouxe alegria à sua vida, que vivia muito só, sem amizades, que passou a ter uma vida mais social depois de participar do grupo.

Para surpresa minha esta idosa veio a falecer neste ano de 2010. Os relatos estão na íntegra, retratando sua satisfação em participar do grupo, sua alegria em viajar, ir aos

encontros. Foi a primeira a relatar que carregava a cartilha do Estatuto do Idoso na bolsa. Quando se sentia ameaçada, mostrava a cartilha.

Marta: tem 64 anos, parda, não é aposentada, tem vida pregressa da zona rural. Vive com o salário do marido. É casada, tem o primeiro grau. É baixinha. Diz-se tímida, mas ao começar a falar foi bem expansiva. Ajuda na limpeza da igreja juntamente com Isabel. Gosta de participar do grupo, principalmente por causa das amigadas.

Ana: 60 anos, parda, não é aposentada. Tem vida pregressa da zona rural. Muito simpática, com os cabelos curtos e bem tratados, pintados de cor clara, fez questão de afirmar que fez escova e pranchou, ela própria, os cabelos. Só anda arrumada. Unhas pintadas. Estava com brincos, corrente e relógio. Tem o primeiro grau.

Disse que por toda a sua vida deixou crescer os cabelos. Eram cabelos compridos, que ela enrolava e prendia com grampos, fazendo um coque atrás. Não obstante, foi sorteada com um corte de cabelo na UESB, em um dos cursos para a terceira idade de que participava. Acabou por convencer o marido a “deixá-la” cortar os cabelos. Desde então, não os deixou crescer mais. Acha-se bonita.

Ester: 58 anos, não recebe benefício algum. Tem vida pregressa da zona rural. Analfabeta. Bem baixinha. Na atualidade, diz achar-se bonita ao olhar-se no espelho e revela que conversa com o espelho: como eu sou elegante! Fala com gosto e satisfação.

Passou muita dificuldade quando jovem. Hoje o filho e a nora a ajudam nas despesas. Relata que ao sair, para qualquer lugar, se arruma bem; justifica que não vai desarrumada para o meio de “gente”. Então, tem que fazer escovinha nos cabelos, pintar as unhas e a roupa; tem que estar limpa e bonita.

Ruth: 65 anos, branca, possui segundo grau completo. Elegante, alta e magra, acha-se muito magra, quer engordar para poder ir à academia de ginástica, pois diz que magra do jeito que está não vai vestir uma roupa para malhar. Maquiada (pó compacto, *blush*, batom e lápis nos olhos), os cabelos com alisamento realizado por profissional, unhas feitas em salão de beleza. Bem espirituosa e perfeccionista. Principalmente no grupo, gosta de tudo muito organizado e faz mil cálculos quando o assunto gira em torno de prestação de contas.

Tabita: 60 anos, branca, olhos esverdeados. Cabelos cortados bem curtos. Diz não gostar de cabelos muito crescidos. Sorridente, ganhou o título de Miss Sorriso. Tem o primeiro grau. Não recebe benefícios, vive da pensão do marido. Diz que o grupo a ajudou a se recompor de perdas familiares. Referiu que vivia muito triste, sem sair de casa, mas hoje viaja com o grupo de convivência e não perde nenhuma atividade proposta pelo mesmo. Na entrevista chorou ao lembrar-se da morte do neto, ficou muito emocionada.

Betânia: 75 anos, vida pregressa da zona rural. Aposentada. Relata sua história fazendo graça, sorrindo, timidamente, pelo canto da boca. Cabelos presos. Analfabeta. Obesa. Estava arrumada e perfumada.

3.3.2 Sujeitos do estudo do Grupo do Centro: Catedral de Santo Antônio

O segundo grupo, pertencente à AAGRUTI, situa-se no Centro da cidade. Os integrantes residem em localidades próximas à Catedral de Santo Antonio. Bairros nos quais as classes média e média alta residem. Na figura 06 pode-se visualizar a Catedral que tem mais de um século. Construída com o apoio de Vicente Grillo — imigrante italiano que se fixou em Jequié e recebia os conterrâneos em sua residência no centro da cidade, para se acostumarem com o clima quente da cidade. Trouxe o primeiro telefone e construiu uma fábrica de gelo, como também convidou dois europeus: francês e suíço, arquitetos que “desenharam a cidade”, três ruas largas cortaram a cidade de ponta a ponta. O espaço físico do museu, do aeroporto, do Centro de Abastecimento (feira livre), da igreja matriz (hoje catedral) foram doações, entre outras, de Vicente Grillo. O relógio-carrilhão da igreja ele trouxe da Itália e solicitou que o padroeiro da cidade fosse Santo Antônio de Pádua (mais conhecido em Portugal, onde nasceu, como Sto. António de Lisboa).

Figura 06: Vista aérea de Jequié do Centro da cidade e da Catedral



Fonte: www.souzaandrade.com.br. Acesso em 2010.

O grupo da Catedral foi criado no ano de 2000 com o apoio da UATI/UESB. É composto essencialmente de mulheres. Todos os anos, este grupo promove viagens para algum centro turístico do país. Trajam-se diferentemente dos demais grupos, com roupas de grife, usam perfumes mais fortes. As viagens realizadas são pagas mediante carnês depositados em uma conta especial.

Repeti a mesma ação no grupo da Catedral, frequentei a reunião para falar sobre a pesquisa e os objetivos propostos. Conversei com todos os presentes e algumas idosas se motivaram a participar do grupo focal. Uma das coordenadoras pediu para a coordenadora de área anotar os nomes, e em certo momento a ouvi falando que tinha que colocar uma idosa assalariada, o que foi correspondido. Foram colocados nomes de rainhas europeias. As idosas presentes a este grupo focal têm as seguintes características:

Anne Elizabeth: 72 anos, branca, professora estadual aposentada com mais de três salários mínimos, casada. Veio à reunião com os cabelos soltos, arrumados em salão de beleza, as unhas também estavam pintadas, cortadas curtas. Maquiada com pó, *blush* e batom, as sobrancelhas têm pintura definitiva. Arrumada com roupas claras, bermuda e blusa solta, bolsa e sapatos combinando. Usando jóias. Alegre e falante. Marido bem de vida. Bem descontraída, fala de sua infância, juventude e do seu casamento “bem sucedido”. Apesar de relatar que é “pobre”, tem uma vida economicamente estável. Os filhos todos estudaram e estão trabalhando em empresas da família.

Catarina: 79 anos, muito branca, parece que já fez plástica facial. Se autodefine como *mignon*, pois é baixinha. Bonita. Cabelos e unhas feitas em salão de beleza. Discreta e recatada, ao falar pensava muito antes de se expressar e quando a colega do grupo fazia revelações ela dizia: “Misericórdia! Ave Maria!” Estava usando jóias. Maquiada com pó, *blush* e batom, as sobrancelhas com pintura definitiva, usava sombra a lápis nos olhos. Relata que não terminou o segundo grau para não deixar seu pai sozinho, quando da morte da mãe. Tem o primeiro grau completo. Recebe a aposentadoria do marido, mais de três salários mínimos e os filhos a ajudam sempre, buscando agradá-la.

Josefina: 76 anos, aparentemente já fez plástica facial. Alta, altiva. Maquiada com pó, *blush* e batom, as sobrancelhas são pintadas em definitivo, usava sombra a lápis nos olhos. Cabelos soltos, oxigenados (escuros), unhas feitas. Usava na reunião óculos escuros grandes, que retirou mais tarde. Vestia bermudas e blusa estampada, fez questão de dizer que requebra quando anda. Recebe mais de três salários mínimos por mês e os filhos a ajudam. Não terminou o segundo grau. É separada. Deixou a casa que a mãe deu para o marido, disse não suportar mais a vida com ele, que não levou um copo sequer, saiu com a roupa do corpo. Prometeu que sairia de casa quando a última filha casasse e assim o fez. A mais falante do grupo. Ainda confecciona artesanatos para vender e é integrante da Associação de Artesãos de Jequié.

Leonor: 74 anos, completou esta idade no mês após a entrevista, convidou todas do grupo para a festa. É aposentada, recebe mais de dez salários mínimos. Na sua festa de

aniversário apresentou coreografia com um professor de dança de salão, um tango e um forró, com muita graça. As colegas gritavam: “Olé, viva!” Muito ruído. Depois o Coral Encantando, do qual faz parte (ensaiam todas as segundas-feiras), fez uma apresentação com músicas folclóricas. Cantou também uma música em espanhol (algumas idosas do Coral não sabem ler nem escrever, a coordenadora do coral copia as músicas em fita cassete ou em CD e as idosas levam para casa. Os netos, os filhos colocam no aparelho de som e elas aprendem a música). Na festa — realizada em seu sítio, na periferia da cidade — ela fez questão de avisar que era aniversário de cigano, só terminaria no outro dia, quem quisesse dormir, os quartos estavam arrumados.

Na reunião do grupo focal, os cabelos estavam soltos, eram brancos pintados (azulados), à altura dos ombros, cacheados, muito bonitos. Maquiada com pó, *blush* e batom, as sobrancelhas são pintadas em definitivo, usava sombra a lápis nos olhos. Muito bem arrumada e perfumada.

Maria Teresa: 71 anos, aposentada pelo município, recebe mais de quatro salários mínimos. Muito branca, olhos azuis, cabelos soltos, curtos, oxigenados, arrumados em salão, pareciam que tinham fixador, pois não saíam do lugar. Cheia de adornos: relógio, pulseira, anéis e argolas em ouro. Maquiada com pó, *blush* e batom, as sobrancelhas são pintadas definitivas, usava lápis nos olhos. Roupas discretas. Aposentada municipal. Hoje faz parte da igreja católica como participante ativa. É ministra da igreja. Fala comedidamente. Não compareceu à segunda reunião, e a princípio, por não querer falar sobre o corpo e sexualidade.

Constança: 62 anos, aposentada como técnica de enfermagem; trabalhava no Hospital Geral em Jequié. Morena, cabelos lisos, soltos, jeito de índia, olhos puxados. Estava arrumada, maquiada apenas com batom. Alta, bonita. Kursou o segundo grau. Recebe mais de três salários mínimos. Desde que entrou no grupo da catedral fez novas amizades. Apesar de se separar do marido ainda jovem, não quis se comprometer outra vez, diz-se só. Fala com calma, se desculpou porque não veio na primeira reunião, interagiu bem com as outras pessoas mesmo sem tê-las ouvido anteriormente.

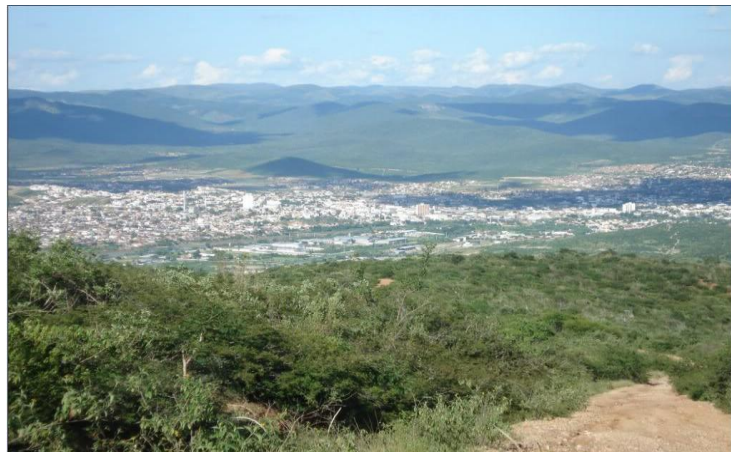
Henriqueta: 72 anos, vida pregressa da zona rural. Diz que começou a trabalhar aos 4 anos de idade, colhendo café. É a única do grupo da catedral que é assalariada; recebe um salário mínimo. Cabelos penteados em forma de coque. Alta, arrumada, falante. Não pinta os cabelos. Trouxe um caderno – diário em que a neta escreve para ela as lembranças dos “tempos passados”. A coordenadora do grupo da Catedral ofereceu o caderno. Passou o caderno para eu ver / ler e ali estava escrito que uma coisa que a emocionou muito foi o

primeiro beijo. Ela sorriu muito e confessou que pediu a neta para escrever, porque o primeiro beijo nunca se esquece.

3.3.3 Sujeitos do estudo do Grupo de Convidados

Este foi o grupo focal entrevistado mais heterogêneo nas múltiplas facetas da velhice. Muitos não se conheciam, começaram a se apresentar timidamente, depois de meia hora estavam conversando animadamente. Residem em diversos lugares do município, desde o centro, até o extremo da cidade. Nomeamos os entrevistados com codinomes relacionados aos deuses da mitologia grega.

Figura 07: Vista aérea da periferia de Jequié



Fonte: Jequié-BA, "Cidade Sol" (by cerrado - fevereiro de 2007).

Figura 08: Panorâmica de Jequié/BA



Fonte: SkyscraperCity. Acesso: 2010.

Afrodite: 70 anos, renda maior que oito salários mínimos, casada. Elegante com seus óculos escuros de grife. Cabelos oxigenados, feitos a escova, unhas feitas em salão de beleza. Maquiada (com *blush*, batom, lápis e pó compacto). Sobrancelhas pintadas definitivas. Roupas elegantes; seu perfume espalhou-se pela sala. Uma presença marcante. Segundo grau completo.

Uma das coisas que marcaram seu discurso foi relatar com detalhes as viagens para Salvador com a mãe. Faziam roupas especiais para a época, inclusive com luvas de crochê e bolsa para combinar com o vestido. Ainda nos dias atuais tem uma vida economicamente estável. Nunca trabalhou na vida. Formou todos os filhos.

Apolo: 62 anos, branco. Recebe mais de oito salários mínimos. Olhos brilhantes parecendo duas contas negras. Calvo. Cabelos compridos soltos. Ar sério, ao falar demonstra serenidade. Fez música na UFBA depois da maturidade.

Diz não se ver com a idade que tem: *Não me vejo com 62 anos de idade. A música principalmente para mim é uma busca. Busca das coisas que eu não ouvi. Então, hoje meu universo musical é a música clássica. Ah, mas é velho. Não é. Foi o mais moderno que tem. Acaba concluindo: Música é vida interior e quem tem vida interior jamais padece ou padecerá de solidão, é de Artur da Távola.*

Baco: 62 anos, negro, aposentado pelo estado, recebe mais ou menos três salários mínimos. Tem vida pregressa na zona rural. Morou na juventude aqui mesmo em Jequié e não viveu a mesma geração de Apolo. Forte, brincalhão, cabelos curtos, crespos. Muito arrumado, de bermudas e camiseta. Fez o primeiro grau. Gosta de festa, vive com os filhos em um sítio, na periferia da cidade; cada qual tem sua casa no mesmo espaço.

Dionísio: 73 anos, vida pregressa da zona rural, muito branco, muitas sardas de sol, olhos verdes, cabelos oxigenados, escuros. Adora festas e dançar, disse não viver sem dançar, sem uma boa música. Só anda arrumado e perfumado. Falante, gosta de fazer piada com tudo e com todos. Tem segundo grau completo. É viúvo, mas já estava separado da mulher quando ela faleceu. Contou várias piadas na entrevista.

Eros: 64 anos, vida pregressa da zona rural. Simpático, falante. Parece ter valorizado mais a vida depois de acidentes sofridos. Gosta de dançar. Cabelos alinhados com gel, muito bem penteados. Fez segundo grau e ainda trabalha. É autônomo e independente. Diz que adora perfumes, se tomar “dez” banhos se perfuma as dez vezes. Estava vestido com elegância nos dois encontros; camisa por dentro da calça, sapato social, sempre muito bem arrumado.

Hermes: 71 anos, aposentado e trabalha atualmente. Alto e muito magro. Escritor, espirituoso, irreverente. Alegre. Tem problemas de saúde, não pode comer todas as “coisas”, pois tem dificuldade de digestão ou sente-se mal, então, se restringe a uma alimentação bem saudável sem frituras e açúcares. Ainda hoje trabalha com livros, armazena a memória da cidade. Tem livros publicados.

Teseu: 57 anos, se ofereceu para ser entrevistado, pois seu filho também faz doutorado. Disse não ver diferença entre 60 anos e seus 57anos de idade. É moreno, muito simpático, altura mediana, cabelos crespos, cortados curtos. Tímido. Arrumado, camisa por dentro das calças com cinto, sapato social.

3.4 GRUPO FOCAL: A TÉCNICA DE COLETA DE DADOS

Foi escolhido o grupo focal como técnica para coleta dos dados, pois como já existiam os idosos nos grupos de convivência, seriam mais interativos nas discussões dos temas em foco, temas estes já especificados em reunião do grupo semanal, como também os objetivos da pesquisa foram explanados. As coordenadoras dos grupos de convivência sugeriram os nomes dos participantes para integrarem os grupos focais.

O grupo focal é uma técnica de pesquisa qualitativa muito utilizada nos últimos tempos, principalmente para a estruturação de ações voltadas para a saúde pública, podendo ser utilizada no entendimento de como se formam as diferentes percepções e atitudes sobre um fato, prática, produto ou serviço (CARLINI-COTRIM, 1996, p. 3).

A formação do grupo focal pode ser de seis a doze componentes. Ao explicar como seriam os questionamentos, esclareci a divisão em quatro etapas, focadas em um determinado tema para cada etapa. Primeira etapa: a história de vida de cada componente; segunda etapa: a reconstrução da identidade da velhice no grupo de convivência, ou, para os convidados, como era a vida antes dos sessenta e depois; terceira etapa: as dimensões do corpo e, por fim, a quarta etapa, a sexualidade.

Confirmamos que os participantes poderiam falar à vontade, como os outros também, contanto que levantassem a mão, ou fizessem um gesto, esperassem o outro parar para interferir ou dar sua opinião, então, poderiam interagir. Acredita-se que esta técnica complementa a entrevista sobremaneira, porque o grupo focal tem por finalidade obter a ‘fala em debate’, quando vários pontos são discutidos com os participantes interagindo, daí geram conceitos, impressões, concepções, percepções sobre determinado tema entre os participantes

entrevistados. Os dados, assim obtidos, são de natureza essencialmente qualitativa (TEIXEIRA, 2002, p. 61).

Cada entrevista durou em média duas horas. O grupo focal utiliza as sessões grupais como um dos meios facilitadores da expressão de características de cada indivíduo integrante em aspectos sociais, culturais (WESTPHAL et al., 1996). Pode-se pensar coletivamente nos temas que fazem parte de suas vidas cotidianas.

Focus groups have evolved over the past few decades and have taken on a set of characteristics that are distinctive from other group experiences. Focus groups are useful in obtaining a particular ring of information – information that would be difficult, if not impossible, to obtain using other, to an overview of focus group characteristics and then provides examples of how decision makers have used focus group procedures (KRUEGER, 1988, p. 27).

Tínhamos convicção, como Krueger afirma, que a técnica mais viável para alcançar o objetivo da pesquisa seria com a utilização do grupo focal, pois as pessoas idosas que participam dos grupos de convivência e mesmo algum membro não tendo familiaridade com os outros, como o grupo de convidados que não participam de nenhum grupo específico de pessoa idosa, acabam se conhecendo, interagindo, sendo um aspecto positivo.

Então, no dia marcado da reunião, cheguei cedo, preparei a sala, coloquei os ventiladores para funcionar; o calor era intenso. Tirei o arranjo de cima da mesa para que todos pudessem entreolhar-se sentados na mesa oval. O lanche já estava todo programado. A secretária foi liberada com autorização da presidente da AAGRUTI, estávamos sós. Nós e o grupo. Testei o gravador, trouxe pilhas novas de reserva. Então, fiquei esperando os convidados chegarem, acolhi cada um, enquanto a monitora/colaboradora chegava e acolhia-os também.

Ao iniciar a reunião me apresentei, falei novamente sobre a pesquisa, seus objetivos, a questão do sigilo e da ética, pois ouviríamos relatos que poderia ou não ser confidenciais e que deveriam ficar ali no grupo e expliquei que os nomes na transcrição das entrevistas seriam modificados.

Todos se apresentaram no grupo de convidados; alguns membros não se conheciam. A primeira pessoa a falar foi escolhida pelos membros presentes e por ordem de quem estava sentado. As falas foram ricas em detalhes, expressaram suas opiniões, sentimentos, crenças, atitudes, pareciam que estavam à vontade. Muitas falas deixaram o grupo surpreso e emocionado com as revelações.

A utilização de sessões de grupo como técnica de pesquisa é recomendada pela maior possibilidade que oferece para se pensar coletivamente uma temática que faz

parte da vida das pessoas reunidas. Pressupondo que percepções, atitudes, opiniões e representações são socialmente construídas, a expressão das mesmas seria mais facilmente captada durante um processo de interação em que os comentários de uns podem emergir a opinião de outros, e em ambiente permissivo pode facilitar a expressão de emoções. (WESTPHAL et al., 1996).

O roteiro da entrevista estava em mãos, foi elaborado a partir dos objetivos da pesquisa, para não sair do seu foco. Mesmo assim, tínhamos que ficar atentas, e vivemos momentos em que a interação estava tão animada, que se precisou solicitar permissão para retornar aos relatos, surgindo temas surpreendentes, fora do roteiro.

Ainda sobre os usos do grupo focal Morgan (1988, p. 2) refere que:

The on-line search referred to previously revealed three basic uses for focus group in current social research. First, they are used as a self-contained method in studies in which they serve as the principal source of data. Second, they are used as a supplementary source of data in studies that rely on some other primary method such as a survey. Third, they are used in multimethod studies that combine two or more means of gathering data in which no one primary method determines the use of the others.

Foi utilizado o primeiro tipo, pois o grupo focal é nossa principal fonte de dados para serem analisados. Os dados que emergiram foram construídos no coletivo. Observou-se como o grupo reagiu com os questionamentos e interagiu com as respostas. Acredita-se que os dados obtidos mediante a interação grupal, desvelaram vários aspectos do grupo em foco. Westphal et al. (1996, p. 473-474) afirmam que se tiver um olhar singular para observar os grupos focais ainda é possível conhecer os processos dinâmicos das sociabilidades percebidas entre os participantes. Esses processos são reproduções do que ocorre fora dos grupos, pois já se conheciam anteriormente, então facilita a discussão e os resultados se aproximam do problema que incorporam uma dimensão do processo cognitivo que só pode ser obtida em tal situação.

3.5 ANÁLISE DO DISCURSO: A TÉCNICA DE ANÁLISE DOS DADOS

Os dados colhidos mediante gravação serão transcritos e analisados. A análise dos dados será também qualitativa, aproveitando os sumários etnográficos e analisando os discursos elaborados nos grupos focais. Gill (2002, p. 244) argumenta que não existe uma única Análise de Discurso (AD), mas vários estilos diferentes que só concordam com “uma rejeição da noção realista de que a linguagem é simplesmente um meio neutro de refletir, ou

descrever o mundo, e uma convicção da importância central do discurso na construção da vida social”.

Ainda, a autora conceitua “discurso” para se referir a todas as formas de falas e textos, seja quando ocorre naturalmente nas conversações, como quando é apresentado como material de entrevistas seja em textos escritos de todos os tipos. Os analistas de discursos vêem todo discurso como prática social, pois falas e textos são práticas sociais (idem, 247/250).

A análise do discurso (AD) trabalha com o sentido e não com o conteúdo do texto. A linguagem na análise do discurso vai além do texto, procura-se transcender as falas, observar as entrelinhas do dito. Os discursos trazem sentidos pré-construídos que são ecos da memória do dizer e a memória é seletiva, então trazem o que selecionam para falar. Entende-se como memória do dizer o interdiscurso, ou seja, a memória coletiva constituída socialmente. O sujeito tem a ilusão de ser dono do seu discurso e de ter controle sobre ele, porém não percebe estar dentro de um contínuo, pois sempre viveu na coletividade, com o outro interagindo. Nas falas o entrevistado pode não perceber, mas todo o discurso já foi dito antes, em algum momento de sua existência (GILL, 2007).

Na AD a transcrição tem que ser fiel à fala, não deve ser sintetizada, ou mesmo corrigida, é a transcrição literal das falas. É um processo demorado, pois demanda tempo para realmente anotar todos os detalhes. Mesmo depois de transcritas, o pesquisador deve revisar e acrescentar as falas sobrepostas, os silêncios, os risos, todos os detalhes considerados relevantes para a pesquisa. Após ler e reler as falas, imergir nos discursos com profundidade, tornando estes discursos familiares aos nossos sentidos. Assim, as categorias surgirão e serão usadas para decodificação nas questões de interesse.

Ressaltamos que após análise não faremos generalizações sobre o tema, pois “o discurso” é sempre circunstancial — construído a partir de recursos interpretativos particulares de cada sujeito social envolvido e tendo em mira contextos específicos de suas vivências na cotidianidade (idem, p. 264). Quanto às entrevistas, estarão disponíveis digitalizadas na íntegra para futuras observações e interpretações de novos focos.

3.6 QUESTÕES ÉTICAS

Para adentrar o campo de pesquisa, na contemporaneidade, as questões éticas são de extrema relevância, principalmente quando se trata de conhecer a cotidianidade de seres humanos.

[...] a ética é a “filosofia prática” [que visa] uma reflexão sistemática sobre o normativo [e que] deve lidar também com a aplicabilidade, [o] caráter de “filosofia prática” próprio da ética, excede aquele de mera “teoria do prático”, pois traz um saber que ajuda a desenvolver a capacidade moral do agente (Maliandi, 1998). Pode-se concluir que a bioética tem de fato uma terceira função, também prática, e socialmente relevante, consistente em proteger os indivíduos e populações humanas, assim como outros seres vivos, contra ameaças decorrentes das práticas humanas que envolvem tais seres e sistemas vivos (SCHARAMM et al., 2006).

Para a realização da pesquisa científica, faz-se necessário seguir as recomendações da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta as Normas e Diretrizes que discorrem sobre a pesquisa com seres humanos. Diz-se sobre os princípios básicos da bioética: autonomia, maleficência, beneficência e justiça, dentre outros, visando assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica e aos sujeitos da pesquisa.

O primeiro passo é a elaboração do protocolo de pesquisa com a sua descrição, os sujeitos sociais envolvidos e todas as instâncias responsáveis, que deverá ser encaminhado ao Comitê de Ética da instituição. Este projeto de pesquisa foi encaminhado e aprovado pelo Comitê de Ética do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia após ajuste no Termo de Consentimento Livre Esclarecido

A autora Minayo (2005) argumenta que um pesquisador social deve ter determinadas qualidades, como a dedicação à descoberta, à defesa da verdade e à capacidade de ouvir atentamente e respeitar a voz do outro. Assim, respeitando as normas para iniciar a pesquisa, podemos dizer que a ciência está a serviço do homem, pois estamos desenvolvendo uma pesquisa com competência técnica e responsabilidade ética.

O Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), elaborado em linguagem informal para melhor compreensão, foi assinado pela presidente da AAGRUTI e coordenadoras do grupo, e as pessoas não integrantes dos Grupos de Convivência assinaram individualmente o TCLE, depois de lido pela monitora da pesquisa e dirimidas as prováveis dúvidas.

CAPITULO IV

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS



www.jequienoticias.com.br

Fonte: www.jequienoticias.com.br. Jequié, 2010

O presente estudo teve como objetivo analisar a experiência do “ser idoso” e “ser idosa” (o ato de ser, de existir de cada um) nos Grupos de Convivência ligados à AAGRUTI em Jequié/Bahia e em um grupo de pessoas idosas não integrantes dos Grupos de Convivência. Dos dois grupos analisados, um está localizado na periferia da cidade e o outro no centro, este faz parte da Pastoral Familiar da Paróquia de Santo Antônio, ou seja, da Catedral do município.

Mediante os discursos dos participantes dos grupos focais e centrados nos objetivos da pesquisa, elencamos as dimensões de gênero e geração, classe e potencial de promoção da saúde como as quatro categorias da pesquisa.

Neste momento, procura-se dialogar com o material coletado no trabalho de campo, apresentando os discursos obtidos nos grupos focais, à luz do referencial teórico, buscando respostas para os objetivos traçados. São falas de pessoas idosas que retratam seus comportamentos, maneiras de pensar, sentir e agir, e que, interpretadas sem deixar de lado a história social dos sujeitos e sua cultura, são capazes de modificar seu destino e, mesmo convivendo com a velhice, têm planos para o futuro, em um processo de (re)construção da identidade do ser idoso/idosa constante (VIEIRA, 2006).

Foi nomeada como caminho a pesquisa de cunho etnográfico, pois a Etnografia é a escrita do visível (MATTOS, 2001), que requer do pesquisador um olhar singular, mais sensível, para transcender o discurso elaborado pelos idosos.

4.1 A QUESTÃO DE GÊNERO NO GRUPO DE CONVIVÊNCIA DA CIDADE NOVA

— Ô pai! Ô pai! Deixa eu estudá, me bota eu na escola! Respondia que ele num ia “botá” “nega” (negra) “feme” (fêmea) em escola não. Pá fazer carta pá namorado não! (Miriã).

Aí eu já fui no outro mundo e “vortei”, num fiquei ne mim não! Fiquei doida, doida, doida, doida, doida varrida! Eu descí mais atrasada, mas eu peguei uma “pexera” (faca afiada) dê tamanho. Aí descambeí o 70 (km70), descambeí atrás. Os carro passava, buzina tudo (Isabel).

A primeira categoria do grupo focal com os integrantes do grupo da Cidade Nova - AAGRUTI foi a dimensão de gênero: as idosas ao refletirem sobre suas vidas, pois sabiam que iam falar no/ao grupo, (re)pensaram suas histórias. Após ouvir os relatos e questionando se as pessoas idosas tiveram uma nova visão de si, a pesquisadora tem consciência de que também se modificou, tornando seu olhar mais sensível à realidade pesquisada.

As entrevistadas do primeiro grupo, por participarem ativamente da Igreja Católica, foram nomeadas como figuras femininas bíblicas, mas, saliento, sem nenhuma alusão à exegese. Isto foi dito às entrevistadas no início da entrevista. Ao final da entrevista, uma idosa me chamou em particular e solicitou que eu colocasse o nome dela de Madalena, o que não foi atendido, considerando às questões éticas pertinentes ao estudo.

O discurso formado traz uma reconstrução de si, a partir de sua realidade, verbalizam emoções, valores, sentimentos. Emergindo a categoria de Gênero, declararam que esta visão sobre Gênero emergiu após a participação nos grupos de convivência, então é a pessoa idosa pensado na contemporaneidade, ou seja, em si hoje. Diria que o grupo de idosos em Jequié, participante dos grupos de convivência, vivencia o Gênero como veremos a seguir:

[...] Eu tive sofrimento na minha vida. Eu, a minha mãe... Eu num conhecia minha mãe, minha mãe morreu, eu fiquei novinha, eu acho que quando ela tava com dois mês que tinha me ganhado, morreu. Aí meu pai, minha mãe era mãe solteira...

Aí quando eu tava com 18 ano já, já tava chegando 17 pra 18 ano, aí ele quis de abusar de mim, meu pai quis abusar de mim. (A voz era de decepção, transtorno, muita tristeza, revolta) (Miriã).

A emoção tomou conta do ambiente, a racionalidade da fala, a precisão dos detalhes da vida no campo, rica em pormenores, parecia que estávamos passeando pelos lugares da memória, que as idosas descreviam com tamanha sutileza: o fogão de lenha, as casas de taipa, o telhado de palha. Sem água tratada, sem luz elétrica.

A idosa relata a infância de sofrimento, configurado como pobreza, e, na adolescência, a confissão como se fosse um alívio, pois disse que era a primeira vez que “contava” para alguém o fato do abuso sexual pelo genitor. Miriã não confirma, nem nega se o abuso foi concretizado, afirma tão somente que o genitor quis abusar dela. A vida sofrida continua quando se casa:

Arrumava “mulé” na rua, queria me bater, queria me bater, arrumava “mulé” na rua do meio pro fim, num quis mais colocar comida dentro de casa, só eu num batia, porque enfrentava, mais eu tenho cicatriz de facão na minha cabeça aqui! (Miriã.)

A contradição está presente no relato, pois afirma que “enfrentava” o marido, como se ele não a batesse, mas mostrou a cabeça com cicatriz de facão, aliás, quando pegou minha mão e passou na sua cabeça senti que tinha algumas falhas no crânio. O que me arrepiou e me proporcionou um frio na barriga ao imaginar a cena de violência e a dor e a solidão familiar vivenciadas pela pobre coitada. A falta de laços afetivos tão importantes em toda a vida.

Deslandes e Barcinski (2010) afirmam o efeito devastador da violência intrafamiliar, pois a família é espaço privilegiado de interação grupal e intergeracional.

As reincidências de agressão física foram tantas que:

[...] Aí quando ele, quando eu deparei a num querer mais ele, porque ele me judiava demais. Aí ele saiu, aí eu fiquei vivendo com meus filho e acabei de criar meus filho, com “lavage” de roupa, “lavage” de roupa. Torrava café de ganho, prá dá comida a meus fios. Não saía de dentro do Rio de Conta (o Rio de Contas corta a cidade) pescando, e eu sei que Deus me ajudou, que graças a Deus eu venci a minha vida e a minha vida foi essa (Miriã.)

Vida de labuta, de trabalho árduo. A voz entrecortada pela emoção, lágrimas nos olhos, e vai contando sua história, evidenciando a violência de gênero e raça quando clama ao genitor:

— Ô pai! Ô pai! Deixa eu estudá, me bota eu na escola! Respondia que ele num ia “botá” “nega” (negra) “feme” (fêmea) em escola não. Pá fazer carta pá namorado não. Que ele botar na escola os “corninho macho dele” (os filhos homens, falava com gosto, com a entonação forte) dele, era assim que ele respondia pra mim. Eu vim aprender fazer o meu nome, ou bem feito, ou mar feito, mas dou graças a Deus eu saber, depois deu adulta (Miriã).

Nesse momento a monitora do grupo levantou, pegou a sua bolsa e tomou umas gotinhas de floral para relaxar, pois ficou profundamente emocionada, a intensidade da voz da idosa ao suplicar ao pai o direito de estudar deixou todos constrangidos, falava com a voz do coração, do desejo do saber. Algumas pessoas limpavam as lágrimas do rosto. Todas estavam sérias. Ofereci-lhe água, sorveu vagarosamente.

O relato de Miriã sobre sua vida pregressa da zona rural, como de todas as idosas deste grupo de entrevistadas, revela uma vida difícil desde a infância até a vida adulta, aliás, em todos os discursos a pobreza está presente. Quando crianças, estas idosas viviam como adultos, trabalhavam, tinham suas obrigações, sofriam violência por parte das pessoas com quem viviam normalmente, como os pais ou avós. Não frequentavam a escola, nem quando suplicavam ao pai permissão para tanto, só os do sexo masculino tinham este direito, isto é, quando esporadicamente iam à escola. A violência ao gênero feminino e à cor da pele emerge de forma explícita.

Apesar da Declaração dos Direitos da Criança, em Genebra, desde 1924, e reconhecida na Declaração Universal dos Direitos Humanos, a Declaração dos Direitos da Criança, adotada pela Assembleia das Nações Unidas em 20 de novembro de 1959, e

ratificada pelo Brasil, proclama que a criança tenha uma infância feliz e possa gozar, em seu próprio benefício e no seio da sociedade, os direitos e as liberdades aqui enunciados.

Esta Declaração apela, também, aos pais, homens e mulheres, às organizações voluntárias, às autoridades locais e aos governos nacionais que reconheçam estes direitos e se empenhem pela sua observância mediante medidas legislativas. E de outra natureza, progressivamente instituídas, de conformidade com princípios: a criança gozará proteção contra quaisquer formas de negligência, crueldade e exploração. Não será consentido à criança desenvolver atividade laboral antes da idade mínima conveniente e não será levada a ou ser-lhe-á permitido empenhar-se em qualquer ocupação que prejudique a saúde, a educação ou que interfira em seu desenvolvimento físico, mental ou moral (BRASIL, 2010). Isto não se aplica na realidade analisada.

Com 21 anos de idade meu pai já tinha separado da minha mãe, ele matou minha mãe! Ma-tou a mi-nha mãe! Não foi de paixão não, foi de faca mesmo, de murro, a cabeça esfarelou no paralelo, quebrou as pernas... (Silêncio consternado), nem vestiu mortalha, só calçou as meias e botou a mortalha por cima... (Emoção). Eu estava trabalhando! A outra irmã estava trabalhando! Meu irmão... Os dois menores tinham ido para a casa de minha avó, só tinha minha mãe sozinha em casa! E eu tinha saído onze horas (Sarah).

A idosa com o olhar voltado para as mãos que silenciosamente iam dobrando um papel qualquer que estava em cima da mesa, dobrando, dobrando e todas olhando para as suas mãos firmes e alheias aos olhares, o ambiente era de suspense. Continuou relatando sua trajetória de vida, com a violência de gênero feminino presente, soletrava as palavras pausadamente, bem devagar. Olhou de frente com um sorriso frio e tímido no canto da boca e se calou. Ficamos a imaginar quanto traumático não foi para esta idosa e seus irmãos perderem a genitora e se distanciarem do pai que foi detido e trazido para uma penitenciária em Salvador.

Em seguida, para quebrar o constrangimento, Isabel começou a contar, atropelando a fala, como descobriu a traição do marido.

— Ô “cumade”, eu vou lhe contar, mas você nunca descobre esse segredo, você nunca descobre, se você descobrir, “cumade”, Marcos (o marido) vai me largar, Marcos me contou que seu “compade” Artur tá com uma rapariga no 70, no Km 70. Aí eu já fui no outro mundo e “vortei”, num fiquei ne mim não! Fiquei doida, doida, doida, doida, doida varrida! Aí, quando ele chegou do trabalho, ele nem tomou banho, tirou a roupa. Vestiu. Pegou uma capa que ele tinha e colocou nas costas e desceu, mas eu descí mais atrasada, mas eu peguei uma “pexera” (faca afiada) dê tamanho, aí descambeí o 70,

descambei atrás, os carro passava, buzina tudo e eu tô “atrevesando”, tô “atrevesando”, isso assim já era umas dez hora da noite. [...] (Isabel.)

A traição por parte do marido desestruturou o mundo da idosa, mas falou com voz firme, segura, com certo orgulho da coragem de andar à noite na estrada isolada na busca do marido, andando sem saber aonde ia, na quase escuridão, à luz da lua. Quando o encontrou, já em casa, guardou a faca e conversou com ele:

— *“Home”, que sentido esse seu, eu tô sabendo que você tava socado com “mulé”, que negócio feio é esse? Nois casado no religioso, eu não sirvo mais pra “home” nenhum. Você também não serve pra “mulé” nenhuma. Por que eu me casá?”, num vô me “casá”, somos casado no religioso!*
 — *Eu só quero lhe ver pelas costa!*
 — *Eu disse: é? Eu disse tu só me vê pelas costa, no dia que eu te der uma facada, no dia que eu te der uma facada, nesse dia tu vai me ver pelas costa. Aí eu fiquei perseguindo três mês, três mês certinho eu correndo atrás dele. Mas, Deus me ajudou, eu e ele, que eu nunca peguei (Isabel).*

“Essa ideia de ruptura do par e incompletude pessoal e social atravessa os tempos” (MOTTA, 2005, p. 9). A importância do casamento religioso, presente na fala é negada logo após o relato, pois a idosa confessa para o grupo, olhando para todas as colegas, uma a uma, que se casou novamente, que aquele relato era do seu primeiro marido. Como observamos a seguir:

Meu marido não foi o primeiro homem de minha vida não, eu tive dois marido. (surpresa geral).
Levei 15 anos com ele (o marido), a cabo de 15 anos ele arranhou outra dona, começou a me castigar. Aí um dia ele me prometeu que não se aguentava, que num “infrentava” o diabo! Ah tu num “infrentó” o diabo, eu te largo, aí larguei ele, aí eu digo: pode pegar meus trem que eu vou-me “imbora”, aí fui “imbora” (Isabel).

Continua a falar com orgulho que o companheiro optava por enfrentar o diabo do que a mesma, refletindo medo de continuar “casado”, mas volta atrás no discurso quando diz:

— *Bom, tá certo! Você disse: eu só quero lhe ver pelas costa.*
Eu disse: “home”, como é que eu vou sair com cinco filho, eu não quero, vou lhe ver pelas costa. Aí eu peguei um carro, me piquei pra Boaçu (Distrito de Jequié), vim morar aqui em Boaçu com cinco filho, tudo “piqueno”, tudo “piqueno”, cheguei tinha uma menina, uma “mulé” lá, ele num conhece não, mais com essa “mulé” que é casada com o sobrinho dele, o nome dela é Sarafina. Sarafina quando me viu, essa “mulé” me acolheu muito (Isabel).

“La subordinación de la mujer al hombre ha sido una constante en la Historia de la Humanidad, si bien, dada la complejidad de su origen, no podemos presentarla como hecho universal” (KUSTNER, 2010, p. 2), mesmo sem apresentar a subordinação feminina como fato universal, no universo cultural das idosas deste grupo sem distinção, a subordinação da mulher ao poder masculino é visível, apesar de algumas atitudes corajosas tomada por uma ou outra idosa.

Não é a primeira idosa do grupo que relata desaparecer com os filhos. Como ato de coragem de enfrentamento do desconhecido e sai sozinha sem destino certo, nesse mundo de Deus, como a idosa se refere, Rebeca ratifica o discurso:

Eu sofri com marido, ele me maltratava, não batia que num dava “ousadia” dele me bater, mas se eu fosse mole ele tinha me batido. Mas comprou formicida pra me dar (Rebeca.)

Ela não (a avó). Era aquela grosseria, aquela ruindade comigo, e eu dizia sempre que “guentando” até aparecer esse cara pra casar e eu não queria (fala com ressentimento na voz).

Depois ela pegou me maltratando, me levou pra casa de um tio, não quis deixar eu voltar pra ela. (Com tristeza constata). Aí é o jeito eu casar. Casei, mas antes tivesse ficado solteira logo, sozinha, que num tinha “muito fios”, casei, tive o primeiro fio, foi muito bem, tive o outro, foi muito bem, aí já desse fio, ele entortou (o marido), aí me largou, fui criar esse dois fios.

Meu sofrimento, já pensou em ter um “home”, ele dizer que vai passar formicida e a gente achar lata de formicida (ficou em silêncio com os olhos cheios de lágrimas). Eu dei sorte que eu achei, ele pagou gente pra me bater, aí corri, eu andei, fui pra Itapetinga, Feira de Santana, fugindo dele, fugi dele igual à peste, procurei a justiça (Rebeca.)

A idosa, que observava o grupo, fala mansamente sobre a infância, demonstrando desprezo pela avó que a “entregou” ao tio e não a deixou voltar para casa. Relata que se conforma, pois hoje os tempos são outros, que uma avó “de hoje” não vai maltratar os netos “daquela” forma. Constatamos que não havia uma interação intergeracional.

Motta (1998) relata que a família é lugar de encontro de gerações, mas também o “lugar social dos afetos radicais – relações muitas vezes conflituosas, desde as afeições mais doces aos embates entre os sexos/gêneros e as gerações podem se dar de maneira dolorosa”. Motta ainda argumenta que na família há modelos de sentimentos que podemos visualizar desde as aceitações incondicionais, solidariedade ou seu extremo as rejeições mais impressionantes: conflitos cotidianos, ressentimentos, ódios explícitos ou não.

A tristeza emerge num sopro de decepção com a vida pregressa. Não fala que o marido batia nela, mas relata que ele mandou bater. Não fala que o marido colocou “formicida” na sua comida, ou coisa e tal, mas relata com profunda tristeza que encontrou a lata de formicida

na casa. E se foi estrada afora com os filhos. Como a outra idosa. Sumiu. Quanto ao “entortar” se refere a procurar outras mulheres, traz outro relato:

*Depois dele velho deu pra arrumar umas gatinha, umas “piriguetezinha” que tem na Cidade Nova (na zona de prostituição – BR 116), que ele trabalha na Cidade Nova (Marta).
E ele foi sempre assim, era ele que determinava as coisas, minha mãe sempre assim submissa a ele, e só era dona de casa e tal, mas a gente... Ele era uma pessoa um pouco ignorante e minha mãe também (Ruth).*

A subcategoria: “violência”, configurada em todas as formas, está presente nos discursos. Se, na atualidade, ainda é recorrente a questão da violência contra a mulher, naquele período Sarah vivenciou a cena de ver a mãe assassinada na rua, no chão, junto aos paralelepípedos; Betânia, de viver “os castigos” do companheiro e as aflições amorosas de Isabel e de Rebeca. O cenário era bem mais grave, sem medidas legais de proteção para a mulher em risco de vida.

Na atualidade a nova legislação traz medidas que vão desde a saída do agressor do domicílio e a proibição de sua aproximação física junto à mulher agredida e filhos. A Lei Maria da Penha, Lei nº 11.340/2006, entrou em vigor “recentemente” em 22 de setembro de 2006; vem para aumentar o rigor das punições de toda e qualquer agressão sofrida pela mulher, seja doméstica ou familiar. Como também, estabelece medidas de assistência social como à inclusão da mulher em situação de risco no cadastro de programas assistenciais. (BRASIL, 2006). Mesmo neste contexto, assistimos, no cotidiano, à mídia relatando vários episódios de violência contra a mulher.

Fui criada por vó, num tinha pai, nem mãe, que a mãe morreu eu fiquei “piquena”, com seis meses que a minha mãe morreu meu pai morreu, eu fui criada com a avó, a avó é daquelas vózinha sapeca né, que maltratava (sorriu nervosa) como é que diz, tratava bem quando podia, mas também não dava chance à gente não. (se refere à avó com mágoa profunda, apesar de só contar com ela na vida, pois não tinha mais ninguém). Apanhava e era de correia, ela tinha era uma taca comprida, um reio que ela passava assim, enrolava pelas canelas da gente, a gente se via doída, viu? Mas também eu nunca fui fácil, quando saía também eu pintava muito, eu aprontava (sorrindo nervosa) eu descontava, eu não sou fácil, era danada, viu, mais foi assim, aí depois...

Essa “veia” me deu uma surra, (a velha que ela se referia era a avó), essa “veia” me deu uma surra que chamou a polícia atenção! Mas não foi tanta a taca! Foi alvoroço meu também, foi mais alvoroço meu, em ter apanhado, mas era assim, ela me prendia, mas também quando soltava, eu aproveitava (Betânia.)

A gente apanhava. Mas apanhava porque ninguém era santo. Entendeu? Então, tinha “mermo” que apanhar, porque de primeiro é o que, o que educava era bater né? Na cabeça dele (o pai) e aí a gente apanhava (Ruth.)

A violência doméstica tem determinação complexa, sendo consequência de interação entre fatores culturais, sociais e características individuais dos cuidadores da criança. Observamos, também, que não há interação afetiva com a avó. No âmbito cultural, além da aceitação da ideia de propriedade da criança pelos pais, vem prevalecendo, ao longo da história, a compreensão do castigo físico como recurso pedagógico. Culturalmente, ainda parece “ser aceita” a concepção de que filho é uma espécie de propriedade dos pais, e tudo que estes fizerem será em legítimo benefício da prole. Este padrão cultural contrapõe-se à ideia de reconhecimento da criança como um indivíduo, com suas vontades próprias e seu direito ao exercício de cidadania (RICAS et al, 2006).

— *É quem veio pedir o casamento hoje com você, mas de Artur sou eu! Sou eu que vim pedi! Por que você é “mulé”! Você é uma “mulé”, que mata e morre e não tem medo! “Mulé” corajosa tem muita coragem! Você tem muita coragem! Você não tem medo de nada!*

— *Minha mãe, o que eu puder trabalhar pra senhora, eu só trabalho pra senhora, num trabalho mais pra ninguém, eu só tô trabalhando enquanto a senhora tiver viva, porque o que a senhora sofreu com nois, sofreu pra dá conta de nois, eu vou trabalhar somente pra lhe ajudar (Isabel).*

As relações das entrevistadas com os filhos, todas sem exceção, relatam que trataram os seus filhos de outra forma que foram tratadas na infância. Ainda, referindo à questão de gênero no grupo de convivência da Cidade Nova, ouvimos o seguinte relato:

Aí ia brincar, tinha tipo um tanque enorme assim, a gente tomava banho ali, e saía pros matos, correndo atrás de cabra, ainda não existia maldade né, porque se existisse eu estava ferrada (risos) (Ruth).

A idosa deixa transparecer que acontecia alguma coisa referente à sexualidade na infância ao tomar banho no tanque e correndo atrás das cabras mato afora. Como a memória é seletiva, ela se lembrou de detalhes desse fato. Como também, ao se referir, diferentemente de todas as idosas presentes, que não queria ser mãe, nem casar, todas ficaram olhando surpresas, e Ruth completa:

Aí eu tinha esse pensamento de que na minha vida eu não queria nunca casar nem ter um filho. Agora eu queria ter namorados e até conviver com uma pessoa, mas sem casar e sem ter filhos. Agora adoro criança. Ajudei criar muitas crianças da família, mas nunca quis casar e nem parir, parir era por causa do ato de parir e de carregar a barriga (sacode os ombros nervosa, uiiii, se expressa) (Ruth).

E resolve com o senso crítico do feminismo, talvez, mesmo sem sabê-lo: não parir, não casar. E, sim, namorar sem amarras!

4.1.1 Sentimentos sobre o corpo envelhecido

Eu falei porque eu gosto muito de espelho, toda hora eu gosto de me olhar, pra me ver quando eu tou menos arrumada (Ana).

Antes de me “levantá” eu rolo mais de uma hora na cama fazendo exercício nas perna. Graças a Deus melhorei (Miriã).

Quando olho no espelho eu gosto do que vejo. Eu gosto (Rebeca).

Ao questionar sobre como conviviam com o corpo envelhecido, quais as limitações advindas do envelhecimento e como se viam no espelho, as idosas responderam que mudaram a percepção sobre o corpo após entrar no grupo de convivência, evidenciados nos relatos:

Depois que eu entrei no grupo senti muita diferença, porque antigamente levantava, eu “merma” levantava, marrava um lenço na cabeça e ia pra cozinha, não importava de passar a escova pra lá e pra cá de jeito quem eu passo e hoje em dia não. Me levanto, tem meu asseio, eu “mermo” antes de me “levantá” eu rolo mais de uma hora na cama fazendo exercício nas perna. Graças a Deus melhorei.

O corpo dá “vorta”, durmo pra lá, acordo o joelho tá doendo eu pego a fazer movimento pra lá, pra cá, pra lá, quando eu levanto, ando o dia todo num sinto nada né? “Antanto” pra mim foi um grande vantagem, que antes ninguém tinha negócio de ginástica, só tinha ginástica em escola, algumas escola, que num era todas escola também e hoje em dia não, todo mundo, é os véios, é tudo, tudo tá. Só não se anda durinho se não quiser, se quiser tudo tem que fazer seus movimento. Fazer exercício! O corpo torna melhorar, eu graças a Deus, tem dia que eu me sento e penso:

— Oh meu Deus, é que quando eu vou me levantar, olha toda dura, me estiro na cama, me levanto sempre, pra lá e pra cá, depois me levanto, me requebro toda, daí a pouco, quando tô passo o dia que num vejo nada, quando é essa semana “mermo”, sabe é que dia “mermo”, eu num vou levar a maleta, num vô pegar essa bengala para levar, ela fica aí, depois que eu segui a passada, nunca mais eu peguei (Miriã).

Além da preocupação com a higiene, a idosa volta-se para pensar no corpo cansado e dolorido. Para Le Breton (2003, p. 15), o corpo nas sociedades modernas é “pensado como uma matéria indiferente, simples suporte da pessoa, [...] torna-se um objeto à disposição sobre o qual agir a fim de melhorá-lo”. A pessoa se transforma juntamente com o corpo.

— Olha, eu só vivia com um lenço (era um pano branco) na cabeça, num sabia nem que modo era o meu cabelo, porque era... Eu dormia, só tirava na hora de ir dormir.

— *Tinha vergonha, tinha vergonha do meu cabelo branco! Oh! meu Deus, eu ia pra Igreja com lenço na cabeça, ia pra rua com lenço na cabeça. Aí quando, depois que eu comecei participar do grupo, eu disse: mas, num vou botar mais um lenço na minha cabeça. Hoje eu vejo aí tanta gente aí com cabelinho branco, aí sem lenço, porque que eu tenho essa bobagem comigo, Deus não vai deixar mais, aí tirei o lenço (Miriã).*

Outra mudança foi no estilo de vida, desde a vestimenta à alimentação. As idosas não vestiam bermudas, mesmo no clima quente da cidade. Não se permitia usar roupas sem mangas, nem bermudas ou shorts compridos. A aceitação dos cabelos brancos e a mudança no figurino são assinaladas como conquista no grupo de convivência. Logo em seguida a idosa Ana marca seu discurso com a transformação sofrida no visual estético.

— *As bermuda tá lá, agora eu visto bermuda, visto! Agora graças a Deus, aquele preconceito que eu tinha, graças a Deus acabou tudo, graças a Deus e num tenho vergonha de vestir minha blusinha, hoje “mermo” levantei seis e meia, mornei água, tomei meu banho, já vim em Dr. Cezar hoje, “quande” deu 7 horas eu já tava aí, fiz um exame, já andei por essa rua toda, cheguei em casa tomei um banhe de novo, almocei, e já tô aqui graças a Deus, de argola e tudo! (Miriã).*

Ana teve uma mudança no visual logo na primeira semana de curso oferecido pela UATI/UESB, pois foi sorteada para um corte nos cabelos; ela não os cortava nem os trazia soltos. Para Ana que, após cortar os cabelos, não mais deixou crescê-los, essa prática continuada de cuidado com o corpo, com a estética tem como resultado ampliar os limites individuais, o que ocasiona a sensação de bem-estar, aumento da autoestima, assim obtendo certa autonomia. (LUZ, 2003).

O grupo ajudou, ajudou, pois minha transformação começou na UESB. — Foi... Eu tinha um cabelão aqui, bem perto do joelho. — Ave Maria! Fazia mutuca, fazia. Aí lá na UESB teve um sorteio lá, aí eu ganhei um corte e uma escova.

— *Aí, cheguei em casa, conversei com ele (o marido), ele falou:*

— *Tu já tá caçando muita coisa!*

— *Aí eu falei: não, rapaz, ela disse que “mulé” já com a idade assim... Num cria cabelo não. Aí eu vim. Foi ali pra um salão que tinha ali perto do SEMEJ (Clínica Médica). Salão de Tati e Marla, salão chique! Com ar condicionado! Aí cheguei ali, cortei os cabelos. Foi, cortei os cabelos bem curtinho que nem “home”. Quando eu cheguei em casa! Aí meu marido... Achei que parece que eu fiquei mais nova, (sorrindo) aí, daí pra cá não deixei mais crescer, eu mesmo faço minha unha. Eu mesma faço meu cabelo. Eu tenho secador. Eu tenho prancha. Aí eu “mermo” pego, tem vez, minha sobrinha tem salão ali, tem dia que eu prancho cabelo. A senhora foi em qual salão? Eu falei: no meu “mermo”, as roupas, eu “mermo” num gosto de roupa assim.*

Eu falei porque eu gosto muito de espelho, toda hora eu gosto de me olhar, pra me ver quando eu tou menos arrumada. É, depois do grupo, pois de primeiro eu ligava era pra cuidar de filhos e trabalhar, hoje não, eu trabalho de qualquer maneira eu trabalho muito, mas também tenho que ter a hora de divertir e de se cuidar, a gente vê falar no grupo que a mulher tem que se cuidar, né? (Ana).

Depois que chegou a casa com os cabelos curtos, disse que até o marido gostou do que viu, nunca mais criou cabelos. Os traz sempre escovados e arrumados, alias, é uma das poucas idosas do grupo da Cidade Nova que mantém os cabelos soltos.

Antes do grupo eu pensava assim, uma pessoa que vivia sem encontrar sentido e depois que eu peguei sair, eu disse assim: oia, eu tô é melhorando, eu digo assim: eu tô é renascendo, eu tô nova. Hoje mesmo eu vinha ali e meu filho me perguntou para onde vai? Respondi: vou para entrevista do grupo.

— Bota chique nisso! (risos) Eu falei para a namorada do meu filho, sabe o que eu vou participar? Vou participar de uma reunião lá na rua. A senhora está chique! Respondi: eu tenho que andar minha fia, eu renasci, eu to é nova! Quanto à roupa, eu toda a vida gostei, nunca gostei muito de vestido, era só calça e short, agora eu visto vestido, sem manga. Agora eu sinto assim que eu tenho que me arrumar. Quando olho no espelho eu gosto do que vejo. Eu gosto. Tem vez que eu acho que tou magra, tou feia. Tenho que engordar! (risos) (Rebeca).

Quando eu olho no espelho não tem muita mudança, pois eu trabalhei 20 anos, 28 anos quase trinta anos fora, então tinha que ir arrumada e tal. Agora eu digo assim, não existe mulher feia existe mulher pobre. Porque quando você tem dinheiro você é a mulher mais arrumada, mais bonita, pois tem recursos para deixar mais bonita. E hoje tem muitos recursos.

Apesar deste discurso continua o relato.

Não mudou muito porque eu sou uma pessoa simples, não gosto de me encher de coisas, muita arrumação, mas eu gosto: vai para o grupo? Tem que estar tomada banho, com a roupa limpa, de qualquer maneira é um “compromisso social” que a gente tem comigo e com quem está lá.

Ainda mais que eu sou coordenadora e tem pessoas que merecem o respeito de a gente estar numa aparência boa. Porque ir para lá toda “escangaiada”, toda com os cabelos pra cima, aí não dá.

Quanto ao meu corpo eu sempre fui satisfeita com meu corpo, apesar de eu ter 64 anos, mas eu continuo satisfeita com o meu corpo, (ela é magra, elegante, mas acha-se muito magra, não engorda de jeito nenhum mesmo comendo muito e tomando vitaminas para engordar) estes dias não estou satisfeita, porque emagreci muito, eu vou querer engordar um pouco, mas aí eu faço uma... Todos os dias eu faço uma cirurgia plástica, porque eu sou mesmo que minha colega Ana, eu adoro um espelho.

E eu sempre olho para meu corpo e vejo que ele está dentro do padrão, dos limites daquela idade que eu tenho.

Apesar de saber que seu corpo está nos padrões da estética da mídia, não se sente satisfeita e quer modificá-lo, ou seja, quer engordar um pouco mais, o que vem confirmar o argumento de Luz (2003): “Tais mulheres tendem a sentir-se deslocadas e inferiorizadas nas academias de ginásticas em função da depreciação do seu corpo”. No caso de Ruth, diferentemente de outras mulheres idosas, por sentir-se muito magra.

Agora eu me esforço um pouco assim, eu faço uma caminhada todos os dias, mas esses dias estou meio parada, mas eu faço a caminhada para melhorar o corpo na saúde e também na estrutura. Aí a minha ideia agora é entrar numa academia para fazer uma musculação, mas eu tenho que primeiro pegar um peso, pegar um peso (aumentar o peso corporal, engordar) para chegar lá, como é que ossos vai mexer... Como é que ossos vão se movimentar? Não pode. Então, eu estou muito satisfeita com o meu corpo (Ela é magra sem exagero) (Ruth).

Evidenciamos a contradição presente na fala de Ruth, aceitação e não aceitação do corpo emagrecido, não pelo envelhecimento, mas sim por alguma causa genética ou orgânica.

O meu corpo, sempre (esta é bem gordinha só anda sorrindo, brincando) nunca tive complexo da minha gordura, sempre me achei linda, sempre fui gordinha, antigamente não, eu tinha um corpão maravilhoso, toda elegante, bonitinha, peitos pequenos, não tinha barriga, aí depois tive os filhos a gente engorda, né? Mas mesmo assim nunca tive complexo da minha gordura, nunca. Posso estar no maior ambiente eu me acho elegante e bonita. Agora se arrumar não, sempre gostei de andar arrumadinha, o que me ajudou muito, muito foi minha timidez e a minha...

Quando eu me olho no espelho eu não me acho feia não, eu acho que estou gorda, estou agora aí eu fico assim ah! Eu vou fazer uma dieta, não porque eu estou achando que estou feia, mas por estética, porque preciso emagrecer pela minha saúde, né? Porque às vezes incomoda a gente, às vezes a dificuldade para andar, às vezes fico com preguiça, agora não me acho feia, nunca me achei feia. E roupa também assim, sempre gostei de calça, short, sempre gostei de arrumar meu cabelo ficar cortadinho (usa os cabelos bem curtos) quando passou meus quarentas anos eu não tive mais cabelos compridos, pois envelhecia a gente. No grupo da terceira idade o que me ajudou muito é que eu não falava, não conversava, era triste, mas agora não tenho mais isto eu sou alegre, agora eu chego, eu converso, antes Ave Maria pra eu conversar era um trabalho (Tabita).

Pode-se observar nos discursos do grupo da Cidade Nova uma maior aceitação do corpo do que nos outros grupos. Acredita-se que “o corpo é vivido como uma dimensão da pessoa [...] a busca da beleza e da forma associam-se à saúde, ou flexibilidade” (LUZ, 2003, p. 114). Como também Luz associa a solidariedade ao conagraçamento das pessoas ao saírem para se exercitar, para andar e realizar atividades físicas no grupo. Acredito que há uma identidade no grupo quanto ao corpo, pois todas são parecidas corporeamente.

— *Hoje em dia meu corpo tá podendo mais. Que pelo menos tá descansado. Eu só faço meu serviço dentro de casa, num saio pra trabalhar fora nem nada, tenho minha “aposentadoriazinha” que eu recebo pouco ou muito, mas dá pra eu passar o mês.*

— *Que nada, hoje meio dia eu já cuidei de tomar meu banho, meio dia já cuidei de tomar banho, lavei o cabelo de xampu e tudo. Antigamente, oh! o xampuzinho que achava? Pra tomar, oh! o xampu, quando foi lá “cumade” Rosa telefonou pra casa eu estava saindo do banho de novo. Pra tomar banho pra vim pra cá (para o grupo focal), dois banho, tomei um meio dia e tomei outro pra vim pra cá, meio dia num vou tomar banho não, porque só lava a cabeça, lavei a cabeça (Miriã).*

No relato seguinte Ester deixa todos encantados, pois fala com prazer do seu corpo envelhecido, sem traumas.

Ah! eu me acho é, apesar de ter já 57 anos né, eu me acho assim uma “mulé” forte, eu me acho atraente (um atraente falado prazerosamente, devagar) né! É. Eu me acho atraente. Eu gosto do meu corpo e eu sou assim. Eu agora, quando eu tenho lugar pra eu ir assim, eu falo logo:

— *Ô Ane, faz minha unha! E dá pranchinha no meu cabelo viu! É porque assim desse jeito, assim eu num vô não! Oxem! Eu quero ir chique! Ah minha filha, eu num ligava pra nada, esse óculos é o “chalme”!*

— *Ah eu agora só quero andar assim, chique! Aí tem hora que meu marido fala assim: olha pra ela como tá gente!! Eu digo: — Você deixa? “Oxente”! Eu trabalho pra isso, pra viver bonita, pra viver jogada não, tem que andar bonita e agora quando é ‘assince”. Eu num ligava pra fazer roupa, não, num ligava não, falava vai com qualquer uma, mas agora não. “Oxente” quero andar direitinha, arrumadinha, digo: ah num vô pro “mei” de gente que nem cachorro não, quero andar direitinha, arrumadinha, né (Ester).*

Há uma preocupação com a estética para estar com uma aparência saudável, significando um cuidado maior com seu corpo. Ainda Luz (2003, p. 116) “inclui estratos médios e baixos da escala social”, cuidado significa obter saúde. “Ter saúde é estar saudável, é ter alegria, disposição para a vida, recuperar o prazer das coisas cotidianas e poder estar com os outros (família, amigos)” (idem, p. 117).

4.1.2 A questão do Sexo

*Eu acho que eu com noventa anos vou sentir prazer (Ruth).
Tem dia assim que eu vou dormir aí eu fico brincando com ele e falo assim:
nós vai nhar hoje? Eu sonho e sinto tudo (Ana).*

Mesmo com todas as políticas voltadas para o envelhecimento, embora as pessoas idosas a cada dia tornem-se mais visíveis com o aumento dessa parcela da população, quando o assunto é sexo, há risos, preconceitos, constrangimentos e com a pessoa idosa isto se dá de

maneira mais rígida. Risman ressalta que com o envelhecimento, esta fase é para a pessoa idosa apreendida como um período “não sentir”, do “não desejo”, do “não querer”, entre outros rótulos que a sociedade costuma enfatizar. [...] Os idosos já percorreram pela infância, pela fase da adolescência e, teoricamente, não necessitariam ter uma “autorização superior” para viver a sua sexualidade. No entanto, o que acontece é que, novamente, a repressão surge de forma brutal e impede que a sexualidade seja manifestada (RISMAN, 2005, p. 1).

Não, ele não toma nada a gente tem relação duas vezes na semana. Tem vez que eu sinto prazer, tem vez que não. Olha quando a gente está com a cabeça aliviada de preocupação, tá tranquilo é diferente, agora quando está preocupada, até ele mesmo, quando ele está preocupado leva mais de quinze dias assim, quando está despreocupado é duas vezes na semana. E ele resolve, não é esse negócio de velhinho mole não. (Muitos risos). Ele resolve (Tabita).

Meu marido depois que ele passou para 70 anos, ele passou para 15 dias, um mês, agora ele leva até três meses. Aí tem dia que eu falo para ele: nem eu te apertando consegue... Depois que minha menstruação foi embora eu fiquei assim, mais desejo do quando era mais nova. Quando eu tinha menstruação eu não tinha assim muita sensação, mas depois que foi embora eu fiquei melhor do que ele, sentindo mais prazer do que antes, mais do que ele. Ele não tem mais... Tem dia assim que eu vou dormir aí eu fico brincando com ele e falo assim: nós vai nharhar hoje? (Risos geral) Ele fala oxê! por mim! Eu sonho e sinto tudo (Ana).

Nos momentos de intimidade, ao relatar como aborda seu companheiro Ana faz emergir seus segredos e Foucault diz que se...

Durante séculos, se acreditou que era preciso esconder as coisas do sexo porque eram vergonhosas, sabe-se agora que é o próprio sexo que esconde as partes mais secretas do indivíduo: a estrutura de suas fantasias, as raízes do seu eu, as formas de sua relação com a realidade. No fundo do sexo, a verdade (FOUCAULT, 2006, p. 85).

Observa-se que as idosas surpreendem ao expor sua mais secreta intimidade, sua abordagem amorosa na cama, elas próprias retratam que nunca falaram sobre o assunto nem com as amigas mais íntimas. E os discursos se seguem mostrando a intimidade até então não revelada.

*Quando a gente fica na menopausa, já vai embora tudo, a gente fica com mais sensação, porque fica sem medo de engravidar, é isso aí (Ester).
Eu sei que tem dia assim que a gente fica assim com aquela vontade, como se fosse precisando de comer comida não é? Eu fico agora também eu não posso fazer nada porque... (Betânia).*

Então Ana aborda novamente o companheiro e o questiona quanto à demora pela consecução do ato sexual, ainda pulsa em seu corpo o desejo e fala sem pudor.

Parece que tu tá aposentado. Aposentado é não levantar mais, aí eu falei assim para ele: ô vei, tu aposentou? Mas tu tá morto é? Ele: não é não, menina é que eu tou com a cabeça assim... Eu falei: bola pra frente, vambora, oxente! Você ainda está vivo, bola pra frente entendeu? Aí foi que ele foi relaxando, ele também gosta da coisa, ele disse que Deus o livre de ficar sem fazer isso (sexo). Deus o livre de ficar sem fazer sexo, que é a coisa melhor que tem. Ele hoje diz assim: olha hoje eu vou querer um pouquinho dessa buceta. (Todas sorriram). Eu digo, hoje eu estou cansada (só para provocar) ele fala não tem cansaço pra estas coisas não, aproveitar que os meninos não estavam lá, pra gente namorar, (risos) é assim (Ana).

A explicação de Miriã deixa todas atônitas, as colegas não esperavam tal revelação.

Olha o seguinte é este: o homem fica velho, agora a mulher, ela nunca fica velha, porque ela tem, a gente tem vontade de fazer sexo à vida toda. Vou fazer 75 anos eu ainda sinto vontade muita, meu marido me largou, nós se separou, eu fiquei ainda ia fazer 50 anos, ainda tinha menstruação quando a gente se separou, vai fazer 18 anos que ele morreu, eu nunca procurei ninguém, agora que eu tenho vontade, tenho. Mas não namorou, parece que o nome da gente vai, né? Principalmente uma idosa, né? Enton, agora que eu me alivio, eu me alivio (surpresa total. Olha!!! Risos eufóricos) (Miriã).

O relato de Sarah nos reporta quando Foucault (1985, p. 35) fala sobre a interpretação por Artemidoro dos sonhos, mostrando que o “próprio sonho sexual é percebido, elaborado, analisado como um cenário social”. O que se percebe é que as idosas falam dos sonhos como uma maneira velada de sentir prazer, o não proibido, um ato não consumado. E inseridas na sua realidade, no seu quarto de dormir, solitariamente.

Eu sou viúva. Eu tenho insônia, mas sonhei com o finado me passando a mão, quando eu acordei! Eu sinto vontade de sexo, mas só que eu não quero porque meu nome vai para a rua, vou fazer sexo eu não vou mais me comungar. Quando eu sonhei eu senti, porque ele passou a mão assim... Meu filho que mora em São Paulo me ligou e disse: mainha vou mandar um vibrador para a senhora, eu respondi um ventilador? Não precisa aqui tem. Não mainha é um vibrador! Eu não sabia o que era um vibrador (Risos geral) (Sarah).

Não faço nada, sinto desejo, mas não faço nada. Sinto desejo, mas não faço nada, não ligo, mas sinto, nunca sonhei (Rebeca).

Eu sempre, eu acho que o sexo é o complemento da vida da pessoa, assim como a gente precisa de comer, precisa de fazer sexo. Eu sempre fui muito intensa no sexo, muito intensa. Sentia prazer, mas não queria compromisso com ninguém. E ultimamente, tem bastante tempo que eu estou sem fazer sexo com outra pessoa, com um homem, mas eu também tenho minhas maneiras de me aliviar. Que eu vou lá faço e vou, tomo meu banho e sinto prazer. Eu acho que eu com noventa anos vou sentir prazer (Ruth).

Ruth se expressa com voz firme, diz ter desejo como sempre teve em sua vida, mas também expressa o não interesse de envolvimento sério com alguém. Ficamos surpresas com as revelações do Grupo da Cidade Nova. Ao sair da reunião, uma idosa me chamou no canto da sala e me falou: *sabe, minha filha, eu me masturbo; se for pecado, eu morro com ele*. Conversamos muito rápido, pois estavam nos esperando, mas busquei explicar que não era pecado.

4.2 A QUESTÃO DE GÊNERO NO GRUPO DE CONVIVÊNCIA DA CATEDRAL – AAGRUTI

*Só queria era uma mulher Amélia. Amélia morreu afogada há muito tempo! Hoje eu sei o que é minha liberdade! Agora sem homem no meio. Homem na minha casa só meus netos e meus filhos (Josefina).
Então, minha mãe tinha medo da gente sair. Tinha medo de homem! Ave Maria! Igual a quem foi que falou que tinha medo de homem? Ave Maria! Não... Nem amizade de forma nenhuma com rapaz. Nada. Nem os primos (Catarina).*

A primeira categoria do grupo focal com os integrantes do grupo do Centro da Cidade – AAGRUTI com a dimensão de gênero diferencia do grupo anterior, principalmente pela diferença de classe social. Todas, com uma exceção, são de classe média e média alta, pois faziam parte do sistema de produção de bens e serviços. Como aposentadas, seus companheiros, ou filhos, ou algum familiar dispõem de bens, o nível econômico é estável. Detentoras de propriedades, ainda têm lugar de destaque na sociedade dos privilegiados.

A pesquisadora e a monitora se surpreenderam com alguns relatos de violência doméstica no grupo do centro da cidade. A violência, mesmo que velada, se faz presente em alguns relatos como veremos.

*Aí ele foi ó, acabando tudo, acabando tudo, deixou minha mãe. Oh! Em zero! Quando maltratava a gente minha filha, é a coisa que mais marcou na minha vida de criança, foi os maltratos que aquele homem dava pra gente, queria que a gente comesse pimenta, quando a gente vinha da escola.
Ele era da polícia, né, era acostumado bater em ladrão e queria fazer a “merma” coisa com a gente. Aqueles casos que você me contou, aí ficava com mãos assim pá trás, era a palmatória, uma palmatória desse tamanho. Escondida de minha mãe e da gente, né. Aí a gente com aquela fome ia comendo assim naquela coisa, daí a pouco a gente começava a encostar a comida, sentia a pimenta, né! (Leonor.)*

Além de “gastar” o que o pai havia construído, o segundo marido da mãe, com o qual teve mais dois filhos, as maltratava. Mas a idosa diz que a mãe não tinha conhecimento dessas violências, o que fica em suspenso, apresentando uma possível contradição. Porque a genitora não trabalhava fora, estava constantemente em casa, como não presenciar as agressões? Leonor responde como acontecia:

Eu estou contando: quando ela via (a mãe) essa “zuada”, ele “quereno” bater na gente, aí ela vinha em cima igual uma leoa. Aí pronto, mas era uma briga danada. Sabe o quê que ele fazia? “Panhava” os pratos de comida e jogava lá no meio do quintal, e dizia assim: vão comer nos inferno, vocês aqui hoje num come. Ó pra aí! Ah! eu nunca me esqueço disso, (e ele batia em vocês? Alguém perguntou). Batia? Não. Quando ele ia pá bater, minha mãe tomava assim, arrancava... Aí era uma briga... Se separaram por causa disso, né. Eles num viveram muito tempo não! Quando minha mãe teve a segunda filha, já tava quase “separano”, que ele já tinha outra pessoa mais nova, mais bonita (Leonor).

Há estudos na área de violência que sinalizam para a violência intrafamiliar, pois assume as mais diversas formas e não atinge só a classe baixa, mas sim todas as classes sociais. Desmistificando “que a violência só envolve as famílias ditas desestruturadas e disfuncionais e que essas famílias pertencem exclusivamente às classes menos favorecidas economicamente” (DESLANDES; BARCINSKI, 2010, p. 291).

A idosa seguinte é a mais espirituosa do grupo. Apesar de sentir o “peso” do olhar das colegas, ela fala displicentemente, sem pudor, do seu casamento, lembrando-se do primeiro amor:

Casei com 18 anos, muito nova. Não terminei meus estudos, passei a ter filho, só fiz ter filhos, como preá um atrás do outro. (risos) Fui pra fazenda, morei na fazenda, ele muito ciumento, se pudesse ninguém olhava pra mim, de um ciúme doentio, aí eu fui vivendo em função dos meus filhos. Mas, nunca esqueci do meu primeiro amor, (risos) já pensou? (risos). Josefina.

Quando relata sobre não terminar os estudos, estava se referindo à conclusão do segundo grau. E, corajosa e sorridente, fala ao grupo que mesmo casada, não esquecia o seu primeiro amor e conta suas peripécias maritais, o que foi uma surpresa para a pesquisadora. Não poderia imaginar que mesmo sem nos conhecer, a idosa se despisse de sentimentos, que desvelasse a vida conjugal em detalhes:

Meu casamento eu vivi 42 anos, tive 6 filhos, mas ele muito ciumento não deixava sair. Mas eu saía. Eu deixei estudo, deixei tudo pra me casar com ele. Loucura, que eu num sei. As coisas quando têm que acontecer é o destino da gente.

Então, morei 42 anos, eu disse, no dia que eu casar minha última filha eu largo ele. Mas eu passeava. Eu saía... E... Minha filha precisava de mim. Eu ia pra Aracaju, ia pra Belo Horizonte, eu passeava.

Ele tomava remédio pra dormir, calmante, que ele era muito nervoso. Oxe, na hora que ele dormia eu, mas menina (sorrindo), no São João! Oh! A Norminha aí! (fazendo uma alusão ao personagem da novela das oito que colocava sonífero para o marido dormir e saía à noite). Além dele tomar calmante eu ainda dava, eu dava muito pra ele dormir, pra eu ir pras festas (risos). Josefina.

Algumas idosas do grupo ficaram surpresas com a revelação. O folhetim se materializa. A idosa continua seu discurso e responde a indagação quando lhe questionam:

Separou por quê?

Separei. Eu saí de casa, deixei tudo. (a casa muito espaçosa, foi herança da genitora, com jardim e quintal grande, deixou tudo, disse que saiu sem levar nada. Nada da casa. O filho deu-lhe um apartamento novo no centro da cidade.). Porque ele maltratava muito meus filhos, de ciúme de mim. Ele só me queria pra ele. Pra mim era uma maravilha. Só queria era uma mulher Amélia. Amélia morreu afogada há muito tempo! Josefina.

Fala com ar triunfante! A separação passa a ser sinônimo de liberdade. A coragem de se separar após 42 anos de casada. Mesmo assim na cidade algumas vezes se referem a ela como mulher de “fulano de tal”. O desgaste do matrimônio e o tratamento grosso e brusco do marido possibilitaram a força necessária para separar-se. A separação permitiu a Josefina se sentir com a autoestima elevada pela coragem de deixar o mundo de “casada” todo estruturado e certo, por uma vida nova, um (re)começo na terceira idade. Diz ter comprado tudo novo, desde os pratos, lençóis, adornos e enfeites. Cheia de planos e projetos para o futuro, retornou a fazer artesanato que muitas vezes vende e oferece aos filhos e netos. “São muitas as mudanças que se processam” (MOTTA, 2005, p. 10). E exalta na fala a seguir:

Hoje eu sei o que é minha liberdade! Agora sem homem no meio. Homem na minha casa só meus netos e meus filhos. Eu tenho um filho que toma café comigo todos os dias. Se não fosse a Terceira Idade! Foi minha sorte, que eu me distraio, conheci muita gente, pois é, então o casamento foi isso. Aí eu disse: quando quiser te deixar, casar minha última filha eu largo, e larguei mermo. Josefina.

Motta (2005, p. 8) faz alusões às viúvas, e, em concordância com a autora, estendendo a discussão não só às viúvas, mas também as idosas separadas. A sociedade em que vivemos ainda no século XXI cobra papéis às mulheres separadas, ou mesmo às viúvas, pois “uma vez sozinhas — isto é, fora da companhia ou do alcance do poder masculino — ‘não saíssem da

linha' dos estreitos traçados normativos da moral familiar". E a idosa Josefina vai levando a vida "transgredindo" o comum na vida, o que para ela é saudável e admirável.

Por sua vez, a idosa Catarina, única solteira, diz-se contrita com a religião católica. Tem outras irmãs solteiras, que moram juntas, apesar da autoridade na voz, fala baixo e todas param para escutá-la; senti que todas suspenderam a respiração para ouvi-la.

*Eu vim fazer o segundo grau aqui em Jequié depois de 25 anos, comecei a trabalhar e estudar aqui em Jequié, quando viemos praqui, né!
Então, minha mãe tinha medo da gente sair. Tinha medo de homem! Ave Maria! Igual a quem foi que falou que tinha medo de homem? Ave Maria! Não... Na amizade de forma nenhuma com rapaz. Nada. Nem os primos. Nem ninguém. Ela tinha uma preocupação tremenda com, nesse sentido, então, foi tanto isso. Que eu num me queixo porque, eu sou muito, muito feliz de não ter me casado. Catarina.*

Tanto Catarina como Beatriz, não vieram para a segunda reunião. Avisamos que na próxima reunião iríamos falar sobre doença/saúde, corpo e sexualidade. Encaminharam desculpas pela falta.

Beatriz, quando jovem, os pais não a deixavam sair de casa. Saiu de casa para casar com um rapaz protestante, que também não saía, era muito caseiro. Saía somente para a igreja. Quando o marido faleceu retornou para a igreja católica e conseqüentemente para o grupo da terceira idade. Descreve a viuvez como um sinônimo de liberdade. Um processo de transformação muito radical no modo de viver. Ocorrem mudanças, ainda, por extensão, em outros âmbitos grupais, em decorrência do fato concreto de a mulher ter deixado de ser esposa. Nesse contexto, uma série de acontecimentos, transformações na maneira de ser e viver que a perda traz e que necessitam de transformações na vida cotidiana, vão se processando vagarosamente (MOTTA, 2005).

*E aí pronto, depois veio o casamento, me casei, por sorte minha, eu num sei se foi sorte, eu num sei. Sorte sim. Porque ele foi muito bom pra mim, mas me casei com um rapaz da família batista (de religião protestante, falou com certo desconsolo), aí fiquei "presa" novamente, num saía.
Minha família me convidou pra eu vir embora pra Jequié. Ai eu vim praqui com esses 5 filhos. Aí fui me levar minha vida lutando, colocando filho pra estudar. Uns foi estudar em Salvador e eu trabalhando, trabalhando, e até que eu cheguei. Beatriz.*

A idosa seguinte relata a infância feliz com a família, pais e irmãos. Não tinha problemas financeiros, estudava na adolescência em Colégio Interno particular, em outra cidade do interior. O carinho dos pais está expresso na fala, na maneira doce da voz ao tocar no nome dos pais, ao falar dos onze irmãos. Mostra-se grata aos pais pela vida que teve.

Formou-se no curso normal pedagógico. Relata no internato os “encontros” amorosos, muito ousados para a época. A idosa ficou vermelha ao confessar a infração constante do pretendente.

Da parte dos meus pais, muito carinho eu fui criada e do marido atual também, mesma coisa! (fala rápido e com convicção).

Pois é, a minha infância foi maravilhosa. Eu interna, dentro do colégio de freiras, você só podia receber visita da família, um dia eu estou lá, a freira disse: — Visita pra você! Menina quando eu cheguei no parlatório, estava ele sentado. Menina eu tremia, tremia, (risos) tremia, (...) ele disse que era meu tio, que ele era mais velho! Mas... Eu nunca acreditei.

Você é maluco! Se a freira souber, eu vou ser expulsa, eu tinha muito medo. Entende? Levou uma volta de ouro. Uma caneta Parker. Eu tenho até hoje lá em casa a caneta e uma volta de ouro.

Seu tio está no parlatório! Novamente ele. Vem ele lá todo de branco, de gravata, roupa de linho branco, quando ele apareceu de lá, eu tava, eu disse é hoje que eu vou morrer. Com um pacote de leite condensado, (gargalhadas por toda a sala, um misto de excitação pelo proibido que mexia com todas as entrevistadas) biscoitos, aqueeela quantidade enooorme! Menina! Pelo amor de Deus! Num venha não, Alexandre! Eu vou ser expulsa desse colégio, meu pai vem aqui, menino! (Ana Elizabeth).

A próxima idosa trabalhou, casou e se separou. Criou sozinha as filhas, quer dizer, com os pais e uma irmã, pois moravam juntos. Este relato foi coletado na segunda reunião, pois se justificou que não veio à primeira reunião, porque estava resolvendo um “problema”. É aposentada como funcionária pública estadual. Relata que não se casou novamente para não “atrapalhar a rotina da casa”, já que residia com a família e também porque a cidade ia falar dela.

Eh, mas assim, porque eu pensei muito nas minhas filhas, que eu queria criar elas sem interferência assim, só com a minha família, minha mãe, minha irmã, que a minha mãe era viva, minha irmã que morava sempre comigo, que morou sempre comigo, e eu achava assim que se arranjasse um outro homem ia atrapalhar, aí eu nunca quis mais homem na minha vida, fiquei e tô feliz por isso (Constança).

A decisão de não ter companheiro não quer dizer que não queira namorar, sair, passear, mas sim que não traria ninguém para morar em casa de “jeito nenhum”. “É uma estranha liberdade e, de todas elas, principalmente como liberdade e gênero, pois podem circular, sair, sem dar satisfação, conforme queiram ou não” (MOTTA, s/d, p. 372).

4.2.1 Sentimentos sobre o corpo envelhecido

*Ahhh!!! O espelho... Suspira... (Ana Elizabeth).
Dá vontade de quebrar o espelho. (risos). Pelo corpo que eu tinha e o que eu tenho hoje minha filha, dá vontade de quebrar o espelho! (Josefina).*

As idosas do Grupo da Catedral demonstram uma insatisfação grande pelo corpo adquirido na velhice, mesmo negando a rejeição, esta se faz presente nos discursos.

Não, não, não. Eu vou para a praia, uso meio maiô tranquila. Mostro o que eu tenho. Me acho bonita, e como me acho! Empino a bunda e ainda reboło minha filha!

Eu digo assim: a pessoa que desfila no espelho, em relação ao que era antes, dá vontade de quebrar o espelho. Agora eu assumo a minha velhice. Assumo minha velhice tranquila. Eu não deixo de tomar meu banho de praia porque tenho celulite, de jeito nenhum. Eu boto meu maiô e vou tranquila. Quem quiser que olhe, ainda saio rebolando assim (fez um gesto movimentando o corpo). Ainda tenho a cintura fina olhem... (Risos). Eu era arrumada mesmo, eu cheguei a sair numa festa como rainha (Josefina).

Eu sempre fui muito mignon, nunca fui aquela mulherona, de corpo. Então eu me acho envelhecida. Porém não estou muito apavorada com o espelho não, sabe? Eu me acho jeitosinha, nunca tive muita carne, toda a vida mantive o mesmo peso, tá entendendo? Eu acho que para a minha idade eu me mantenho equilibrada. Não tenho tristeza por isso nem nada, gosto de me arrumar, tenho saúde graças a Deus, não tenho doença grave (Catarina). Eu nem no espelho num olho, que eu num gosto. Só olho o rosto, mas o corpo num olho não, que eu acho meu corpo feio. Ah! Quando era moça era outra coisa. Achava bonita né, mas hoje eu me acabei, eu tive 18 filhos! Não que eu não gosto de me olhar o espelho. Ainda tem essa cicatriz aqui de ferro ó, de passar ferro (Henriqueta).

Em todos os discursos verificamos a não aceitação da velhice ou sua negação. Mediante o aparecimento das rugas como marcas do tempo, com o desgaste das células que desidratam, ressecam a pele. Tornou-se evidente, no discurso, a transição dos significados do envelhecimento, considerados como eventos explicativos da momentânea quebra de “estabilidade do desenvolvimento e que representam condições para mudanças adaptativas naturais no decorrer da existência, como os ritos de passagens naturais da vida. Não foram trabalhados por esta pessoa — menopausa, casamento, viuvez, aposentadoria” (LIBERALESSO, 2002, p. 39).

Risos. É bem diferente da gente jovem, né? Que a gente engorda, a gente cria barriga, a gente... A pele começa amolecer, num vai nem comparar quando eu era jovem. Quando eu olho meus retratos daquela época, oh, meu Deus! É uma diferença! Mas não me sinto triste nem nada não. Sou assim, não faço mais as mesmas coisas que fazia que a idade não combina mais.

*Mas eu quando era jovem eu gostava muito de me pintar. Eu sabia me maquiar mesmo. Só andava mesmo, ó, arrumadinha!
Meu marido adorava, ele num gostava de me ver assim desarrumada não. Nossa! Pois ele achava horrível! Ver o dia amanhecer bem arrumada pra esperar ele, achava aquelas coisas, né? Então, a gente tem saudade, né, eu tenho saudade daquela época. Mas não tenho desgosto porque tou envelhecida, nem nada não, tá de acordo com minha idade, cabelo branco, hein? (Leonor).*

Continua se maquiando?

*Hoje nem tanto mais (Leonor).
Não, de cara lavada não! Eu sempre uso meu, minha, meu protetor solar, gosto muito de usar coisa do Boticário que eu me dou bem num sabe? Apesar dos pezinhos de galinha tão aí. Mas é assim mesmo. A idade, né? Porque eu tenho 74 anos, mais nunca deixo de me arrumar, quando a sobancelha vai ficando meia desbotada eu mando ajeitar (o desbotada é da pintura definitiva). E por aí vai. Num tenho desgosto com nada não, e me olho no espelho se num tiver bom, eu arrumo direito (Leonor).*

Outro aspecto interessante é a dicotomia entre o rosto e o corpo. A entrevistada idosa não olha para si como una, parece surpresa e incrédula com a pergunta, procurando resistir ao reconhecimento da velhice, pois o olhar não a engana. Ela sabe-se idosa, com o corpo envelhecido pelo tempo, mas diz olhar seu rosto como se rosto e corpo não fizessem parte da unidade.

Menina, quando eu me olho no espelho eu acho que engordei só um pouquinho, um pouquinho não, muito, porque eu pesava 64kg e hoje eu peso 76 parece, ou 78, num sei. Parece... Mas eu também num me acho feia. Porque eu num fiquei assim uma gorda deformada, eu fiquei uma gorda assim aliviada, né, aliviada. Que não tem muita banha, que não tem muita gordura, não tem. As pelanca num tá muito derrubada (risos), balança, mas eu deixo pra lá, porque se não balançar também não tem graça, e a gente vai levando (Constança).

Merleau-Ponty (1999) renunciou à ideia do mero corpo-objeto e o redimensionou em corpo próprio – o corpo é o veículo do ser no mundo, e embora seja através do mundo que se toma consciência dele, também se assume como “pivô do mundo”. O corpo é visto então como uma entidade ativa que lida com o mundo à sua volta. Nesta perspectiva, o mundo prossegue e perdura, mesmo antes de qualquer análise que possamos fazer dele.

4.2.2 A questão do Sexo

*É na cozinha, é na escada, é no banheiro, é debaixo da mesa, é com a perna pra cá, em tudo que foi possível eu já fiz. Parava o carro no fim de mundo, aquele lugar deserto, pra fazer em cima do carro (Ana Elizabeth).
Quando o desejo é intenso eu me masturbo, masturbação, depois de velha... (Josefina).*

Muitos são os que pensam que as pessoas idosas são assexuadas, que não fazem sexo, apesar da literatura escassa, encontram-se argumentos, pois a resposta sexual poderá ficar mais lenta, mas certamente não deixa de existir (CARDOSO, 2004). A monitora começou anunciando de maneira descontraída que íamos falar sobre sexo expressando-se da seguinte maneira: agora vamos conversar sobre o que o corpo faz... Antes de terminar, as idosas começaram o diálogo.

Em cima da cama, oh, Ana Elizabeth! em cima da cama não, sabe por quê? (Josefina).

A colega respondia:

*É na cozinha, é na escada, é no banheiro, é debaixo da mesa, é com a perna pra cá, em tudo que foi possível eu já fiz, fala a verdade, eu ia pro Jorro de noite, saía no carro eu e ele, parava o carro no fim de mundo aquele lugar deserto, pra fazer em cima do carro (Ana Elizabeth).
Ave Maria! (Catarina).
Tudo o que for possível, fiz isso, num posso negar, num posso negar, num é?
Eu fiz tudo! (Ana Elizabeth).
Na praia! (Josefina).
Na praia, de noite! (Ana Elizabeth).*

Surpreendemo-nos com os discursos. Interagindo, uma falava e a outra completava a frase. Na verdade, ficamos impressionadas. E continuaram a conversar mesmo depois de interferirmos, como se nossa presença fosse desnecessária e mais – como se estivessem querendo conversar sobre o tema, tão proibido, tão escondido como sexo em idosos e idosas, tema que Foucault (1985, p. 46) aborda como pertencente aos “aspectos mais privados da existência, aos valores da conduta pessoal, e ao interesse que se tem de si próprio”.

O que é sexo para a senhora, Ana Elizabeth?

Heim, Josefina? Na praia, de noite, eu fiz, (risos) (Ana Elizabeth).

É como não tivesse ouvido o questionamento.

*Eu num fiz muita arte assim não, na praia nunca fiz não (Catarina).
Ah, eu já, todas as artes que foi possível. Pra mim o sexo é uma coisa maravilhosa, entendeu? Bom demais, realização total (Ana Elizabeth).*

E hoje? Ana Elizabeth afirma assistir aos filmes eróticos nas madrugadas.

*Hoje é muito menos, né, hoje tem as viagens, que muda assim, melhora, quando assisto assim um filmezinho na televisão (Ana Elizabeth).
Que horas assiste o filme na televisão? (Catarina).
Ah, de madrugada tem cada filme que esquenta! (Ana Elizabeth).
Ó, num diga não, eu nunca assisti filme de madrugada (Catarina).
Por que não? Por que não? E tem cada filme! (Ana Elizabeth).
Porque de madrugada eu tô dormindo (Catarina).
Ah não, eu já fui pra motel várias vezes com meu marido, num vou negar, o que eu fiz, (...), no meio do mato, na fazenda (Ana Elizabeth).*

A literatura nos traz que os idosos evitam falar da sexualidade. E ao que assistimos no grupo focal foi uma tempestade de relatos, sem constrangimentos.

A sexualidade no idoso está relacionada a vários sentimentos: são as alegrias, as culpas, as vergonhas, os preconceitos e as repressões de cada um. O sexo traz satisfação física, reafirma a identidade e demonstra o quanto cada pessoa pode ser valiosa para outra, estimulando sensações de aconchego, afeto, amor e carinho (DANTAS et al., 2002, p. 7).

O desejo hoje ainda é intenso?

*Não, num é como antigamente, você vê um filme, você vê uma coisa ainda sente, mas que tem sexo ainda tem, esporadicamente, mas tem (Ana Elizabeth).
Um pouquinho de sacrifício, mas dá pro gasto (sorrindo completa Josefina).
Não, pra gente não, entendeu? Eu tive um ressecamento, mas aí eu fui à médica e ela passou uma pomada (Ana Elizabeth).
Mas mulher não, o homem que fica mais (Josefina).
Mas depende, tem homem que não (Ana Elizabeth).
O meu marido tá com 75 anos entendeu? Não é, ele é atleta. Ele é vaidoso, o teu (se referiu ao meu marido; inesperado) e o meu, muitos cheirosos, muito arrumados. Ele tem 75 anos, só não tem o tanto que tinha antigamente que era toda hora de manhã, de tarde, de noite, era depois do almoço, era de manhã, entendeu? Mas tem, devagarinho, mas tem (risos). (...) O negócio é aproveitar. É fazer sexo bom, gostoso, fazer bem. Deixar um e fazer outro. (...) Tu num era assim não? Duvido (perguntou para a colega) Ana Elizabeth.*

A sexualidade é uma dimensão natural da vida, não é privilégio dos jovens e faz parte de todo o ciclo da vida, o argumento de Cardoso vem confirmar:

Ao ser considerada uma actividade própria, e quase monopólio dos jovens, saudáveis e – de preferência – fisicamente atraentes, originou-se uma atitude de esquecimento, activo e passivo, face à sexualidade das pessoas idosas. O desconhecimento, os mitos e as falácias que povoam o tecido social conjugam-se com a negligência, a falta de tempo e as dificuldades pessoais dos profissionais de saúde em abordar o tema, resultando num evitamento colectivo, que inclui os próprios interessados (CARDOSO, 2004, p. 12).

Realmente podem-se constatar os poucos estudos voltados para a sexualidade no envelhecimento, deixando uma lacuna. O autor releva a necessidade de cuidados que se deve ter, pois se sabe da heterogeneidade da velhice em suas diversas dimensões de gênero, classe social, geração. E as idosas do grupo continuam a conversar sobre sexo:

É a coisa mais gostosa do mundo, já fiz muito viu, foi muito sexo, tudo como era tipo (Josefina).
Ave Maria! (Catarina).
Dava três de uma vez. (risos) (Josefina).
Tu inda largou um homem desse? (Catarina).
E ele era bom de cama, bom de cama, o meu era bom de cama, fazia na praia, no carro, já fiz nas escadas, no jardim de lá de casa, (risos), Ave Maria, tudo que foi de posição, (...), mas era bom demais. (...) (Josefina).
Vocês estão me botando a perder (Catarina).

Risos eufóricos.

Mas eu tenho uma pergunta a fazer: e agora José?
E agora José? (Josefina).
Fica na saudade (Ana Elizabeth).
Fica na saudade, teve ocasião quando eu me separei dele que só faltava subir de costa na parede. Aí eu me masturbava, muitas vezes eu fiz, num aguentava não, minha filha (Josefina).

Foucault (2006, p. 178) afirma que a “masturbação – prazer dos pobres e dos desprovidos e que, por causa disso mesmo, podia ter valor moral e filosófico – era considerada atividade de escravo”. Isto ele explica considerando que a pessoa está prestando um serviço a si mesmo, com uso das mãos, como os escravos serviam ao seu senhor.

Não, eu num tenho não (vergonha de falar), me masturbava, minha filha. Quando o desejo é intenso eu me masturbo, masturbação, depois de velha... (Josefina).
Num é querendo ser boazinha não, mas eu num tenho essa... (Catarina).

Cardoso (2004) ressalta que devemos respeitar a liberdade da pessoa idosa ou de qualquer idade. Deixar que esta pessoa queira ou não se envolver sexualmente com outrem, pode-se ter algum problema de saúde ou problemas ambientais que os impedem de ter interesse, mediante diversos mitos.

Quando eu assisto na televisão aqueles beijos, Nossa Senhora!!! (Ana Elizabeth).

Tem loja com artigos de sexo aqui em Jequié, a loja é discretíssima, tem um lugar separado.

Aqui? (aparentemente pasma com a informação) (Catarina).

Chega ali no Kanto Íntimo e diz assim: *eu quero ver Adão e Eva*, até vela de bolo tem.

Te juro que eu nem sabia dessas coisas, de um jeito que eu me considero até inocente (Catarina).

Ah, eu não, (...), eu tive no Rio eu vi, eu fiz e faço, é só precisar, eu num quero nem sabeer (Josefina).

Ana Elizabeth pergunta: toda semana?

Não, não, não, né, toda semana não (Josefina).

Eu tive, eu tive muita, na velhice também tem muita relação (Josefina).

Não tanto, eu tive muita relação. Quando meu marido viajava, (...), só quando chegava, tem gente que só tinha uma relação, não tinha mais, né, quando era novo (Catarina).

Eu fazia, quando tinha relação era três vezes, eu gozava três vezes, uma por cima da outra, ele tinha uma ereção retada (risos). Josefina.

O meu também chegava cansar (Ana Elizabeth).

Acredita-se que ao se pesquisar a sexualidade das pessoas idosas, certamente vai-se constatar como realidade. Um estudo recente, cuja amostra foi constituída por pessoas com 60 a 102 anos, tendo a frente pesquisadores de Harvard (GARRY et al., 2001, p. 21) confirmou que os prazeres da atividade sexual – carícias, cópula e a masturbação – persistem ao longo da vida por muito tempo. Estes investigadores concluíram que 83% dos homens e 30% das mulheres sentiam prazer intimamente, não só com o ato sexual. Para 72% dos homens e 40% das mulheres a masturbação é uma prática habitual.

Catarina é só pra sorrir (Leonor).

Não, eu to achando graça de tanta doidice, que eu até nem sei, que esse negócio que tá falando aí. Não, mas eu tou falando a verdade, eu tinha vida sexual com meu marido normal e tal. Mas num era essas coisa que elas tão contando e hoje depois que ele morreu, ele adoeceu e morreu, eu ó, fiquei na minha, sou calma, não sinto desejo (Catarina).

Ahhh, um Tiago Lacerda (risos). Josefina.

Sou tranqüila pra esse negócio de sexo, agora imagina o pessoal que num casa que num tem marido, fazia o quê? (Catarina).

Ninguém merece!! Oxe, ai, ai. Eu mesma não tenho (Josefina).

Quem é assim, porque se eu num tivesse casado, eu mesmo num quero. Ah, eu sou muito inocente pra esses negócios, vocês me dão uma aula (Catarina).

Gargalhadas!

Muitos se esquecem, até mesmo os próprios protagonistas desta história, de que a atividade sexual é função fisiológica, como é a digestão ou a respiração, ou confundem sexo com o ato sexual apenas, deixando de observar a sexualidade integral do indivíduo (DANTAS, 2020).

Eu quero é ver é Leonor falar, eu quero ver é Leonor! (Ana Elizabeth e Josefina).

Não no tempo, quando o marido era vivo, quando eu me casei, eu tinha 19 anos ele tinha 28, ele era viúvo, e eu, aquela mocinha de lá do interior, não sabia direito das coisas, no princípio eu achava uma coisa, oxe, mas é isso que o povo fala tanto? (Leonor).

Idosa: que é bom?

Mas depois quando engrenou mermo, aí era legal, tudo quanto era jeito, tudo quanto era lugar, era aquele fogo danado, né, era normal mesmo, num tinha hora, a hora que procurasse achava, e eu achava legal, achava maravilhoso (Leonor).

Assim é certo, sem obrigação (Ana Elizabeth).

Não, não, era por prazer mesmo, oxe, que nada, aí nos vivemos 35 anos. Era duro na queda e assim vai. Nunca apareceu filho. Naquele tempo ele tinha uma filha do primeiro casamento que deu muito desgosto a ele. E aí ele achava bom assim não ter filho. Eu tinha vontade de fazer tratamento ele respondia: nada Leonor. Mas ta tão bom assim! Pra que a gente quer filho, fia? Vamo viver nossa vida! E nunca. Num ligava muito, aí nunca tive um filho, hoje eu sinto falta, se eu tivesse um filho... (Leonor).

Sexo é isso, é esse prazer que a gente, com certeza foi Deus que deixou, né (Leonor).

Não, aí pronto. Porque é assim: quando a gente tá ali, e tem os carinhos e tudo a gente sente aquele prazer. Sinto vontade e tudo. Agora depois que o marido morre a gente fica só. Aí aquilo vai ó, eu mermo, acabou. Eu num tenho assim mais essa, acho também que é a idade, né? (Leonor).

Que idade? Josefina pergunta com altivez.

É, eu acho (Leonor).

Pesquisadora: sonhava?

Sonhava, teve uma época que eu sonhaaaaava, aquilo parecia que era real, quando acordava... (Leonor).

Foucault (1985) traz o “sonhar com os próprios prazeres” e destaca que:

[...] os sonhos traduzem os afetos atuais do sujeito: [...] se está enamorado, deseja-se a presença do objeto amado, sonha-se que ele está lá; se está privado de alimento, experimenta-se a necessidade de comer [...] Essa forma de sonho tem um valor diagnóstico simples: ela manifesta para o sujeito que dorme o seu próprio estado; traduz o que, na ordem do corpo, é falta ou excesso, e o que, na ordem da alma, é medo ou desejo (FOUCAULT, 1985, p. 19).

Outras idosas relataram que sonhavam e que chegavam ao orgasmo, em todos os grupos questionados.

Não, era só aquele movimento. Aí quando eu acordava, ohhhh gente, aí eu ficava pensando, lembrando, mas aí acabou, hoje num tem marido, uma mulher da minha idade vai sair procurando nada dessas coisas mais. Acabou (Leonor).

O sexo é uma coisa assim muito boa. Pra quem sabe usar, pra quem sabe usar, né? Mas eu como já usei muito, já me diverti muito! Porque o meu marido era retado também. E a gente, foi pena viver pouco tempo com ele, mas se, qualquer hora procurasse eu tava acesa e ele também. Aí nós mandava brasa! Eu sei que a qualquer hora do dia, da noite, ali, aqui, no banheiro, na cama, no chão, no sofá. Ehh, tinha isso não, em qualquer lugar, deu vontade a gente fundava dentro. Era, num tinha lugar. Tinha vezes que a gente ia passear quando voltava assim já doído, chegava nem ia pra cama, deita no chão mesmo! Era mesmo, num tinha, nós era extravagante, digo, nos era muito extravagante, mandava brasa mesmo (Constança).

*Era, era ótimo, então quando ele morreu, eu fiquei muito morta, eu tive uns namorado, uns dois namorados depois que ele morreu, assim que eu num queria marido, pra morar comigo, por causa da minha filha, mas depois eu vi que num era aquilo que eu queria, num era ele, assim, eu tive uma vida muito boa com ele assim, muito ehh, uma parceria muito boa, e a gente sente a diferença, né, então eu digo, num quero, foi assim uma coisa também de Deus, acabou, mas que eu era arretada e ele também, (risos) (Leonor).
Eu num acredito nisso não (Leonor).*

Aí começou um diálogo entre Constança e Leonor:

Oh! Leonor o desejo existe! Eu sinto desejo até hoje, eu sinto saudade até hoje. Eu sou hoje, eu já tou em uma... Sinto e sinto desejo também, agora o desejo (Constança).

Eu também num acredito nesse papo de com 90 anos (Leonor).

Constança insiste em contra-argumentar com Leonor.

Leonor, num é 90 anos, a gente sente falta! A gente sente desejo, a gente sente muita coisa. Agora eu hoje num vou procurar um homem que eu numa idade dessa, Deus me livre, de procurar um homem, agora (Constança).

E você se alivia? (Leonor).

É porque às vezes eu procuro fazer alguma coisa pra passar aquele desejo, desejo, aquele desejo (Constança).

Pronto, é só isso, porque cada um sabe como fazer a sua maneira de satisfazer seus desejos secretos, sexo é necessário, faz parte da vida de todas nós.

Mas, que o desejo vem à tona assim sem a gente esperar vem, claro, é uma coisa do organismo, é o organismo da gente, certo (Constança).

Mata o veio, mata! (Josefina).

A vida de casada foi bom. Foi uma vida boa, agora quando eu casei, eu num sabia que era assim, né, eu corri três dias dele (risos), com medo, corri três dias, e depois de três dias, no dia em que eu vi que era uma coisa boa, aí agora o pau quebrou (...), mas depois me acostumei, minha filha, vixe, que coisa boa! f oi, foi tão bom que eu fiz tanto filho, eu fiz tanto que agora que ainda tem desejo tem, tem, alembro, tem desejo (Henriqueta).

Ao perguntar sobre como lidava com o desejo, Henriqueta, verbaliza que utiliza água, mas que também sonha e sente prazer.

Jogo água fria (gargalhadas), mas tem desejo muito, meu marido nós fazia a mesma coisa, pois é, eu tenho desejo. Agora Deus é mais, caçar homem (Henriqueta).

Eh, num é, mas tem, as minhas menina fala, minha mãe, a senhora tem desejo? Eu digo não, tem não, eu já fiz filho demais (Henriqueta).

Pesquisadora: e sonha?

Sonho (Henriqueta).

E chega lá? Gargalhadas.

Eu tou curiosa, curiosa! (Ana Elizabeth) fala alto.

Sim, mas num gozo não? (Henriqueta).

Jogo água fria, água fria? Jogo água fria, pra num me dar aquele desejo. Eu jogo e passa, passa, aí passa. Alivia só no sonho, eh, no sonho (Henriqueta).

Quer dizer que Henriqueta conseguia pelo sonho, é pelo sonho. Thor chama filha, filha, ó filha, agora assim, a gente dorme assim agarradinho, a perninha por cima do outro, abraça, tem aquele carinho. [...] Não é que a gente continua assim de dormir agarrado, entendeu? na hora que um vai pra cama o outro chama o outro, vai os dois juntos pra cama (Ana Elizabeth).

É a segunda idosa que fala nessa coceirinha e sorriem.

Lógico, às vezes de noite pra dormir, um calor, todos os dois à vontade, fico sim, e por que não? Com a perninha em cima do outro, entendeu? Tudo isso, que é bom. Dá uma cocerinha, (gargalhadas). [...] Eu tou falando pra vocês a verdade. [...] É a perna por cima do outro, o pé, o pé, ele passa assim, muitas vezes ele tá com a mão e passa por cima de minha cabeça. Dormimos abraçadinhos (Ana Elizabeth).

Quando nós vivemos juntos, nós vivemos bem, não vivia zangado, nem dormir numa cama outro em outra, não. Nada disso, agora não era tanto como elas tão dizendo aí, essa daí, coitada! Eu casei com 17, era muito fogo, (...), eu tenho uma cunhada que ela morreu com quase 90 anos, nunca casou e nunca teve homem (Catarina).

Catarina verbaliza virada para Josefina, que questiona imediatamente:

Ela se aliviava? (Josefina).

Eu acho que não, nesse tempo não tinha isso não (Catarina).

Neste instante, Josefina colocou o dedo médio na boca, como se estivesse tirando um pedacinho de unha, jocosamente e respondeu: todos os tempos sempre teve! (a masturbação) Josefina.

É?E ela era muito nervosa (Catarina).

Josefina se voltou para mim e explica:

Ela tá dizendo que a cunhada morreu com 90 anos e que não se aliviava (masturbava) que naquele tempo num tinha isso (Josefina).

Tinha, agora nunca teve homem, ela nunca teve homem (Catarina).

Mas não precisa de homem, uma mulher pode satisfazer outra mulher (Josefina).

Mas uma mulher pode satisfazer outra mulher? (Catarina).

Pode sim, pode sim, como não?Como não? Josefina argumenta e começa a explicar como uma mulher pode satisfazer outra e já discorre: com a língua! Ave Maria! Tá doida! (Catarina).

Com beijo, com o corpo, chupando tudo. (gargalhada sonora) (Josefina).

Ave Maria! (Catarina).

Meu Deus aonde vai parar! (Todas sorriram, fazendo um barulho excitado imenso) Ana Elizabeth.

Bom para quem tem um pinguelo bem grande! (Fala sorrindo muito). *Maior do que o...* (Josefina).

Catarina se surpreendeu (sorrindo). *Eu acho que as coisas devem ser como é. Essas coisas inventadas...* (Catarina).

Mas vocês acham que é normal? (Catarina).

Se satisfaz do mesmo jeito. Venha cá, a mulher que não gosta de homem, tem que procurar outra mulher para se satisfazer! (Josefina.)

Vai procurar o quê em outra mulher?(Catarina).

Tem tantas coisas que fazem... Ela lambe, lambe, lambe, lambe. (Risos altos). *Fica realizada* (Josefina).

Giddens (1993) anuncia que a sexualidade tem sido descoberta, revelada e propícia ao desenvolvimento de estilos de vida bastante variados e que o homossexualismo continua sendo encarado como uma perversão por muitos heterossexuais, como não natural, moralmente condenado. Para tanto, a pessoa que tem uma sexualidade homossexual, deve tornar-se livre; a sexualidade abre-se a muitos propósitos.

4.3 A QUESTÃO DE GÊNERO DO GRUPO DE CONVIDADOS

Homem tinha essa coisa, por exemplo, aos dezessete anos você já, praticamente, você era levado para o meio (prostíbulo), com a maior facilidade, era uma coisa de honra... (Apolo).

Aí eu botava chiclete aqui no sapato e botava um espelhinho desse (fazia gesto com as mãos de uma coisa pequena) dentro pra poder ver as pernas das meninas, das professoras, isso aí infelizmente eu fazia! (Hermes).

O grupo focal de convidados teve codinomes de deuses gregos. O ambiente foi tomado pela “magia da sociabilidade”, pois estavam todos a conversar animadamente, o que nos deixou (a mim e a monitora) muito satisfeitas. Chegaram no horário previsto, às 14h30. Todos os participantes estavam sentados à mesa oval, na qual dava para entreolhar-se. Perfumados, vestidos cada qual no seu estilo.

Um entrevistado estava de bermuda comprida, camiseta, sandálias e bolsa. Dois arrumados formalmente, com camisa por dentro da calça e sapatos de cadarço. Um com cabelo passado gel, para ficar arrumado. O outro idoso usava os cabelos bem curtinhos, como se tivesse sido cortado para o encontro. Um bem vestido, descontraído, com sandálias abertas, cabelos grandes nos ombros, soltos, à vontade, bata e calça comprida. A idosa super perfumada, com essência forte, cabelos escovados no salão, maquiada com *blush*, batom, sobrancelhas definitivas, estava alegre e disposta, loquaz.

O primeiro idoso ao começar a falar, avisou que a vida dele era um livro aberto e sorriu, fazendo alusão a uma publicação/livro sobre a cidade de Jequié e de sua vida pessoal com personagens da cidade.

Iniciamos observando nos discursos como a questão de gênero permeia a vida dos entrevistados convidados, destacados com os discursos a seguir:

O menino vai nascer hoje! Eu disse: que menino?

A mulher cega, uma ex-parteira cega, uma ex-parteira cega, ela falou assim:

— Seu Hermes acode aqui, que é agora!

Oh, meu Deus do céu! Eu num dou... Eu fiquei com medo. Eu não sou capaz! Eu comecei a chorar. Digo que é de medo, porque eu nunca tinha tido filho, nem coisa nenhuma. Aí o resultado, segurei a minha mulher!

Este grupo diferenciava dos outros dois, pois só tinha uma idosa, as duas outras que foram convidadas não compareceram, encaminharam uma desculpa. Os entrevistados do sexo masculino compareceram todos. O início do relato já se depara com a maternidade, expressa

com uma parteira especial, sem visão, e o entrevistado auxiliando no parto. Vamos acompanhar o relato do trabalho de parto:

A Parteira gritou: segura ele aí!

Hermes: a cabeça do menino (bluft) bateu ficou aquela bolona, uma bola assim (mostrou o tamanho com as mãos) uma/com uma água dentro, assim, pendurada aí eu comecei a chorar. Oh, meu Deus! Meu fio! O que é isso? Ou vai morrer ou vai ser um monstro aquela coisa assim!

Afrodite: foi do baque (da queda).

Hermes: aí juntaram umas quatro mulheres da rua. Calma seu Hermes! Num sei o quê... Dá banho... Isso é normal! Bom, o menino tá aí forte chama Artur muita gente conhece. Artur tá hoje, bem de vida, num tem problema nenhum, mas foi agora ... Esse/esse acontecimento pra mim é que Deus mostrou que eu tinha algum valor. Porque senão... Deus num/ num deixava morrer lá, ah/ a porque imagina a situação? Eu nun, nunca tinha tido, nem nunca visto, ninguém parir, da, aquela coisa ali.

Aí de noite, eu levan, de noite, eu levantei e comecei a rezar e rezei, rezei agradei a Deus quando eu comecei a dormir, que Lea estava sedada, que aí chamaram médico, mas já chamou médico depois que ela tava aí. Quando eu olhei ta aquele/ aquela zoada (caaa), (imitando a criança defecando) quando eu olho tá aquele (menino) todo melado de bosta por aqui (sinalizou pelo corpo todo), daí, eu assmi. Oh, meu Deus! Que que eu fiz? (risos)
Hermes.

Hermes auxilia/assiste o parto, relata, de forma detalhada, todo o processo, demonstrando a insegurança natural de quem nunca havia passado por tal experiência, em um momento importante de sua vida. Disse ter chorado muito de emoção no parto, que ficou a noite toda ao lado da mulher e do filho recém-nascido, cuidando, trocando a fralda, dando assistência.

Em outro momento especial, traz no discurso o assédio de um padre. Isto na confissão da primeira eucaristia já com dezoito anos, época em que fazia o “Tiro de Guerra” - é o local no qual o exército se instalou em Jequié e os rapazes prestavam e ainda prestam o serviço militar obrigatório.

Eu falei: ô padre, eu não matei, não roubei, não sou assassino, o resto pode botar por conta aí.

O padre me puxou assim: vem cá meu filho você já esteve com alguma mulher? Você já... E começou a me pegar, e tal. Aí eu levantei e nunca mais eu fui fazer a primeira comunhão. Mas eu fiquei assim, foi uma decepção pra mim, aquele momento.

Saiu correndo e nunca mais retornou a igreja. Relata ainda sobre as brincadeiras, afirmando sua masculinidade, quando na escola:

No colégio eu era considerado, todos os colegas gostavam de mim, 99% das professoras gostavam de mim.

Aí eu botava chiclete aqui no sapato e botava um espelhinho desse (fazia gesto com as mãos de uma coisa pequena) dentro pra poder ver as pernas das meninas, das professoras, isso aí infelizmente eu fazia! (Hermes).

Pede desculpas por falar demais, o que foi aceito e dito que podia ficar à vontade. Afrodite, única mulher do grupo, estava ansiosa, nervosa, mas inicia falando sobre a sobre a professora rígida do mesmo Colégio de Hermes, como dando continuidade:

– E ela era exigente... Menina! Quando eu levantei para aquela prova oral e escrita, para me levantar, eu tremia na cadeira, menina levanta. Vai lá! Vocês acreditam nisso? Quem me conhece hoje, acredita nisso? (hoje é dona de si, autoritária e confiante). Que vergonha para ir lá, a gente abria o papelzinho, a prova oral, caía aquele texto, a gente ia falar sobre aquilo ela, “cala a boca, não é isso não”, era uma vergonha!! (Afrodite).

Continua relatando sobre sua adolescência:

Naquele jardim, em frente, era para a gente ver o povo ali. Para ver o homem conversar. Vamos ficar. Caso eu achava uma coisa assim, do outro mundo... Mamãe não sabia. Ninguém não sabia. Eu estudava com três irmãos junto com a gente... Eu vi Afrodite lá no jardim... A gente tomava uma surra e tomava surra porque ia no jardim sem permissão e com a farda do colégio, acredita isso!

Ninguém queria casar com a gente... Todo mundo estava... Muita gente, mas não tinha coragem de enfrentar o meu pai. Que ele não admitia que namorasse. Aparecia um rapaz, vai casar! Outro dia já acabou. Todas (as irmãs) casaram bem (casar bem, significa casar com uma pessoa economicamente próspera) como diz “antigamente” ninguém “saiu” de casa (perdeu a virgindade), como diz “antigamente”, hoje eu nem sei como é que fala hoje, como é que fala hoje.

Papai chegou, ela aí saindo no portão, papai ia chegando da fazenda, o cavalo pou, pou... Aí ela correu, não tinha aonde ficar. Abriu o guarda-roupa entrou ficou escondida dentro do guarda-roupa. Aí papai (...) tem uma menina dessas aqui não sei quem foi, (eram seis mulheres e quatro homens, relata a idosa), me viu e saiu que nem uma bala, entrou dentro do guarda-roupa... Aí se urinou toda dentro do guarda-roupa, não teve jeito! (Afrodite).

Afrodite não para de falar e pergunta a Apolo:

Era demais, demais, (o colégio) vocês não vão acreditar, aí fiz admissão, naquela época tinha, eu não sei como é que chamava, naquela época como é que chamava que tomava conta do ginásio do Padre era o Inspetor não era isso?

– Quem conheceu o Doutor Rui Espinheira? Ouviu falar Apolo? (Afrodite).

– Conheci os filhos deles, Gei, Rui, eu andava muito na casa deles, aí eu me lembro bem! (Apolo).

– *Ele era muito educado, alto, era o nosso inspetor, a gente ia fazer a prova eu tremia para levantar (Afrodite).*

A própria Afrodite anuncia: agora é Apolo! Apolo inicia sua fala, com a voz mansa, suave, contando sobre o que mais gosta/gostava de fazer: tocar instrumento e música. Tocava em uma banda, na época chamava-se de conjunto. Ironizando sobre a classe social:

Nós tocávamos aqui, fazíamos sucesso porque éramos todos branquinhos, bonitinhos, e tínhamos um certo, vamos dizer assim, uma certa “posição” (classe média e classe média alta) porque a gente aprendia aquilo com facilidade.

Na verdade essa infância foi muito legal, ia para Nazaré depois vinha para Santa Inês, Jaguaquara e retornava para aqui. Era uma grande viagem. Aquela coisa! Talvez por isso até meu gosto pela música, quando eu ouço aquele trenzinho caipira do Villa Lobos uma vez eu até chorei no rádio. Eu faço programa, música clássica, e toquei o trenzinho eu não sei o porquê, às vezes eu me emociono fácil, e aí o trenzinho me levou a essas... Aí eu terminei, deu até gozação (Apolo).

Ficamos encantadas com o relato, com a delicadeza da voz, a sutileza com que falava da infância, das lembranças do trem de ferro, do trenzinho de Villa Lobos. A gozação a que se refere é por ser do sexo masculino, não poderia chorar, principalmente trabalhando. Diz não ligar para estas coisas. Inesperadamente volta-se para Afrodite, dialogando seriamente, mudando o tom da voz, torna-se firme, externando as questões sobre o gênero masculino e feminino:

Quando eu tinha vinte, a senhora tinha vinte e oito anos. Essa diferença de oito anos marcou muita coisa, por exemplo, a senhora teve uma adolescência já fechada, a minha já foi mais aberta, mais livre, embora seja homem. Homem tinha essa coisa, por exemplo, aos dezessete anos você já praticamente, você era levado para o meio (prostíbulo), com a maior facilidade, era uma coisa de honra... (Apolo).

Apolo externa a diferença em idade (oito anos) com Afrodite ressaltando a questão cultural da masculinidade da época. Aos homens era dada uma liberdade e iniciação sexual no mais famoso prostíbulo da cidade. Enquanto a mulher exigia-se recato e discrição. E continua explicitando:

Não tenho esta memória que dona Afrodite tem. A memória de lembrar estes detalhes, na verdade é o seguinte, na questão da infância, meu pai era funcionário público do Estado. Ele era chefe de uma estatal, eu tive uma vida tranquila assim a nível de família feliz (Apolo).

Logo após Apolo o relato, Eros inicia seu discurso expressando sobre sua genitora, a sobrecarga de trabalho:

Quando estava chovendo as meninas não podiam ir porque mamãe não deixava. Mamãe veio para Ipiaú, trabalhou, coitada, como... Nunca vi uma mulher trabalhar tanto na vida como minha mãe. E todas às vezes ela foi muito inteligente para conseguir o dinheiro.

É uma família muito grande a família do meu pai e a da minha mãe também. Meu pai era o “doente” da família porque só teve seis filhos. Que a base lá é doze, dezesseis, dezessete. Meu avô foi pai de vinte e dois filhos (Eros).

E surpreende, quando relata com orgulho que ganhava dinheiro quando adolescente, menino ainda, por ser um bom amante na cama, ensinando as meninas a se iniciar no sexo, fala com uma simplicidade, chegando à ingenuidade.

- Funil. A Barragem do Funil (em Ubatã, município vizinho de Ipiaú). Foi quando encheu de mulheres aquilo ali. Ah, rapaz! [...]. Mulher nova e as mulheres chegando. E eu garotão e igual cachorro nas carcaças, cadelas no cio. Aí as mulheres dentro da casa, duas, para as meninas que se perdiam na roça, elas traziam para a casa delas e me chamavam para eu dar uma instrução durante a semana (Eros).

Misericórdia! (Afrodite).

Eu adorava aquele trabalho. Entendeu? E dali começaram... Elas gostaram de mim, aí eu comecei a levar boa vida. Cordão de ouro... Não sei o quê... Fiz tudo escondido de mamãe, mamãe não sabia de nada (Eros).

- Eu jogava e ganhava o dinheiro e ficava com vergonha de chegar em casa... O pessoal apostava em mim, ganhava e me dava x, entendeu? E eu com vergonha de mostrar para mamãe, que mamãe para bater na gente era uma “pérola”. E foi assim que eu fui criado. Com 16 para 17 anos, eu arrumei uma mala de couro, botei umas roupas dentro e disse: “vou-me embora para o Rio”. E aí peguei um expresso Bahia, sei lá, que a estrada daqui para o Rio tinha uma parte toda de barro. Você levava seis, sete dias, atolado por aí, máquina puxando.

A menina era moça, virgem, eu queria casar com ela assim. Desde que eu conheci em todo lugar eu ia com ela, mas sempre respeitei. Que não é desrespeito que acontece numa relação de um rapaz com uma... Não é desrespeito não. A carne é fraca e chama mesmo e o cara vai. E ela também (Eros).

Inicia um relato próprio da sociedade machista. Eros tem um ar triunfante de orgulho na fala. Ao verificar o relato, se nota que iniciou como criança na arte do sexo, pois com 17 anos de idade já saiu de casa para o mundo desconhecido, para a cidade grande, isto muito tempo depois desse relato. Parece à vontade no que diz sem se preocupar com o que o grupo poderia pensar dele ou o impacto que a revelação causaria aos outros convidados. O discurso

surpreendeu a todos, mas sem grandes comentários, ou gestos, ou trejeitos faciais, todos ouvem silenciosos, como experiência normal para o sexo masculino.

Baco e Teseu relatam sobre a mãe, como mulher forte, de fibra.

Meu pai gerenciava a fazenda do Seu Otávio e tinha um gadinho, sabe? Mas minha mãe é que coordenava tudo. Assim que ela morreu... Ela morreu tinha 37 anos de idade (Baco).

Meu pai também trabalhava na roça, era um pouco bravo com a gente, entendeu? Meu pai batia muito na gente. Minha mãe era diferente. Minha mãe costurava, tinha um animal que a gente ia para Ipiaú que era a pé, que era a nossa salvação na semana também, ajudava muito, entendeu? (Teseu).

Baco deixa claro que sua genitora era quem administrava o trabalho do pai e de todos na fazenda em que moravam, pois, após sua morte, tiveram que sair da fazenda devido à saúde e a falta que ela fazia nos negócios. Teseu demonstra uma afetividade muito grande por sua mãe, relata que o pai era ignorante e que ele e os irmãos apanhavam muito.

4.3.1 Sentimentos sobre o corpo envelhecido

Acho que ninguém gosta tanto de mim quanto eu gosto! De andar cheiroso e limpo. A gente perde alguma coisa com a idade, mas vêm outras. Isso aqui é uma estrada de duas vias, muitas coisas que você tinha na juventude que não tem hoje na idade, mas têm outras na idade que na juventude você nunca, jamais terá. Entendeu? (Eros).

A gente era muito mais, o foco primeiro, não era o corpo, o foco primeiro era a face, a face era o que chamava a atenção (Apolo).

Quanto ao corpo, o Grupo de Convidados preza em sair arrumado. Como a única mulher no grupo, Afrodite não para de repetir que não gosta de ser idosa, que não se sente velha, que não queria ter as rugas que tem.

– Não. Nunca liguei para essa coisa não, entendeu? Eu gostaria de ser mais jovem por causa das boas festas! Gosto de sair arrumado. — Claro. Arrumadinho, todo... Ir para uma festa desarrumado é ruim, não é? (Dionísio).

Por exemplo: você chega em um local no Chão de Estrelas (única boate que existe na cidade com seresta, música ao vivo, bailes à fantasia, dirigido a um público mais maduro). Você chega ao Maria, Maria (Restaurante Japonês é a moda do momento) de bermuda, sandália, camisa, às vezes a mulher vai até arrumada, ele (o acompanhante) vai de empregado da mulher. É triste demais, você vê isso por demais. A mulher arrumada e o cara atrás. Parecendo um empregado. Tem um colega, um ex-colega meu que eu reparo demais. A mulher só sai... (fez um gesto com as mãos, acima dos cabelos até a cintura, descendo as mãos com elegância) e ele bota uma bermuda, parecendo um Zé Mané atrás (Dionísio).

Todos os entrevistados do sexo masculino disseram que gostam de andar arrumados, mas sem exagero; porém quando Afrodite fala...

– *Eu sou muito sincera, não é questão de vaidade, toda vida eu fui assim. É de família. Agora, eu não vou mentir e ser hipócrita de dizer, eu não nego a idade; agora, eu não gosto de ser velha, não gosto, agora porque todos nós vamos ficar velhos, todo mundo (Afrodite).*

— *Mas minha mãe aceita a velhice! Diz minha filha. Respondo: não aceito! Sabe por quê? Não é a idade, setenta, oitenta, noventa... Lá no colégio tem gente muito mais novo (fala no presente) do que eu, que parecia mais velha.*

Afrodite rejeita a velhice de uma forma agressiva, não aceita o seu corpo. É como se nele estivessem incorporados os valores da sociedade contemporânea. O belo tem que ser jovem, e vale ressaltar que ela é muito bonita.

Agora, a gente fica enrugada, fica tudo, não pode vestir uma manguinha, eu era uma criação muito severa, hoje que eu posso botar que o velho não incomoda, eu não posso botar, eu não vou botar, fica feio, tem que ter o senso do ridículo. Adoro moda, mas, ai meu Deus do céu, eu podia ser mais nova, ai Nosso Senhor, tu não podia enrugar ninguém, nada, ficar tudo, pelo amor de Deus, eu sou sincera e digo, não gosto de ser velha.

– *Não, triste não fico, eu não queria que Nosso Senhor, não importo ter setenta, oitenta, agora, sem ruga, sem nada. Corpo todo, tudo. Claro minha filha, vou dizer que tenho alegria? Não posso, quem disser que tem é hipocrisia. Não tenho raiva... – Eu não podia dizer isto. Eu vou dizer, não tenho nem explicação, vou te dizer. Não é questão que eu quisesse ficar eternamente jovem, não. Não é eternamente jovem, agora, usando o viés, sem envelhecer o rosto, o físico da pessoa, a cabeça às vezes a gente esquece, a gente devia estar normal, tem que envelhecer normal, com a idade em cima. Sem sofrer nada. Não podia (Afrodite).*

Este é um dilema que Afrodite enfrenta e que Sardenberg (2000) já explica como “cultura da eterna juventude” que a sociedade brasileira cultua e evidencia na mídia. As dúvidas colocadas no texto da autora, quanto à velhice inevitável do corpo biológico, vê-se no discurso de Afrodite, que parece sofrer com o corpo que tem. Para “estarmos bem conosco, temos que “estar bem” também com nossos corpos. [...] Trata-se também de uma construção social, historicamente específica” (idem, p. 62). Já o sexo masculino...

– *Eu digo sempre, a melhor coisa do mundo, em primeiro lugar, saúde... Depois juventude, o resto empurra com a barriga (Dionísio).*

Vamos ouvir Eros;

– *Já discordando de algumas coisas... Minha opinião é a seguinte: eu só tenho uma coisa que eu não gosto de mim, ultimamente, de dois anos para*

cá, é que eu fiquei gordo demais. Estou bem gordo, mas eu gosto de mim demais! Acho que ninguém gosta tanto de mim quanto eu gosto! De andar cheiroso e limpo. Gosto da moda. Eu só ando bem arrumado. Eu trabalho, eu se eu tomar dez banhos, e não usar perfume depois dos dez banhos, eu não tomei, que bom meu hobby é perfume, eu tenho vários perfumes. Meu hobby é perfume, boto uma bermuda saio com minha cadela de manhã. Se eu vier de tarde ou estou com calor de Jequié, mas eu sou um cara que vivo vinte e quatro horas por dia, adoro minhas rugas, que servi no exército, meu irmão mais velho não tem uma, mas eu sou enrugado mesmo, porque o que não tem jeito é a marca. E sinceridade, eu acho que muita gente gostaria de ser como eu.

Porque eu sou um cara alegre. Vivo bem. Não tenho vergonha de nada. Tanto faz eu estar aqui no meio de vocês como botar um milhão de pessoas e colocar uma música eu vou lá com a perninha quebrada com medo de sair um bolero, mambo, um samba, porque a perna não levanta, vou e danço, vou para qualquer lugar (Eros).

O discurso masculino que vimos nos grupos focais é bem diferenciado do das mulheres. *A priori* não parece ser tão complexo envelhecer, aparecerem as primeiras rugas, ou mesmo a terrível barriguinha. E Eros ainda filosofa...

*Eu sou uma pessoa realmente feliz. Porque tenho uma família boa. Vivo bem. Não sou aquele taco forte de época, dezessete e dezoito anos, mas sou igualzinho, demoro mais (expressa à questão do sexo), mas com mais qualidade. É com mais qualidade, e vou levando a minha vida e agradecendo a Deus, quando eu olho para a minha mãe com noventa e um anos com a cabecinha que ela tem, eu digo: Deus tomara que eu chegue lá, porque é bom envelhecer, é uma virtude de poucos. Quantas pessoas aos trinta e poucos, vai embora (morre) aos dezoito, aos vinte, envelhecer é uma benção de Deus! A gente perde alguma coisa com a idade, mas vem outras, isso aqui é uma estrada de duas vias, muitas coisas que você tinha na juventude que não tem hoje na idade, mas tem outras na idade que na juventude você nunca, jamais terá. Entendeu? **Os prazeres são ótimos, sabores diferentes, mas são ótimos** (Eros).*

Hermes se queixa de não poder comer todas as coisas que gostaria, mas não se vê velho.

– Eu não... Vou ser sincero, a única coisa que eu fico um pouco, às vezes, assim chateado é de não poder comer uma comida, por exemplo, eu não posso comer comida gordurosa, doce essas coisas. Não tenho nenhum complexo, (ele é muito magro, magríssimo) vou para Associação Atlética Banco do Brasil (AABB). Fico pulando de banda, de cabeça para baixo, se equilibra na ponta da piscina, vem correndo e pula com as mãos fechando o nariz, com as pernas cruzadas, as crianças adoram, fico brincando com os meninos, e ainda falo, tem um cidadão que um dia perguntou, e o cidadão pensou que eu estava, falou, “porque um velho desse está pulando assim?” Repare bem, esse cidadão perguntou se eu estava me exibindo. Felizmente a menina vem me pedir para fazer! Eu viro um menino, eu fico me lembrando de criança e vou lá, (...) eu sou magro, mas não tenho

nenhuma vergonha de ser magro. Se fosse gordo também assumiria, eu assumo as minhas belezas, ainda tenho uma vantagem, eu tenho mais mobilidade aqui e agora do que qualquer um de vocês, sem brincadeira, mobilidade de fazer com um pé só, qualquer um aqui, agora. Mobilidade, eu não tenho a força que vocês têm, cada um tem (Hermes).

Afrodite interrompe o diálogo e questiona:

*Quem é velho rapaz? Quem é velho? (Afrodite).
 Você é idoso, velho sou eu (Dionísio).
 Não, eu estou vendo quem fala. Nós estamos no segundo estágio todos aqui.
 O terceiro ainda vem aí... (Hermes).*

Quando Baco se expressa, a frase sai bem baixinha:

*— Eu me acho bonito! (Baco).
 — Tá vendo aí! (Afrodite).
 — Eu gosto, gosto, se eu gosto a mulher, pior (quer dizer, melhor ainda). Se eu andar com uma roupa ela... Se eu vier com uma roupa ela dana, provoca, rapaz, tira isso, tanta roupa aí, tira essa, se eu gosto, é pior. Agora, gosto de andar assim, esporte, eu não tenho nada para fazer na rua, eu boto uma bermudazinha, um tenisinho, uma sandaliazinha modesta, eu gosto, isso aí toda a vida eu gostei (Baco).*

Teseu diz gostar de andar sempre arrumado, como estava neste encontro. Camisa por dentro das calças, cabelos escovados.

— Arrumado? Sim. É bom a gente andar arrumado, viu? A gente andando arrumado quem olha para gente fica com melhor olhos. Certeza. Tem mais coisa para perguntar, pergunta, pode fazer (Teseu).

Apolo parece não dar valor a estética consumista.

— Eu nunca atentei para isso, sinceramente, isso nunca fez parte da minha, do meu, de olhar meu corpo, nunca, eu tive na adolescência, quando eu comecei a perder cabelo, realmente eu tive uma preocupação, na verdade era careca, e o pessoal passava na rua, careca! Tinha essas coisas, mas eu nunca, sinceramente, eu nunca, não há tempo para isso. Se olhar, quando eu vejo, eu não observo se está feio ou se está bonito, eu nunca atentei para isso, eu apenas olho. Engraçado, eu presto atenção coisas que marca na pele, em relação aos cuidados com saúde, não... (Apolo).

Você gosta de andar arrumado?

— Não, eu gosto de andar no mato... (Apolo).

Um as três pessoas exclamam em uníssonância: *arrumado, Apolo!*

Arrumado? Não, eu gosto de andar no mato, eu ando geralmente, quando eu ando eu gosto de andar no mato porque eu grito, eu canto, eu dou berros, eu ando lá para o lado da X porque eu faço uhhhh!! (e uivou) (Apolo).

O inusitado acontecendo, parece que Apolo estava absorto com as revelações dos colegas do grupo, mudou completamente o rumo da conversa.

– No meu cotidiano, quem manda, quem me veste, praticamente é a minha mulher. Eu não tenho, ela que fala assim, bota a camisa tal. Eu na verdade, eu gosto de usar alpercatas, eu gosto de usar sandália de couro, eu gosto de usar calça jeans, eu gosto de andar da maneira mais simples que eu puder. Eu gosto de andar assim, de calça jeans, alpercatas mesmo, sandália rasteira, é disso que eu gosto, agora, em função do trabalho, da coisa principalmente agora, a minha mulher, eu, por exemplo, eu detesto comprar roupa, eu detesto entrar em loja, eu geralmente falo com ela, compra umas camisas para mim, você sabe o jeito que eu gosto.

Eu entro em loja só para comprar disco, aí eu fico... Eu vou a Salvador, minha filha fala, meu pai, tem umas camisas no Iguatemi baratas, eu digo, está bom, ah! O flash point, acabou, o flash point, onde eu comprava meus discos, agora é no Shopping Salvador, que tem uma loja lá, deliciosa, mas eu realmente não ligo para isso, não dou a menor bola para isso (roupas). Eu uso por uma questão de me fazerem assim (está exercendo um cargo), ela fala assim, tira essa camisa, bota essa, faz assim, faz assado, do contrário eu andava de, na maior, não é, é assim mesmo que eu me sinto, eu gosto de andar simploriamente.

Neste instante, Apolo vem de encontro ao discurso da “mídia, do corpo perfeito, das convenções vigentes da estética feminina” (SARDENBERG, 2000, p. 64), e intervém, o que deixa as participantes do grupo encantadas. Afrodite passa a olhá-lo estranhamente, como se não acreditasse no que estava ouvindo.

– Deixa eu falar uma coisa aqui. A minha geração era mais romântica, romântica no sentido, a gente olhava mais para o rosto. A beleza que a gente via era mais ligada ao rosto da mulher, do que o corpo da mulher. A gente era muito mais, o foco primeiro, não era o corpo, o foco primeiro era a face, a face era o que chamava a atenção. Eu, por exemplo, eu sempre olhei primeiro o rosto, depois, as outras coisas, não sei se era uma questão de geração do romantismo que passava, mas a gente ficava muito mais ligado. Hoje é ao contrário, não estou dizendo que seja certo ou errado, não estou dizendo nada disso... (Apolo).

– Porque não existia esse apelo que tem hoje. Eu lembro que na escola, esse negócio de ver pernas, ver tudo, aparecia, a gente olhava. Mas o que atraía, comigo era assim, o que atraía primeiro era o rosto, os olhos, a simpatia, o riso, a maneira de sorrir, ou de olhar, olhos, boca, a face, a face era a atração, até um pouco o busto, mas se olhava muito daqui para cima. Depois, muito tempo depois é que se passava a ter uma visão assim, mais geral, mas nunca específico, da perna, ou no bumbum, mas a minha

geração, nós tínhamos essa coisa. Eu não sei se, mas eu, por exemplo, eu tinha essa coisa, a primeira coisa que eu via a face, a beleza primeiro. O atrativo. O atrativo vinha depois, o atrativo sexual, vamos dizer assim, às vezes podia até ter locado, ou trabalhado mais nessa outra parte do corpo (Apolo).

Assunto tão complexo verbalizado, rompendo com o discurso do corpo ideal, poderia ser um “novo discurso e uma nova maneira de ser e estar no mundo para todas as Afrodites da vida moderna” (idem, 65).

4.3.2 A questão do sexo

*Tive uma relação homossexual. Aquela coisa da arte, da música, da literatura, do conhecer, do vício, da liberdade, da indecência, do novo, do romper barreiras, do romper o preconceito, de achar que as coisas, de ter assim as coisas, de saber. A vida tem tanta coisa que você descobre no decorrer da sua existência... (Apolo).
Sexo é vida (Afrodite).*

Os discursos do grupo de convidados trouxeram diversas revelações não esperadas.

Levei ela para uma festa de debutantes, não sabia um passo, eu digo, não interessa, deixe que eu lhe levo, hein? Pode me pisar. Ah! Eu vou dormir, amanhece o dia, o sonzinho está ali, ela fala vamos dançar Eros? Eu digo, vamos embora! Ao lado da cama, o quarto é grande, começamos a machucar os tomates, se eu tivesse que sair do quarto sete horas eu saio oito e meia (Eros).

Eros inicia o discurso expressando que, ainda hoje, namora sua esposa. Ele diz amá-la. Giddens (1993) no seu clássico sobre sexualidade relata que o amor romântico é um amor sexual. “A satisfação e a felicidade sexuais, especialmente na forma fantasiada do romance, são supostamente garantidas pela força do amor romântico”.

*– Para mim é um dos grandes prazeres da vida, sem o sexo para mim viveria bem mais triste. Agora, evidentemente eu não quero de caridade, que lá em casa há uma troca, por exemplo, você não fica sabendo, é uma coisa fora do comum que minha avó dizia assim: resumindo, eu mais minha esposa, tem mais ou menos quarenta anos que dorme cada um na sua cama. Qual a vantagem que tem? É que você pode mexer para qualquer lado (Hermes).
Uma das vantagens. A outra, se um estiver dando um “pum”, o outro estiver doente não pega um no outro (sorrindo). Aí a minha avó uma vez falou, deu uma risadinha, e disse: oh, meu filho, como é que você faz? (Hermes).
Eu digo: ô vó, a gente vai fazendo pela beira da cama, até em cima da mesa, dá um jeito, lá em casa, agora, quem é que procura mais um ao outro? Aí vai depender mais da minha vontade, dificilmente, é uma questão dela, dificilmente, é uma questão dela. Dificilmente ela me procura. Agora a hora*

que eu a procurar, ela está à disposição, entendeu? Agora, por exemplo, vou ser sincero, eu nunca nem experimentei a tal da azulzinha (o Viagra). Nunca precisei, eu acho que, pode ser que precise, não sei, mas por ora, nunca fui. Tenho até medo, de poder fazer mal. Então, sexo para mim é um negócio necessário, (...) bem mais vezes, beleza... (Hermes).

Foi uma surpresa que um idoso dormisse em camas separadas por tanto tempo. E o discurso machista que a mulher sempre está à disposição para a relação sexual, a hora que ele tiver vontade, para ele, ela nunca o procura.

Dionísio tinha confessado no dia anterior que começou a fazer sexo com oito anos, bem precoce, relata que não gosta de termos científicos quando fala de sexo.

– Sexo é prazer total, total. (Falou enfatizando bem). Eu vou dizer uma coisa: é bom demais. Isso é uma coisa, que é bom demais, é uma coisa que Deus (...) não tem predicado, é maravilhoso sem predicados, o que mais?— Isso aí depende de encontrar parceira. Se encontrar parceira, que agrade. Aquela mulher! Aí eu desenho ela todinha. Eu me sinto com quinze anos. Dependendo da mulher, que não eu sei, o que está pensando, a gente fica, eu vou falar nome científico, eu vou na mão grossa (Dionísio). Vai na mão gorda. Porque vocês querem que eu fale o meu científico, bate-se uma punheta. (Risos). Não adianta querer negar. A coisa tem que ser o nome popular, aí vai passando aquela mulher linda, ô mulher das nádegas bonita, que coisa mais idiota, que bunda! Ééé. Ah, o cara tinha um pênis (imitando a voz de uma mulher) grande, grosso, pequeno, a palavra é essa, porque com se diz fulana: ahh!!! Essa noite eu queria ter um caldo de vinho, um pau na minha vagina. O cara meteu o pau, não vou dizer o resto não, como é que é e mais saboroso, mais realização, dá mais prazer, e essa história de nome científico, que coisa, não vai dar no mesmo, será pau de cacete, tudo é prazeroso, ah, não! (Dionísio).

Afrodite fala de sexo com certo pudor, talvez por ser a única mulher do grupo. Fica constrangida, enrubesce, mas acaba confessando ter relações sexuais com seu esposo, mesmo que esporadicamente.

– Sexo é vida. Se a pessoa não tiver sexo não vai dizer que não é, agora depende da situação, não é? Agora a pessoa não pode viver sem sexo, dizem que não pode, eu não sei porque eu nunca vivi, eu não sei, mas eu vejo falar isso, que sexo é vida, faz parte do ser humano, faz. A frequência na idade que nós estamos minha filha, agora vou falar como Dionísio pausadamente. Existe o desejo, mas nem tanto como existia antes. De tudo e que vem acompanhado, tanto eu como ele, são coisas normais, assim, a frequência é como você disse assim como eu disse, depende, e nem depende só de mim também. Tenho desejo. Não aquele desejo como tinha antes de eu casar, mas tenho! Ave Maria, aí tem, não acabou ainda não (riso). Afrodite.

Apolo inicia seu relato calmamente.

– Para mim o sexo faz parte da vida, complemento, mas não é o essencial, não é a única coisa da vida, é uma coisa que faz parte. Faz parte como outras coisas fazem parte. Eu acho que é algo interessante, bom, mas não é assim única, nem é uma coisa de, há se não tiver isso, a vida é uma merda, eu acho que é uma coisa que faz parte, é um complemento, está na questão do ser, do animal, que vai sublimando na medida em que ele vai entendendo as coisas, na medida em que ele vai entendendo que ele sublima aquilo com amor, e tal.

Todos param para ouvi-lo.

Mas eu não vejo como algo, e outra coisa não gosto de vulgarizar, eu acho que é uma coisa muito bonita, muito sagrada. Ser sagrado, para mim, é como a gente estava falando, da questão da palavra, eu não vejo assim, eu não gosto de utilizar termos assim, chulos, ou não chulos, eu não gosto, acho que isso é uma coisa muito importante até porque é o elemento que dá a vida, é um elemento que faz produzir a vida, embora você faça você está pensando em introdução, obviamente, eu vejo como um algo muito importante, agora eu não vejo como uma coisa essencial (Apolo).

*Eu tenho um amigo que fala assim, rapaz a testosterona está diminuindo e se ficar sem vai ser um terror. Rapaz, eu acho que não chega a ficar sem, porque sempre depende dos valores que você vê, e a questão do sexo não é só a relação, não é só você ter e se achar o maior dos homens, ou das mulheres, não sei, meus amigos só perguntam se eu fiz quatro, ou fiz cinco, eu sempre fico muito, a coisa que mais me decepcionava com minha relação com os amigos é que na medida que eles tinham relação com a mulher e contava. E dizia, eu fiz isso, eu fiz aquilo, tem gente até que conta, casado, que conta da intimidade, eu sempre achei isso uma coisa muito... (Apolo).
- Vulgar (Afrodite).*

Apolo considera o sexo como algo sagrado. E todos os idosos ficaram olhando para ele, sem acreditar na coragem de se expor, de revelar seus segredos.

Não é só vulgar, não. Eu acho que isso, primeiro, que você descaracteriza o ato, que é um ato bonito, uma coisa prazerosa, e você passa a ver aquilo como uma coisa, como se fosse uma caçada, como se fosse assim: ganhei aquilo. Como se fosse uma coisa da idade média, uma conquista, como se fosse caçar, eu vou caçar, vou pegar e tal, eu acho essencial, eu não acho, eu acho um complemento.

Mas, não vejo isso também como um a forma careta, como uma forma religiosa, coisa de pecado, nada disso. Não é que eu ache pecaminoso falar disso, não se trata disso, se trata apenas de reconhecer que é um ato muito bonito, muito, do animal, do homem, mas que requer uma coisa a mais. Acho que tem o lado sagrado dessas coisas, tem o lado sagrado nisso (Apolo).

Ele para, olha todos nos olhos ao redor da mesa, e pergunta:

– Agora eu gostaria de perguntar uma coisa que você (a pesquisadora) não me perguntou. Algum de vocês teve alguma relação homossexual com outro homem? (Apolo).

– *É o quê?* (Dionísio).
Não, nunca tive (Hermes).

Todos os homens negaram.

– *Eu tive, de forma não é uma questão de loucura também. Mas eu pergunto isso porque, tem uma coisa chamada preconceito, que existe, e as pessoas falam isso com o maior preconceito. E eu falo isso sem nenhum preconceito, isso é um negócio que está na alma das pessoas, e eu vejo isso assim, muito claro, porque é o seguinte, as pessoas são capazes de matar homossexuais. Eu tenho exemplo disso, de pessoas e amigos meus que conheci, odiavam homossexuais, e depois tiveram netos homossexuais, e agora José? E agora José?* (Apolo).

– *Não. Foi uma coisa de busca, de loucura. Não, foi uma coisa natural da loucura que eu vivi na minha vida, de vinte poucos anos de idade. Aquela coisa da arte, da música, da literatura, do conhecer, do vício, da liberdade, da indecência, do novo, do romper barreiras, do romper o preconceito, de achar que as coisas, de ter assim as coisas, de saber. Porque eu conheci pessoas, eu tive amigos que sofreram muito por serem homossexuais, eu tive um amigo, como você estava dizendo aqui, que ele sofreu muito. Mas rapaz, o cara sofreu porque ele tinha uma educação cristã, moral, daquelas, não é, mas era uma coisa dentro dele que ele não conseguia* (Apolo).

Eu não tenho vergonha não. Disso não. E às vezes eu falo isso sim, e é por isso que eu provoquei. Provoquei para ver inclusive a forma da reação:

Não! De jeito nenhum! (todos os presentes).

E provocou mesmo, pois todos os homens da sala se movimentaram nas cadeiras, inquietos com a revelação, e as mulheres também, pois causou impacto e espanto.

– *Eu vou lhe dizer agora. Em primeiro lugar quero dizer aos senhores que o sexo forte são elas, as mulheres, na minha maneira de ver. E o sexo, para mim, eu não quero nunca sair dele. Nós, homens, a mulher vem à menopausa, nós homem vem a andropausa. Nós não somos mais aquele garoto de dezoito, dezenove anos* (Eros).

Agora, eu gosto de deitar ao lado da minha mulher, eu gosto de sentir o cheiro dela, você entendeu como é? Eu gosto de estar sempre ali. O carinho, porque o sexo em si, o orgasmo, porque muitas mulheres casadas, com cem anos, nunca chegaram ao orgasmo, porque o homem é um animal irracional nesse sentido, só pensa nele, o melhor é a brincadeira antes, e o durante, na hora que acontece acaba para nós homens. A mulher está ali, a mulher é bem forte, a mulher aguenta, mas o homem não. O homem... Chegou lá, (foi narrando e aumentando a voz) despejou e pronto, quietou.

O bom é o ensaio. O antes e o durante, aquele ensaio, aquela coisa, que é bom, porque o homem só pensa nele, chega lá, pegar aquele objeto, traz para cá, pou, pou, pou. Não, ela também precisa. Ela também é humana, ela precisa ter prazer para se sentir bem com você (Eros).

– *Sexo, para mim, eu acho que é uma coisa importante, a pessoa sem o sexo não tem alegria, eu acho que não tem alegria, é uma coisa muito boa. Agora com esse problema aí é que está, é como eu terminei de falar, (...) mas ele me deu tempozinho porque eu não estou ficando positivo mesmo, fica meio zaroinha* (Baco).

Eu tenho desejo. Aí, eu tenho que coçar a véia, eu tenho que cutucar a veinha, é o jeito, ela também está, ainda está, graças a Deus, positiva, aí pronto, é isso (Baco).

O comportamento sexual nas pessoas idosas é definido por vários princípios: cultural, religioso, educacional, dentre outros. Estes valores influenciam diretamente o desenvolvimento sexual determinando como se vai viver a sexualidade na finitude. A ideia de que pessoas idosas possam manter relações sexuais não é culturalmente aceita, muitas vezes o tema é ignorado, como se a sexualidade pudesse desaparecer no imaginário coletivo.

– Ah, uma coisa muito boa! Foi dele que eu nasci, é uma coisa sagrada, uma coisa que a gente nunca pode passar sem isso, principalmente na idade que eu estou, e todos aqui estão, nem todos tem a possibilidade que eu para poder resistir a este assunto. Ah, para mim é quase diariamente. Não vou dizer assim diariamente, mas assim de dois em dois dias, três em três dias, de acordo com a vontade da patroa, eu nem me importo, não pode faltar, entendeu? De acordo a vontade dela também, a resistência é boa entendeu? (Teseu).

– Acontece sim, aí quando vem o desejo, aí a parceira não está querendo, eu deixo para o outro dia, deixo para o próximo dia, porque tudo é bom quando faz isso de acordo, forçado nada presta (Teseu).

Alguém falou sobre relação com animal... Alguém já teve relação com algum animal?

– Cabra, mula e jegue (Dionísio).

– Espera aí, espera aí, melhor é as galinhas. Com oito anos, eu matei umas duas galinhas... (Hermes).

– Tem uma fase, [...] não tinha orgasmo, era uma relação de brincadeira. Era uma coisa de, não tinha, criança de dez, doze anos, era uma coisa que, não tinha orgasmo. Você tinha ereção, mas era uma coisa que os maiores às vezes tinham, mas você não tinha, não tinha, por exemplo, aqui era comum o hábito da pessoa sair e pegar as jegas também, e o animal ficava mais, mais mansa, era na verdade mansa (Apolo).

– Não era nem por isso, porque era difícil encontrar mulher [...] Quando tinha mulher [...] (Dionísio).

– Por que que o sexo é mais fácil para a mulher do que para o homem? (Eros).

– Porque a mulher é sexo (Dionísio).

Todos disseram ter a iniciativa sexual com algum animal, justificam que por morarem na zona rural e não tinha mulheres acessíveis. Mas Afrodite ficou surpresa com os relatos.

4.4 A QUESTÃO DE CLASSE SOCIAL E GERAÇÃO NO GRUPO DE CONVIVÊNCIA DA CIDADE NOVA

O “velho” era assim do tempo de gente em que “cuscz era bolo de aniversário” (risos), eu só ficava dentro de casa (Sarah).

Eu num sabia o que era um domingo, eu num sabia o que era um feriado, eu num sabia o que era uma festa, eu num sabia nada, eu era somente pra mim trabalhar (Miriã).

Pra “incurtar” o caso, até carregar lama de tanque, os povo ia limpar o tanque, eu ia e carregava a lama pra ganhar dinheiro. Eu ia, porque eu era pobre (Betânia).

Os relatos do grupo de convivência da Cidade Nova trouxeram revelações dolorosas de um passado distante, disseram as entrevistadas. Foram permeadas de muita emoção, muitas vezes as entrevistadas choraram. As lágrimas teimavam em rolar face abaixo. A pesquisadora perguntava junto à monitora se queriam parar, mas elas diziam que queriam desabafar, faziam questão de continuar. Desabrochando histórias de muita luta pela sobrevivência como veremos abaixo.

Eu trabalhava muito, comecei a trabalhar com oito anos, no serviço que meu pai botava eu pra fazer... Eu ia pra aquela Serra da Torre (uns dos morros mais altos da cidade aonde colocaram a torre de transmissão para televisão). Ele cortava jerema (jurema), que era madeira de fazer carvão e eu assuntando, o meu serviço era esse, era assim: madeira pra casa, hoje é ripão, naquele tempo chamava caipo (caibro), o meu trabalho, a minha infância e “indolescência” era essa.

Eu num sabia o que era um domingo, eu num sabia o que era um feriado, eu num sabia o que era uma festa, eu num sabia nada, eu era somente pra mim trabalhar (Miriã).

Só trabalho. Respiravam trabalho desde a mais tenra infância. O trabalho durante a vida é uma constante nos relatos das idosas deste grupo. Ressalvando a fase da categoria “idosas”, da aposentadoria, começam a descansar com o recebimento dos proventos, benefícios. A pobreza impera nos relatos.

São pobres as pessoas que não suprem permanentemente necessidades humanas elementares como comida, abrigo, vestuário, educação, cuidados de saúde etc. Têm fome aqueles cuja alimentação diária não aporta a energia requerida para a manutenção do organismo e para o exercício das atividades ordinárias do ser humano. Sofrem de desnutrição os indivíduos cujos organismos manifestam sinais clínicos provenientes da inadequação quantitativa (energia) ou qualitativa (nutrientes) da dieta ou decorrentes de doenças que determinem o mau aproveitamento biológico dos alimentos ingeridos (MONTEIRO, 1995, p. 1).

Na infância das idosas, os pais “provedores” do sustento da casa não tinham renda fixa, não contavam com qualquer auxílio, benefícios, nem emprego assalariado, viviam do que plantavam. Como não tinham acesso à educação na zona rural, era quase impossível terem um emprego digno.

Saí de dentro de casa. Saí de dentro de casa, e fiquei assim criada pelas casa dos outros, criada pelas casa dos outro. Eu pivetinha arrumava emprego. Porque eu num tinha morada, porque pra casa de meu pai eu num ia mais.

Eu me casei, o “ôimbo” (ônibus), o “ôimbo”, a viagem do “ôimbo” pra levar o povo aqui na Santo Antonio, foi no tempo do padre Climério, foi tempo do Reis. Uma idosa falou: então foi um casamento rico, de ônibus!

E eu criei meus fios quebrando brita nas pedreira, enchendo forno, trabaivava nas olarias, eu cortava adobinho, fazia adobinho. Buscava palha pra fazer esteira pra vender, palha pra fazer vassoura, lavava de ganho, tudo pra ajudar a criar meus fios (Miriã).

A classe trabalhadora do campo, na época da infância, era considerada pelas idosas, hoje, miseráveis. Passavam todo o tipo de necessidades. Uma idosa teve acesso à educação, mas a pobreza estava presente, como vamos ver no relato:

A minha infância eu trabalhava e estudava. Durante a semana eu estudava de manhã até meio-dia e de tarde ia pra roça, trabalhar. Final de semana ficava no açougue, com idade de nove anos eu já comecei a trabalhar, já prá ajudar os pais.

Comecei trabalhar, e não pude mais estudar, aqui eu trabalhava em lanchonete, casa de seresta, restaurante, bar e fiquei sem estudar. Eu continuei trabalhando pra ajudar os irmãos, pra ajudar a criar os irmãos.

O “velho” era assim do tempo de gente em que “cusuz era bolo de aniversário” (risos), eu só ficava dentro de casa (Sarah).

O “velho” referido era o segundo parceiro da idosa. Muito idoso, bem mais velho que ela, a vida resumia-se em cuidar dele. Ainda sofria violência por parte dele. Neste período ainda não se falava em políticas para enfrentamento da pobreza, a família era tutora, papel hoje enfrentado em parceria com o Estado. Tornou-se o “centro das políticas de enfrentamento da pobreza e impregnou as políticas ditas sociais – assistência social, saúde, educação, habitação e mesmo as de geração de renda” (CARVALHO, 2010, p. 68).

Me separei dele, aí eu tive que trabalhar, voltei a trabalhar para criar filhos, eu saía do Km 4 (bairro periférico) ia lá para o Jequiezinho (extremidade do Km 4, uma distância grande) buscar a caixa de produtos para revender.

Eu passei fome, eu não tinha roupa, eu cansava de pedir roupa da vizinha emprestada para ir para reunião da Avon, a reunião da Christian. Pegava

roupa emprestada das minhas irmãs, sapatos, e ia pra lá, vendia meus produtos, cozinhava de lenha, buscava lenha lá no Posto Pedra Roxa (muito longe, um dos pontos mais altos da cidade), buscava feixe de lenha, aí criei meus filhos com muitos sacrifícios. Aí não teve mais como estudar, o outro (filho) também fez até a sexta série e arrumou família, esse que mora comigo é que terminou os estudos (Sarah).

A idosa nos traz um discurso cheio de emoção. Aceita a distribuição dos filhos realizada pela mãe, por causa da fome, dos nove filhos ficou com dois apenas. A voz é de sofrimento, também o corpo, há um conformismo na fala como veremos:

Eu não tive infância, infância só foi trabalho e maus tratos né! (estava muito emocionada). Não fui criada pela minha mãe. Porque minha mãe num tinha condição de criar a gente, (a voz estava embargada de emoção) ela só ficou com duas filhas. Ela teve 9 filhos. Aí ela deu a minha irmã a meu avô. (Parou um pouco de falar, engoliu seco e concluiu). E a mim ela deu a uma desconhecida. Que me judiou um bocado, até hoje eu tenho marca na minha cabeça de fivela de currião (cinto). Ela largava a gente com fome (Ester).

A idosa quando criança foi levada para Salvador, por uma tia, para tomar conta de um recém-nascido. Apanhava muito, não pode esquecer-se dos maus tratos, pois as marcas ainda se encontram em seu corpo: costas e cabeça.

Aqui, dona Lúcia! Aqui, essa menina eu trouxe pra senhora! Minha sobrinha! É uma pessoa de confiança e vai ficar nos seus cuidados, aí a “mulé” num instante foi na loja, comprou roupa pra mim. Aliás, ela, a sogra dela, que ela tava de neném, ela tava na maternidade, aí ele levou eu pa pegar o menino e já vim cuidando do menino, aí cuidei do menino, morei 5 anos com essa criatura. Aí e antes disso a “mulé” me batia muito, me batia, era de pau, num era assim, era aquelas escova que “ariava” banheiro, viu, era daqueles taco de casa viu, me batia “mermo” e então ela dizia assim: ó, num dá certo não! Aí quando o menino já tava grandinho, a menina também, aí disse assim: ó, eu num vô querer mais Ester não, viu dona Maria? Eu vou mandar Ester pa Jequié (Ester).

A idosa trazia nas lágrimas a revolta e a tristeza por ter vivido tão cedo tamanha violência e continua falando com uma angústia imensa.

Olha, eu vô te dar essa surra e quando tua tia chegar aqui ela vai te dar outra; e dava “mermo”. Minha tia dava outra surra. Eu num tou pronta pa dá comida a vagabunda não. Vai trabalhar! Aí eu saí pelas cozinhas dos outros, trabalha aqui, trabalho acolá (Ester).

Apanhava e era na frente de todos, na casa da mulher. A idosa chora, o que comove a todos os presentes. O sentimento pela mãe é consolidado na justificativa pela escolha do seu destino tão incerto. Ainda expressa carinho e diz sentir pena da mãe:

A minha mãe, muito pobrezinha, morava ali em Itaquara, pa dentro das roças. Ia pa lenha buscar palha pa raspar, pa meu avô botar no embornal e vim pro comércio vender, pra comprar o que comer. A gente foi trabalhar no armazém de café. Catar café (Ester).

A pesquisadora do IPEA Camarano (2007), em seu texto sobre pobreza, relata os diversos desafios da contemporaneidade que é assegurar os princípios da dignidade humana e a equidade entre os grupos de diversas idades, partilhando recursos, direitos e responsabilidades sociais. Relata que na América Latina o tema tem relevância singular, pois o processo de exclusão social, pobreza/miséria, grandes índices de desigualdades sociais “obriga” os países a tomarem como desafio maior criar rede de proteção social que se adapte às transformações na estrutura etária, nos arranjos familiares e no mercado de trabalho.

A idosa quando mocinha começa a trabalhar, relata que só tinha um vestido, foi a idosa que exteriorizou maior tristeza e emoção no discurso:

Trabalhar na olaria, num tinha roupa pa vestir. Quando era de “mei”- dia todo mundo ia almoçar e a gente vinha pra casa, chegava em casa num tinha o que comer, minha mãe (nesse instante a entrevistada não aguentou falar, ficou um longo período em silêncio e as lágrimas desciam no rosto, todos os presentes ficaram emocionados) pegava e dizia assim:
 — “Ó, minha fia, num tem nada pra gente comer”. Botava ali um pouco de sal no prato (voz embargada chorando), um pouco de farinha... (Silêncio absoluto, só ouvíamos a respiração da idosa que transbordava tristeza... Pegaram água para a entrevistada beber, pois continuava a chorar, mas não quis parar de falar) e pegava umas pimentinhas e ralava (Silêncio... Chorava). A gente comia (Silêncio...) e tomava água e descia, ia pro trabalho de novo.
 — O senhor me dá o dia que a gente trabalhou hoje, pra gente comprar alguma coisa pra comer? A gente passava aqui no mercado grande, comprava um pouco de farinha e um pedacinho de bofe que rendia mais. (relatavam que o bofe bovino, ao ser cortado e batendo com um batedor de carne, ou um pau, por ser poroso esticava, rendendo mais que o normal). Chegava lá num tinha nem fogo prá assar (Silêncio... Chorava). Aí juntava aqueles, aqueles pedacinho de pau pelo lixo e fazia o fogo, e sapecava pra molhar a farinha comia e ia dormir (Ester).

Freitas e Trad (2010, p. 311) contextualizam que “a fome crônica e coletiva é um produto histórico e social com distintos significados”. É resultado da desigualdade social latente, das iniquidades sociais nas quais está inserida a população sem acesso à educação, à

saúde, em um processo de exclusão social. As autoras ainda situam “fome como perversão social, definida por processo de exclusão, revelados em contextos de dominação política e econômica” (Idem, 2010).

Betânia, como as outras idosas do grupo, relata sua infância:

Trabalhava já com a idade de 10 anos, trabalhava muito, quando era de noite ia dormir. Eu fui pra escola, mas não aprendi nada, só aprendi a assinar o nome, porque naquele tempo as escolas, já viu como era, era atrasada também (Betânia).

Justifica o analfabetismo pela falta de interesse das professoras e mau funcionamento das escolas da zona rural, então:

Ia pros pés, por dentro do mato, era atrás de licuri, era atrás de umbu, pegando umbu pra vender, raspando folha de palha. Os serviço tudo brabo aí eu já fiz, viu!

Pra “incurtar” o caso, até carregar lama de tanque, os povo ia limpar o tanque, eu ia e carregava lama pra ganhar dinheiro. Eu ia, porque eu era pobre. O que aparecesse eu não “injeitava” não. Lavava roupa de ganho, fazia tudo, eu num sei nem como eu tenho essa idade e ainda tenho essa saúde, eu já sofri muito. Não, fui pra uma roça trabalhar, “panhá” café, rapá mandioca, peneirar água (Betânia).

A idosa traz uma singularidade na fala. Ao sair de casa aos seis anos e trabalhar na casa de uma família abastada, não consegue se acostumar mais com a vida que levava com os pais. Ao retornar, não se adapta e resolve sair novamente da casa dos pais, para trabalhar raspando palha: o pó da palha servia para fazer vidro.

Com 6 anos de idade eu já trabalhava na cozinha dos outro, nas cozinha, com 6 anos (falando com certo orgulho) em Brejões, na família do X, o X trabalhava lá. Aí eu voltei, fui morar na casa do meu pai, mas num acostumava, num acostumei mais.

Aí vai eu “rapá” pó de palha, trançar esteira pra poder pagar o aluguel da casa e criar essas menina. Eu já passei uma vida, uma vida, uma vida (parou e ficou olhando o vazio) que só Deus é quem sabe, já passei fome, já comi raiz de umbu, comi palmito, licuri inteiro de fome, comprava mocotó, assava na brasa, comia pirão d’água, passei fome, fiquei nua, nua, nua, nua, nua, sem uma roupa na pele (a voz tremia, com a recordação) Betânia.

Só com um vestido, cheio de remendo e outro pra eu vim pra rua comprar mocotó e um quilo de feijão pra eu poder comer. (Todos os membros do grupo focal ficaram em total silêncio, havia amargura na voz) já passei fome, ali onde eu tava rapando pó de palha, ali “mermo” eu dormia, em cima da “ruma” de pó de palha eu deitava e dormia, pra criar aquelas fia minha (Betânia).

Continua a vida de muita pobreza e trabalho, mesmo adulta e já criando os filhos. Monteiro argumenta que um indivíduo, ou toda uma sociedade, poderá estar livre da fome e

ainda assim ser pobre, bastando que sua pobreza se expresse mediante a inacessibilidade à educação, a uma saúde digna com equidade, às condições de moradia com infraestrutura ou mesmo enfrentando outras carências materiais igualmente importantes.

Criei tudo, criei tudo, as menina vai “crescendo”, uma vai “crescendo”, aí as menina ia vender imbu na estrada, tempo de imbu, ia vender os imbu, aí os motorista (os caminhoneiros corriam atrás das meninas para abusar das mesmas) encarnava nessas menina, minha fia, dava “carrera” nessas menina.

Essas meninas largava o balaio de imbu e corria, se escondia dentro do mato, eu vou te dizer, eu já sofri, já sofri, sofri uma vida que só Deus é quem sabe.

— Minha mãe, eu vou--me embora, num vou ficar mais não, eu vou- me embora, roga a Deus por mim, que eu vou conhecer o mundo, até o dia de hoje, até o dia de hoje (não voltou, nem deu notícias, acredita que está em São Paulo) Isabel.

Fala da desvinculação dos filhos com grande tristeza, aliás, nem todos do grupo sabiam que os filhos de Isabel tinham saído de casa por causa da fome. Até a presente data ela não tem notícias dos filhos, disse, com o olhar vago, que não sabia se estavam vivos ou mortos, pois tinha tanto tempo que se foram.

Marta justifica o analfabetismo:

Não, nunca tive escola, estudei uns tempos com a coordenadora do grupo. Morava na roça e era longe a escola, então eu não ia, quando nós veio pra aqui pra Jequié, eu num quis mais estudar, já tava mocinha, aí eu num quis mais estudar, só aprendi a assinar meu nome (Marta).

A idosa Rebeca traz amargura na voz, a própria imagem, magra, cabelos presos, brancos, olhos verdes, opacos, se transforma em sofrimento, que traz consigo com as lembranças fluindo lentamente:

Eu fui criada sem pai, sem mãe, eu sofri muito, então eu fiquei (parou de falar com a voz embargada de emoção) sofri. Eu sofri muito, trabalhei em roça de cacau, fui criada assim, maltratada pelos parentes, avó, me odiavam, eu ia “guentano” (Rebeca).

Diz que era odiada, pois não tinha nenhum afeto por parte dos parentes, mesmo avós e avôs, tios, que se gostassem dela não a tratavam com tamanha rispidez.

Aí eu fui trabaiaar, criei esses dois fio, um morreu, o outro tá vivo, formei meu fio trabaiano. Agora que eu sofri, sofri. (A voz cortada de emoção). trabaiaava em roça e aqui (Jequié) eu trabaiaava com pedra, quebrar pedra (quebrava com marretadas), depois, vendia acarajé pros outro, trabaiei 40 ano vendendo acarajé. Aí pronto. Fiz minha casa. Mas que eu sofri muito,

sofri, e pra criar os fios, oh, Deus! Só Deus sabe. Só que eu não quis mais ninguém! (Diz ter encontrado namorado para casar, mas que ela não quis) Rebeca.

O Grupo da Cidade Nova, mesmo com uma renda mínima, hoje convive com os filhos e netos, o que faz gerar uma renda maior. E o grupo de convivência tem a oportunidade de conhecer e participar da vida ativa da cidade.

Ruth é a única “privilegiada” do grupo. Os pais a levaram para outro município para estudar na casa da avó. O pai, mecânico, fazia carros reaproveitando peças de carros velhos, usados.

Estudei em Amargosa também, aí, mas levava merenda, era um pão com banana, mas levava. A gente não ficava com fome. (para justificar que não comprava lanche na escola).

Carros antigos e ele fazia um, que ele sempre foi mecânico, aí esse carro já não dava, tinha um carro que chamava Maravilha (Ruth).

Relatava que mesmo sem condições financeiras privilegiada, não passava fome, sempre tinha o que comer, mesmo que restrito. O pai trabalhava, sempre fazia a feira. Outro fato importante: era o pai quem a encaminhava para a escola, quem a levava. Nota-se a ausência da genitora que, mesmo sem trabalhar oficialmente, ficava muito tempo fora de casa fazendo trabalhos caritativos, “ajudava as pessoas”. Assim, Ruth relata sobre sua mãe, como uma pessoa muito caridosa que ajudava a todos na cidade.

4.5 A QUESTÃO DE CLASSE SOCIAL E GERAÇÃO GRUPO DA CATEDRAL –

AAGRUTI

Ainda me lembro como se fosse hoje, “sainha” de prega azul marinho, a blusinha, a gravata, só vendo como é que era (para ir à escola) nós tudo igual, nós três (os três irmãos) Leonor.

Na fazenda, meus pais, maravilhosos. Meu pai foi aquele anjo de bondade, apesar de não ter estudado, mas era de muita sabedoria, foram 11 irmãos. Eles traziam a professora, num sei se era professora, uma pessoa que soubesse, né? Botava dentro de casa pra ensinar a gente. Aí trazia de fora, passava um tempo (Ana Elizabeth).

O grupo de convivência da Catedral de Santo Antônio se distingue por ser formado pela classe média e média alta como veremos nos discursos. O grupo tem um cronograma de viagens pelo Brasil afora, desde janeiro, com boletos pagos em agências bancárias. Além de

se diferenciarem com camisas com o nome do grupo bem elaboradas, por exemplo: a última tem um sol rodeado com lantejoulas douradas; a camisa é de cor amarela. Enquanto nos outros grupos, as camisas são normalmente brancas, pois a confecção é mais barata.

Em geral as entrevistadas tiveram companheiros ou elas próprias “trabalhavam em serviços burocráticos, atividades de produção, profissões liberais, serviços de administração” (PORTO, 2005, p. 71). Mesmo aposentadas continuam na medida do possível ajudando os familiares nos negócios.

Então, apesar de se autodenominarem pobres, veremos que o discurso é bem diferente:

A primeira infância foi uma infância feliz, pobre, sim, toda vida fui e sou até hoje (hoje é aposentada federal, recebe aposentadoria do marido, mais 10 salários mínimos), agora não tive grandes oportunidades pra estudar, porque naquele tempo, naquele tempo, meu Deus, era difícil a gente estudar e tal.

Ainda me lembro como se fosse hoje, “sainha” de prega azul marinho, a blusinha, a gravata, só vendo como é que era (para ir à escola) nós tudo igual, nós três (os três irmãos). Aí ela mandava a gente tomar o banho e tudo pra almoçar, aí já ia “fazeno” os pratos pra gente. Botava lá na mesa, aí ele, ele (o padrasto) ficava “rodiano” a mesa, com a mão assim pá trás, pois é, na língua dele, ele era todo “metidão” (Leonor).

A genitora segue para Salvador com o então marido e os filhos do casal, deixando os filhos do casamento anterior com uma irmã, a irmã mais velha de minha mãe. Foi quem ajudou criar a gente, nós acabou “ficamo” com essa tia, mas...AQUI HÁ CONFUSÃO DE FALAS. CONSERTAR

[...] toda semana vinha a feira. Num é a feira, a nossa alimentação, era roupa, era, naquele tempo tinha a Legião Brasileira de Assistência, lembra? Vocês são jovens talvez nem se lembrem, mas eu sou desse tempo, vesti muita roupinha da Legião Brasileira. Os vestidinhos vinha, tudo volante, a gente ia receber no trem, lá em minha terra nesse tempo funcionava um trem da Leste Brasileira.

Ele inventou de levar meus irmãos prá ajuda minha mãe tomar conta da menina, da caçula. Aí foi o fim, aí né? Nós se separamos “mermo”. Eu adoeci, minha mãe foi lá me vê, quando voltou ele já tinha se mudado, já tinha carregado os filhos pra outro canto, é muita história, num dá pra contar tudo, mais foi assim desse jeito, aí minha mãe foi criar nós cinco, sem recurso nenhum.

A mãe retorna de Salvador, após separar-se do marido e traz consigo os filhos do casal e se junta novamente à família, mas mesmo com o discurso de estar sem recursos nenhum, ela monta um hotel, o qual a idosa chama de hotelzinho.

Ela (a mãe após a separação) botou um hotelzinho e foi assim que criou a gente, e eu “ajudano” (Leonor).

A idosa seguinte também se autodenomina pobre. Criada com todo o carinho dos pais, com oportunidade de estudar; mas vamos ao discurso:

A minha infância, pois bem de criança, graças a Deus. Foi muito feliz, num é? Juntamente com meus pais, tinha dois irmãos, os dois irmãos morreu muito novo eu fiquei filha única. Mas criada com todo mimo da mamãe, do papai. Graças a Deus me adorava. Só que tinha um ciúme, num deixava sair, eu vivia dentro de casa, era humilde assim, meus pais também era pobre.

Não, nunca trabaiei fora, nem de moça, nem de casada, nada (Maria Amélia).

Josefina relata a infância com lembranças das idas para estudar em Salvador, pois no interior não havia ainda o segundo grau. Teve uma vida social ativa, participando das festas na cidade. Mesmo na companhia dos pais.

Minha infância foi maravilhosa, eu nasci em Esplanada, tive uma infância muito boa, meus pais nos acompanhava, nós tínhamos toda liberdade de dançar, ele também nos acompanhava na festinha.

Fui pra Salvador e fui fazer exame de admissão em Salvador, de Salvador eu passei dois anos e fui pra Campinas morar mais meu tio (Josefina).

A próxima idosa é a assalariada do grupo. Relata a infância difícil na qual começou a trabalhar aos quatro anos de idade, vamos ao discurso:

A minha infância foi boa. A minha infância eu só trabalhei, só trabalhar, já apanhava café com 4 anos eu apanhava café. Trabalhava na roça de café, nunca tive escola, na minha terra tinha escola, mas meu pai num botava, minha vidinha é assim, viu? (Henriqueta).

Mesmo com escola na zona rural o pai não a deixava estudar. A contradição está presente, ao mesmo tempo em que diz que a infância foi boa, relata que começou a trabalhar com 4 anos e só fazia trabalhar. Na fase adulta não se alfabetizou, casou e continuou a trabalhar juntamente com o marido como veremos no discurso abaixo:

E ai a vida foi essa né, vivi 40, casei com 21 anos, vivi 48 anos, mas meu marido, batalhando, trabalhando, mas ele, toda vida eu trabalhei, e nunca estudei. Tu alembra de mim na X. É então a vida foi essa, foi vida pesada né, mas venci (Henriqueta).

Outro exemplo de vida feliz e farta na infância.

Eu fui muito, muito feliz, toda minha vida, graças a Deus, minha infância, juventude, até hoje, foi feliz, porque eu tive pais maravilhosos, pra mim, pra mim eu acho que num pode haver pessoa melhor no mundo do que foi minha mãe, né, você conheceu, num foi?, pessoas maravilhosas, meus pais então por isso eu era muito feliz.

Os pais, por morarem na zona rural, na falta da escola, pagavam professores particulares para aulas em casa. Eram grandes proprietários de terra, normalmente com acesso aos estudos, e, mesmo hoje, os idosos entrevistados do grupo focal têm uma preocupação com os filhos e os netos, em dar mesada, ajudar nos estudos.

A família de minha mãe, era, tinha boas condições, tanto que pra gente ir onde nós morávamos num tinha escola na época, nós íamos pra casa dos tios. Ehh, que quando não tinha professoras públicas eles pagavam professora pros filhos e aí nós ia também, ficava na casa dele pra estudar. Aprendi meu curso primário quase todo na casa dos tios, e, mas foi assim também uma vida muito, minha mãe de tão boa que era, era muito preocupada com as filhas (Maria Teresa).

Esta idosa, com seus 79 anos, tipo *mignon*, como se autoidentifica, teve uma infância feliz, estudou, não completou o segundo grau, pois a mãe faleceu e ela não quis deixar o pai sozinho em casa. Parou de estudar para fazer companhia ao pai.

Foi boa, me considero feliz até hoje, não fui mais feliz porque minha mãe morreu cedo. Eu fiquei órfã com 15 anos, mas meu pai... Somos dois irmãos. Eu e meu irmão, meu pai me adorava, me criou com muito carinho, a ponto até de, não estudei por isso, meu irmão foi estudar se formou e eu voltei pra casa pra ficar com ele né, porque ele ficou viúvo, e eu fiquei sem estudar, fiz até o normal em Feira de Santana uma parte e voltei pra casa (Catarina).

Esta idosa de infância feliz foi estudar com os irmãos onde tinha escola. Depois os pais deixaram a zona rural para acompanhá-los.

A infância foi muito boa, fui criada na roça, depois de um tempo, depois a gente veio morar num lugarzinho pequeno que hoje chama Boa Vista do Tupi, ficamos lá pra estudar, depois meus pais saiu da roça e veio morar com a gente. Trabalhava em arte, com costura, com, aqui tem um artesanato, em Mauá, tudo ali que tinha no Mauá eu aprendi, fazia era flores, era bolo (Beatriz).

A idosa seguinte, loquaz e muito alegre, relata sua infância como sem problema financeiro e muito feliz, mesmo interagindo com 11 irmãos.

Na fazenda, meus pais maravilhosos, meu pai foi aquele anjo de bondade apesar de não ter estudado, mas era de muita sabedoria, foram 11 irmãos. Todo ano era um filho. Então como tinha muito menino (crianças), e era fazenda, eles traziam a professora, num sei se era professora, uma pessoa que soubesse, né? Botava dentro de casa pra ensinar a gente. Aí trazia de fora, passava um tempo.

Dava as férias, de outro lugar, quando nós fomos crescendo, eu já tava com 7 anos, aí nós fomos pra Itagi. Mudamos pra Itagi, lá também foi muito bom, estudei lá, com 11 anos. Eu fui pra outra cidade, estudei em outra cidade quase 5 anos, colégio interno. Fiz o normal aqui (em Jequié), foi também muito bom! Dancei muito! Fui muito nesse Jequié Tênis Clube, entendeu? Aquelas festas que eu me virava pra fazer aquelas roupas bonitas, aproveitei mesmo (risos) Ana Elizabeth.

Mesmo com a família numerosa, os pais de Ana Elizabeth conseguem com uma renda regular manter um padrão de vida de classe média ou média alta, pois teve acesso a estudo em Colégio Interno fora do município e terminar o segundo grau. Na atualidade, a idosa mantém o mesmo padrão de vida pregressa, como protagonista de sua história. Vale ressaltar que não deixou de trabalhar, mesmo com agravos na saúde.

A desigualdade social entre o grupo de convivência da Cidade Nova e o grupo de convivência da Catedral é visível, uma disparidade muito grande. A literatura tem poucas publicações sobre desigualdades sociais entre os idosos, principalmente quando se refere à saúde. Todas as idosas integrantes do grupo focal, com exceção de uma, têm plano de saúde. Quanto à saúde, dispõem de serviços de alta tecnologia que os planos de saúde cobrem. No grupo da Cidade Nova sem exceção todas utilizam os serviços do SUS. Gera insatisfação quanto ao atendimento médico. Ressaltam que economizam e quando precisam mesmo, pagam uma consulta com médico particular. Todas as pessoas idosas dos dois grupos têm casa própria com serviços básicos de saneamento como rede de esgoto, água tratada, tanques cobertos.

O grupo da Catedral vive a velhice com especificidades marcadas pela posição de classe. Gozam de atendimento médico especial, pois com exceção de uma idosa entrevistada, todas dispõem de plano de saúde e facilidades para adquirir medicamentos que os não dispostos nos Centros de Saúde e Farmácia Popular.

A classe social em que estão inseridas proporciona às idosas privilégios de diversos sentidos, seja em usufruir de passeios como meio de lazer, prática de esporte com acompanhamento de educador físico profissional, seja na realização de cursos “pagos” disponibilizados pela sociedade acadêmica. Nesse grupo, há idosa que comprou vários equipamentos, como esteira, bicicleta e outros de alto custo e contratou um *personal trainer*

para acompanhá-la em sua residência, com sala especializada para a prática do exercício físico.

4.6 A QUESTÃO DE CLASSE SOCIAL E GERAÇÃO GRUPO DE CONVIDADOS

–Eu estava com bolero azul anil com aquele bico inglês que estava na moda, a saia volante. O pai (do pretendente) manda o dinheiro, ele compra aqueles óculos de Polaroid aqui, um guarda-chuva, e um livro de inglês na mão (Afrodite).

Comer farofa e beber água da bica. Para tornar a estudar de tarde para voltar. Minha roupa era toda preta com 16 anos, chapeuzinho preto, eu andava todo de preto (Eros).

Era o grupo mais heterogêneo, entre a heterogeneidade da velhice dos grupos entrevistados. Foi muito rica a diversidade entre os membros. Relatos impressionantes. Não se autodenominam nem ricos, nem pobres, como veremos nos discursos que se seguem:

E/eu meu/ meus avós eram considerado ricos meu/ meu pai/ meu avô fez as casas de P. S. A casa, hoje Hospital, era a melhor casa na época, a primeira casa de dois andares e tal.

Cedo com 18 anos eu tive, trabalhei menos de 18, 17 anos, eu trabalhei em foi B.H. Depois eu fui ser Secretário de Prefeito, Secretário de Vice-Prefeito, em diversos anos. Fui secretário da associação comercial, fui diretor de vários órgãos, agora eu trabalhei por isso aí, por isso eu com...

Ainda com 18 anos já me levaram pra minha mulher que pariu e sem condição nenhuma, nem casa, num tinha casa pra morar não, meus pais alugou uma casinha e botou lá (Hermes).

Apesar de relatar que trabalhava aos 17 anos, se observarmos a fala do entrevistado, trabalhava para o poder local, a família para quem ele trabalhou dominava a política na cidade, aliás seus descendentes se encontram no poder até os dias atuais.

Afrodite vem de família rica como veremos no discurso:

Mas tinha condições boas, para aquela época, e nós fomos para o colégio. Eu fui fazer admissão no Ginásio do Padre (assim chamado porque o proprietário era um padre. Colégio particular que a elite frequentava). A gente estava no colégio, tinha dois turnos, pela manhã e à tarde, a gente estudava, à tarde tinha matemática, tinha inglês.

A nossa farda era um bombacho, aqui no joelho, com borracha tipo bomboia, e um vestido aberto, volante, com um laço de bola azul e branco, era para ginástica. A gente ia para lá com tênis e tudo chamava galopim. Nem era tênis. Era feito, era tropical inglês azul marinho, só aceitavam assim, aberta do lado, tinha um escudo. Dezesete anos eu terminei o ginásio (Afrodite).

Termina o colegial ainda jovem, descreve com detalhes as roupas da escola. Continua seu relato:

A gente ia na Sloper (Loja da Rua Chile), com mamãe grudada, eu olhava as coisas, na Rua Chile! (fala admirada com o próprio relato). Ah! Menina, quem conheceu naquela época, naquela época [...] o Coronel, que ficava na esquina da Rua Chile, todo deslumbrante, engomado, que chegava a ser azul a roupa de tão branca e engomada! (fala entusiasmada).

Ficava conversando naquelas esquinas aqui na Rua Chile, Ave Maria! Eu fui à Rua Chile de luva de crochê, dona. J. aquela parteira, ela fazia crochê, fazia as luvas da gente, a gente ia para a Rua Chile a gente ia de luva, com uma bolsa de crochê, a mamãe fazia aquelas bolsas lindas para passear na Rua Chile. Tem que ir arrumadíssima. E não foi no fim do mundo não, não tem tantos anos assim, aí à gente tudo arrumado.

–Eu estava com bolero azul anil com aquele bico inglês que estava na moda, à saia volante. Lá em casa todo mundo é formado em professor. Aí fez (o pretendente) “ginásio” aqui no ginásio do Padre, formar e fazer a faculdade. (se expressa com os braços e mãos, mostrando o modelo da roupa). Às empregadas eu dava relógio e dava de tudo bom para ficar (‘subornava’ as empregadas para poder sair na porta da casa para olhar o movimento da rua) para a gente poder ficar na porta do passeio. O pai (do pretendente) manda o dinheiro, ele compra aqueles óculos de Polaroid aqui, um guarda-chuva, e um livro de inglês na mão (Afrodite).

Precisa-se de maiores detalhes para se conhecer a elite local da época? As roupas engomadas, os óculos *Polaroid*, um “livro de inglês na mão”, as luvas de crochê feitas especialmente para passear na Avenida Sete de Setembro em Salvador em companhia da mãe! Afrodite fala com orgulho, estufando o peito, ficou enorme, relatando. Todos os homens da sala a olham, olhos fixos no rosto de Afrodite, uns com admiração, com o olhar de quem a estava achando-a bela ainda hoje na velhice.

Já Apolo inicia seu relato, reconstruindo a memória de sua infância:

Meu pai era funcionário público do Estado, ele era chefe da estatal... Eu tive uma vida tranqüila assim a nível de família feliz. Casal bem unido. Funcionário público estadual.

- Não era federal? Alguém pergunta.

- Não, estadual, o Estado atrasava meses sem pagar, era uma questão, embora eles tivessem um cargo de destaque porque era aqui a estatal. Era o grande mote da coisa, era um espaço privilegiado, aonde as pessoas, toda a mercadoria chegava e saía (Apolo).

Preocupa-se em relatar a alimentação que consumia na época:

Eu me alimentava basicamente de carne do sol. Eu vim ver geladeira, foi uma coisa! Já na adolescência. Então era carne do sol, feijão, arroz. Fruta era uma coisa que nas famílias dessa minha condição não era muito, até porque era difícil. Maçã a gente só comia quando ficava doente, e maçã

tinha que ficar doente para comer maçã, era uma coisa assim do outro mundo. (este relato quanto à maçã é uma realidade no grupo da Cidade Nova também) Apolo.

Relata sobre os equipamentos eletrodomésticos que tinham na época:

Ele tinha uma radiola (o vizinho), gravando também super especial, se ele tem uma radiola eu me lembro que ele ouvia Augusto Calheiros de noite, ele ouvia Augusto Calheiros, coisa que eu ficava no quarto ouvindo Augusto Calheiros que tocava na casa do vizinho.

Depois veio a escola eu estudei com professora em escola particular que era muito complicado manter isso. Minha mãe fazia para sobreviver uns bonequinhos... Tem outra coisa também, que às vezes eu fico pensando, como é que a gente não adoecia? Porque o bonequinho era feito com açúcar branco, que ia para o fogo o açúcar com água, aquilo ia virando, só que esse bonequinho ele era colocado em forma de chumbo! (Apolo).

Nas férias viajava, mais pela oportunidade de andar, pois o pai tinha influência e a estação de trem passava por Jequié. Ao viajar para a casa do tio:

Meu tio fazia aquelas moquecas de camarão e falava assim: é para Apolo, é para Apolo, e meus primos ficavam assim com “aquele” olho na minha moqueca para mim e eu ficava, é, quer dizer, eu tinha essa mordomia. A infância teve esse lado legal. Essa coisa da alimentação eu citei aqui, porque já que se está fazendo a pesquisa com essa coisa da longevidade e teve esse lado, essa coisa da alimentação. Dessa falta de fruta, na minha geração tem muito isso, e muita carne de sol, feijoada aos domingos, cozido com verduras, e era uma coisa assim, rotina. Segunda-feira a comida tal, terça-feira assim, dia de domingo era, invariavelmente, feijoada, não tinha, a gente comia feijoada meio dia, e comia feijoada à tarde, fria, ficava no fogo de lenha aquilo (Apolo).

Baco nos relata uma infância difícil, principalmente pela perda da mãe muito cedo. Teve pouco estudo, mas conseguiu trabalhar na estatal, o que fez com que tivesse uma vida mais folgada. Hoje é aposentado.

Só que minha mãe... Eu perdi minha mãe novo, com uns 12, 13 anos de idade. E aí nessa... Eu saí para morar com uma pessoa, [...]. Passou uns tempos, estudo pouco, a cartilha, né. Uns dois ou três anos porque não tinha oportunidade. Aí... 17, de 18 anos... 19 anos entrei no Derba, me chamaram para ir pra caatinga aí, aí fiquei por aí. Porque eu não tinha mais pai, perdi logo [...]. Do lado de pai não conheci ninguém, só ele mesmo. E mãe eu conheci... Da parte materna eu conhecia só os avós. Passei muita dificuldade. Dificuldade... (Baco).

Eros opta por ficar na zona rural com o pai e um dos irmãos; a mãe e os outros irmãos vão para a cidade. Mesmo assim teve oportunidade de estudar e só andava/anda arrumado, já tinha seu estilo: roupa toda preta, o “chapeuzinho preto” como ele mesmo retrata.

Aí, nasci ali, quando eu nasci meu pai tinha uma situação mais ou menos. Foi um dos primeiros donos da loja Três Irmãos, tinha alambique, tinha essas coisas, tudo bem. Mas no decorrer do tempo foi... Os irmãos que eram empregados dele foram crescendo e ele foi sumindo.

Quando é um certo dia, fogão a lenha, pegava aquela panela de barro, botava feijão, um pedaço de jabá, toucinho. Ele ia pra roça e eu com ele. “Vamo borá!”. Eu ia com ele. Chegava meio-dia, comia muito e eu também. Meu pai era camisa de manga comprida e relógio de bolso. Eu e meu irmão todo dia saíamos com uma latinha de farofa, um pedacinho de carne, a sandalhinha campanha, como você falou, na mão (para não sujar com a poeira ou lama da estrada). Meio-dia todo mundo ia para a sua casa almoçar e eu e ele íamos para a bica.

Comer farofa e beber água da bica. Para tornar a estudar de tarde para voltar. Minha roupa era toda preta com 16 anos, chapeuzinho preto, eu andava todo de preto. De dia você me pegava dormindo, agora de noite eu campeava por aí (Eros).

A infância pobre não impediu Teseu de trabalhar. Mesmo começando a trabalhar cedo. A relação com a mãe era de cumplicidade, o que não ocorria com o pai, pois relata manifestação de violência física.

A minha infância foi o seguinte: era eu, minha mãe, meu irmão trabalhando de manhã e estudando de tarde. Ou trabalhando de tarde e estudando de manhã. O abc...

Começou a trabalhar com uns 7 anos mais ou menos. ... Meu pai também trabalhava na roça, era um pouco bravo com a gente, entendeu? Meu pai batia muito na gente (Teseu).

Um dos mais vaidosos do grupo e adora dançar. Cabelos oxigenados escuros, olhos verdes, o idoso se acha naturalmente bonito, sedutor e falante, conta a sua infância em que não faltava comida, nem vestimentas, mas diz-se pobre:

Nasci [...], rapaz, num lugar que chama Barra do Cedro. No sobocó (lugar bem longe, que ninguém conhece) mesmo. Eu vim conhecer um carro eu tinha 10 anos. Tive uma bicicleta também com 10 anos. Aonde ali era a Casas Pernambucanas eu conheci um carro vindo de Ipiaú. Saí de Ipiaú sete da manhã, chegou aqui (em Jequié, 50 minutos hoje) uma da tarde, seis horas de viagem. Então, nós saíamos da roça, chegava em Ipiaú meio-dia. Pegava um ônibus uma hora e chegava aqui...

Estudava com... Era longe. Chovia demais. Laaama que chovia e aquela lama. Botava um tamanquinho, caixinha de madeira, botava o dedinho dentro, tinha farofa e... Tinha que carregar um pau para a gente ir batendo nas folhas para a gente não se molhar quando chovia. Longe... Quatro quilômetros... Subia uma ladeira, assim, subia, descia outra. Nessa vida, né.

Aos 6 anos quem morava na roça já começa a trabalhar logo cedo. Plantar um cacau, pegar um pau de lenha, plantar feijão, qualquer coisa, a gente faz na roça. Não brinca. Dá milho para porco.

- Estudava e trabalhava. Não tinha esse negócio de não trabalhar não. Eu quando eu ia para aquelas fazendas comprava peru, matava, vendia metade para uma pessoa e metade para outra. Para não ficar sem dinheiro, eu não podia ficar sem dinheiro.

[...] Aquilo ali é um clube aí de rico, só vai ali rico (Jequié Tênis Clube - JTC). Você quer ser sócio de clube, é lá embaixo, nos Cadetes (Clube de um bairro populoso, segundo Clube da cidade). Eu digo, eu vou! Mas aquilo não me saiu da mente. Eu digo, eu vou ser sócio deste clube JTC. Para o ano, carnaval eu já estou aí. Eu nunca brinquei carnaval na minha vida, gosto de dançar, mas carnaval, fora! É sócio de Tênis Clube? Não é possível! Que tabaréu ousado é esse? (Jequié Tênis Clube era o clube da elite, muito difícil de tirar a carteira na época, tinha que ser por indicação) Dionísio.

O grupo focal de convidados na sua diversidade cultural e múltiplas velhices nos traz visões completamente adversas sobre a vida cotidiana dos idosos e idosas integrantes do referido grupo.

4.7 O POTENCIAL DA PROMOÇÃO DA SAÚDE – GRUPO DA CIDADE NOVA – AAGRUTI

— Porque naquele tempo nós ficava que nem o sapo debaixo do pé do boi. Sofrendo calado, mas hoje a gente não fica mais, né! Minha vida inhantes d’eu participar desse grupo era, era uma vida muito sem graça, porque eu num tinha conhecimento. Eu num tinha conhecimento. Eu tinha vergonha de conversar.

[...] — Cidadão era quem tinha dinheiro. Eu via falar de cidadão, óia... Cidadão naquele tempo era um fazendeiro! Era um fazendeiro, um político, que tinha... Aí o cidadão era aquele que tinha suas grande fazenda, que vende, Sr. Isidório (fazendeiro da região, famoso pela riqueza), esse povo que era cidadão. Óia, tá vendo aquele ali? Passava montado naqueles cavalão, ali é o cidadão!

E hoje não! Hoje cidadão somos nós! Nós somo cidadão, porque nós hoje sabe os nosso direito, nós sabe lutar pelos nosso direito. Nós sabe gritar, que nem nós saiu gritando na rua pelos nosso direito. (E começou a cantar uma canção das Comunidades Eclesiais de Bases - CEBs) Nosso direitos vem... Nosso direitos vem. Se não vem nosso direitos o Brasil e Jequié perde também (Miriã).

O trabalho com grupos de convivência que a AAGRUTI desenvolve em Jequié-Bahia, mesmo de forma incipiente se constitui numa estratégia de educação permanente para a promoção da saúde, pois oportuniza aos idosos e idosas planejarem o futuro, se redescobrirem, buscarem novas habilidades, em um exercício de interação constante, com

desenvolvimento de novas sociabilidades, de busca de novos conhecimentos, uma maneira de agir no coletivo. “A socialização de conhecimentos sobre estratégias e práticas de promoção da saúde e melhoria da ‘qualidade de vida’ deverá subsidiar a formação de novos sujeitos das práticas de saúde, para além do Estado, das empresas médicas e das organizações comunitárias” (TEIXEIRA, 2001, p. 105).

Os relatos seguintes expressam o que o grupo simboliza para as pessoas idosas participantes.

Minha vida inhantes d’eu participar desse grupo era, era uma vida muito sem graça, porque eu num tinha conhecimento. Eu num tinha conhecimento. Eu tinha vergonha de conversar. As vez eu ia em um canto, eu ia assim na reunião de ir da comunidade, na hora que era pa falar uma coisa eu dizia assim: eu num vô falá não porque eu posso falar errado e o povo fica “sorrino” da minha cara, criticando de mim. Então eu entrava muda e saía muda. Hoje não. Depois desse grupo de convivência que Deus botou na nossa vida eu aprendi muito. Me ensinou muitas coisa, conheço lugar que eu nunca conhecia, que nunca via falar no nome (Miriã).

A partir do momento em que começam a refletir sobre sua existência, repensando suas histórias, as idosas vão criando uma nova identidade. Vão se reconstruindo mediante o aprendizado constante oportunizado pelo grupo de convivência, surgindo um novo sujeito social, lutando por uma vida melhor. É um (re)pensar organizado.

Pra mim trouxe muita felicidade que pelo menos eu saio, me distraio com meus colega, não fico pensando em nada, graças a Deus chego em casa tá tudo em paz. Ah, minha vida antes era somente criar filho. Lavar roupa de ganho, lavei muito, né, juntava os menino ali, dava muita roupa, pra ajudar o marido a criar os filhos. Melhorou assim, que pelo menos eu saio, me distraio né! Que dentro de casa num tinha “distraimento” nenhum. No tempo do marido nem ele saía, nem queria que eu saísse também (Betânia). Antes eu tinha uma vergonha de conversar com a pessoa que a pessoa tava conversando comigo podia ser quem fosse eu baixava a cabeça eu num olhava pra ninguém. Tudo que eu sei, tudo que eu faço, eu aprendi no grupo (Marta).

O grupo de convivência oportuniza uma prática para uma vida saudável, pois o idoso sai do casulo, da casa, da segregação para um pensar mais reflexivo sobre sua existência e mediante a organização comunitária os membros o percebem como suporte mútuo, fortalecidos para enfrentamentos. A partir do planejamento estratégico realizado pela associação no início do ano, seja na participação ativa seja em momentos culturais acompanhando discussões atuais sobre o envelhecimento, “as atividades socioculturais e

educativas e as atividades de integração e inserção social” (VERAS, 2004, p. 431) voltadas para o ser idoso e ser idosa propiciam um viver e envelhecer saudável.

Minha vida antes do grupo eu vivia muito triste, só “dentro” de casa, quase entrei em depressão. Depois que doutor Aroldo... Eu tinha entrado em depressão, ficava só, me sentia só, tava mais um filho. Ele saía. Vez passava o dia e a noite e eu sozinha dentro de casa. Aí depois que essa menina pegava me chamava pra vim pro grupo. O quê que a senhora vai fazer em terceira idade “mainha?

— Eu digo: vou “aprendê”, vou “divirti”, vou “passeá”. Eu disse: é isso aí, eu vou aprender muita coisa. Eu vivo uma vida feliz. É, eu digo, pra o povo assim: oh, gente, eu renasci, depois que eu entrei na terceira idade eu renasci de novo, me sinto nova, né, que eu me divirto, ninguém me empata, eu vou aonde eu quero”. Minha vida e antes de participar desse grupo era, era uma vida muito sem graça, porque eu num tinha conhecimento. Depois do grupo eu saio me distraio, aquelas amigas, vejo muita gente conhecido, colega que eu não conhecia, né (Rebeca).

E o grupo traz meios de sociabilidade, se integra no próprio grupo e se integra com os demais grupos espalhados pela cidade. Os grupos de convivência em Jequié perfazem um total de 28 grupos com média de 60 participantes cada um. Extrapolou os limites da cidade, uma líder comunitária do município vizinho, após participar de uma palestra sobre envelhecimento, veio solicitar à AAGRUTI a integração e a colaboração no sentido de formar um grupo em sua cidade o que foi aceito e comemorado. Então, as universidades com os cursos voltados para a saúde, diversas igrejas, hoje de todos os credos, acabam se transformando numa rede de parcerias saudáveis para o envelhecimento ativo e consequentemente saudável.

Antes do grupo eu só ficava em casa, “fumano”. Assistindo televisão e só. Na minha vida representa tudo, tudo, tudo, eu só tenho é que orar e agradecer a Deus e às pessoas que estão à frente desse grupo. Eu era uma pessoa tímida, eu num falava, só ficava de cabeça baixa, não dançava, não cantava, nada, só era ali “quetinha”, “quetinha”, e depois do grupo até Coral eu estou participando, agradecendo a Deus primeiramente (Sarah).

Eu antes d’eu participar do grupo eu era uma pessoa muito triste assim, num conhecia quase ninguém. Eu só ia nas missas, num tinha amizade. Era toda apagada assim, aí depois que comecei a participar do grupo, aí é maravilha. Tudo e é uma alegria. Esse grupo só é alegria, só alegria, quando a gente tá em casa e diz assim:

— Ah! hoje é dia d’eu ir pro grupo, as vez eu fico até sem querer ir, depois sabe de uma que eu vou. Que é que eu vou ficar fazendo dentro de casa? Quando chega lá, acaba tristeza, acaba preocupação, acaba tudo, tudo, tudo (Ester).

As idosas vêem o grupo como suporte social como explica a socióloga portuguesa Constança Paúl (2010). Esta autora começa por definir redes de apoio ou suporte informal a

partir da inclusão de estruturas da vida social de um indivíduo (como a pertença a um grupo ou a existência de laços familiares) sejam estas funções explícitas, instrumentais ou socioafetivas, como o apoio emocional, informativo, tangível e de pertença. Nessa perspectiva, o apoio refere-se, sobretudo a três medidas: a primeira contempla a integração social, ou seja, a frequência de contatos com os outros; a segunda refere-se ao apoio recebido, correspondente à quantidade de ajuda efetivamente fornecida por elementos da rede e a terceira se constitui do apoio percebido.

Pertencer a um grupo de convivência é vida nova para o idoso, pois passa a perceber-se fazendo parte do processo, discutindo ideias que venham trazer benefícios para si e a sua rede de convivência.

A minha vida antes do grupo era muito diferente de hoje, eu num tinha amizade quase com ninguém, ninguém sabe. Num tinha camaradagem com ninguém, e tudo que eu sei hoje, eu aprendi no grupo. E pra mim é muito bom o grupo, todo mundo é minhas amiga é tudo pra mim, minhas colega, Ave Maria!

Eu chamo minhas colega, aí os meninos me perguntou: quem é aquela ali? Aquela ali é minha colega da terceira idade (Marta).

As colegas, que aqui esse grupo é assim, uma vai incentivando a outra, não é? E aí hoje é que eu tô tendo, tô vivendo a adolescência, que tô vivendo a minha vida, tudo hoje. Já fiz muita amizade através desse grupo e até a minha vida pessoal melhorou, agora passo cumprimento todo mundo, sei entrar em lugares, sei sair. Uma escola muita boa pra mim. Eu sempre agradeço e oro (Sarah).

O sentimento de pertença ao grupo permite à idosa reconhecer-se como integrante, incluída socialmente. Veras e Caldas (2000, p. 426) argumentam que “só a partir da inclusão social que se pode contar com pessoas solidárias, cordiais e conectadas com tudo e com todos. É este marco que se pode resgatar o ser idoso como valor para a sociedade”.

A AAGRUTI é tudo, que através da AAGRUTI foi que a gente é. Participa de coral, participa de grupo. Caminhada que tem. Tudo. Então é muito bom. Sempre eu chamo meu marido, umbora pra terceira idade, lá também homem participa, tem uma vizinha lá que é doente, cheia de “pobrema”, cheia de “neuvoso”, eu falo assim:

— Ô Jussara, umbora pra terceira idade que tu entrando no meu grupo, tu num vai querer sair mais.

— Ah! mas eu sou crente! (de religião protestante)

— Digo: não, lá não tem isso num isso não minha fia, lá num tem isso, lá pode todo mundo e lá é um grupo acolhedor, você ino, você vai gostar. Eu já chamei ela várias vez, uma “cumade” que eu tenho lá no DNE, que é bem “veinha”, ela, eu digo: umbora Pitu, eu venho te buscar. Ela: ah um dia eu vô, eu digo: se tu for, minha fia, tu num vai mais querer sair, porque eu foi assim (Ester).

Isso me emociona muito, porque eu chego à casa de uma, é como se fosse minha parente, tem uma aqui que toda hora ela diz assim: o que houver na

minha casa, duas, você tem que participar, porque você faz parte da minha família e isso ela sabe quem é, e isso eu agradeço muito a Deus, muito, muito porque esse grupo por estar participando desse grupo (Ruth).

As pessoas idosas desejam e podem permanecer ativas e independentes como assegura Veras (2004), contanto que tenham oportunidades de participação efetiva, se o grupo atuar como suporte dando apoio necessário e adequado ao idoso e à idosa. Criando um debate em torno da promoção da saúde, dando subsídios “com ações de educação, comunicação e mobilização social voltadas ao ‘empoderamento’ de indivíduos e grupos de modo que possam a vir a desenvolver práticas que resultem na promoção, proteção e defesa de suas condições de vida e saúde” (TEIXEIRA, 2006, p. 101).

Tenho conhecimento. Hoje eu sou uma cidadã. Porque hoje eu não tenho vergonha de conversar em qualquer repartição. Não me sinto “envergonhada” d’eu participa de “qualquer” repartição e conversar também e AAGRUTI é, é um pedaço de nós. A AAGRUTI é um pedaço de nós porque é, é o nosso lugar de nós aprendê o nossos direito, nós defende o nossos direito, hoje mesmo eu fui na CERAJE (Central de Regulação de Assistência de Jequié), eu fui marcar uma, a “passage” de Nea (filha) pa outra cidade, pois não fazia o exame aqui, a gente chegou lá, eu fiquei, olhei assim, digo assim:

— Meu Deus, a secretaria (de saúde) onde é aqui? Ai eu disse: eu num vô perguntar, eu vô aprender com minha cabeça. Eu ia, cheguei assim... Olhei assim... Secretaria é aqui, aí tava “chei” de gente, ai eu sentei assim. E agora o quê que eu vô fazer?

Aí fui lá, eu disse: ninguém num vai me xingar, ninguém vai brigar comigo, cheguei lá disse: moça me dê, por favor, me dê uma senha, aí ele me deu a senha, a senha 8.

Aí eu sentei, eu disse: eu tô errada, sou idosa, tornei levantar de novo, peguei os papel, eu digo assim: aqui ó, trouxe aqui os papel aqui pra você vê se tem “passage” nesse dia aqui pa Itabuna no ônibus. Aí ele me atendeu muito direito, me ensinou tudo direitinho, ninguém num me disse nada, eu agradei a ele, saí e vim mimbora, então foi... (Miriã).

O sentimento de cidadania está incorporado na fala da idosa. Cerqueira Filho (1993) explica que a questão da cidadania possibilita emergir novos cidadãos, a partir de experiência coletiva, como ocorre nos grupos de convivência. Os direitos e deveres dos idosos e das idosas são discutidos propiciando que a consciência deles acabe por construir um aprendizado coletivo, alcançando o patamar de cidadão.

Aprendi que tem que respeitar o idoso, né! Eu sempre falo, às vezes meu marido vem pra Jequié (para o centro da cidade), vem pro banco, vem pegar a aposentadoria dele aí no banco.

Eu digo assim pra ele: ah, tu fica aí conversando, fica em pé aí, destá que tu tá desconte, que tem que arrespeitar mesmo o que tu tá fazendo aí, é teu direito é esse aí,

— Aí Zezinho fala: cala a boca, “mulé”! Que tu conversa demais. Muitas coisa eu aprendi, muitas coisa eu já entendo. No ônibus a mesma coisa, o

ônibus a gente entra no ônibus ele não quer dá, não dá o lugar, eu também num gosto de sentar, sabe, porque a gente senta naquele lugar assim, eu num gosto. Mas às vezes as pessoa levanta, manda ele sentar, é um direito seu, senta aí que é um direito seu! Esse direito é seu! Aí ele senta (Marta).

Ouvindo os relatos refletimos quão importantes é a ação do grupo de convivência e concordamos com Gohn (2002, p. 1023), quando argumenta: “é importante ressaltar que esta ação coletiva envolve um fazer — por meio de um conjunto de práticas sociais — e um pensar — por meio de um conjunto de ideias, que motivam ou dão fundamento à ação” tratando-se, portanto, de uma *práxis*. Assim são ações coletivas de caráter sociopolítico, que são construídas por atores sociais pertencentes a diferentes classes e camadas sociais, que por sua vez, politizam suas demandas e criam um campo de força social na sociedade civil (GOHN, 2002).

Ao perguntar ao grupo da Cidade Nova se conheciam o Estatuto do Idoso responderam prontamente:

Nããã??? Hoje se eu entrar no ônibus alguém falar qualquer coisa eu sei responder. No banco a mesma coisa.

— Eu conheci a lei que eu não conhecia, foi a da terceira idade, né? Que a gente não sabia nem que existia, os povos não sabia nem que existia idoso, quanto mais pra ter participação, né!

Apreendi muitas coisa, que eu chegava em casa explicava pra meu filho, ele disse: a senhora tá ficando bem sabidinha, eu disse assim:

— Bota sabida nisso! Que eu vou aprender mais coisa, se incomode não.

— E o que foi que a senhora aprendeu de tão importante?

— Andar, né! Chegar nos lugar, saber reclamar, ser prejudicada e falava, chegava nos ônibus e falava: vocês tem que respeitar os idoso, vocês tem que saber respeitar, porque senão é pior pra vocês. Eu ando com o Estatuto na bolsa (Rebeca).

O ser idoso ativo, participativo em ações educativas em saúde, em eventos municipais e até nacionais, permitiu às idosas elevarem a autoestima, sentindo-se orgulhosa de participar.

Eu nunca tinha participado de seminários, eu nunca tinha participado de conferências, de, aquele que nós fomos pra Ilhéus. (Congresso Nacional de Gerontologia), aquele grande!

Foi o congresso, primeiro congresso que eu participei na minha vida, eu não sabia, fui e cheguei lá, gostei daquilo, aí encaixou, deu certo que eu fiquei no grupo e no grupo ali a gente sempre tinha informação.

Eu me lembro que nós tivemos uma informação com Argolo (Presidente do Fórum Sindical), a respeito de cidadania, ele foi fazer uma palestra lá, ali eram coisas que a gente ia adquirindo e depois vem, a pessoa ter conhecimento a fundo mesmo, que você trabalha (Ruth).

Outra idosa nos relata sobre sua primeira fala em público, em um evento na universidade. Na oportunidade, discutiram sobre o uso do direito da pessoa idosa andar de ônibus urbano:

O Presidente das Associações todas que chama UNAMOJE (União das Associações dos Moradores de Jequié) num sei como é o nome daquilo. Fui brigar, porque ele disse que o idoso andava de ônibus pra cima e pra baixo depois desse negócio. Que eles podiam ir de moto.

— Eu queria falar com esse senhor aí, se você tivesse assim sua mãe ou sua avó que fosse idosa, você ia botar ela em uma moto? (a cidade disponibiliza serviço de moto-táxi [a frota é maior do que os carros] é mais caro que a passagem de ônibus e inúmeros são os acidentes). Para ela subir o morro, pra ir pra lá e você acha que isso é, é como é, programa para idoso? E você falou que o idoso fica de ônibus pra cima e pra baixo, ele, eu disse:

— Ele tem o direito! Ele tem o direito! Sabe por quê? Ele trabalhou o tempo todo pra isso, agora ele tem o direito de ir, e ele vai não é pra brincar não. Ele vai porque ele é quem toma conta da casa. Ele vai pra marcar o médico. Ele não consegue, ele volta. Ele vai para dormir lá, lá na rua pra ser o primeiro.

Ele não consegue, ele volta. Aí outro dia ele vai de ônibus de novo e tem o mercado que ele vai fazer. Que ele quem mantém que aqui em Jequié quem está mantendo a família são os idosos e eu já tive oportunidade de saber que o comércio de Jequié, a época mais movimentada é no início do mês porque umas das bases do comércio de Jequié estão sendo a terceira idade. A pessoa idosa que recebe o dinheiro e vai pra o comércio (Ruth).

As idosas pertencentes ao grupo da Cidade Nova aprenderam a lei do idoso. A lei foi discutida no grupo, receberam a Cartilha do Idoso com o Estatuto, carregam em suas bolsas. Reconhecem que os idosos estão sendo mais bem tratados agora, e passaram a ter mais valor.

Que existe lei sim. Aprendi que o idoso tem direito em muitas coisas, que de primeiro não tinha. O idoso de primeiro era tratado como, quase como ninguém, que não tinha valor, e hoje não, depois desse grupo tratar, os idoso passou a ter mais valor que antigamente. Sarah.

Hoje eu sei lutar pelos meu direito. Porque inhantes eu num sabia, hoje o nosso respeito é outro que nós num tinha. Porque nós num tinha. Nós num era respeitado, dentro de “ôimbus”, na cidade “mermo” nós num tinha respeito nenhum, porque qualquer um desfazia de nós, e hoje as pessoa num desfaz de nós, nós sono umas pessoa muito respeitado, no banco, em qualquer agência que a gente chega, a gente tá im pé ali. Aí aquelas pessoa, não é seu direito, pode entrar e pode ir.

— Vai lá que ela lhe atende ou ele lhe atende e antes não era assim. A gente ficava ali a vida todinha, até a hora da gente chegar. Hoje nós entra dentro de “ôimbus”, os jovens tá sentado, ele levanta e dá aquele lugar pra nós. Por que ele levanta e dá? Porque ele sabe que hoje o direito do idoso é outro. É outro (Miriã).

A oportunidade do acesso a informações e conhecimentos de forma geral em todas as áreas sociais, na expectativa do *empowerment*, da acumulação de saber e de poder pela

população, tendo em vista a constituição de sujeitos e a consolidação do processo, já vem ocorrendo mediante iniciativa de diversas associações e organizações não governamentais (TEIXEIRA, 2006, p. 94).

4.8 O POTENCIAL DA PROMOÇÃO DA SAÚDE – GRUPO DA CATEDRAL – AAGRUTI

Eu vivia triste porque eu fiquei só, e a gente não pode viver só, e a gente num pode viver só, a gente tem que ter alguém pra conversar, pra dividir as alegrias e as tristezas e no grupo a gente encontra isso, muita amizade, pra mim foi ótimo (Leonor).

Quanta gente que não saía pra lugar nenhum porque num tinha companhia, num tinha nada. Daí hoje já sabe que cá no grupo tem as companheiras, as amigas (Maria Amélia).

As idosas do grupo da Catedral nos surpreendem por também se sentirem isoladas, segregadas, então veem no grupo um meio de sair de casa, se movimentar, relacionar-se desenvolvendo sociabilidades. Apresentam o grupo como oportunidade de envelhecer saudavelmente participando de suas atividades, como passeios, palestras educativas, congressos, diversões.

O grupo pra mim foi muito bom porque eu, uma certa época, período da minha vida eu viajei muito, né, eu comecei a trabalhar cedo, eu trabalhava, mas, eu viajava, fazia compras, vocês, num sei, é tanta gente que já comprou em minha mão, até vocês já compraram. Eu viajava pra SP, RJ, Ceará tudo, né, e vendia. Então viajava muito, mas depois que eu deixei de viajar, a coisa foi ficando assim meio difícil pra vender. Pra tudo, que naquele tempo quando num tinha boutique em Jequié, num tinha nada, então era pouca gente que vendia confecção, aí, eu fiquei sem poder, sem viajar mais, porque num tinha com quem (Maria Teresa).

Aí eu num sei por que, eu cheguei aí nesse prédio... Eu num gostava, aí, comecei a ficar triste, me deu assim uma depressão terrível. Eu precisei ir pra uma psiquiatra, psicóloga, fiquei em Salvador um mês me tratando, a doutora, essa mulher me dopava de remédio, eu chegava aqui parece que eu ficava pior. Me jogava num sofá, virava as costas pra televisão, Ohh, menina! eu chorava, num gostava, eu num sei porque, até hoje eu num sei por que eu fiquei assim. Chega me dava assim aquela vontade de morrer. Aí eu tenho uma amiga que chama Nina, ela trabalha no Banco do Brasil, é aquela amiga que eu tenho assim, parece que é uma filhona, a filha que eu nunca tive, aquela amiga, aí Nina vinha, e me dava assistência, e me levava pra um lugar e me levava pra outro (Leonor).

Motta em seu texto sobre as viúvas nos conta como esta ruptura modifica a estrutura de vida das pessoas, principalmente das mulheres idosas.

Enquanto o novo ciclo de vida pessoal e de família se refaz, são muitas as mudanças que se processam. Há, subitamente, uma personagem faltando nesse drama e, principalmente no caso da mulher idosa e de camadas mais altas, falta o provedor, chefe do grupo doméstico e seu representante na esfera pública. Inclusive, ela no grupo de amigos (MOTTA, 2005, p. 10).

A falta do marido é sentida de forma intensa, pois morava com ele sozinha na cidade, não tinha parentes próximos o que fez o luto ser mais profundo, com o sentimento de solidão. Então Leonor resolve participar do grupo.

Aí me aconselharam pra eu ir pra esse grupo, eu num conhecia ninguém, teve uma ocasião que me convidaram, como é a outra? Que é a que faz parte do grupo e essa senhora. Aí um dia, foi a que primeiro veio aí na minha casa, nunca me esqueço, elas duas vieram, eu num sei nem como elas souberam que eu existia. Mas, alguém falou com elas, sei que elas me pararam lá e foram me convidar pra uma viagem, a viagem era pra Belo Horizonte, e eu no fundo desambientada e tudo, mas também eu num sabia, com a boca fechada, num dá, e eu sempre fiz amizade. Aí eu disse: bom eu vou. Aí elas me disseram como era, me deram o roteiro, e lá se vai, aí eu me animei pra ir essa viagem (Leonor).

Leonor encara o grupo como um meio de socializar e interrelacionar-se, engajando em um processo de transformação de si e da realidade à sua volta, vivendo a nova fase da viuvez com laços de novas amizades, que diz hoje sólidas.

Aí, quando eu tou assim muito cansada, assim a mente, hoje eu vou pro grupo que é pra mim me distrair. Chega lá eu dô aquela relaxada, e muitas coisas que a gente num fazia, viagem mesmo, como é que viajava, sozinha eu num viajava. Hoje já tem as festas, essas viagem, tem o convívio, pra mim é isso o grupo. Se a gente, por exemplo, as pessoa idosa, o idoso fica só dentro de casa, hoje em dia não os idosos vão pra aqui, pra acolá (Leonor).

A idosa seguinte teve a mesma desestruturação que Leonor, só que com a chamada síndrome do “ninho vazio”, os filhos casaram-se e deixaram o lar materno, foram construir suas próprias vidas. Mas, a família de origem do marido deu todo apoio e foi quem a fez sair de casa para o grupo.

Meu casamento foi dois dias de festa, a turma brincaram muito, foi duas noites de festa. Meu pai gostava muito da família do rapaz e a turma gostava muito dele e de mim e foi dois dias de festas, duas noites brincando e dançando, depois de casado, meus pais vieram morar comigo depois de anos. Foi 40 anos de convivência com o marido. Meus pais veio morar comigo, meu pai e minha mãe, porque os outros filhos já tinha morrido, só tinha eu, aí eles tavam sentindo só, meu marido trouxe pra dentro de casa. E eu me senti muito feliz com eles. Cuidei muito de meus pais, sinto orgulho de

dizer que eu sepultei os meus pais com todo carinho e amor. Morou comigo 13 anos, papai e mamãe, primeiro papai morreu, depois mamãe morreu. Depois meu marido morreu. Depois que meu marido morreu os filhos se casaram, todos, eu me senti sozinha, aí fiquei sozinha, triste, isolada, triste, triste mesmo, eu disse: meu Deus eu vou morrer agora também, pela tristeza, depois me apareceu o grupo, uma prima do meu marido foi que me levou. Maria Amélia, vamo pro grupo, vamo pra terceira idade pra tu se distrair, tu vive muito triste, eu fui, me levou pra lá (Maria Amélia).

A utilização do grupo como espaço cultural, propiciando as pessoas idosas resgatar o pensamento coletivo, mediante as várias atividades desenvolvidas, como o Coral, hoje o grupo de Dança Sênior, palestras educativas, são valores e não deixam de ser uma opção de sobrevivência de viver a velhice saudável. Não se permitindo o ficar “só” em casa, podendo contribuir para o não aparecimento de doenças, criando uma maior mobilidade e bem-estar físico, psicológico (CORREIA, 2007).

Quanta gente que não saía pra lugar nenhum porque num tinha companhia, num tinha nada. Daí hoje já sabe que cá no grupo tem as companheiras, as amigas. Tem gente aí no grupo que nunca viajou, nunca participou de nada. O grupo é muito importante para a maior idade, porque muitas pessoas não tinham companhia. Ficavam em casa sem sair. E com o grupo não, sabe que chega ali, são companheiras, amigas, ouve muita coisa boa, muitos conselhos. Pois é, e aí eu me sinto, tou me sentindo muito feliz com esse grupo, porque o grupo me dá toda alegria, eu brinco, eu danço, eu vou em todas, num perco nada, a minha felicidade, é, até desfilar vou sim (Maria Amélia).

E uma das vantagens da terceira idade é isso, não só os passeios, a viagem, como também a convivência, a gente já fez muitas amizades, é um compromisso, que a gente tem toda semana de reunião. Tou me lembrando, quem já tomou água, toma água, vamos beber água, num sei o quê, os exercícios, caminhada, elas incentivam muito a gente e isso tem sido realmente bom (Maria Teresa).

O trabalho desenvolvido nos grupos de convivência, mesmos aqueles em que as pessoas idosas sejam de classe média, necessita do apoio da AAGRUTI, ou mesmo da UESB, instituição de educação, cumprindo os três pilares da universidade tais como: pesquisa, ensino e extensão, pois Veras (2004, p. 428), adverte que se as universidades da área de saúde voltarem suas “ações para o cuidado integral do idoso, estimula a criação de alternativas inovadoras com interações sinérgicas entre produção de conhecimento, formação, aperfeiçoamento de recursos humanos e prestação de serviços”.

Ah, me distraiu muito! Já viajei umas três vezes com o grupo. Então eu fiquei assim mais alegre. O grupo melhorou muito minha vida, mas eu nunca fui de ficar em solidão, eu nunca procurei solidão, porque eu sou muito comunicativa, saio muito, tenho meus filhos, meus netos, saio com eles

demais, curto à vontade, só com eles, num fico em casa de jeito nenhum, quando eu tou assim meia solitária, eu digo ó, é comigo mermo! Que eu vou ficar aqui ó, costuro, faço meus bordados, faço meus colares, aprendi aqui no grupo também, o curso, já tomei curso no grupo e faço minhas coisinha pra vender, pra ganhar um trocado também (Josefina).

Pra mim a vida, a vida minha, eu trabalhava, né, quando eu saí no dia 10 de setembro, eu saí da feira, e no dia 19 eu entrei na terceira idade, tem 9 anos, e pra mim foi a coisa melhor do mundo, que eu num conhecia nada, eu num saía aqui, nem na rua eu num saía, da feira pra casa, e hoje eu já conheço um bocado de lugar com essas menina, graças a Deus. Aqui na cidade eu num conhecia nada, lugar nenhum. A AABB, tudo isso nós já foi, né, então pra mim foi uma maravilha, coisa tão boa pra mim, meu marido, logo que eu entrei na terceira idade, ele morreu, elas me deu muito conforto, porque podia ser pior pra mim, né (Henriqueta).

As idosas têm conhecimento do Estatuto do Idoso porque foi discutido no grupo. A coordenadora levou a Cartilha do Idoso que foi distribuída a todos os presentes.

Sim essa lei que nos dá direito, a lei do idoso, isso aí tudo, a gente, eu venho achando maravilhoso isso, esse trabalho que vocês fazem a AAGRUTI, você e Edméia que lutaram tanto a favor do idoso, né? E isso a gente sabe que é por causa do grupo da terceira idade, a AAGRUTI (Leonor).

Não, o Estatuto, depois que nós viemos saber mesmo, sabia que os idosos tinha direito, mas só depois do grupo, da realidade do idoso e do grupo, que hoje eu chego em qualquer lugar, qualquer, que tem fila, eu digo, óia, cê vai me perdoar mas eu sou idosa. É, tem que respeitar o idoso, e eu não pego fila num pego nada. Onde eu chego eu tou dentro. Até pra fazer uma fezinha, um joguinho, eu num quero nem saber, mas, mas num respeita muito não, nem médico por exemplo você tem que abrir o verbo, mas eu cobro, eu digo, venha cá, onde é que tá a lei do idoso, eu vou ficar aqui esperando? Pior que tem tanto idoso, que a gente chega lá fica sobrando. Ehh, a maioria é idoso! Mas de qualquer forma... Pois é, eu passei por isso tudo, me realizei, conheci muita gente, fiz muita amizade, hoje eu telefono pra uma, vamos embora pra praça (Josefina).

4.9 O POTENCIAL DA PROMOÇÃO DA SAÚDE – GRUPO DE CONVIDADOS

– Para mim não tem lei não. Não, eu não conheço, se tem eu desconheço (Afrodite).

– Lei, como assim o quer dizer esta lei? (Dionísio).

Como nos discursos anteriores, o grupo de Convidados surpreende quanto à promoção da saúde por não participarem de nenhuma associação, de nenhum grupo organizado. Buscou-se saber se conheciam alguma lei voltada para o envelhecimento.

Você conhece alguma lei sobre o envelhecimento?

– Lei, como assim o quer dizer esta lei? (Dionísio).

Alguma lei focada para o idoso?

- *Não, eu não tenho conhecimento, a lei existe, mas ninguém respeita, por exemplo...* (Dionísio).

- *Eu não conheço todas não, mas, por exemplo, direito à fila tem uma; infelizmente esta lei depende, não é apenas também da lei não, vou lhe dar um exemplo, se você chegar em um lugar aonde tem um bocado de jovens mal educados eles, se você tentar falar, eu já fui até empurrado pelo um cidadão, um cara, vamos dizer com uns trinta anos, e eu com setenta e sete, eu fui tentar passar ele me empurrou assim, olha, segurou assim, no momento eu fiquei com tanta raiva, que o negócio na cabeça, se eu falei, eu falei em casa porque ele me segurou, porque ele estava com pressa eu passei, por exemplo, se tiver outro da minha idade eu não vou passar na frente porque é um direito meu* (Hermes).

Ficamos surpresas com os discursos. Não há registro de qualquer participação ou conhecimento das leis voltadas para o envelhecimento, talvez porque não precisem delas. Não há um discurso coletivo e sim comportamento individual.

- *Para mim não tem lei não. Não, eu não conheço, se tem eu desconheço, porque eu não tenho, eu brinco, se eu pudesse eu digo assim, menina o que isso eu me sinto vontade de fazer tudo, também eu não tenho vergonha, eu não sei, como eu te falei, dentro do ridículo não, hoje eu não me sinto velha não, sou velha pela idade, pela idade, sou velha pela idade porque setenta, eu vou dizer, não é brincadeira, agora não gosto...* (Afrodite).

- *Não, não conheço* (Baco).

- *Não tenho conhecimento* (Teseu).

- *Não, eu por sinal até, lei não conheço, eu apenas já me utilizo até disso, eu chego no banco hoje, e eu sei que eu tenho que eu posso, então naturalmente, eu me utilizo como direito adquirido, então eu acho que eu tenho este direito de chegar no banco e não pegar fila* (Apolo).

Concluimos que o grupo oportuniza um processo de discussão que os idosos não participantes desconhecem. De que forma vão conhecer seus direitos se não há nenhuma iniciativa para tanto fora dos grupos de convivência? A participação em algum movimento propiciaria conhecimentos sobre prevenção e promoção da própria saúde, do desenvolvimento de sociabilidades, criando vínculos sociais que não se restringisse a base familiar.

CAPÍTULO V

CONSIDERAÇÕES FINAIS... Sopros de Mudanças



Fonte: <http://www.megas.com/megarquivos/media/1/20051230-PauloFreirasSopro.jpg>, 2010

Esta pesquisa teve como objetivo analisar o sentido do ser idoso e ser idosa entre os integrantes dos grupos de convivência filiados à AAGRUTI e um grupo de convidados que não tinham vinculação com nenhuma associação, considerando a relação estabelecida entre envelhecimento, corpo/sexualidade e saúde.

Observou-se a partir dos resultados desta pesquisa que a velhice é heterogênea, os idosos e as idosas vivenciam a velhice de forma diferente, pois, a depender do grupo a que pertencem, as pessoas idosas relatam como vivenciam a sua velhice com singularidades e não de forma homogênea, uma vez que a velhice é uma construção social, em constante processo de transformação. Esta constatação pôde ser analisada nesta pesquisa antes do idoso ou da idosa ingressar no grupo de convivência e depois, já com seu mundo social ampliado. Assim, a velhice deve ser enfrentada do mesmo modo como a fase da infância, da vida adulta, uma etapa a ser vivida como agente social participativo: ser (estar, existir) idoso e ser idosa como sujeito de sua história.

Evidencia-se entre os dois grupos integrantes da AAGRUTI, a desigualdade social evidenciada pela disparidade de renda significativa, configurando as distintas classes sociais a que pertencem os participantes deste estudo. A literatura tem poucas publicações sobre desigualdades sociais entre os idosos, principalmente quando se refere à saúde. Um dos aspectos tomado como indicador de classe social neste estudo foi a adesão a planos de saúde, observando-se que todas as idosas integrantes do grupo focal da Catedral, com exceção de uma, têm plano de saúde, que lhes confere o acesso a alta tecnologia para a atenção à saúde.

Contudo, no grupo da Cidade Nova, sem exceção, as idosas participantes do grupo focal utilizam os serviços do SUS sobre os quais foram inúmeras as queixas apresentadas neste estudo quanto à qualidade do atendimento da saúde da pessoa idosa, que necessita de melhor estruturação dos serviços no município. O SUS cumpre tão somente o que já está promulgado em lei.

O potencial de promoção da saúde é observado quando os/as idosos/as declaram que após a participação nos grupos de convivência houve a elevação da autoestima. Alguns idosos afirmaram que ressuscitaram para uma vida ativa e que as práticas educativas e o novo estilo de vida proporcionaram melhor qualidade de vida. Contudo, quanto às questões voltadas à saúde, as idosas do grupo da Cidade Nova expressaram que não têm suas necessidades atendidas em sua plenitude, principalmente pela dificuldade de acesso aos serviços.

Ademais, os idosos do grupo pertencente à periferia sofreram todos os tipos de dificuldades, simbolizados pelo sofrimento, pela fome, pelo trabalho árduo desde criança até a fase adulta. Experimentam a velhice com a consequente viuvez de forma mais tranquila, mais

livre para ter uma vida ativa e participante dos grupos e atividades proporcionadas pela AAGRUTI.

Os resultados evidenciaram que independentemente da classe social as pessoas idosas descreveram o grupo como fator importante na ressignificação da velhice, pois mesmo as idosas pertencentes ao grupo localizado na periferia sentem-se felizes, como se a renda familiar fosse suficiente para suprir suas necessidades. Falam da pobreza no passado e não no tempo presente.

Quanto à questão de gênero, os grupos vivenciam de forma diferente, seja pela classe social em que se encontram, seja pela história de vida inerente a cada pessoa idosa dos grupos de convivência e do grupo de convidados. Nesta categoria emergiram os sentimentos quanto ao corpo com destaque ao “corpo/função”, “corpo/estética” e a sexualidade.

O corpo envelhecido quanto à estética preocupa mais o grupo da Catedral, de classe média e média alta, os discursos evidenciam este fato. Em relação ao grupo da Cidade Nova, os idosos ali recebem aposentadoria mínima, expressam satisfação com o corpo hoje, não só pelo afastamento do trabalho, com um corpo mais descansado, como também pela maneira como se vestem hoje. Tempos atrás não permitiam algumas indumentárias, além do uso de algum tipo de maquiagem como o batom, arrumação dos cabelos, entre outros. No grupo de convidados, os homens idosos dizem não se preocuparem com a aparência, apesar de todos sem exceção estarem muito bem arrumados para o encontro. Mas, a única idosa deste grupo não aceita a velhice, nem o corpo velho, enrugado, como ela mesma emite em seu discurso.

No estudo, pode-se vislumbrar que na categoria sexo as pessoas idosas “falaram” a mesma linguagem: são corpos velhos, que sentem desejos e ainda fazem sexo. Poucas exceções foram registradas nos discursos. São poucos os trabalhos sobre a sexualidade do idoso ou da idosa, mas verifica-se nos discursos neste estudo o desejo expresso, a maneira como lidam com o desejo, mesmo que de forma velada, como o ato sexual nos sonhos.

As idosas consideram que o desejo permanece para sempre, acreditam que mesmo com seus 90 anos continuarão a ter desejos. Buscam estratégias individuais para a satisfação pessoal, mas negam a existência de outro homem em sua vida. A surpresa foi encontrada na questão da liberdade do discurso quanto à homossexualidade. Vale ressaltar como essa questão foi considerada por uma idosa, ao referir ter consciência de que uma mulher pode satisfazer outra plenamente. Também, como um idoso disse já ter tido uma relação homossexual, sem receio do que os outros participantes do grupo pensariam sobre isso. Os idosos disseram que antes de conhecerem uma mulher sexualmente, já haviam mantido

relações com algum animal do campo, e justificaram alegando a moradia na zona rural, que dificultava o convívio ou acessibilidade às mulheres.

Se na questão do sexo os homens idosos relatam com orgulho a iniciativa sexual precoce, as mulheres por sua vez, não relatam o tempo em que começaram sua atividade sexual, mas afirmaram que quando isso ocorreu o fizeram com prazer e de maneira constante, sem “obrigações”.

Destarte, o trabalho realizado nos grupos de convivência mostrou propiciar o desenvolvimento de estratégias para a Promoção da Saúde do Idoso, ao possibilitar aos idosos e às idosas a valorização da vida, por meio da atribuição de sentido a tudo o que se propõe fazer; a superação do processo de solidão — e, em alguns contextos, um processo de segregação, mesmo aquelas consideradas de classe média e média alta, em que se encontravam antes de participarem do grupo. O desenvolvimento de sociabilidades, lazer, educação mediante palestras, seminários, congressos é considerado saudável pelos idosos e idosas participantes das entrevistas, o que subsidia um envelhecimento saudável.

Neste sentido, o grupo de convivência para estes idosos e idosas, é simbolizado como espaço de coesão social, que promove a reflexão da vida cotidiana e participação social a partir da reinserção significativa na sociedade, o que favorece o *empowerment* (empoderamento) de seus integrantes.

As pessoas idosas diferem de acordo com a sua história de vida, seu grau de independência funcional e a demanda por serviços mais ou menos específicos, pois a velhice é vivida de forma diferenciada, cada qual com sua peculiaridade. Mas esta demanda necessita, ao buscar os serviços de saúde, ter um cuidado maior quanto ao atendimento, como também um atendimento educacional especial, baseada no conhecimento do processo de envelhecimento, e de suas especificidades adaptadas à realidade sociocultural em que estão inseridas. Neste contexto, torna-se necessário que os serviços que prestam atendimento às pessoas idosas respondam às necessidades específicas, além de se destacarem pela abrangência dos serviços que oferecem aos idosos.

Alcançar o objetivo do envelhecimento com oportunidades de saúde, participação e segurança, ou seja, um envelhecimento ativo, irá demandar ações em vários setores, além dos serviços sociais e de saúde, incluindo educação, segurança social e financeira, habitação, transporte e justiça. Embora esteja claro que o setor de saúde não é responsável diretamente pelas políticas das diversas esferas governamentais. Os diversos setores estão inseridos na saúde em um sentido mais amplo, no âmbito da saúde coletiva, pois defendem os objetivos de melhorar a saúde mediante ações intersetoriais. Esse tipo de abordagem enfatiza a importância

de diferentes e numerosos parceiros da saúde pública e reforça o papel do setor saúde como um catalisador para a ação.

As condições sociais e de saúde da população se constituem em parâmetros essenciais para verificar a qualidade de vida das pessoas e a qualidade dos serviços de saúde que lhes são oferecidos. As iniciativas políticas e intersetoriais no âmbito dos serviços de saúde foram referidas como deficientes pelos entrevistados neste estudo, tendo em vista que não há apoio ou suporte político por parte dos gestores. Ou mesmo a falta de iniciativa política dificulta o desenvolvimento de ações estratégicas que possibilitem o acesso dos idosos ao serviço público que possa suprir as reais necessidades de saúde desta parcela populacional.

Um fato importante que merece destaque neste estudo refere-se a não implantação em Jequié, do Conselho Municipal do Idoso, e da Delegacia do Idoso. Inúmeras vezes, a AAGRUTI recebeu queixas de maus tratos da pessoa idosa e o procedimento consiste no encaminhamento da pessoa à Secretaria Municipal do Desenvolvimento Social, oportunidade em que a assistente social averigua os fatos e encaminha esta pessoa à Promotoria Pública, pois na cidade não há nenhum órgão voltado à proteção da pessoa idosa.

Vale ressaltar também que o trabalho da UESB com a pessoa idosa completou quinze anos. Há um núcleo de estudo e pesquisas sobre envelhecimento na instituição, corroborando o que nos propõe Veras (2005) sobre a urgência na atuação da universidade no campo do envelhecimento, como campo de experimentação e assistência integral voltado aos desafios da terceira idade. São conhecidas as iniciativas das pesquisas na UESB voltadas para o envelhecimento populacional, com pesquisas direcionadas para Idosos com Parkinson, Idosos portadores da Doença de Alzheimer, Violência e Maus Tratos com o Idoso, e com Idosos Ativos. Mas, o trabalho a ser desenvolvido deveria ser intersetorial, com parceria da AAGRUTI, da Prefeitura Municipal por meio de suas diversas secretarias, como a Secretaria de Educação, Secretaria de Saúde, Cultura, Esporte e Lazer, Secretaria do Desenvolvimento Social entre outras, em um trabalho coletivo, na perspectiva de desenvolver ações de forma integrada e não isoladamente.

Mesmo com as diversas iniciativas, pela AAGRUTI e pela UESB, percebe-se que não houve avanços quanto aos diversos serviços que a esfera municipal e estadual dispõe a esta parcela da população. Considera-se que é fundamental a participação popular de maneira a garantir a efetivação de ações intersetoriais, por meio da formulação e implementação de políticas públicas voltadas à questão da população idosa.

Para o desenvolvimento do envelhecimento ativo, este estudo oferece evidências para que os gestores responsáveis conheçam melhor os aspectos que permeiam a velhice no

município. Desta forma, sugere-se que se qualifiquem os profissionais da área de saúde da atenção básica para que tenham conhecimento das políticas de saúde voltadas ao envelhecimento. Igualmente, o Estado já tem políticas públicas consolidadas direcionadas a este contingente populacional. Urge, portanto, a implantação destas políticas no município, no intuito de priorizar a Promoção da Saúde do Idoso como essencial para garantir a longevidade e um envelhecimento ativo.

Nessa perspectiva, este estudo não se propõe a se encerrar diante das considerações aqui apresentadas, ao contrário, busca estimular a busca para a efetivação das leis e direitos da pessoa idosa. A luta pela instalação do Centro de Referência Estadual de Atenção à Saúde do Idoso que completou dez anos na capital do Estado, ou os Centros de Convivência com equipes multiprofissionais também criados em Salvador nos Centros Sociais Urbanos (CSUs). Além disso, propõe o surgimento ou a proposta de políticas sociais e de saúde para o município que possam nortear ações intersetoriais, propondo medidas em que as pessoas idosas sejam partícipes, protagonistas das decisões voltadas para um envelhecer saudável e ativo.

REFERÊNCIAS



Fonte: <http://alexfajardo.files.wordpress.com/2008/02/livro.jpg>, 2010.

ALVES, A. M. Algumas reflexões sobre sexo, idade e cor. **CADERNO CRH**. Salvador, v. 17, n. 42, p. 357-364, set./dez. 2004.

AZEVEDO, P. G. **Pierre Bourdieu e Charles Taylor**: a construção social da pessoa. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora, 2007.

BAHIA. Governo do Estado da. **Envelhecimento Populacional Governo do Estado da Bahia**. www.sedes.ba.gov.br/sitesedes/files/2009/04/orient_idoso.doc. Acesso em: 2010.

_____. **ASAPCAP**. portaldasapcap@terra.com.br/niapi.ba@hotmail.com. Acesso em: 2010.

_____. www.defensoriapublica.org.br Acesso em: 2010.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BERGER, P. L; LUCKMANN, T. **The social construction of reality**: a treatise in the sociology of knowledge. Nova Iorque: Irvington Publishers, 1980.

BERQUÓ, E. Considerações sobre envelhecimento da população no Brasil. In: **Velhice e sociedade**. NERY, A. L.; DEBERT, G. G. (orgs.) Campinas: Papirus, 1999.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação** – Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto/Portugal: Porto Editora, 1994.

BORDIEU, P. A juventude é apenas uma palavra. In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Tradução Fernando Tomaz (português de Portugal). 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BRASIL. **Constituição Federal Brasileira**. 1988.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Lei N° 8.842, de 4 de janeiro de 1994**. Dispõem sobre a Política Nacional do Idoso e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, 1996.

_____. **Portaria N° 1.395 de 9 de dezembro de 1999**. Aprova a Política Nacional de Saúde do Idoso e dá outras providências. Gabinete do Ministro de Estado da Saúde, Seção I, n. 237-E, p.20-4, Diário Oficial da República Federativa do Brasil, 1999.

_____. **Lei N° 10741, de 1 de outubro 2003**. Dispões sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providencias. Brasília: Ministério da Saúde, 2003.

_____. **Política Nacional da Assistência Social**. Brasília, 2004.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Promoção da Saúde** – Anexo I. Brasília-DF, 2005.

_____. **Estatuto do Idoso**. Ministério da Saúde. 2. ed. rev. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

_____. **Política Nacional de Atenção à Saúde da Pessoa Idosa.** TELES, J. L. (Coord. Área Téc. Saúde do Idoso). Brasília: DAPE –SAS – Ministério da Saúde, 2006.

_____. **Portaria N° 2.528, de 19 de outubro de 2006.** Aprova a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa. Ministério da Saúde, Diário Oficial da União, Brasília. 20 de out. 2006.

_____. **Portaria N° 648/GM de 28 de março de 2006:** Aprova a Política Nacional de Atenção Básica para o Programa de Saúde da Família (PSF) e o Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS). Ministério da Saúde, Secretária de Atenção a Saúde, Departamento de Atenção Básica.

_____. Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Envelhecimento e Saúde da Pessoa Idosa.** Brasília-DF, 2006.

_____. Secretaria de Estado de Saúde. **Atenção a Saúde do Idoso.** Belo Horizonte: SAS/MG, 2006, 186p.

_____. Secretaria Estadual de Assistência e Desenvolvimento Social. **Plano Estadual para a Pessoa Idosa.** São Paulo, 2007, 42p.

_____. Secretaria de Atenção à Saúde. Diretoria do Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Envelhecimento e Saúde da Pessoa Idosa.** Rio de Janeiro, 2008.

_____. **Portaria N° 399/GM, de 22 de fevereiro de 2006.** Divulga o Pacto pela Saúde 2006. Consolidação do SUS e aprova as Diretrizes Operacionais do Referido Pacto. Brasília: Ministério da Saúde: 2006. Disponível em: http://portal.saude.sp.gov.br/resources/gestor/destaques/pacto_portaria_399_06.pdf. Acesso em: 10 out. 2009.

BUSS, P. M. Uma introdução ao conceito de promoção da saúde, p. 15-38. In. CZERESNIA, C.; FREITAS, C. M. **Promoção da Saúde.** Conceitos, reflexões, tendências. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S; LEITÃO E MELLO, J. **Quão além dos 60 poderão viver os idosos brasileiros?** Brasília: IPEA, 2006.

CAMARANO, A. A. Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica. **Textos para Discussão.** N° 858. Rio de Janeiro: IPEA, 2002.

_____. **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

_____. **Considerações finais:** transição para a vida adulta ou a vida adulta em transição? Brasília: IPEA, 2006.

CAMARANO, A. A.; PASINATO, M. T. **O envelhecimento populacional na agenda das políticas públicas.** IPEA: Rio de Janeiro, 2006. CAMARANO, A. A.; PASINATO, M. T. de M. **Envelhecimento, pobreza e proteção social na América Latina.** IPEA: Brasília. (Texto para Discussão, n° 1.292), 2007.

CARLINI-COTRIM, B. Potencialidades da técnica qualitativa grupo focal em investigações sobre abuso de substâncias. **Rev. Saúde Pública.** v. 30 n. 3. São Paulo, June, 1996.

CARVALHO, M. C. B. Famílias: conversas sobre políticas públicas e práticas. In: **Família contemporânea e Saúde: significados, práticas e políticas públicas**. Leny Trad (org.). Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2010.

CERQUEIRA FILHO, G. A ideologia do favor & a ignorância simbólica da Lei. **Rev. Perspectiva**. v. 4, n. 2, São Paulo: abr/jun., p. 8-39, 1993.

CORREIA, P. S. da S. Velhos são trapos: mito ou realidade? **Rev. Psicologia.com.pt**. O portal dos Psicólogos. Portugal, 2007.

DANTAS, E.H.M. *et al.* Perda de flexibilidade no idoso. **Fitness e Performance Journal**. v. 1, n. 3, p. 12-20, mai/jun. 2002.

DEBERT, G. G. As classificações etárias e a juventude como estilo de vida. **A reinvenção da Velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 1999.

DESLANDES. S. F.; BARCINSKI, M. Família contemporânea e violência: significados e práticas de atendimento. In: **Família contemporânea e Saúde: significados, práticas e políticas públicas**. Leny Trad (org.). Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2010.

FARINATTI, P. **Envelhecimento** – Promoção da Saúde e Exercício. Rio de Janeiro: Manole, 2008.

FERNANDES, M. G. M; SANTOS, S. R. **Políticas Públicas e Direitos do Idoso: agenda social do Brasil contemporâneo**. Recife: UFPB, 2005.

FERRIGNO, J. C. A co-relação entre gerações: um desafio da longevidade. **O Mundo da Saúde**. Ano 29, v. 29, n. 4, out/dez. 2005.

FIGUEIREDO, M. L. F.; TYRREL, M. A. R. O Gênero (in)visível da terceira idade no saber da enfermagem. **Rev. Brasileira de Enfermagem**. v. 58, n. 73, Brasília, may/june, 2004.

FISCHER, I. R; MARQUES, F. Gênero e Exclusão Social. **Trabalhos para discussão** nº 113/2001. Rio Grande do Norte, agosto de 2001.

FONSECA, A. M. **O Envelhecimento**. Uma abordagem psicológica. 2. ed. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2006.

FORQUIM, J. C. Relations entre generations et processus éducatifs: transmissions et transformations. **Congresso Internacional Co-Educação de Gerações**. São Paulo: SESC, outubro de 2003.

FORTES, M. Age, generation and social structure. In. KERTZER, D.; KEITH, J. (org). **Age and Antropological Theory**. Ithaca: Cornell University Press, 1984.

FREITAS, M. C. S.; TRAD, L. A. B. Fome: determinantes socioeconômicos e sentidos construídos por famílias de classe popular. In: **Família contemporânea e Saúde: significados, práticas e políticas públicas**. Leny Trad (org.). Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2010.

FREITAS, E. V. Demografia e epidemiologia do envelhecimento. IN: PY, L. et al. **Tempos de envelhecer**. Rio de Janeiro: NAU, 2004.

FOUCAULT, M. **Ética, sexualidade, Política**. Organização de textos Manoel Barros da Motta. Tradução Elisa Monteiro, Inês Autran. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1984 Rio de Janeiro: Graal, 1977.

_____. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1984 Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. **História da Sexualidade 3: o cuidado de si**. Tradução de Maria Tereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985. Impresso em 2005.

GARRY, R; MONTEIRO, C. Viver Melhor, Viver Mais. Segredos para Envelhecer com Saúde. In: **Dossier de Saúde da Universidade de Harvard, Visão/ Harvard Medical School**, n.º 475, 2001.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Ed. Universidade Estadual Paulista, 1993.

GOHN, M. G. M. Movimentos Sociais, ONGs e Terceiro Setor: perspectivas para a solução das questões da velhice no Brasil. In: **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. FREITAS, E. V. et al. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

KUSTNER, R. C. **Relación Género – Etnia – classe: reflexión sobre la genealogía del poder**. Grupo de Trabalho 7, NEIM/UFBA, acesso 3/08/2010.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo**. Antropologia e Sociedade. Campinas: Papius, 2003.

LUZ, M. As novas formas de saúde: práticas, representações e valores culturais na sociedade contemporânea. In: **Novos saberes e práticas em Saúde Coletiva**. Estudos sobre racionalidades médicas e atividades corporais. São Paulo: Hucitec, 2003.

MOTTA, A. de B. **Falando em surdina: são mulheres velhas**. Belo Horizonte (MG): ABEP; 1994.

MOTTA, A. B. et al. **Reparando a falta: dinâmica de gênero em perspectiva geracional**. NEIM: Salvador/UFBA. Coleção Bahianas; 10, 2005.

MOTTA, A. B. da. **Viúvas: o mistério da ausência**. Rev. Estudos interdisciplinares sobre envelhecimento. Porto Alegre. Vol. 7; p. 7-24, 2005.

NERI, A.L.; DEBERT, G.G. (Orgs) **Velhice e sociedade**. 2ª ed. São Paulo: Papius, 2004.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GILL, R. Análise de discurso. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 3. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

GOHN, M. G. M. Movimentos Sociais, ONGs e Terceiro Setor: perspectivas para a solução das questões da velhice no Brasil. In. FREITAS, E. V. et al. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

GUIMARÃES, J. R. S. Envelhecimento populacional e oportunidades de negócios: um estudo de caso do potencial de mercado da população. **Perspectivas e aplicações**. www.abep.nepo.unicamp.br/outraspub/demographicas3artigo6. Acesso em: 22 abr. 2010.

HELD, T. **Institutionalization and Deinstitutionalization of the Life Course**. Human Development, 1986.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. 2000.

_____. **Contagem da população Bahia**. 2007.

_____. **Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. Brasília, 2009.

KALACHE, A. **Revista ISTOÉ**. Nº 1710. 05/07/2002.

_____. **Revista Rio Total**, Ano 12, Semana 655, 24-30/10/2009.

KRUEGER, R. A. **Focus groups: a practical guide for applied research**. Newbury Park, Sage Publications, 1988.

KUSTNER, R. C. **Relación Género – Etnia – classe: reflexión sobre la genealogía del poder**. Grupo de Trabalho 7, NEIM/UFBA. Acesso em: 03 ago. 2010.

LEFEVRE, F; LEFEVRE, A. M. C. **Promoção de Saúde ou a negação da negação**. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004.

MAIA DE CARVALHO, M. C. B. N. **O diálogo intergeracional entre idosos e crianças: projeto “Era uma vez... atividades intergeracionais**. Dissertação de Mestrado. PUC: Rio de Janeiro, 2007.

MANNHEIM, K. El problema de las generaciones. **Revista REIS – Revista Española de Investigaciones Sociológicas**, (62) abr-jun, 1993.

MARTINS, J. de J. et.al. Políticas públicas de atenção à saúde do idoso: reflexão acerca da capacidade dos profissionais da saúde para o cuidado com o idoso. **Rev. Bras. Geriatria e Gerontologia**. v. 10 n. 3, Rio de Janeiro, 2007.

MATTOS, C. L. G. de. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. UERJ: UERJ, 2001. Disponível em: <<http://www.ines.gov.br>>. Acesso em: jan. 2010.

MAZO, G. Z; LOPES, M; BENEDETTI.T. **Atividade física e o idoso: concepção gerontológica**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 23. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.

MONTEIRO, C. A. A dimensão da pobreza, da fome e da desnutrição no Brasil. **Rev. Estudos Avançados**. v. 9, n. 24. São Paulo, may/aug., 1995.

MORAES, N. A. Estudos sobre Museus, Museologia e Patrimônio. **Revista Jovem Museologia**. Ano 01, n. 01, janeiro de 2006. Disponível em: <<http://www.unirio.br/jovemmuseologia>>. Acesso em: 10 out. 2010.

MORAGAS, R. M. **Relaciones Intergeneracionales em las sociedades contemporâneas**. Congresso Internacional Co-Educação de Gerações. São Paulo: SESC, outubro de 2003.

MORGAN, D. L. **Focus groups as qualitative research**. Newbury Park, CA: Sage Publications, 1988.

MOTTA, A. B. **Falando em surdina: são mulheres velhas**. Belo Horizonte: ABEP; 1994. p. 231-144.

_____. Viúvas: o mistério da ausência. **Rev. Estudos interdisciplinares sobre envelhecimento**. Porto Alegre. v. 7; p. 7-24, 2005.

_____. **Falando em surdina: são mulheres velhas**. Belo Horizonte: ABEP; 1994. p. 231-144.

MOTTA, A. B. da; SARDENBERG, C.; GOMES, M. (orgs). **Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas**. Núcleo de Estudos Interdisciplinares Sobre a Mulher – NEIM FFCH/UFBA, 2000. Coleção Bahianas. Vol. 5.

NEGREIROS, T. C. G. M. Sexualidade e gênero no envelhecimento. **Revista**. v. 5. n. 9, p. 77 a 86, jul./dez. Rio de Janeiro, 2004.

NERI, A. L. **Maturidade e velhice: trajetórias individuais e socioculturais**. São Paulo: Papirus, 2001.

_____. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

NERI, A. L.; DEBERT, G. G. **Velhice e sociedade**. 2. ed. São Paulo: Papirus, 2004.

O GLOBO. www.oglobo.globo.com/pais/mat/2007.

ORGANIZAÇÕES DAS NAÇÕES UNIDAS -ONU. **Segunda Assembléia Mundial das Nações Unidas sobre o Envelhecimento**. Madri/Espanha, 2002.

ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DA SAÚDE – OPAS. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE – OMS. **Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento (PAIE)**, Madri/Espanha, 2002.

_____. **Envelhecimento Ativo: uma política de saúde**. World Health Organization, tradução Suzana Gontijo. Brasília, 2005.

PAIM, J. S.; ALMEIDA, N. F. Saúde coletiva: uma “nova saúde pública” ou campo aberto a novos paradigmas? **Rev. de Saúde Pública**. v. 32, n. 4, São Paulo, 1998.

PAIM, J. S. **Políticas de Saúde no Brasil**. Salvador-BA: UFBA, 2003.

PAÚL, C. **Envelhecimento activo e redes de suporte social**. ICBAS: Porto/Portugal. Acesso em 12/05/2010.

PEDRO, J. M. O gênero de uma geração: identificações com o feminismo no período militar. In: BRITTO DA MOTTA, A. et al. **Reparando a falta**: dinâmica de gênero em perspectiva geracional. Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a mulher: Salvador/UFBA. Coleção Bahianas, 10, 2005.

PEREIRA, R. J; MITRE COTTA, R. M; PRIORE, S. E. Políticas sobre envelhecimento e saúde no mundo. **Rev. O mundo da Saúde**. Ano 29, v. 29, n. 4, out./dez., Rio de Janeiro, 2005.

PORTARIA Nº 2.528 de 19 de Outubro de 2006. **Política Nacional da Pessoa Idosa**. Brasília, 2006.

PORTO, I. **Situação existencial do idoso de classe média**. Estudos interdisciplinares sobre envelhecimento. Porto Alegre, v. 8, 2005.

PUC-Rio Certificação digital. Nº 0410376CA. **O Serviço Social do Comércio (SESC) no atendimento à pessoa idosa**. Rio de Janeiro, s/d.

RAMOS, L. R., et al. Perfil do idoso em área metropolitana na região sudeste do Brasil: resultados de inquérito familiar. **Revista de Saúde Pública**. São Paulo, v. 27, n. 2, p. 87-94, 1993. Acesso em: 20 jun. 2009.

RIANI COSTA, J. L. **Em busca da (c) idade perdida**: o município e as políticas públicas voltadas à população idosa. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista – UNESP, Campinas, 2002.

RICAS, J.; DONOSO, M. T. V.; GRESTA, M. M. **A violência na infância como uma questão cultural**. *Texto & Contexto*, v. 15, n. 1, 2006.

SARDENBERG, C. M. B. A mulher frente à cultura da eterna juventude: reflexões teóricas e pessoais de uma feminista “cinquentona”. **Imagens da mulher na cultura contemporânea**. NEIM: FFCH/UFBA, 2002.

SARDENBERG, C. M. B. **Fazendo gênero na historiografia da Bahia**. Núcleo de Estudos Interdisciplinares Sobre a Mulher (NEIM). Salvador: FFCH/UFBA, 2001.

_____. A mulher frente à cultura da eterna juventude: reflexões teóricas e pessoais de uma feminista “cinquentona”. In: BRITTO DA MOTTA, A. et al. **Reparando a falta**: dinâmica de gênero em perspectiva geracional. Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a mulher: Salvador/UFBA. Coleção Bahianas; 10, 2005.

_____. **Estudo feminista**: um esboço crítico. Salvador/Bahia: NEIM/UFBA, março de 2010.

SCHRAMM, F. R.; REGO, S. B. M.; PALÁCIOS, M. (orgs). Rio de Janeiro: Editora FRJ/Editora Fiocruz, 2005. **Caderno de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, 22(10): 2253-2259, out. 2006.

SILVA, P. **Etnografia e Educação: Reflexões a Propósito de Uma Pesquisa Sociológica**. Porto: Profedições, 2003.

TAVARES DE SANTANA, M. A. C.; MEIRA, E. C. Idosos em Jequié/BA: desafios e enfrentamentos. In. **América Latina: espaços multiculturais**. Centrum Studiów Latinoamerykankich Uniwersytet Warszawski – CESLA: Warszawa: Polska/Polônia, 2005.

TAVARES DE SANTANA, M. A. C.; TAVARES, N. C. Movimentos sociais: uma conquista para a cidadania do idoso. Sociedade Latinoamericana de Estudo sobre América Latina e Caribe (IX Congresso de La SOLAR). **A integração da diversidade racial e cultural do Novo Mundo**. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2004.

TEIXEIRA, C. F. **O futuro da prevenção**. Salvador/BA: Casa da Qualidade Editora, 2001.

TEIXEIRA, C. F.; SOLLA, J. P. **Modelo de atenção à saúde: promoção, vigilância e saúde da família**. Salvador: Edufba, 2006.

TEIXEIRA, M. B. **Empoderamento de idosos em grupos direcionados à promoção da saúde**. Escola Nacional de Saúde Pública. Departamento de Administração e Planejamento em Saúde. Fundação Osvaldo Cruz. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, 2002.

THIRY-CHERQUES, H. R. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **RAP**. Rio de Janeiro 40(1): 27-55, jan./fev. 2006.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

VERAS, Renato. **Gestão Contemporânea em Saúde, Terceira Idade**. Rio de Janeiro: Unati/UERJ, 2002.

VERAS, Renato. P. **País jovem com cabelos brancos: a saúde do idoso no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume Dumará/UERJ, 1994.

_____. **Na flor da maturidade: a juventude de uma senhora universidade**. Rio de Janeiro: UnATI/UERJ, 2008.

VERAS, R.; CALDAS, V. P. Promovendo a saúde e a cidadania do idoso: o movimento das universidades da terceira idade. **Rev. Ciência e Saúde Coletiva**, n. 9(2) 423-432, 2004.

VERAS, R.; CALDAS, V. P. **Promovendo a saúde e a cidadania do idoso: o movimento das universidades da terceira idade**. *Rev. Ciência e Saúde Coletiva*, n. 9 (2) 423-432, 2004.

VERAS, R.; CALDAS, C. P. O lugar do idoso na família contemporânea e as implicações para a saúde. In: **Família contemporânea e Saúde: significados, práticas e políticas públicas**. Leny Trad (org.). Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2010.

VIEGAS, S. M.; GOMES, C. A. **A identidade na velhice**. Lisboa/Portugal: Ambar: idéias no papel, 2007.

VIEIRA, R. **Histórias de Vida e Identidade: Professores e Interculturalidade.** Porto/Portugal: Edições Afrontamento, 1999.

_____. **Ser igual, Ser diferente: encruzilhadas da Identidade.** Lisboa/Portugal: SerSilito – Empresa Gráfica, Ltda., 2000.

_____. Entrevista etnográfica a Auto e a Hetero descoberta dos sentidos. **Actas do dos ateliers do V Congresso da Associação Portuguesa de Sociologia.** Sociedades Contemporâneas: reflexividade e acção; teorias das metodologias de investigação. Acesso 21.06.2009.

_____. Vidas Revividas: a etnografia e a descoberta de novos sentidos, in: CARIA, T. (Org.) (2003) **Experiência Etnográfica em Ciências Sociais.** Porto: Afrontamento, 2003.

VÍCTORIA, C. G; KNAUTH, D. R; HASSEN, M. de N. A. **pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema.** Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

VOIGT, T. R. **O envelhecimento da população brasileira.** Publicado no Recanto das Letras em 05/10/2009. Rio Grande do Sul, 2009.

WESTPHAL, M. F; BÓGUS, C. M.; FARIA, M. M. Grupos focais: experiências precursoras em programas educativos em saúde no Brasil. **Bol Oficina Panam** 120 (6), 1996.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. (OMS). **Envelhecimento ativo: uma política de saúde.** Tradução Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan-Americana de Saúde, 2005.

APÊNDICES



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE SAÚDE COLETIVA**



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Apresentação do Estudo:

O envelhecimento populacional no Brasil vem ocorrendo de forma acelerada nas últimas três décadas. Por ser um fenômeno recente, pesquisadores, cientistas sociais, estão se reunindo para discutir políticas públicas que venham suprir esta demanda. Em Jequié/Bahia/Brasil, os dados do IBGE (2000), revelam que 8,6% da população têm mais de sessenta anos e dentre esta 17% têm oitenta anos ou mais. Jequié se encontra acima da média nacional em longevidade. Causa estranhamento, pois é uma das cidades com grande concentração de pobreza e índice *per capita* baixo (IPEA, 2000). O estudo ora iniciado necessita de informações sobre as pessoas idosas integrantes dos Grupos de Convivência (GC) filiados a Associação de Amigos, Grupos de Convivência e Universidade Aberta com a Terceira Idade, como também pessoas não integrantes envolvidos nessa experiência para conhecimento dessa realidade nova.

Objetivo do Estudo:

- O principal objetivo da investigação é analisar a experiência do “ser idoso” e “ser idosa” integrantes dos Grupos de Convivência filiados a AAGRUTI e um grupo não integrante de qualquer associação.

Como também:

- Analisar como os determinantes de gênero e geração permeiam as vivências e os sentidos do ser idoso/idosa;
- Investigar e analisar como os determinantes de classe permeiam as vivências e os sentidos do ser idoso/idosa;

- Analisar o potencial de promoção de saúde na experiência do envelhecimento em Jequié/Bahia, considerando a relação envelhecimento em Jequié/Bahia, considerando a relação envelhecimento, corpo/sexualidade e saúde.

Instituições envolvidas no estudo:

O estudo será realizado em dois Grupos de Convivência para a Terceira Idade sendo um localizado na periferia da cidade de Jequié/BA, outro localizado no centro da cidade filiados à AAGRUTI. Um terceiro grupo se formará com pessoas não integrantes de Grupos de Convivência. O estudo está sob a responsabilidade do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia e foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa deste mesmo instituto.

Participação no estudo:

O Senhor/Senhora é convidado a participar da pesquisa sobre Pessoas Idosas integrantes dos Grupos de Convivência localizados na periferia e no centro do município de Jequié/BA. Outro Grupo será de não integrantes da AAGRUTI. A pesquisa envolve o acompanhamento dos participantes, com a realização de grupos focais e entrevistas individuais se necessária, com uso de gravador e do diário de campo, observação e acompanhamento. Sua participação é voluntária, sendo facultativo deixar de responder algum questionamento ou deixar de participar da pesquisa a qualquer momento.

Armazenamento do material de pesquisa coletado:

Todas as entrevistas serão gravadas, transcritas e analisadas, os registros de sua participação serão mantidos em sigilo. Nós guardaremos os registros de cada pessoa, e somente a pesquisadora responsável e colaboradores terão acesso a estas informações. Se qualquer publicação ou relatório resultar deste trabalho, a identificação do participante não será revelada. Resultados serão relatados de forma sumariada e a pessoa não será identificada.

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro ter entendido que o propósito deste estudo é analisar a experiência do “ser idoso e ser idosa” nos Grupos de Convivência para Pessoas Idosas em Jequié/BA e em um Grupo de Pessoas não integrantes dos Grupos de Convivência.

Entendo que como presidente da AAGRUTI os grupos convocados serão entrevistados com uso de gravador, narrando sobre a experiência de vida de cada um dos membros, seus sentimentos, valores, a experiência de cada membro de “ser idoso e idosa”.

SIM: _____ **NÃO:** _____

Como presidente da AAGRUTI tive oportunidade de realizar perguntas sobre a pesquisa as quais foram respondidas satisfatoriamente.

SIM: _____ **NÃO:** _____

No papel de presidente da AAGRUTI tenho conhecimento e consenti que a pesquisadora fosse aos grupos de convivência filiados explicar os objetivos da pesquisa e os grupos voluntariamente consentiram em participar do estudo mediante respostas às perguntas e entendendo que têm o direito de parar a qualquer momento.

SIM: _____ **NÃO:** _____

Como presidente da AAGRUTI eu entendo e consinto que os grupos de convivência entrevistados possam ser contactados futuramente e serem solicitados para participar novamente da pesquisa com novas entrevistas se assim os mesmos consentirem.

SIM: _____ **NÃO:** _____

Jequié, de de 2009.

Assinatura da Presidente AAGRUTI: _____

Assinatura da entrevistadora: _____

Apêndice B: Questionário

GRUPOS DE CONVIVÊNCIA DA CIDADE NOVA E DA CATEDRAL

1. Os sujeitos sociais /Identidade /Trajetórias sociais

- Como foi a sua infância?
- Era uma criança saudável?
- Frequentou a escola?
- Como era a vida na adolescência?
- Tinha convívio com os avôs?
- Quando jovem trabalhava? Em quê?
- Como foi o casamento?
- A chegada dos filhos foi planejada?
- Já sofreu algum tipo de violência pelo companheiro ou companheira?
- Era feliz no casamento?

Importa saber:

- Como vivia na primeira infância
- Agravos em saúde acometidos na infância, adolescência e idade adulta
- Como se relacionava com os outros na infância, adolescência e idade adulta
- Se viúvo/viúva novo casamento? Por quê?

1.1 Os sujeitos sociais /Identidade /Lugar social

- Antes do Grupo de convivência, como era ser idoso?
- Após a participação no grupo o que mudou em sua vida? Quais as mudanças profundas ocorridas?

Importa saber:

- Qual o papel do grupo na sua vida
- Definição do grupo com o papel de coesão e rede de suporte social ou sociabilidades
- Há educação continuada em saúde
- Qual o papel da AAGRUTI para os integrantes dos grupos

2 Dimensões do ser idoso/idoso quanto ao Corpo / Estética

- Como você vê seu corpo atualmente?
- Você se preocupa com seu corpo?
- Qual o sentimento sobre o seu corpo hoje?
- Preocupa-se em sair arrumada?

Importa saber:

- Conceito que tem sobre seu corpo
- Agravos em saúde, limitações

2.1 Dimensões do ser idoso/idoso quanto ao Corpo quanto a Função

- Tem alguma atividade que seu corpo não consegue realizar atualmente?
- Quais os problemas de saúde que você tem?
- O que é ter saúde para você? O que é estar doente?
- Busca ajuda em médico ou recorre às raízes?
- Como é o atendimento médico?

Importa saber:

- Conceito de saúde e doença
- Conhecer os agravos em saúde mais frequentes e que tipo de intervenção
- Satisfação quanto ao atendimento na saúde
- O que pode melhorar

2.2 Dimensões do ser idoso/idoso quanto à Sexualidade

- O que é sexo para você?
- Ainda mantêm relações sexuais? Frequência?
- Ainda existe desejo?
- Quando o desejo é muito intenso o que faz?

Importa saber:

- Definição de sexo
- Há prática de sexo regular
- Como faz para lidar com o desejo

GRUPO FOCAL DE CONVIDADOS

1. Os sujeitos sociais /Identidade /Trajetórias sociais

- Como foi a sua infância?
- Era uma criança saudável?
- Frequentou a escola?
- Como era a vida na adolescência?
- Tinha convívio com os avôs?
- Quando jovem trabalhava? Em quê?
- Como foi o casamento?
- A chegada dos filhos foi planejada?
- Já sofreu algum tipo de violência pelo companheiro ou companheira?
- Era feliz no casamento?

Importa saber:

- Como vivia na primeira infância
- Agravos em saúde acometidos na infância, adolescência e idade adulta
- Como se relacionava com os outros na infância, adolescência e idade adulta
- Se viúvo/viúva novo casamento? Por quê?

1.1 Os sujeitos sociais /Identidade

- Antes dos 60 anos como era a sua vida?
- Após os 60 anos o que mudou em sua vida?
- Conhece alguma lei voltada para o envelhecimento?

Importa saber:

- Qual o papel do envelhecimento em sua vida
- Definição da velhice

2. Dimensões do ser idoso/idosa quanto ao Corpo / Estética

- Como você vê seu corpo atualmente?
- Você se preocupa com seu corpo?
- Qual o sentimento sobre o seu corpo hoje?
- Preocupa-se em sair arrumada?